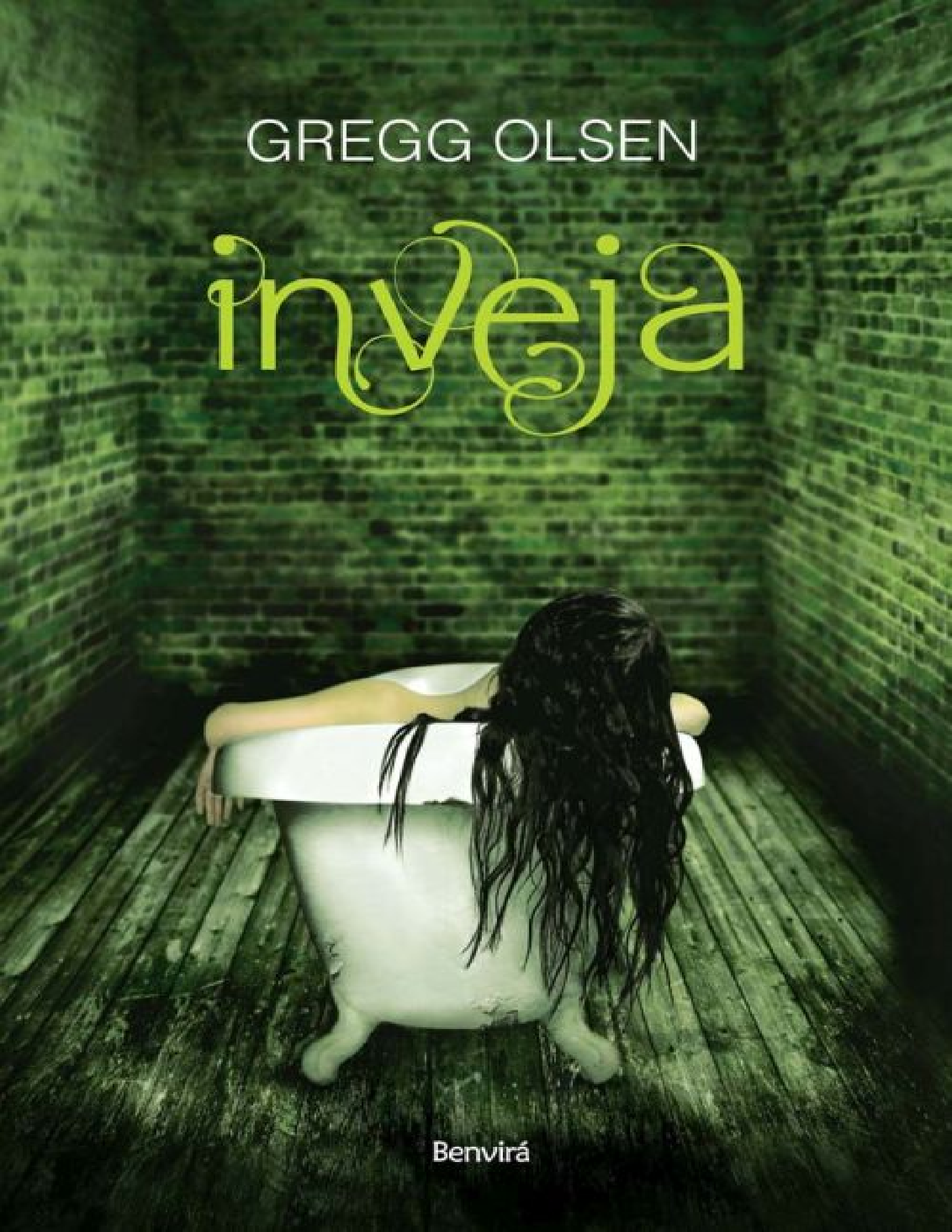

GREGG OLSEN
inveja
Benvirá

GREGG OLSEN

(1959)

Inveja

Título original americano

ENVY

2011

Sinopse

Inveja
Série Empty Coffin # 1

Quando Katelyn Berkley é encontrada morta em sua casa, a pequena cidade de Port Gamble, em choque, tenta entender o que aconteceu. Os sinais de suicídio são evidentes, mas o que todos querem saber é o que teria levado uma jovem de apenas quinze anos a acabar com a própria vida. Num dia ela era como outra adolescente qualquer, e, no seguinte, estava na mesa do necrotério. As irmãs Taylor e Hayley Ryan, vizinhas e ex-melhores amigas de Katelyn, têm indícios, obtidos de maneira nada convencional, de que o que aconteceu com ela pode ter sido um assassinato, e não um suicídio. As duas garotas saem em busca da verdade e se deparam com um segredo escondido a sete chaves por seus próprios pais.

CAPÍTULO 1

A água escorria da torneira enferrujada formando uma poça no fundo da velha banheira de porcelana, junto com alguns longos fios castanhos e emaranhados. Chegava facilmente aos cinquenta graus— tão quente que Katelyn Berkley demorou para conseguir mergulhar o pé com as unhas pintadas de verde. A água escaldante tingiu de vermelho sua pele sempre pálida. Sentada na borda da banheira, com a perna direita balançando dentro da água, a garota sorriu. A sensação era dolorosa, mas agradável.

Aos quinze anos, Katelyn sabia algumas coisas sobre a dor.

Promessas haviam sido feitas... e quebradas. As coisas mudam. As pessoas nos decepcionam... Mesmo as mais próximas. As promessas, ela compreendera, são muito, muito difíceis de serem mantidas. Um sopro de ar gelado invadiu o banheiro pela janela aberta, e a lâmina de barbear prateada próxima ao frasco pela metade de xampu Tea Tree cintilou, chamando sua atenção. Katelyn pensou em tomar o controle da situação — daquilo que ela chamava de vida — da única maneira que era capaz.

Olhou para o espelho de corpo inteiro que havia do outro lado do cômodo. Ele estava parcialmente embaçado com a fumaça que subia da banheira, mas ela ainda assim notou a vermelhidão de seus olhos. Não havia no mundo maquiagem capaz de disfarçar as manchas deixadas pelas lágrimas.

— Feliz Natal, idiota.

Voltou-se para dentro de si, para o lugar onde encontraria um pequeno alívio.

A banheira estava praticamente cheia. Fumegante. Esperando. Katelyn não fazia ideia de que, não muito longe dali, alguém fazia exatamente a mesma coisa: esperava o momento certo para dar o próximo passo.

Novas lágrimas rolaram por suas bochechas. Katelyn tirou o resto da roupa, atirou-a no chão e se afundou na banheira. No andar de baixo, na cozinha, sua mãe, Sandra, cutucava os restos congelados de uma costela assada. Ela arregaçou enfurecidamente as mangas do seu suéter azul até os ombros. Estava irritada e com frio. Começou a procurar a máquina de

expresso.

"Cadê?" Uma garrafa de Bacardi estava à sua espera, junto com um pequeno jarro de gemada. Seria seu último drinque daquele ano. Uma promessa esfarrapada, como tantas que costumava fazer. Afinal de contas, faltava apenas uma semana para o ano acabar. Durante toda a noite, Sandra observara o nível do líquido da garrafa âmbar diminuir, assim como diminuía a temperatura no termômetro preso do lado de fora da janela congelada— uma janela sem isolamento térmico, pois a casa dos Berkley era histórica e não podia ser modificada.

"Será meu último drinque. Prometo. Cadê essa maquina?" Seus pais, Nancy e Paul, tinham finalmente partido após a visita do feriado, e Sandra precisava do efeito calmante do álcool. Os dois sempre chegavam com uma bomba, e a daquela noite fora inacreditável, mesmo para eles. Nancy e Paul não manteriam a promessa de pagar a faculdade de Katelyn, feita logo após o nascimento da neta. Durante o jantar, Nancy comentou despretensiosamente que não poderiam arcar com tal despesa.

— Sandra, pelo amor de Deus, eu revesti o balcão da minha cozinha com Corian. E eu merecia granito. E, bem, uma coisa levou a outra. Uma reforma de dez mil dólares, você sabe, acabou custando cem mil. Mas eu amei o resultado. Você também vai gostar.

Katelyn, de repente à mercê de notas melhores, um desempenho atlético inigualável ou pais mais ricos, deixou a mesa em prantos e murmurou para a mãe, longe do ouvido da avó: — Odeio essa mulher.

— Eu também, Katie — respondeu Sandra.

O quê? — perguntou Nancy.

— Estou simplesmente respondendo a Katelyn que também a amo.

Sandra agia como se nada tivesse acontecido, como as mães costumam fazer de vez em quando. Mas, por dentro, estava destruída. Seu marido, Harper, saíra pouco antes do jantar para dar uma olhada em um refrigerador com defeito no Timberline, restaurante que os dois mantinham ao lado de casa.

"Todo santo dia, até no Natal, Harper consegue um motivo para ir para o trabalho."

— Katelyn? — chamou, aproximando-se da estreita escada de madeira que levava aos quartos do segundo andar. — Você viu a máquina de expresso?

Não houve resposta.

Sandra voltou à antiquada cozinha e tomou dois dedos de rum em um copinho comprado na Disneylândia. Depois limpou a borda do copo para fazer parecer que não havia tornado nada. Aquilo, afinal de contas, não passava de remédio para ela. "Bebo para acalmar os nervos. Só isso." Na semana anterior ao Natal, Katelyn levara a máquina de expresso várias vezes para o andar de cima, pois queria preparar cafés americanos. E Sandra a repreendeu por isso.

— Não é higiênico, Katie. Nesta casa não levamos comida para o quarto.

Katelyn revirou os olhos ao responder a mãe. — Só mesmo uma dona de restaurante chamaria leite e açúcar de “comida" mãe.

— Não exagere...

— Tudo bem. Eu já entendi — disse a garota, depois de ponderar que seria inútil repetir que fora obrigada a tirar uma licença de manipulação de alimentos aos nove anos e que era capaz de recitar durante o ano a temperatura de cozimento de carnes e vegetais.

As luzes da cozinha piscaram, e os fusíveis estalaram.

"Mais uma razão para odiar esta casa velha, mesmo com o banheiro extra no andar de cima." Sandra subiu a escadaria escura e entrou no corredor. Ouviu o som água correndo. Chamou pela filha e bateu na porta de seu quarto.

Não houve resposta. Girou a maçaneta, e seu rosto foi atingido por um forte sopro de ar gelado. Katelyn deixara a janela aberta. As luzes estavam apagadas. Sandra ligou e desligou o interruptor várias vezes ate comprovar o óbvio: a lâmpada do quarto queimara.

As luzes da casa do vizinho banhavam o chão de madeira.

Balançando a cabeça diante da falta de cuidado da filha, Sandra fechou a janela. Estava quase zero grau no interior do quarto. Levaria a noite inteira para ele ficar aquecido. Ela se perguntou como os adolescentes conseguiam sobreviver até virar adultos.

— Katelyn Melissa, você vai pegar um resfriado! Passou pela cama ainda desfeita — a qual só ficava arrumada aos domingos, quando ela própria, Sandra, trocava os lençóis. O jeans e o top preto de Katelyn, imitação de Marc Jacobs, estavam jogados no chão.

"Que bagunça!" A porta do banheiro estava entreaberta, e Sandra, ainda congelando, empurrou-a; as velas aromáticas trepidaram.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou em tom duro e

desafiador.

Mas Katelyn não estava pensando em nada.

A menina de quinze anos estava caída sobre a borda da velha banheira, olhos e expressão vazios. A água pingava de seus longos cabelos.

O instinto tomou conta de Sandra, que correu na direção da filha, escorregou no chão molhado e caiu. Ao alcançar a borda da banheira, gritou: Eu poderia ter quebrada o pescoço! O que está acontecendo com você? Não houve resposta àquela pergunta idiota.

Com o coração a mil e o rum atacando as paredes de seu estômago, Sandra tentou se equilibrar à luz das velas. Sentiu gosto de sangue. Do próprio sangue. Cortara o lábio ao cair; e vários pingos vermelhos tingiam o chão. Ela foi invadida por lágrimas, medo e pânico ao olhar para Katelyn sob a fraca iluminação. Sua filha estava sem vida. Era difícil enxergar com a luz apagada. Os cabelos castanho–escuros com mechas mais claras — feitas com um produto caseiro qualquer — de Katelyn caíam pela borda da banheira. Um dos braços estava retorcido, flácido. O outro, imerso na água quente.

— Katie. Katie. Katie! A cada repetição do nome da filha, a voz de Sandra se tornava mais estridente. A terceira saiu como um grito, que provavelmente todos em Port Gamble escutaram. Katelyn Melissa Berkley, de apenas quinze anos, estava morta.

— Não pode ser — disse Sandra, as lágrimas rolando em seu rosto.

Ela estava tonta. Enjoada. Apavorada. Queria chamar por Harper, mas sabia que ele havia saído. Estava sozinha na casa onde o inimaginável acontecera. Escorregou mais uma vez ao puxar Katelyn pelo ombro — pálido nos pontos em que o ar congelado o atingia, rosado naqueles em que a água quente da banheira o tocava. Dois tons. Como um morango mergulhado em uma calda de chocolate branco. Katelyn adorava chocolate branco, embora Sandra insistisse que aquilo não tinha nada de chocolate.

— Minha querida, o que aconteceu? — perguntou Sandra, instintivamente desligando a água, que enchia a banheira devagar. — Me diz que você vai ficar bem! Em um primeiro momento, tudo o que Sandra ouviu foi um silêncio mortal. Depois, o som de algumas gotas caindo da velha torneira. Não houve resposta à sua pergunta. Não poderia haver. Nunca mais. Sacudiu a filha violentamente em um reflexo que ela não experimentara desde o dia em que Katelyn, ainda pequena, mentira sobre algo desimportante que a mãe nem sequer se lembrava o que era.

Quando virou o corpo para procurar o telefone, Sandra Berkley notou que havia algo mais na banheira. Ela não conseguia enxergar direito. Estava muito escuro. Tentando vencer o véu de lágrimas, inclinou o corpo e afastou a espuma do sabão.

A pequena máquina de expresso. Seus olhos seguiram o fio do aparelho. Ele se enrolava e se erguia até a tomada que havia ao lado da banheira, como uma cobra pronta para dar o bote.

Em cidades pequenas como Port Gamble, no estado de Washington, as notícias se espalhavam em altíssima velocidade. À velocidade 4G. Poucos instantes após os gritos angustiados de Sandra Berkley, os moradores começaram a se reunir em frente à grande casa vermelha com portas de madeira e janelas com molduras brancas. As luzes de Natal brancas, verdes e vermelhas brilhavam na atmosfera gélida da noite. Um forasteiro poderia achar que aquelas pessoas faziam parte de um coral natalino.

Port Gamble era esse tipo de lugar. Pelo menos, tentava ser.

Uma sirene de ambulância se fez ouvir desde longe na estrada que vinha de Kingston, seu som era cada vez mais alto.

Que a adolescente estava morta, era de conhecimento de todos. Mas, o que havia acontecido de fato, ninguém sabia.

Alguém murmurou que Katelyn tinha caído na banheira e aberto a cabeça. Outro sugeriu que a menina tinha "alguns problemas" e que tirara a própria vida.

— Talvez tenha se matado, quem sabe? Os adolescentes fazem esse tipo de coisa hoje em dia. E uma espécie de apelo final por atenção.

— Não sei... Ela não parecia ser desse tipo.

— É difícil saber o que se passa na cabeça de um adolescente.

— É verdade, mas não acredito que ela fosse capaz de ferir a si mesma.

As cenas de tragédia repentina revelam uma hierarquia macabra na posição das pessoas. Próximas à porta, estavam aquelas que conheciam e amavam a menina morta: sua mãe, seu pai e um ou dois primos. Logo atrás, os amigos, o pastor da igreja e um representante da polícia, chamado para garantir a ordem. Depois, vinham conhecidos, vizinhos e curiosos, que se encontravam ali porque aquilo era mais interessante do que a reprise de Real Housewives.

Em outra época, Hayley e Taylor Ryan estariam mais perto da porta

da casa dos Berkley. As gêmeas já não eram tão íntimas de Katelyn, mas haviam crescido juntas. Como costuma acontecer, o colégio as separou. O que antes era um trio perfeito se desfez por causa do ciúme e das fofocas bobas que transformam amigas em inimigas.

O que aconteceu entre elas poderia ser facilmente esquecido após o ensino médio. As meninas poderiam reatar a amizade, e tudo voltaria a ser como na época em que costumavam zombar das horríveis camisetas de beisebol que Colton James usava todo santo dia.

— Só um idiota torceria para o Marines— disse Katelyn certa vez, encarando Colton, que estava parado à sua frente com um ar desafiador, os pequenos braços cruzados sobre o peito magro, balançando a cabeça em defesa do próprio time.

Mas isso acontecera há milhões de anos. As crianças de Port Gamble haviam se transformado em adolescentes. Taylor e Hayley, ainda idênticas, tinham cabelos loiros, olhos azuis e espinhas ocasionais. Colton trocara as camisetas de beisebol por outras em tributo a bandas de rock dos anos oitenta e, agora, namorava Hayley. E Katelyn, bem, estava morta.

— Quando foi à última vez que você falou com ela? — perguntou Hayley, tentando entender o que tinha acontecido.

Taylor afastou a franja irritante— que estava deixando crescer— e fez que não com a cabeça.

— Não sei. No mês passado, acho — disse, seu hálito quente gerando um vapor branco.

— Você acha que ela estava deprimida? Eu li em algum lugar que a taxa de suicídio aumenta muito na época do Natal.

Taylor balançou a cabeça.

— Deprimida? Como é que eu vou saber? — Você tem um tino social melhor que o meu — respondeu Hayley.

Estão dizendo que ela se matou porque estava chateada com alguma coisa.

— Katelyn ainda se cortava? Hayley pareceu surpresa.

— Você também sabia disso? — Claro — respondeu Taylor, desejando ter tido a mesma ideia da irmã pegado luvas, pois seus dedos já estavam dormentes. — Todo mundo sabe. Dylan, aquele menino do segundo ano que tem a cabeça raspada e usa brinco, andou espalhando a notícia por ai na semana passada. Hayley olhou para o chão.

— Pensei que ela tivesse parado com isso — disse em um fio de

voz.

Taylor fez que não.

— Eu me lembro de ouvir Katelyn dizer que gostava de se cortar, que isso a fazia se sentir no controle.

— No controle do que? Isso não faz sentido— disse Hayley.

— Sei lá. Isso ela nunca disse.

A multidão se espremeu para abrir espaço para a maca. Coberta dos pés à cabeça, ali estava à figura da menina morta. Algumas pessoas não aguentaram a cena e viraram o rosto. Era uma invasão. Triste. Não parecia certo olhar.

A ambulância partiu, lançando sua luz vermelha sobre os espectadores. Não houve urgência. Não houve sirene. Nada. Simplesmente partiu em silêncio.

A multidão se agitou um pouco, quando, instantes depois, a porta da casa se abriu, e surgiu à imponente figura da delegada de Port Gamble, Annie Garnett. Ela vestia uma saia de lã escura e uma jaqueta, e levava um cachecol de tricô enrolado no grosso pescoço. Os longos cabelos negros estavam presos em um rabo de cavalo. Com a voz ligeiramente trêmula, Garnett pediu a todos que voltassem para suas casas.

— Uma tragédia aconteceu aqui esta noite — disse ela, incapaz de mascarar suas emoções.

Annie era uma mulher grandona com mãos enormes, voz profunda e retumbante e uma preocupação especial com meninas problemáticas. A morte de Katelyn era dura para ela, sobretudo se fosse confirmado que ela se suicidara. Hayley cutucou a irmã, que começara a chorar.

— Melhor irmos para casa, Taylor.

Naquele exato momento, o choque se transformou em angústia. Os olhos de Hayley também se encheram de água, e ela ignorou o sinal avisando que recebera uma mensagem de texto de Colton, que estava fora da cidade e perdia a coisa mais emocionante que ocorrera em Port Gamble desde o terrível acidente de ônibus. As gêmeas deram uma olhada em volta à procura de rostos de amigos e vizinhos. Hayley meteu a mão no bolso do casaco. Não encontrou nenhum lenço de papel. Secou as lágrimas com a luva. Estava mais frio do que nunca. O ar era cortante. Ela abraçou a irmã.

— Estou me sentindo mal— disse Taylor.

— Eu também — respondeu Hayley, que, deixando a curiosidade se sobrepor à tristeza, acrescentou: — Quero saber o que aconteceu com ela e

por que.

— Por que ela fez isso? O que você acha? — perguntou Taylor.

— Fez o que? — perguntou Hayley. — A gente ainda não sabe o que aconteceu.

— Se estou repetindo o que as pessoas estão falando — disse Taylor, apontando para os demais.

— Eu quero saber como... Quer dizer, como uma cafeteira foi parar dentro da banheira? Isso deve ser algo inédito.

Taylor concordou com um gesto, enxugando as lágrimas. Para ela, aquilo era um completo absurdo.

— Algum blogueiro cruel vai dizer que essa e a prova de que café não faz bem.

— E o título do post será:

GAROTA DE PORT GAMBLE TEM UM FIM AMARGO.

Os curiosos se prepararam para ir embora. Todos tremiam com o frio da baía. Nenhum deles notou que alguém os observava.

Alguém observava a todos eles. No meio da aglomeração, uma pessoa estava adorando a trágica cena que tomara conta de Port Gamble. Estava desfrutando aquele triste momento até a última gota.

CAPÍTULO 2

Algumas pessoas dizem que Port Gamble se tornou um lugar amaldiçoado no momento em que eles chegaram. As margens da baia foram o lar da tribo S'Klallam por centenas de anos; os índios encontravam ali comida, abrigo e a tranquilidade que faltava as outras áreas isoladas das escarpadas linhas costeiras do Pacífico.

O lugar, a terra e o universo estavam em perfeita harmonia.

Como deveria ser.

E então os primeiros exploradores desembarcaram na margem do canal Hood, uma ramificação do oceano Pacífico que invade o estado de Washington com a força de um triturador de gelo.

Isso aconteceu ha um século e meio, muito tempo para os padrões da Costa Oeste. A madeireira, localizada no pé do penhasco no qual a cidade foi erguida, continuava sendo a maior fonte de empregos de Port Gamble e de suas pungentes nuvens de fumaça. Os chapéus–verdes (aqueles que trabalhavam de fato na madeireira) e os chapéus–brancos (aqueles que diziam aos chapéus–verdes o que estes deveriam fazer) coexistiam em paz nos bairros de casas seculares que pertenciam à empresa. Elas eram conhecidas pelos números. Hayley e Taylor Ryan moravam no número 19, a última casa antes da estrada que ia para Kingston, a cidade mais próxima. A edificação de dois andares cor de chocolate, construída em 1859, já fora ampliada pelo menos quatro vezes, e era a moradia mais antiga do estado de Washington ainda habitada. E também era a mais gelada, excêntrica e amada entre todas as casas.

O assunto ali deveria ser o mesmo de todas as residências de Port Gamble. Talvez não. A família Ryan estava reunida na cozinha, em volta da velha mesa de pinho. E, embora fosse noite de Natal, o assunto não eram os presentes (um estojo de maquiagem Bobbi

Brown para Taylor e um livro de medicina legal para Hayley: A ciência e a história dos mortos). Ninguém conseguia pensar em outra coisa além de Katelyn Berkley e como ela havia morrido na banheira naquela noite.

Kevin Ryan, o pai das gêmeas, estava prestes a completar 38 anos e desenvolvera o hábito de fazer flexões e praticar corrida noturna de meia

hora pela cidade. As meninas não conseguiam se lembrar do pai sem que ele, escritor de relatos de crimes reais, estivesse vasculhando uma caixa de evidências, acompanhando policiais ou promotores ou, o melhor de tudo, visitando algum assassino na prisão.

Todos os anos, na época do Natal, a caixa de correio da família ficava lotada de cartões enviados por assassinos de crianças, estranguladores e incendiários.

FELIZ NATAL!

NÃO FAÇA NADA QUE EU NÃO FARIA

A mãe, Valerie, trabalhava como enfermeira psiquiatra em um hospital para doentes mentais próximo a Seattle. Hayley achava a relação dos dois simbiótica, pois, sempre que estava escrevendo sobre algum psicopata, Kevin consultava Valerie e confiava cegamente no que ela dizia, como se a esposa fosse uma Wikipédia humana.

Valerie era uma mulher estonteante: loira, olhos castanhos e feições delicadas. Quando estava na escola primária, Taylor considerava a mãe a mulher mais linda de Port Gamble. Com o passar do tempo, descobriu que ela também era inteligente e competente, e que o verdadeiro caráter de uma pessoa é mais importante do que sua aparência. Exceto na televisão, claro.

Valerie soprava seu chocolate quente — preparado com leite integral, açúcar e cacau em pó— para afastar a espuma e não terminar com um bigode marrom.

— O que disse a delegada? — ela perguntou.

— Pouca coisa — respondeu Kevin. — Quer dizer, disse apenas que deve ter sido um acidente.

Valerie ergueu uma das sobrancelhas e passou adiante um pirulito em forma de bengala.

— Eu não entendo, Kevin. Eletrodomésticos não caem dentro de uma banheira do nada.

Ele concordou com a cabeça e olhou para as meninas, que recebiam uma enxurrada de mensagens de texto dos amigos com suspeitas sobre o que acontecera com Katelyn.

— Ela estava chateada com alguma coisa, meninas? Vocês sabem de algo?

Taylor odiava chocolate quente, mas adorava demais a mãe para dizer isso. E aquele pirulito deixava a bebida ainda pior.

— Bem, Katie está...

— Estava — corrigiu a sempre meticulosa Hayley.

Taylor olhou para a irmã.

— Certo. Estava. Enfim, Katie estava muito chateada com alguma coisa.

— Ela estava namorando — disse Hayley, corrigindo-se em seguida ao perceber o olhar exasperado da irmã: — Quer dizer, foi o que ouvi. Eu não o conheço. Nós não falávamos com Katie na escola.

Kevin tomou um gole de seu chocolate.

— O leite é desnatado, certo? Valerie fez que sim, virando-se para as meninas e dando uma piscadela.

— Claro, querido. Desnatado.

Eles lavaram suas xícaras, e Kevin desligou as luzes de Natal multicoloridas do grande pinheiro que preenchia a vista da janela da sala de estar.

— Nem parece que é Natal em Port Gamble— disse, olhando para a rua e para a baía logo adiante.

— Não posso imaginar como seria viver sem vocês, meninas — disse Valerie.

Aquilo não era totalmente verdade. Houve um momento em sua vida em que ela por pouco não sentiu na pele o mesmo que Sandra Berkley sentia agora. Hayley e Taylor haviam ficado à beira da morte, embora ninguém da família jamais falasse sabre isso. Era um assunto muito doloroso, delicado, uma ferida jamais cicatrizada.

Eles ainda não sabiam, mas alguém estava prestes a tocar nessa ferida. E, quando isso acontecesse, muitos moradores de Port Gamble teriam de enfrentar medos e consequências inimagináveis.

CAPÍTULO 3

Hayley e Taylor dividiram um quarto na casa número 19 durante todo o primário. O espaço era grande o suficiente para acomodar dois berços e, mais tarde, duas camas de solteiro com lençóis e mantas idênticas.

O quarto das gêmeas era o maior do andar de cima da residência em que elas viviam desde que seus pais as trouxeram do Harrison Medical

Center, na cidade de Bremerton, vizinha de Port Gamble.

Kevin Ryan usava o outro quarto como escritório. Seu livro de maior sucesso até então, Linda e mortal — que contava a história real de uma mulher que assassinou meia dúzia de rivais com morangos banhados em chocolate e cobertos com veneno para rato, fora escrito naquele cômodo.

Ele sempre dizia às meninas: — Se essas paredes pudessem falar, o mundo saberia como é difícil contar a verdade sabre histórias em que todos são mentirosos.

Mas as paredes não falam.

Certa tarde, quando as meninas estavam na sétima série, sua melhor amiga, Beth Lee, indagou–lhes sobre o quarto que dividiam. Ela tomou um gole de água de uma dessas garrafas de plástico usadas por atletas, embora não praticasse nenhum esporte — enquanto as três assistiam a um programa sobre cirurgia plástica.

— O pessoal da escola acha vocês estranhas por dividirem um quarto — disse Beth antes de uma menina entrar na faca para arrumar o nariz.

— E como eles sabem isso? — perguntou Hayley.

Beth deu de ombros.

— Acho que comentei uma vez.

— Claro que comentou... — falou Taylor, revirando os olhos.

— Só estou avisando, Hay–Tay — disse Beth, sem chamá-las pelos nomes.

— O outro quarto é muito pequeno. Além do mais, é o escritório do nosso pai — disse Hayley.

— Uma de vocês pode dividir com ele, sei lá! É meio bizarro, vocês parecem gêmeas siamesas que não podem ser separadas.

O rosto de Taylor ficou vermelho.

— Claro que podemos.

— Ui, alguém ficou irritada — provocou Beth. — Por que será? Talvez porque outro alguém tenha razão? As gêmeas não discutiram com a amiga, mas na mesma noite convenceram o pai a mudar o escritório para o andar de baixo. Elas tiraram no cara e coroa, e Taylor ficou com o quarto menor. Odiavam ficar separadas, mas odiavam ainda mais pensar que Beth Lee andava espalhando pela escola que elas eram estranhas.

Irmãos gêmeos não devem ser unidos, afinal de contas? As duas

encostaram suas camas — cabeceira com cabeceira — na parede que dividia os quartos, perto dos espelhos de tomada. Cada espelho estava preso com um único parafuso, frouxo. Bastava apenas um giro para que os espelhos se deslocassem e se abrisse uma pequena passagem na parede. Não era exatamente um interfone, mas servia como tal. À noite, quando os pais estavam no andar de baixo, as irmãs conversavam sabre as coisas que as afligiam: meninos, Beth Lee, as histórias bizarras que o pai escrevia, o macarrão que a mãe nem sequer imaginava que elas tinham odiado e também aquelas estranhas sensações e visões que surgiam nos momentos mais inexplicáveis. Estes eram o assunto mais difícil, pois expressar com palavras o impensável, o inacreditável era extremamente complicado.

Como descrever um sentimento? Como alguém tem tanta certeza sobre algo que não deveria nem poderia saber?

Havia diferenças entre as gêmeas, claro. Elas tinham dividido o mesmo óvulo, mas isso não significava que eram idênticas em tudo. À parte a semelhança física, tinham gostos firmes e distintos. Hayley curtia música alternativa. Adorava bandas locais, como Modest Mouse, Fleet Foxes e a old school Sleater–Kinney — qualquer coisa que fugisse do mainstream. Enquanto sua amiga Beth gravitava em torno das músicas da moda, Hayley estava sempre descobrindo sons mais significativos e genuínos.

Taylor media todas as coisas com a emoção. Já Hayley sempre quantificava a vida; analítica por natureza, sua mente quase sempre vencia o coração. Amar? Odiar? Não, ela preferia conhecer. Foi sua necessidade de conhecer as coisas a fundo que levou o menino da casa ao lado, Colton James, a se apaixonar par ela.

A inteligência de Taylor não era tão lógica; era mais intuitiva. Ela gostava de determinada cor porque esta a fazia se sentir bem, e não porque deixava seus olhos bonitos. Orgulhava-se de ser extrovertida e de possuir consciência social — vira e mexe se tornava vegetariana, e Hayley sempre tirava sarro dela por isso. Taylor era falante, diferente da irmã, a gêmea mais introspectiva.

No entanto, apesar das diferenças, algo, além do fato de serem gêmeas, as unia.

Da sua cama, Taylor observava um barco decorado com uma árvore de Natal deslizar pela baia de Port Gamble em direção a madeireira.

Como era noite de Natal, havia uma quietude mortal naquela cena.

Uma fraca nuvem de fumaça cor–de–rosa pairava sobre o lugar,

com seus barracos com teto de alumínio, um estacionamento quase vazio e suas pilhas de toras de madeira por todos os lados. Taylor podia ter ficado com o menor quarto, mas, com certeza, ele oferecia a melhor vista da casa. O barco, um velho rebocador, deixava um rastro de vapor. Ele ondulava a superfície da água negra e turva. Taylor se sentou e olhou fixamente. Seu coração começou a bater um pouco mais depressa. Na água, viu escrita a palavra:

OLHE

Sabendo tratar-se de mais um daqueles momentos inexplicáveis, ela se virou, moveu o espelho da tomada e chamou a irmã: — Hayley, venha aqui! Você precisa ver uma coisa.

— Estou cansada. Já vi o cachecol horrível que a tia Jolene fez para você.

Taylor soltou um suspiro exasperado. — Não, não é isso. Venha aqui. Agora.

Poucos segundos depois, Hayley estava na porta de Taylor, que apontou para a janela.

— Um barco com uma linda árvore de Natal. E daí? — disse Hayley, franzindo a testa e lançando um olhar impaciente para a irmã.

— Atrás do barco. Olhe para a água.

— Me fale logo o que eu devo procurar, Taylor.

— Leia.

Hayley encarou a irmã e depois voltou a olhar para a baia. Aproximou o rosto da janela e fez que sim com a cabeça. As letras tinham distorcido um pouco, mas eram claras, como se uma criança as tivesse desenhado com giz na calçada.

— O que você acha que isso quer dizer? — perguntou Hayley.

Taylor abriu completamente as cortinas para ver melhor e, em seguida, se virou para a irmã.

— É sobre Katelyn. Eu sinto.

Os olhos azuis de Hayley, idênticos aos da irmã até mesmo nos raios dourados que se propagavam de suas íris, encaravam fixamente aquela palavra em busca de uma resposta.

— O quê? Para onde devemos olhar? E o que devemos olhar?

Taylor balançou a cabeça.

— Não sei.

Ficaram paradas por um momento, até que o vento invernal apagou a mensagem deixada na água.

— Esse cachecol é um verdadeiro assombro, Taylor.

— Assombrosamente horroroso. Vou usá-lo uma vez para que a tia Jolene me veja com ele. Depois, vou esquecê-lo no ônibus. Só estou dizendo...

As meninas não sabiam até então, mas a noite da morte de Katelyn Berkley era o inicio de algo que mudaria tudo.

Tudo.

Absolutamente. Tudo.

CAPÍTULO 4

O dia seguinte ao Natal seguia sem sobressaltos em Port Gamble. Quase tudo parecia normal. Sacos cheios de papel de embrulho e de fitas se empilhavam nos becos ou eram queimados em grandes fogueiras nos quintais das casas. As crianças reexaminavam suas novas aquisições, avaliando quem lhes dera os melhores presentes e quem as ferrara com algo que nem sequer valia a pena levar de volta para a loja. Algumas pessoas foram ao centro para tentar trocar os itens mais complicados: os artesanais. Não era tarefa fácil alegar que as luvas não serviam ou que o conjunto de taças era repetido.

O artista aceitava a troca entre uma mentira e outra. Dos dois lados.

Adorei, mas já tenho seis pares iguais.

— Tenho um chapéu que combina, talvez você goste. Pausa.

— Que pena! Eu comprei um chapéu ontem mesmo.

Mais uma mentira. Nada estava aberto no dia de Natal.

As luvas eram horríveis, de fato.

Mentiras dos dois lados. Uma cena recorrente em lojas e casas de toda a cidade.

Sandra e Harper Berkley tiveram um Natal que ninguém jamais desejaria. Sua filha estava morta. Morta. Encontrava-se na câmara fria do necrotério de Kitsap County, em Port Orchard, esperando que uma faca cortasse sua pele, uma serra abrisse seu crânio, que a patologista forense da região remexesse a carne e os ossos do que um dia fora uma linda menina.

No entanto, embora fosse o fim da vida de Katelyn, era o início de outra coisa.

Katelyn era a última grande esperança de Sandra. Porém, um eletrodoméstico submerso em uma banheira lhe roubou isso. Ela tentou superar a situação e lidar com o desapontamento e com a dor que sentia no coração da melhor maneira que pode.

Despejou palavras venenosas em Harper: — Se não tivéssemos esse maldito restaurante, você passaria mais tempo em casa.

Ele balançou a cabeça. Já esperava o ataque.

— Todo mundo trabalha, Sandra. Você vai mesmo me culpar pela morte de Katelyn? — Uma menina precisa do pai.

Harper encarou a esposa com dureza, ponderando uma resposta que revelasse o que estava pensando, mas que não a deixasse fora de si.

— E também de uma mãe sóbria.

Resposta errada.

Sandra ergueu o punho e partiu para cima de Harper. Ele se desviou; sua esposa cambaleante não era páreo para seus reflexos ainda ágeis. Quando o calor do momento passou e Sandra percebeu o que acabara de fazer, começou a chorar.

Harper a abraçou e também chorou.

Eles tinham sido unidos para sempre pela alegria do nascimento da filha. Katelyn fora a cola que os mantivera juntos no momento mais complicado do casamento.

De manha bem cedo, poucas horas após a morte de Katelyn, os dois estavam deitados, e Sandra chorava silenciosamente, o rosto contra o travesseiro. Seus olhos estavam vermelhos, culpa do terrível pesar e das altas doses de álcool. Ela se perguntava como Harper era capaz de dormir naquele momento.

No entanto, Harper não estava dormindo. Apenas fingia, para evitar ter de conversar com Sandra. Tudo o que saia da boca da esposa estava carregado de raiva e de culpa. Ela era este tipo de pessoa: amarga, ciumenta e completamente insatisfeita com seu destino. Enquanto alguns se alegram ao ver a felicidade estampada no rosto dos outros, Sandra não entendia por que Deus não havia dado a ela o que eles tinham.

Um carro novo.

Uma casa maior.

Diamantes, em vez de bijuterias.

A felicidade que vem com os relacionamentos.

Uma filha que a levasse embora de Port Gamble.

Lado a lado, em silencio, os dois imaginavam se a morte da filha os aproximaria.

Ou seria a desculpa que procuravam para colocar um ponto final no casamento? Em toda Port Gamble, jovens, velhos, pessoas próximas e pessoas distantes de Katelyn pensavam nela. Deitada na cama enquanto digitava em seu laptop, Taylor Ryan podia ver a água escura da baia. Ela estava Completamente tomada pela emoção, de uma maneira que lhe

parecia mais dolorosa que catártica. Seus olhos finalmente pararam de derramar lágrimas.

Ela enviou uma mensagem a Beth: Sou 1 egoísta. aff! Parece errado ficar triste por K e feliz pela minha vida e pela vida d minha irmã. Sei q acidentes acontecem td dia. Tb sei q K estava mal...

Hayley, por sua vez, não lutou contra seus pensamentos. Deixou que eles aflorassem nas mensagens que enviou a Colton, tentando entender o que teria levado a tudo aquilo.

Katelyn estava muito chateada com Starla. Me parece tão injusto. Em vez de receber ajuda, ela foi deixada de lado como se fosse lixo. As pessoas não são lixo. Ninguém merece ser desrespeitado dessa maneira. Katelyn só queria que Starla voltasse a gostar dela. Sei que algumas pessoas pensam que Katelyn sentia alguma coisa por Starla, mas isso não é verdade. Isso é apenas fofoca que alguma menina inventou para aparecer.

Notívagas que eram, Beth Lee e sua mãe, Kim, estavam bem acordadas na casa número 25 da Olympian Avenue. Enquanto assistiam à televisão (algo que, segundo Kim, proporcionava um momento de união entre mãe e filha), Beth pegou o telefone e começou a escrever uma mensagem. Ela digitava com muita habilidade, com um dos olhos pregado no filme e o outro, no celular. De vez em quando, Kim batia na perna da filha, e Beth parava de digitar por um instante. Porém, assim que Kim voltava a olhar para a televisão, Beth recomeçava.

Talvez ñ pareça, mas estou. Ñ sei como agir . Meus olhos ficam ainda menores do q são. A conselheira Amy disse q escondo os meus sentimentos c/ sarcasmo. Vi a mãe d K chorando. Acho que desapontamos a K.

Ao som do ronco do marido, Valerie Ryan fez uma prece em silêncio. Ela queria enviar ao universo uma energia que oferecesse algum conforto. Valerie acreditava na força do pensamento positivo.

"Katelyn, permaneça ao lado de sua mãe e de seu pai. Eles precisam de você e nunca deixarão de amá-la. Há mais coisas além desta nossa vida. Você não é apenas pó. Não permanece viva somente nas nossas lembranças." A mais de trezentos quilômetros de distância, em Portland, Colton James sentiu um nó no estômago ao saber o que acontecera com sua vizinha em Port Gamble. Mas ele não ficou tão chocado quanto seu pai e sua mãe. Colton vinha observando Katelyn nos últimos meses, e ela haviam deixado de ser uma adolescente razoavelmente alegre e um pouco

temperamental e se tornara sombria e desligada. Ele respondeu à mensagem de Hayley. Normalmente, o garoto digitava poucas — algumas palavras ou uma única letra — para dizer o que queria; dessa vez, no entanto, expressou seus pensamentos com mais clareza. Queria compartilhá— los. Precisava dizer algo.

Tb estou chocado. Ela estava estranha ultimamente, mas sempre foi legal cmg e c/ a minha mãe. 1 vez fez pizza lá em ksa. Fez 4 tipos d pizza c/ a minha mãe, q gostava d Katelyn. Dizia q era especial. Eu queria poder voltar no tempo e mudar aquela coisinha q transformaria tudo. Patético, né? Coisas assim ñ podem acontecer.

Na casa ao lado da dos Berkley, Starla Larsen pegou o celular e tocou no ícone do Facebook. Havia um monte de mensagens sobre Katelyn no seu mural, assim como no mural de todas as pessoas que freqüentavam a Kingston High School. Ela procurou o perfil de Katelyn. Há tempos não o checava.

A foto do perfil de Katelyn era das duas juntas, tirada no tempo em que faziam parte das Girl Scout Daisies, um grupo de bandeirantes. As duas sorriam exageradamente para mostrar a banguela. Starla odiou aquela foto por muito tempo, mas, ao revê-la naquele momento, um sorriso triste brotou em seu rosto. Resolveu deixar uma mensagem no mural de Katelyn. Ela costumava escrever coisas sarcásticas sobre as pessoas e colocar um smile ao final para fingir que estava brincando quando na verdade não estava. Tinha consciência de que fazia isso porque seus amigos esperavam isso dela: que fosse perspicaz, engraçada e um pouco ácida; tudo por conta de sua aparência — Starla era mais do que apenas bonita.

Starla pegou a acetona enquanto via seu post receber um "curtir" atrás do outro. Algumas pessoas também o comentaram.

Estamos com vc, Starla Katie parecia legal gostaria d ter conhecido melhor o mundo é uma droga t amo star! Força! Starla olhou para seus esmaltes da Sephora arrumados como pequenos pinos de boliche em uma caixa. E lá estava o verde chamativo que ela e Katelyn compraram na oitava série para usar no dia de St. Patrick. A lembrança fez brotar outro sorriso genuíno em seu rosto. Starla pegou o vidro de esmalte Rimmel London. O nome da cor era

"Inveja".

Lágrimas surgiram em seus olhos azul–claros, causadas por uma mistura de arrependimento, pena e culpa.

"Sinto muito, Katie", disse a si mesma. "Gostaria que você soubesse que eu sinto muito." Não muito longe dali, alguém ficou online e começou a apagar o conteúdo de uma pasta chamada

"Katelyn". Nela havia cópias de e–mails, mensagens e fotografias cujo único propósito era fazer a menina sofrer. Cada um deles era parte de uma vingança.

Delete.

Delete.

Delete.

CAPÍTULO 5

Era a sina de um lugar como Port Gamble. Sempre nevava forte após o Natal. A empresa que mantinha a cidade intocada teria oferecido uma virgem (caso houvesse uma à mão, claro) para que caíssem alguns floquinhos na semana anterior, quando ofereceu sua tradicional festa de Natal. Mas não. A semana foi fria, úmida e chuvosa. Quando finalmente chegou, a neve atingiu doze centímetros — uma verdadeira tempestade para os padrões locais. Se a escola estivesse no período letivo, as atividades teriam sido canceladas. As crianças também ficavam chateadas com essa falta de timing. Para elas, a neve não servia de nada se não impedisse um ou dois dias de aula. Naquele momento, que estavam de férias, era um desperdício.

Hayley e Taylor enfrentaram a neve para se encontrar com Beth Lee à tarde.

Beth e seu namorado, Zander Tomlinson, tinham terminado um dia antes do Natal, mas, com a morte inesperada de Katelyn Berkley, o assunto não fizera parte da enxurrada de mensagens.

— Não tive outra opção senão largá-lo — disse Beth.

Enquanto falava, ela escrevia um SMS: Terminei c/ Z. Detalhes +tarde.

Hayley foi a primeira a comentar.

— Como assim, você o largou? É claro que tinha opção.

Beth, que parecia totalmente absorta em uma espinha em seu queixo, não olhava para as gêmeas ao falar. Sentou-se no chão, em frente à lareira, com um espelho em uma das mãos e uma pinça na outra.

— Encontrei um vestido lindo e fui obrigada a comprá-lo.

— E? — perguntou Taylor, sentando-se no tapete de veludo marrom desproporcionalmente grande para aquele cômodo da casa número 25.

— Fala.

Beth apertou o queixo e cutucou a espinha.

— Eu não tinha dinheiro sobrando. Sei que ele ia me dar um presente de Natal, e eu não tinha comprado nada para ele. Então terminei. Liguei do shopping e disse que já não estava sentindo a mesma coisa.

Taylor balançou a cabeça.

— Você está de brincadeira, não está? Terminou com ele porque gastou o dinheiro do presente de Natal? Beth ergueu os olhos.

— E daí? Prefiro magoá-lo a vestir coisas ridículas e baratas.

— Claro — disse Taylor. — Parecer feia ou vulgar é muito pior do que ferir as pessoas. Ele gostava de você! Beth ignorou o sarcasmo, e Hayley falou: — Odeio dizer isso, mas você está agindo como Starla.

— Vou tomar isso como um elogio — disse Beth.

— Com certeza, não foi um elogio.

— Enfim, eu ouvi uma coisa sobre Starla — disse Beth, mudando de assunto como trocava de roupa.

As fofocas sobre Starla Larsen sempre eram boas. Ela era a menina que todas as outras adoravam odiar.

Taylor inclinou o corpo para a frente, curiosa.

— Vai contar ou não? Estoura essa espinha de uma vez e conta! — Que coisa nojenta! E maldosa... — disse Beth, calando-se por alguns instantes para encarar as gêmeas e medir o interesse delas no que tinha a dizer.

Esperou mais um pouco.

— Starla e Katelyn tiveram uma grande discussão — ela finalmente falou.

— Grande? — perguntou Taylor.

— Sim, muito grande. Antes de morrer, Katelyn disse à mãe que odiava Starla e que a queria ver morta ou algo parecido.

Hayley interrogou a amiga, pressionando-a para saber mais — seu pai teria ficado orgulhoso.

— Como você sabe que ela disse isso? Beth girou o espelho que segurava e se observou melhor.

— Escutei a senhora Larsen conversando com a senhora Berkley há algumas semanas. Elas estavam comprando café, laquê ou o que quer que seja que as mulheres da idade delas compram. A senhora Larsen defendia Starla e dizia que tinha sido um grande mal-entendido. Mas a senhora Berkley não pensava da mesma maneira.

Beth parou de falar. Seu rosto foi tomado por um sorriso de satisfação.

— Pronto! — disse, brandindo a pinça. — Tirei a espinha sem deixar nenhum buraco asqueroso. Querem comer alguma coisa?

Hayley e Taylor, com nojo do que tinham acabado de ver, fizeram que não com a cabeça.

— Acabou? Tem mais? — perguntou Taylor, instigando a amiga.

— Eu não fiquei escutando, Taylor — respondeu Beth, superando o drama entre Starla e Katelyn e passando a um novo assunto: — Eu vi aquele garoto novo, Eli, e fiquei tentando fazer que ele olhasse para mim.

Taylor sorriu e olhou para a irmã. Apesar da necessidade de Beth de sempre parecer blasé e agir com indiferença, ela sabia quem era quem. Quando dizia "Hay–Tay", tudo o que queria era manter a guarda alta. E daí que Beth só se preocupava consigo mesma? Ela sabia muito bem o que valia a pena compartilhar, e quando. As gêmeas gostavam dela.

Além do mais, em Port Gamble não havia muitas opções para o posto de melhor amiga.

— Mas, Beth, você não gostava do Zander? — perguntou Hayley. — De todos os seus namorados, ele foi o que durou mais.

— E isso não é tarefa fácil — comentou Taylor.

Beth se recostou no sofá.

— É a hora de "vamos atacar a Beth" ou o quê? — ela perguntou.

— Não, não é nada disso — respondeu Hayley.

Beth deu de ombros.

— Que pena. Eu gosto quando vocês tentam me provocar. Eu me sinto como se fosse a terceira gêmea — disse ela, fazendo uma pausa. — A mais esperta. A mais bonita.

As gêmeas sabiam que havia um fundo de verdade naquilo. Não que Beth fosse realmente mais bonita ou mais esperta, mas às vezes ela se sentia solitária sendo filha única. Taylor e Hayley sempre tiveram uma à outra.

— Você pode ser o que quiser, Beth. Mas, por favor, prometa que vai prestar atenção da próxima vez que escutar uma conversa importante.

Beth sorriu.

— Tudo bem. Posso garantir que vocês estarão entre as dez primeiras pessoas a receberem a notícia.

Os celulares de Hayley e Taylor vibraram ao mesmo tempo.

— Deve ser a mamãe — disse Hayley. — Ela vive nos enchendo de mensagens de texto.

Taylor leu a mensagem e guardou o telefone no bolso. Ela pareceu ter ficado um pouco chateada, mas tentou não demonstrar.

— O que foi? — perguntou Beth ao notar que Hayley ficara do mesmo jeito.

— Uma repórter descobriu que Katelyn estava no acidente — disse Hayley. — Está escrevendo um texto sobre ela, sua morte e o acidente.

Mais uma vez, o acidente.

— Que loucura! Eles já não esgotaram esse assunto? — perguntou Beth.

— Não com esse enfoque — respondeu Taylor. — Katelyn ter sobrevivido ao acidente para morrer agora torna sua morte ainda mais triste.

Taylor sentia o coração batendo cada vez mais forte. A ideia de reviver o acidente, de falar sobre ele e de ter de ouvir todo mundo comentando sobre isso deu um nó em seu estomago. Era estranho como a simples palavra "acidente" era capaz de causar tal reação. E não precisava ser o acidente, podia ser qualquer um. Não porque a lembrança do episodio fosse horrível. Pelo contrário, ela e a irmã não se recordavam de nada do que acontecera naquela tarde chuvosa anos atrás.

Absolutamente nada.

CAPÍTULO 6

O que restava de Katelyn Berkley foi colocado em uma mesa de metal banhada por água corrente. Muita água. O fluxo ao redor de seu corpo ajudaria a eliminar o sangue que jorraria dos profundos e secos cortes que seriam feitos em seu torso. Seus olhos estavam fechados, e, o mais importante, ela estava morta. Ainda assim, aquela humilhação compadeceria qualquer um que a conhecesse. De fato, era apenas uma das muitas indignidades que se cometem quando uma pessoa jovem e saudável morre. Estranhos observariam seu corpo. Seu corpo nu. Depois, o cortariam como se fosse um salmão e analisariam o conteúdo de seu peito, de seu estômago e, até mesmo, de seu cérebro. Com seu último suspiro, ela involuntariamente se ofereceu a estranhos — estranhos com lâminas. Se a garota se matara para fugir da dor, real ou imaginaria, cometera um erro.

Katelyn não desapareceu nem partiu para uma espécie de vazio. Em vez disso, terminou como um elemento de prova sob uma potente luz no necrotério do condado, em Port Orchard — local no qual ela não teria desejado entrar nem morta... A menos que estivesse realmente morta.

E estava.

Embora ninguém suspeitasse que Katelyn tivesse sido assassinada — não havia nenhuma razão para isso –, o protocolo da delegacia do condado de Kitsap requeria as mais invasivas técnicas de autopsia antes que o corpo da garota pudesse descansar em paz no cemitério Buena Vista, em Port Gamble. E, por conta do número reduzido de funcionários devido ao feriado, o processo demoraria algum tempo.

Descansar. Como se fosse possível descansar enquanto Sandra e Harper Berkley não parassem de falar sobre como fazer para que a filha fosse lembrada por todo o amor que lhes dera, e não pela dor que os obrigava a encarar.

Lá estava ela, deitada de costas na mesa do médico–legal, as unhas dos pés pintadas de verde, pronta para renunciar ao que lhe restava de pudor.

Katelyn Melissa Berkley morrera de forma terrível e trágica na banheira de sua casa. Chegara ali de ambulância na noite de Natal, tarde da noite — bem tarde — e, como se fosse os restos de uma ceia, fora deixada durante dias na câmara frigorífica do necrotério, no porão de uma velha casa em Sidney Avenue, próxima ao Tribunal de justiça do condado de Kitsap.

Observada por seu assistente, a legista do condado, Birdy Waterman, usou uma luz ultravioleta sobre a pele de Katelyn. Começando pelo pescoço da menina morta, desceu em direção a seus pequenos seios e estômago.

— Há alguns cortes nos braços. Outros no estômago. E alguns cortes mais recentes nos braços — a médica relatou em um tom de voz factual, mascarando suas emoções.

Uma das coisas que a doutora Waterman mais odiava era ter uma criança sobre sua mesa.

— Causa da morte? — perguntou o assistente, um novato de cabelo moicano chamado Terry Morris.

A doutora Waterman fez que não com a cabeça, respondendo: — Não, não. Você deve estar louco para terminar logo e enviar uma mensagem a alguém, mas aqui nós trabalhamos de forma metódica, seguindo as regras.

Ela lhe lançou um olhar gentil por cima dos óculos.

“Não há razão para fazer o novato me odiar desde já. Há bastante tempo para isso", ela pensou.

— Vamos dar um passo de cada vez — disse Waterman, voltando o olhar para o corpo da menina.

Apontou para os cortes na coxa de Katelyn e franziu a testa. Eram mais recentes. Frescos.

— Não são profundos — disse ela.

— Esta menina estava de saco cheio — comentou Terry.

A doutora Waterman, descendente dos índios Makah e formada pela Universidade de Washington, em Seattle, era uma mulher séria que acreditava que a morte merecia ser respeitada. O tempo todo.

Olhou para Terry. Ele seria um desafio. Mas ela estava preparada.

— Você ainda não me conhece, Terry. Mas eu não falo desse jeito. E não quero que meus assistentes se expressem assim.

— Mas os mortos não escutam — disse ele.

Ela o olhou de canto de olho e imediatamente voltou sua atenção para Katelyn.

— Como você tem tanta certeza? — perguntou ela.

Terry, um jovem com grandes olhos verdes, talvez grandes demais para seu rosto pequeno, revirou-os, mas manteve a boca fechada. Estava aprendendo.

A morte por descarga elétrica é extremamente rara. A doutora Waterman só conseguia se lembrar de dois casos no condado. Um deles envolveu um trabalhador do cassino Lucky Jim's Indian, eletrocutado ao mexer em alguns cabos defeituosos dos caça–níqueis. Ele pensou que seu colega tivesse interrompido a alimentação de energia.

"Eis uma forma muito injusta de morrer", pensou a legista.

O outro envolveu uma linda jovem de Bremerton que saiu para passear com seu cachorro após a região ter sido atingida por fortes ventos, os quais derrubaram fios de alta tensão e causaram um apagão em metade do condado. Enquanto o cachorro corria a frente, ela aproveitou para amarrar os sapatos. Ao se agachar, seu joelho entrou em contato com milhares de volts descarregados por um fio escondido entre os galhos de algumas arvores caídas.

Mas o caso de Katelyn era diferente, claro. Sua morte fora causada por um eletrodoméstico que entrou em contato com a água da banheira em que ela estava.

A doutora Waterman apontou para duas queimaduras evidentes no lado direito do torso de Katelyn.

— Foi essa parte que entrou em contato com a corrente elétrica — disse.

As queimaduras eram tão graves e deixaram a pele da garota tão vermelha, que parecia cozida.

— Estou vendo — disse Terry, querendo evitar levar uma bofetada por conta de algum comentário ou brincadeira; ele teve de fazer um grande esforço para não dizer "Eletrizante!".

Em seguida, começaram os cortes e as serragens. O barulho de um corpo humano sendo violado por laminas é horrendo — mesmo para quem faz isso todos os dias. A serra usada por Birdy Waterman emitia um ruído que ficava entre o de uma faca elétrica e o de uma pequena motosserra. Alguns legistas costumam colocar música em suas salas de autópsia durante os exames, transformando-as na versão herege de uma discoteca. Outros aumentam o volume de seus iPods. Mas não Birdy Waterman. Ela cantarolava algo e observava os olhos de seu assistente se tornarem cada vez mais verdes.

— Algumas costelas fraturadas aqui — disse ela, apontando para rachaduras onde o osso havia se unido.

— Abuso? — perguntou Terry, espiando por cima dos ombros da legista para ver melhor.

A doutora Waterman fez que não com a cabeça.

— O histórico médico entregue pelo pai diz que Katelyn sofreu um acidente de ônibus aos cinco anos. Nunca mais entrou em um hospital.

O coração de Katelyn e os demais órgãos foram removidos do corpo, pesados, medidos e examinados.

Birdy Waterman confirmou sua suspeita. O coração de Katelyn Berkley parou de bater em razão do trauma causado pelo choque elétrico.

— Então, foi homicídio? — perguntou Terry. — Morte acidental? Suicídio? A doutora Waterman levantou a máscara de plástico que a protegia do sangue e dos tecidos: A menina tinha problemas emocionais — disse ela, indicando os ferimentos que Katelyn fizera em si mesma: eram cortes antigos e apagados, em sua maioria, mas havia alguns bastante recentes. — E, embora seja muito estranho que ela tenha se matado com a máquina de café expresso, aparentemente foi o que aconteceu.

— O que você atestara, então? — perguntou Terry.

A doutora Waterman tirou mais algumas fotos e depois se livrou das luvas de látex verde e da máscara, sujas de lascas de ossos e respingos de

massa cefálica.

— Morte acidental — respondeu ela. — A polícia não encontrou evidências de homicídio na cena da morte. E os pais não precisam viver com a angústia de tentar descobrir o que fizeram de errado... mesmo que tenham feito algo. Ela está morta. Acabou.

Waterman começou a caminhar em direção a porta do vestiário.

— Pode fechar o corpo. Nada de grampos. Pontos pequenos, Terry. É uma menina muito jovem. Não quero que o pessoal da funerária pense que somos um bando de costureiros cegos. Katelyn... — Ela parou para olhar a papelada que veio como corpo. — Katelyn Melissa Berkley merece o melhor. Ela tinha apenas quinze anos.

— E daí? Ela está morta — murmurou Terry, esperando que a mulher de bisturi afiado e de bom coração não o escutasse.

Mas ela o escutou.

— Vou me lembrar disso quando você estiver na minha mesa.

Colton James era a prova viva de que é preciso esperar o reduto de estranheza que é o ginásio terminar para declarar alguém um completo perdedor. No verão que antecedeu o início do ensino médio, o garoto se tornou um gato.

Ele carregava genes dos S'Klallam, os nativos que viveram em Port Gamble quando a região ainda era chamada de Memalucet. Sua pele era morena, os cabelos eram fartos, negros e indomáveis, e os olhos pretos ficavam quase azuis a luz do sol. Antes, ele era um menino magricelo que arrastava as gêmeas até as margens da baia de Port Gamble para pegar caranguejos, ostras ou qualquer outra coisa boa de se comer. Ele brincava dizendo que fazia isso por ser parte indígena, mas a verdade é que seus pais nem sempre tinham dinheiro. O pai de Colton, Henry, era um pescador inuit e passava muito tempo no Alasca. Sua mãe, Shania, sofria de agorafobia e quase nunca saia de casa. As pessoas diziam que Shania James era uma ermitã preguiçosa e gorda demais para fazer qualquer coisa.

Uma calúnia, claro. A verdade era bem mais sinistra. Shania sofrera um sequestro — relâmpago em um estacionamento de Silverdale, quando Colton tinha apenas dois anos. Com o filho sentado no banco de trás do carro, o sequestrador fez coisas que ela nunca teve coragem de contar a ninguém, nem à polícia, nem à sua família. Pelo menos ninguém jamais soube que ela contou. Os membros da família Ryan, por exemplo, só tiveram conhecimento do fato de que Shania fora vítima de um crime

violento quando, certa vez, ela chamou Kevin da janela enquanto ele aparava a grama do jardim.

Shania tinha uma cópia de seu livro Inocência tardia nas mãos.

— Você tem razão, Kevin.

— Como assim, Shania? — A nota do autor no livro. É verdade. Ás vezes, as pessoas não conseguem superar algumas coisas. O Dr. Phil está enganado. Nem sempre podemos esquecer.

— Que se dane o Dr. Phil — disse Kevin.

Shania concordou com a cabeça, fechou a janela e desapareceu na casa.

Colton sempre fora o menino da casa ao lado. Hayley e Taylor passavam todos os dias de verão com ele, conversando, fazendo travessuras na loja de conveniência de Port Gamble ou simplesmente olhando as estrelas.

Ele no jardim dele, elas, no delas.

E, então, de repente, Colton pareceu ter crescido. Hayley e Taylor notaram isso ao mesmo tempo. As meninas se sentiram atraídas por ele, um quase irmão, de forma peculiar e estranha.

Certo dia, quando estava no quintal de casa lavando o velho Toyota Camry que a mãe nunca dirigia, mas do qual era incapaz de se desfazer, Colton chamou Hayley. Ela estava voltando da praia e usava a parte de cima de um biquíni tangerina e shorts jeans, tudo úmido e com cheiro de mar. Seus cabelos estavam mais claros, e o nariz, repleto de sardas.

— Quer me ajudar a secar? — perguntou ele.

Hayley não queria, mas, como Colton estava sem camisa, ela encontrou motivação suficiente para atravessar o jardim e pegar um pano.

Acabou tendo de polir o carro além de secá-lo, mas ela não se importou. Parou e ficou olhando para o volante.

— Eu estava pensando... — disse Colton, os dentes ainda mais brancos em contraste com a pele bronzeada. — Talvez você queira dar uma volta um dia desses.

— Você quer sair comigo? O que você quer dizer com dar uma volta? — perguntou ela.

— Dar uma volta.

— Como um encontro?

— Chame como quiser. Mas e... — disse ele, aproximando-se dela. — O que você me diz?

Hayley pensou que aquilo era estranho. Ela gostava de Colton. Sempre gostou. Taylor também gostava dele. As duas tinham chegado a conversar sabre como ele se transformara e parecia mais velho, mais forte, mais sexy e como isso havia encoberto o sentimento de irmão que tinham pelo garoto.

— E a Taylor? — perguntou ela finalmente.

Colton sorriu.

— Eu não curto essas coisas...

Hayley franziu a testa.

— Não curte o quê?

— Deixa para lá. Eu chamei você. Só você e eu.

Hayley queria jogar o pano no chão, correr para casa e perguntar a Taylor se ela se importaria. Esperava que não. Mas talvez se importasse. Sua mente ficou a mil.

— Sim, eu quero. Quando?

Colton abriu um sorriso largo.

— Que tal amanhã à noite? Quer ver o que está passando no cinema de Poulsbo?

Hayley não respondeu de cara. Os únicos filmes em cartaz eram comédias românticas bobas, mas ela não quis desapontá-lo.

O garoto leu seus pensamentos.

— Não, tudo bem. Só está passando porcaria. Esquece o cinema, vamos fazer outra coisa.

Nesse momento, Hayley Ryan enxergou Colton James como alguém ainda mais especial, cuja sintonia com ela era maior do que a de qualquer outra pessoa.

— Combinado — disse Hayley, virando-se para o carro e observando o reflexo do garoto na lataria.

Ela estava confusa e não entendia os próprios sentimentos. Sem dúvida, estava muito feliz por ele a ter convidado para sair, mas, ao começar a polir o carro em movimentos circulares, sentiu golpes de tristeza na ponta dos dedos.

"O que havia naquele carro que a fez se sentir daquele jeito?", ela sempre se perguntou.

Na noite em que Katelyn morreu, Hayley pensou no que sentiu enquanto polia o Toyota e planejava seu primeiro encontro. A energia que tomou conta dela naquele dia era parecida com a que sentia agora.

Também pensou em Colton, a quem enviou uma mensagem de texto assim que soube o que aconteceu com Katelyn. Ele estava em Portland com a família de seu pai e só voltaria um dia antes de começarem as aulas. Shania teve de ser convencida a sair de casa e fazer a viagem.

Hayley: Pensando em Katelyn. Triste, triste, triste.

Colton: Sinto mt. O q aconteceu?

Hayley: N sei bem. Nguem sabe. Suicídio? Acidente?

Colton: Droga.

Hayley: Saudade de vc.

Colton: Eu tb.

Quando Taylor notou que Hayley escrevia para Colton, revirou os olhos e pensou: "Às vezes, esses dois conseguem ser muito irritantes".

CAPÍTULO 7

Moira Windsor sabia que nunca alcançaria a fama escrevendo a coluna “Acontece" do North Kitsap Herald, mas, aos vinte e três anos, estava cheia de dividas do credito estudantil e não tinha nenhuma perspectiva de conseguir um trabalho melhor, pelo menos até a economia dar uma guinada. Quando isso ia acontecer, ninguém sabia. Moira estava agindo estrategicamente. Sabia que, se encontrasse um caso que servisse de trampolim para um trabalho de verdade no mundo do jornalismo, conseguiria construir a credibilidade que a colocaria no sofá do Today, ao lado de Matt Lauer. Mas isso se — e apenas se — aquela impertinente da Ann Curry não desse certo e fosse escorraçada do programa.

Ruiva, esbelta e de boa aparência, atributos que usava a seu favor, Moira se encontrava na frente da casa número 19 e organizava seus pensamentos antes de tocar a campainha. Apesar do frio congelante, ela abriu um pouco o zíper da jaqueta para mostrar o que Deus e um sutiã push-up da Victoria's Secret haviam lhe dado. Espiou através dos painéis de vidro que ladeavam a sólida porta. Deu um passo para trás e estampou um sorriso no rosto ao ouvir que alguém se aproximava.

Era Kevin Ryan, que usava um moletom cinza e uma velha camiseta com a estampa “Aceita um crime?”, a qual Valerie mais de uma vez tentara fazer desaparecer no fundo de uma sacola de roupas para caridade. Ele abriu a porta e sorriu.

"Um pequeno decote sempre funciona." Moira aprendera essa técnica tentando fazer que homens revelassem coisas que normalmente não revelariam. Funcionava em 87% das vezes. — Senhor Ryan? Sou do North Kitsap Herald. Sou uma grande fã do seu trabalho. Será que podemos conversar? Kevin a examinou e depois olhou bem em seus olhos. Já vira aquela suposta expressão de "grande fã" várias vezes. Ela era jovem, entusiasmada e, como a maioria dos repórteres que pediam uma entrevista, devia estar muito mais interessada em escrever um livro do que em ouvir suas histórias.

— Desculpe — disse ele, hesitando por alguns instantes — qual é o seu nome mesmo? — Moira Windsor — respondeu a garota com aquela confiança que sugeria que Kevin devia saber quem ela era. — Da "Acontece".

Ele nunca recusava uma chance de se promover, mas tinha uma regra básica: Nunca dar entrevistas sem que tivesse um livro para promover.

— Certo. Moira. Sinto muito, mas ninguém do Herald me avisou que você vinha. Não tenho nenhum livro para ser lançado.

— Sou uma grande fã do seu trabalho — repetiu ela.

— Você já disse isso — retrucou Kevin o mais educadamente possível.

Moira mexeu em sua bolsa e pegou um pequeno bloco de anotações, do tipo que os repórteres costumam usar.

— Na verdade — disse ela, abrindo-o — eu gostaria de conversar com você sobre Katelyn Berkley. Estou apurando, então tenha paciência... Ainda não tenho todas as informações sobre o caso. Meu editor me passou apenas os fatos principais. Agora me diga...

Valerie já havia alertado Kevin que uma repórter andava bisbilhotando por ali, e ele não gostou nada da maneira como aquela entrevista ou melhor, emboscada estava sendo conduzida até então.

— Por que você quer escrever sobre ela? É um assunto particular, uma tragédia familiar.

Moira ignorou o aviso embutido na resposta do homem.

— Eu sei. Foi um suicídio ou um acidente. Entendi.

— Claro que entendeu — disse ele, sentindo a adrenalina subir e dizendo a si mesmo para manter a calma, afinal poderia precisar daquela repórter algum dia, mas não naquele momento, não para falar sobre aquele assunto. — Pelo que sei, seu jornal não cobre tragédias pessoais.

Moira concordou.

— Mas essa é diferente.

Se ela estava decidida a insistir, Kevin lhe daria corda.

— Por quê? — perguntou ele a fim de testá-la.

— Acho que você sabe...

Ele sabia, mas negou com firmeza. — Não, não sei.

— Katelyn esteve no acidente na ponte do Canal Hood.

Kevin desviou os olhos por um momento, e sua atenção se deslocou daquela jovem impertinente a sua frente para suas filhas, que estavam na sala.

— Acho que sim — respondeu ele.

— E?

— Suas filhas também estavam... E agora elas são as únicas sobreviventes da tragédia.

Kevin trincou a mandíbula.

— Nós não falamos sobre o acidente.

— O jornal gostaria de poder fazer algum especial, sabe... Ligando a trágica morte de Katelyn ao aniversário de dez anos do acidente.

A morte de uma menina e um aniversário de dez anos de um acidente poderiam fazer que uma repórter em início de carreira estampasse seu texto na primeira página.

— Sinto muito, mas não posso e não vou ajudá-la.

— Eu poderia mencionar seu último livro...

— Obrigado, mas não. Eu te peço, faça um favor a você mesma e ao povo desta cidade: não leve isso adiante.

— Não posso, e você, mais do que ninguém, deveria entender, pois sempre esteve ao lado da verdade, certo? Kevin Ryan concordou, dessa vez sem sorrir.

— Por favor, vá embora, senhorita Windsor. Estamos meio sem paciência por aqui.

Ele fechou a porta com mais força do que um homem educado faria.

Não pôde evitar. O aniversário de dez anos do acidente estava cada vez mais perto, e, com ele, vinha uma torrente de dor e confusão.

Ninguém sabia o que o causara, nem por que apenas três meninas e um adulto tinham sobrevivido.

— Quem era? — perguntou Hayley após o pai se virar.

— Uma repórter.

— E por que ela estava falando sobre Katelyn?

— Quer escrever uma matéria, só isso.

— Ah... — disse ela.

Kevin começou a caminhar em direção a cozinha, mas as palavras de Hayley o detiveram como um laço de arame farpado.

— Quando vocês vão conversar com a gente sobre o acidente, pai?

Ele se virou, o coração batendo forte e o rosto corado.

— Nós já conversamos sobre isso.

— Mesmo, pai? Eu ainda tenho perguntas. — disse Hayley.

— Querida — começou ele, claramente sem a menor vontade de falar sobre aquilo com Hayley, Taylor ou qualquer outra pessoa — vamos deixar isso de lado, está bem?

— Deixar de lado até quando? — perguntou ela, o rosto revelando sua frustração. — Não vamos tocar nesse assunto até o fim da vida?

Kevin não respondeu à filha. Ele simplesmente ergueu as mãos, como se o gesto pudesse afastar aquela discussão. Pais do mundo todo achavam que podiam vencer uma discussão com uma adolescente. Idiotas.

— Sinto muito, querida — disse ele. — Mas agora não. Por favor, não insista.

Algumas vezes, o bem precisa de uma ajudinha para lidar com o mal. Taylor e Hayley sabiam que essa afirmação era mais verdadeira do que o azul de seus olhos ou do que o fato de sua cachorra, uma dachshund de pelo comprido chamada Hedda, ser uma ladra de camas de marca maior. No entanto, elas se perguntavam se as coisas sempre foram desse jeito no mundo exterior. Às vezes, parecia–lhes que, além das fronteiras de Port Gamble, as pessoas estavam envolvidas em tanto conflito, tanto ódio, tanta maldade — qualquer que seja a palavra que se use para descrever as coisas ruins que elas fazem umas às outras.

As gêmeas sempre foram muito próximas da maldade e do sistema de justiça criminal. Quando criança, sua mãe viveu em uma prisão gerenciada pelo pai dela e, agora, trabalhava como enfermeira psiquiátrica. Já o pai das garotas ganhava a vida escrevendo sobre assassinatos. Elas fatalmente aprenderam com ambos que existiam dois tipos de maldade: a acidental e a intencional.

As duas, mas especialmente Taylor, eram capazes de sentir pena do motorista bêbado que atropelou um grupo de adolescentes na entrada de

uma discoteca em Seattle. A maldade acidental algumas vezes pode ser perdoada. O motorista não matou ninguém de propósito. Além do mais, ele podia estar verdadeiramente arrependido.

No entanto, elas não sentiam qualquer compaixão das pessoas que faziam o mal intencionalmente. Suas almas são obscuras e sempre serão.

CAPÍTULO 8

Hayley Ryan sentiu certo pânico ao entrar na viela que ficava atrás das casas da Olympian Avenue. Sentiu nos ossos. Seu pai sempre disse a ela e à irmã que ouvissem os avisos do coração e da mente.

Existe um motivo para que os pelos da nossa nuca se ericem — disse ele certa vez, na sua melhor voz de narrador de Medical Detectives, uma oitava acima. — E um alerta para que tomemos cuidado. Confiem em seus sentidos.

Pelos eriçados em qualquer lugar é algo nojento, pai — disse Taylor. Kevin Ryan não deixou que elas desconversassem.

Talvez, mas os que sobrevivem a um serial killer são pessoas que deram ouvidos a seus medos e agiram. Salvar a própria vida nunca é algo nojento, Taylor.

Hayley sorriu. Um sorriso de canto de boca, do tipo que deixa transparecer uma resposta evidente. Ela e a irmã cresceram com um pai que ganhava a vida contando histórias sobre as piores coisas que as pessoas são capazes de fazer umas às outras. Sendo assim, ele nunca perdia a oportunidade de dar as filhas conselhos sobre como sobreviver as mais terríveis e assustadoras situações.

— Estão vendo aquele cara com paletó marrom? — perguntou ele as gêmeas enquanto faziam compras no Central Market, em Poulsbo. — Vamos imaginar que ele seja um serial killer e que tenha encurralado vocês duas neste estacionamento.

Valerie revirou os olhos e perguntou: — Por que todo mundo tem de ser um assassino em série?

— Porque eles são os melhores, certo, pai? — intrometeu-se Taylor.

— Certo. Os melhores — respondeu Kevin, concordando com a cabeça. — Os melhores em termos de venda de livro e, mais importante, os melhores em garantir que suas vítimas nunca fiquem vivas para contar a

história.

— E quanto ao cara de paletó marrom? — perguntou Hayley, ansiosa para continuar o jogo do pai. — O que tem ele?

Kevin recostou-se na porta do carro e se esforçou para manter o contato visual com as filhas enquanto uma criança brincava com os carrinhos de supermercado — ele sempre dizia que o contato visual e algo muito, muito importante.

— Digamos que ele se ofereça para ajudá-las a guardar as compras no carro e, assim que vocês abram o porta-malas, as empurre para dentro — falou calmamente.

— Essa é fácil — disse Taylor. — Devemos acertar os olhos dele com a chave do carro.

— Eu gritaria o mais alto possível — disse Hayley, certa de que sua resposta era a melhor, afinal de contas, elas provavelmente não teriam nenhuma chave à mão, já que eram adolescentes que não tinham carro nem carteira de motorista.

Valerie se impacientou, ansiosa para ir embora dali.

— O melhor seria fazer compras em outro lugar.

Kevin olhou para ela com uma das sobrancelhas erguida.

— Todas as respostas estão certas, exceto a da sua mãe. Mas vocês precisam se lembrar da coisa mais importante.

As meninas esperaram. O pai era ótimo em fazer suspense. Algumas vezes, suas frases terminavam de tal modo que a pausa incitava a curiosidade, uma espécie de suplica verbal para virar a página.

— Vocês têm apenas um segundo para salvar suas vidas — disse ele. — E isso antes que o homem de paletó marrom as empurre para dentro do porta-malas. Se a porta se fechar sobre vocês, podem se considerar mortas.

— Apenas uma em cada cem meninas sequestradas sobrevive após ser levada a um novo local — disse Hayley, lembrando-se de uma conversa familiar na mesa de jantar.

Exatamente — disse Kevin, satisfeito por ver que a lição criminal do dia havia sido bem entendida. — E eu não suporto nem pensar que uma de vocês duas esteja entre as outras noventa e nove.

O homem de paletó marrom que estava na mira das duas meninas tinha por volta de trinta e cinco anos, a pele cheia de sardas e cabelos ruivos. Ele sorriu comedidamente para elas enquanto empurrava o carrinho

de compras em direção a sua caminhonete. Sua aparência era estranha.

— Aposto que ele mora com a mãe — disse Hayley.

Taylor concordou com a cabeça, — Provavelmente.

Aquelas lições e várias outras voltaram à mente de Hayley quando ela retornava da casa de Beth, quatro dias após a morte de Katelyn.

Era inegável. A sensação. Os malditos pelos eriçados.

Alguém a observava, a seguia. Ela sentia aquela coisa estranha que obriga a pessoa a atravessar a rua.

Algumas garotas gostam de tal sensação e encontram algum romantismo bizarro no fato de estarem sendo seguidas. As gêmeas Ryan nunca agiam assim — nunca, muito menos depois que o pai teve uma seguidora, cujas fantasias doentias tiveram efeitos devastadores sobre a família. Passados anos, aquilo ainda era lembrado — silenciosamente, mas ainda assim lembrado.

Hayley não viu nada enquanto corria pela Olympian Avenue de volta para casa. Fora apenas uma sensação. Ela não ouvira nada de fato.

Podia ter sido o vento invernal ou um animal movendo-se entre as folhas quase congeladas.

O que quer que fosse, aquilo mordiscou sua consciência e provocou–lhe calafrios de medo.

Logo depois, o lampejo de um pensamento cortou sua mente. Era sobre Katelyn, Starla e Robert Pattinson.

Hayley ficou confusa. Robert Pattinson?

CAPÍTULO 9

O primeiro dia do ano na casa dos Ryan cheirava a café, suco de laranja e melaço. Valerie cortou um pedaço de brioche para fazer rabanada — uma mistura suculenta de ovos, creme, canela e noz— moscada.

Taylor adorava a maneira como a mãe preparava as torradas. Era de longe o melhor café da manhã que ela fazia. Hayley gostava mais de waffles, mas não conseguia resistir a uma torrada com melaço e pasta de amendoim.

Enquanto as torradas deslizavam no mar de manteiga da frigideira, Taylor notou que as xícaras de seus pais estavam quase vazias e reabasteceu-as com café.

Não consegui dormir ontem a noite — disse ela, pousando a jarra sobre a placa de aquecimento da cafeteira.

Valerie, que vigiava as torradas, se virou e disse: Eu sei, querida. Eu também acordei pensando na Katelyn.

Que tragédia — comentou Kevin enquanto lia a edição matinal do Kitsap Sun.

Um acidente como esse não deveria acontecer nunca — disse Valerie. –Francamente, o que Katelyn tinha na cabeça?

— Acidente? Quem disse que foi um acidente? — perguntou Taylor. Valerie colocou três torradas em um prato e passou-o a filha.

— Seu pai.

Kevin colocou o jornal de lado.

— Eu conversei com o coronel. Essa história vai terminar na gaveta das "tragédias", dos acidentes estranhos. O que não torna a situação menos difícil para os pais dela, claro.

Hayley, que estivera em silêncio até então, se pronunciou: — Você sabe se afastaram completamente a hipótese de suicídio, pai? Kevin contraiu os lábios e negou com a cabeça.

— Eles não acreditam nessa hipótese. Tudo é possível. Seu histórico de... — Ele fez uma pausa para tentar encontrar as palavras mais adequadas. — Seu histórico de problemas emocionais poderia ser um indicio de suicídio, mas as provas coletadas não apontam para isso.

Hayley pensou no que o pai acabara de dizer.

— Se eles não têm certeza de que foi suicídio e acham que foi um acidente bizarro, não há chances de que tenha sido um homicídio?

Kevin balançou a cabeça em desalento.

— Não sei, querida. Eu não acredito nisso. Talvez nunca saibamos o que aconteceu com Katelyn.

Hayley olhou nos olhos da irmã. Não foi preciso dizer nada. Uma sabia o que a outra estava pensando.

"Ah, vamos saber, sim. Ah, se vamos." Beth Lee já havia aceitado o fato de que nunca seria alta. Seus pais eram baixos. Ela sabia que sua diminuta presença física poderia ser motivo para ser excluída. Seu cabelo, por outro lado, era lindo escuro, grosso e reluzente. Apesar de ser a única asiática do colégio, Beth quase nunca chamava a atenção. Graças a insistência de Kim, sua mãe, ela usou longas marias-chiquinhas e laços que combinavam com o uniforme até a quarta série, quando não aguentou mais

e cortou uma delas.

Sua mãe a obrigou a ir à escola durante uma semana com aquele penteado assimétrico.

— Você não queria chamar a atenção? Pois agora vai — disse Kim Lee.

Após o desastroso corte de cabelo e a humilhação que sofreu por causa dele, Beth Lee nunca mais permitiu que sua mãe, ou qualquer outra pessoa, nem mesmo sua melhor amiga, lhe dissesse o que vestir ou como se arrumar. Não queria ser a filha obediente, a asiática cê-dê-efe ou uma mera cópia das meninas que povoam Port Gamble.

Hayley e Taylor Ryan eram suas melhores amigas — embora ela parecesse considerá-las uma única entidade. Hay-Tay, como Beth as chamava as vezes, eram as únicas na cidade que não tentavam transformá-la em uma pessoa que ela não era. Simplesmente a aceitavam. Se Beth queria ser vegetariana por um mês, tudo bem. Se queria ser gótica e passear pela cidade com uma coleira no pescoço, as gêmeas não ligavam.

Nos últimos tempos, Beth só comprava na Forever 21, no Kitsap Mall, em Silverdale — e comprava uma roupa atrás da outra. Não havia um vestido ou uma saia cheia de zíperes inúteis que ela não considerasse a sua cara.

A única outra mulher de Port Gamble que fazia compras regularmente na Forever 21 era a mãe de Starla Larsen, sobre quem as pessoas costumavam fofocar dizendo que nunca havia visto um zíper que não quisesse abrir.

Beth sempre chamava a atenção para esse fato.

— Eu vi a senhora Larsen na Forever 21.

— Ela estava comprando algo para Starla? — perguntou Hayley enquanto as duas estavam sentadas na cama e esperavam Taylor voltar com um lanche para que pudessem comer, conversar e aproveitar os últimos dias antes das aulas.

— Não, estava fazendo compras para ela mesma — respondeu Beth. — Como sempre. Acho que ela usa roupa de sair para trabalhar.

Taylor entrou no quarto com duas Cocas Zero e um Pringles.

— Quem usa roupa de sair para trabalhar? — perguntou.

— A mãe da Starla.

— Você falou com ela?

Beth ficou calada por um momento.

— Não. Fingi que não a vi, mas ela me cumprimentou na fila do caixa.

— E falou alguma coisa sobre Katelyn? — perguntou Hayley.

— Disse que já imaginava que isso poderia acontecer. Disse que Katelyn era uma menina triste, ou algo assim. Eu não prestei muita atenção.

Taylor pareceu chateada.

— Já imaginava que isso poderia acontecer?

Beth deu de ombros.

— Eu não dei corda. Queria sair dali. Fiquei com medo de ela me amarrar e me obrigar a cortar o cabelo.

— Se ela realmente percebeu algo estranho, se notou que alguma coisa poderia acontecer, deveria ter tornado uma providencia — disse Hayley.

— Também acho. Mas será que a gente pode falar de outra coisa? Essa história da Katelyn já está ficando chata.

Taylor olhou para Hayley, seus olhos soltavam faíscas. Nenhuma das duas sabia dizer por que Beth Lee era sua melhor amiga.

Mas era.

CAPÍTULO 10

Antes de ir para o hospital, Valerie Ryan fez biscoitos — frescos, sem reaproveitar as sobras do Natal que haviam passado de travessas a pratos menores a medida que foram sendo consumidas. Ela os colocou em um Tupperware para que as meninas os levassem à casa dos Berkley. Não havia embrulho nem fita. Não era um presente; era apenas um gesto carinhoso para com uma família que morava na mesma rua e que sofrera o mais cruel dos golpes justamente na época do ano que deveria ser sinônimo de alegria e união. Valerie observou uma fila de carros descer a estrada e procurar lugar para estacionar. Enquanto isso, Harper e Sandra se reuniam em luto com familiares e amigos próximos.

As meninas tinham planejado estar presentes no funeral de Katelyn, marcado mais para o fim da semana, mas os biscoitos preparados pela mãe precisavam ser entregues logo.

Vestindo casacos North Face, Taylor e Hayley saíram pela porta dos fundos, tomando o caminho mais curto até a casa dos Berkley. Taylor usava o cachecol feito a mão que ganhara da tia Jolene, uma faixa sem graça de tecido que clamava por uma cor que não lembrasse o que Taylor chamou de "uma paleta com diferentes tons de vômito". Fazia um frio de congelar os ossos, e uma brisa úmida ainda soprava da baia, cobrindo os arbustos com uma fina camada de gelo. O homem do tempo falara algo sobre a aproximação de uma tempestade de neve, mas, como ele raramente acertava alguma coisa, ninguém se preparou para ela.

As meninas notaram que a camélia de cem anos da Sra. James estava completamente coberta de gelo.

— Ela vai ficar muito chateada quando voltar da Florida e ver que ninguém protegeu a camélia — disse Taylor. — Ela é louca por esse arbusto idiota.

Hayley examinou a planta em forma de esmeralda.

— Eu o acho bonito.

— Você acha tudo bonito, Hay.

— Nem tudo — disse Hayley, apontando para o cachecol. — Mas é verdade, há muitas coisas que podem ser bonitas. Basta olhá-las do jeito certo para enxergar sua beleza.

— A senhora James não é dona desse arbusto. Nesta cidade de inquilinos, ninguém é dono de nada.

— Isso valeria para qualquer coisa, Taylor. Não importa se você mora em uma casa alugada em Port Gamble ou em uma casa própria em Seattle: no fim das contas, está apenas de passagem.

Taylor mudou de assunto.

— Que bobagem. Por que levar biscoitos a casa da nossa amiga morta? Não tem sentido.

— E... Mas a mamãe pediu, e estamos levando.

— Simplesmente porque ela achou que seria uma boa ideia... Nós também temos boas ideias.

— Acho que essa é a questão. Não estaríamos indo a casa dos Berkley se a mamãe não tivesse assado biscoitos.

— É — Taylor foi obrigada a concordar.

Sandra Berkley abriu a porta e deu de cara com as gêmeas. Fazia um bom tempo que elas não viam a senhora Berkley fora do restaurante da família, o Timberline, um local que servia café da manhã e hambúrgueres de boa qualidade e no qual havia a seguinte placa:

Crianças desacompanhadas ganharão um café expresso e um bichinho de estimação.

Elas não se lembravam da última vez que tinham visitado aquela casa. Talvez no ginásio. Era como se Katelyn tivesse se tornado invisível depois que elas se afastaram. Durante quase toda a escola primária, as três pertenceram ao mesmo círculo de alegres meninas que ocupavam a primeira fileira da aula da Sra. Paulson. Sandra Berkley a líder das Girl Scout Daisies. Ela era muito diferente naquela época, mais bonita, mais serena. Observando-a, assim como às outras mães de Port Gamble, Hayley e Taylor — e todas as garotas da cidade aprenderam que com a beleza vinha o poder. Mas isso foi antes das princesas da Disney, que conseguiam tudo o que queriam sem ter que dar duro.

No entanto, dar duro tem suas recompensas, e os Ryan sabiam disso por experiência própria.

Já a Sra. Berkley deixou que seus pontos fortes desaparecessem depois do acidente. Na cidade, as pessoas costumavam dizer que ela era uma beberrona, e Sandra não se esforçava para negar esse boato.

Quando abriu a porta, a Sra. Berkley ficou muda par um instante. Seus cabelos eram como um polvo negro, sua maquiagem a fazia parecer um guaxinim, e seus pés de galinha marcavam o rosto fendido. Ela era o resultado da junção de partes de animais, como um mutante fruto de uma experiência malsucedida.

Hayley e Taylor, tremendo de frio, estenderam–lhe os biscoitos.

— Entrem — disse Sandra, exalando forte cheiro de álcool. Hayley olhou para Taylor, depois novamente para a Sra. Berkley.

— Não queremos atrapalhar — disse ela, estendendo mais uma vez o pote com os biscoitos.

A Sra. Berkley pegou o Tupperware e sorriu vagamente.

Era um sorriso triste? Melancólico? Uma reação a gentileza de Valerie Ryan? — Eu estava esperando que algumas de suas amigas aparecessem. Os amigos eram muito importantes para Katelyn.

As meninas entraram na casa e, antes que pudessem dizer que não viam Katelyn com muita frequência nos últimos tempos, viram— se meio de uma multidão de parentes e amigos, que estavam ali apoiar a família naquele momento tão duro.

— Essas são duas das melhores amigas de Katelyn — disse Sandra a uma senhora de lábios finos e pescoço enrugado, a qual as imaginaram ser Nancy, a avó de Katelyn.

— Hayley? — Perguntou Sandra, apontando para uma das gêmeas. — E Taylor, certo? Errado, mas tudo bem.

Afinal de contas, de uma hora para outra elas haviam se transformado em "melhores amigas" de uma menina que já não conheciam direito.

— Elas trouxeram biscoitos — disse Sandra.

— Mas isso não e uma festa — disse a senhora.

Hayley não soube o que responder. Apesar de ter concordado em levá-los, ela tinha achado mesmo que a ideia dos biscoitos era uma porcaria.

— A minha mãe fez — disse Taylor. — Katelyn adorava esses biscoitos quando ia a nossa casa. Sempre comia pelo menos dois.

Boa saída. Ela era assim, pensava rápido. E, se a Sra. Berkley acreditava mesmo que ela e a irmã eram grandes amigas de Katelyn, Taylor entraria no jogo.

— Katelyn nunca sabia a hora de parar. Se não estivesse sempre

comendo, ela poderia ter se tornado uma líder de torcida — disse a avó.

— Já chega, mãe — disse Sandra, lançando um olhar incisivo na direção da senhora, que parecia mais interessada em resmungar do que em lamentar a morte da neta.

Sim, Katelyn engordara um pouco. De fato, ela estava a poucos biscoitos de ter que começar a usar calças para grávidas.

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse Taylor.

— Condolências não adiantam muita coisa — falou a avó.

Hayley não mordeu a isca. Em vez disso, sorriu para a senhora, pegou a irmã pelo braço e murmurou algo sobre falar como Sr. Berkley.

Ela carregou a irmã até a sala de estar, onde a maior parte dos donos dos carros com placas de outros estados conversava em voz baixa, angustiada. As cadeiras haviam sido afastadas da grande mesa de jantar e encostadas na parede, para que todos pudessem se sentar. A mesa estava repleta de pretzels, salgadinhos e enroladinhos, que, Hayley logo notou, tinham sido comprados na Costco.

"Na Costco? Nossa, isso é deprimente", pensou Hayley. Se morresse, ela gostaria que os pais oferecessem, no mínimo, sanduíches do Subway.

Harper Berkley estivera chorando, não havia dúvida. Ele era um homem alto e careca e tinha sobrancelhas que precisavam de uma boa aparada. Seus olhos estavam vermelhos, e sua presença, sempre formidável, estava diminuída. Ele parecia tão pequeno, tão triste. Uma mulher que as gêmeas não reconheceram afagava seu ombro.

— Sentimos muito pelo que aconteceu — disse Hayley.

— Estamos todos em choque — disse a mulher. — Sou a irmã de Harper, Twyla, tia de Katelyn.

Gêmeas idênticas, as meninas eram uma anomalia genética, mas não idiotas. Elas sabiam que a irmã do pai de Katelyn só podia ser tia da garota. Mas não precisavam expressar isso naquele momento.

— Nós só viemos para entregar alguns biscoitos que nossa mãe fez.

— Katelyn os adorava — disse Taylor.

— É verdade, ela adorava as coisas que nossa mãe cozinhava — completou Hayley.

Harper agradeceu as meninas com um aceno de cabeça. Dizer qualquer coisa seria muito doloroso. Algumas vezes, uma única palavra e capaz de provocar um acesso de lágrimas.

— Obrigado por virem — ele finalmente conseguiu falar.

Taylor e Hayley permaneceram ali por alguns instantes, em um silêncio constrangedor, antes de caminharem em direção à porta. Em pensamento, as duas se indagaram como era possível que ninguém soubesse o que dizer em uma situação como aquela se a morte e algo inevitável. Era como se um dos principais momentos da vida — o momento final — fosse desprovido de conversa fiada. A morte e um período grande e pesado para muitas pessoas. Escuro e frio. Um vazio.

Perto da escada, Hayley sentiu uma cutucada.

— Temos que subir — disse Taylor, olhando para a estreita escada que levava ao quarto de Katelyn.

Hayley negou enfaticamente com a cabeça.

— Não, nós não vamos subir. Você não está assustada com isso tudo? Porque eu estou! — Com os sanduíches da Costco, você quer dizer? Ou com a morte de nossa suposta melhor amiga?

Taylor começou a subir as escadas, lançando um último olhar a irmã.

— Você é quem sabe. Pode subir comigo ou ficar conversando com eles — disse enquanto apontava para a sala. — Lembra do rebocador na água? Nós devemos "olhar". Já que estamos aqui, vamos olhar.

— Tudo bem, você venceu — disse Hayley, começando a subir os degraus de madeira sem carpete com cuidado para não fazer muito barulho.

Casas antigas como aquela são peritas em fazer barulho. As gêmeas ainda ouviram a avó de Katelyn reclamar de algo. Uma voz áspera e má cortando o ar como uma bala.

A porta do quarto de Katelyn estava entreaberta. Taylor notou uma marca triangular escura que indicava que um velho adesivo fora arrancado dali. Lembrou-se que certa vez ela, a irmã e Katelyn fizeram placas com seus nomes em uma loja de sinalização, em Daisies. A de Katelyn estampava uma mensagem–padrão pré— adolescente: QUARTO DA KATIE: MENINOS, FORA!

As coisas haviam mudado muito desde então.

Elas entraram, e Taylor fechou a porta.

— O que vamos fazer aqui? — perguntou Hayley.

Não sei muito bem — respondeu a irmã. — Por que você precisa de uma razão para tudo? Razão e algo que as pessoas buscam para dar sentido a coisas sem sentido.

Então, ta — disse Hayley com um leve sorriso. — Agora, isso não faz nenhum sentido.

Vai se catar — disse Taylor.

Os pôsteres e as cores do quarto de Katelyn tinham mudado muito desde a última vez que as gêmeas estiveram ali. Antes, as paredes eram brilhantes, a roupa de cama era púrpura, e havia fotos de cavalos e de baleias por todos os lados. Tudo isso desaparecera. As paredes tinham sido pintadas de preto ou de um cinza agourento — uma insurreição contra o branco imposto ao interior das casas históricas de Port Gamble. Os pôsteres de animais, substituídos por imagens de meninas tristes e desfalecidas e de meninos com cicatrizes e abdomens de tirar fôlego. Eles eram lindos, musculosos e provavelmente não tinham nenhum traço de inteligência em suas cabeças oxigenadas e desgrenhadas. Hayley e Taylor não tinham qualquer restrição à aparência daqueles, mas, como a maior parte das meninas do condado de Kitsap, nunca haviam visto um ao vivo.

Talvez já. Mas Colton James não era louro.

Sem falar nada, entraram no banheiro.

Taylor se ajoelhou ao lado da banheira. Era uma banheira vitoriana grande e velha, parecida com aquela que havia na casa dos Ryan; no entanto, diferente desta, não fora esmaltada. A de Katelyn era mais creme do que branca e possuía diversos pontinhos que a faziam parecer suja. Taylor imaginou a Sra. Berkley mandando a filha esfregar aquelas manchas com força.

— Será que ela imaginou mesmo essa cena?

Algumas vezes, Taylor não entendia de onde vinham certos pensamentos. Outras, tinha certeza absoluta de que eles vinham de alguma fonte exterior.

Hayley deixou a irmã sozinha. Ela fora atraída por uma pequena mesa que ficava ao lado da cama desfeita de Katelyn. Uma lâmpada com uma orca na base, uns marcadores pretos e dois pequenos porta-retratos com fotos chamaram sua atenção, mas ela não os tocou. Ainda que tivessem uma íntima conexão com a amiga morta, eles não eram convidativos. Seus dedos estavam quentes e úmidos. Hayley sentiu nó no estomago, um enjoo — não do tipo que faz querer vomitar, mas daquele que se sente imediatamente antes de ser acometido por uma gripe. Também sentiu tontura. Seu coração pulsava com força.

Não era a primeira vez que ela era atraída por um objeto. Nenhuma

das gêmeas sabia explicar a sensação ou as visões que se seguiam a atração. Elas não tinham controle sabre isso.

Foi o laptop de Katelyn que seduziu Hayley. Ela respirou fundo e tocou o teclado. Nada. Fechou os olhos e correu os dedos pela tela como se fosse uma cega lendo um texto em braile. Sentiu o coração se acelerar. Era uma sensação peculiar que tinha mais a ver com medo do que com entusiasmo.

Algo. Ela sentiu algo. Imaginou as convoluções de seu cérebro se fechando sobre algo.

Taylor encostou no ombro da irmã, e Hayley girou.

— Droga, Tay! Odeio quando você faz isso.

— Então fique de olhos abertos. Vamos sair daqui.

Hayley negou com a cabeça e tocou novamente o teclado.

— Estou quase lá. Preciso de mais alguns segundos. — Vamos! — ordenou Taylor.

Hayley empurrou a irmã. Ela não queria ir embora. Não agora.

— Não podemos sair ainda. Não estou pronta.

— Você não está entendendo, Hayley — disse Taylor, subindo o tom de voz para se fazer entender, mas não a ponto de chamar a atenção dos condoídos do andar de baixo. — Nós não somos bem-vindas aqui.

Hayley havia pensado a mesma coisa, especialmente em relação a avó de Katelyn, mas precisava de mais tempo.

— Foi aqui que Katelyn foi assassinada — disse ela.

Os olhos de Taylor se arregalaram.

— Assassinada?

— É o que estou sentindo. Tente você...

Taylor concordou. Enquanto ela se preparava para tocar o laptop, a porta do quarto se abriu.

As duas gritaram.

— Quem deixou vocês entrarem aqui?

Era a mãe de Katelyn, trôpega diante da porta.

— Sinto muito — disse Taylor, se afastando inconscientemente. — Nós só queríamos...

Hayley interrompeu a irmã.

— Só queríamos nos sentir próximas de Katelyn.

Sandra Berkley olhou para o laptop, que estava aberto e emitia uma luzinha, a qual denunciava que estava ligado.

— Vocês estavam tentando ler o diário de Katelyn? — perguntou Sandra com os olhos remelentos, e estava claro que não foram apenas alguns drinques que a haviam levado as lágrimas naquele dia.

Taylor abaixou a tela do laptop.

— Não. De jeito nenhum. Nós nem sequer sabíamos que ela tinha um diário.

Sandra se aproximou da janela e olhou para a casa dos Larsen. Seus olhos se demoraram ali antes que ela se virasse para encarar as meninas.

— Ah... — disse a mulher, que parecia estar procurando as palavras.

— Era uma bobagem. Pensamentos de uma menina tola, eu imagino. Nunca o li.

Que maneira estranha de se referir a própria filha morta: menina tola.

Hayley não se aguentou.

— Katelyn não era tão tola — disse ela. — Não, ela era uma menina triste. Acho que todos nós sabemos disso.

Uau. Taylor não acreditava no que a irmã havia dito. A tranquila e algumas vezes reservada Hayley não era de fazer aquilo.

— Nós estamos indo embora — disse Hayley, e as duas passaram voando pela mulher surpresa.

Elas desceram a escada correndo, sem se preocuparem com o barulho. Todos na sala olharam para elas, mas as meninas não disseram uma palavra a quem quer que fosse.

— Você acabou com ela — disse Taylor orgulhosamente, enquanto as duas saiam da casa.

Hayley não conteve um pequeno sorriso.

— Nós tínhamos que sair dali, certo?

Taylor fez que sim.

— Eu realmente não acredito que a morte de Katelyn tenha sido acidente. Há mais coisas por trás dessa história — disse Hayley.

Ela não precisava dizer nada. Taylor também não, mas disse: — Eu sei. Senti isso na noite em que ela morreu.

— Tay... — disse Hayley após olhar para a nuca nua da irmã. — Acho que você esqueceu o cachecol lá dentro.

Taylor sorriu.

— Até parece que esqueci. Essa será nossa desculpa para voltar.

Pode ser o cachecol mais feio de Port Gamble, mas nos permitirá entrar nessa casa de novo.

Enquanto seguiam pela viela, nem Taylor nem Hayley notaram que um par de olhos observava cada um de seus passos. Examinava— as. Na escuridão, indagava-se por que a relação das gêmeas com a família da menina morta fora reacendida.

CAPÍTULO 11

A Kingston High era uma dessas escolas construídas com toques arquitetônicos próprios da cidade. A menos de treze quilômetros de Port Gamble, Kingston era uma paisagem rural subdividida e pontilhada com fazendas de subsistência, que se espalhavam até a fronteira com Puget Sound. Para alcançar a entrada principal da escola, era preciso atravessar uma ponte construída sobre uma rasa ravina repleta de samambaias, cedros e taboas cor de bronze invernal.

Quando Hayley e Taylor se formaram na escola primaria, a Kingston High tinha apenas quatro anos de existência. As classes eram separadas em alas, complexos de salas e laboratórios, os quais eram conhecidos por suas cores dominantes. Tábuas de cedro revestiam os corredores, e caminhos verdes e marrons de concreto polido fluíam por todos os lados, como riachos. Pelas manhãs, a Treasure Trove, barraca de café que ficava ao lado da lojinha dos estudantes, fazia as vezes de Starbucks, lançando vapor de leite quente no ar a medida que carregava de cafeína um aluno após o outro. Mesmo aqueles que não precisavam de café entravam na fila — como Beth Lee, por exemplo, que nunca chegava à escola sem um Red Bull e um latte triplo da Gamble Bay Coffee. Ela sempre visitava a barraca de café comandada pelos alunos após o almoço, para tomar sua dose de estimulo vespertina.

Cada ala tinha sua própria sala dos professores, equipada com armários repletos de coisas que eles não queriam levar para casa. Alguns os enfeitavam com fotos dos filhos. Os alunos que as viam ficavam surpresos ao comprovar que alguns professores haviam encontrado alguém que quisesse ter um filho com eles.

— Você viu aquela foto? A criança parece ser completamente normal. Quase bonitinha — disse uma menina ruiva de macacão, que

percorria a escola entregando a última edição do Buccaneer Broadcast, o jornal da escola.

— É mesmo — concordou sua amiga, uma garota rechonchuda que usava meia-calça, shorts curtos e botas pretas de cano baixo que imitavam couro, além de maquiagem pesada ao redor dos olhos. — Mas seria melhor se ela não pudesse ter filhos. Para o bem da criança.

— Fato — disse a ruiva.

Os alunos se reuniam principalmente nos pátios que havia em todas as alas. Ao longo de uma parede, ficavam armários de todos os tamanhos — maiores para aqueles que praticavam lacrosse e carregavam aparelhos, tacos e materiais pesados, e menores para aqueles que não tinham nada para guardar, mas queriam um armaria para chamar de seu.

O primeiro dia de aula após as férias de inverno foi bem diferente do usual. A morte de Katelyn fez os orientadores da escola entrarem no modo luto. Foi uma mudança brusca em relação aos rotineiros "Acho que estou grávida" ou "A escola e uma droga, e eu quero largá-la" que normalmente se acumulavam após as férias. À volta as aulas marcadas pela morte de uma adolescente significou um monte de alunas aos prantos na sala dos orientadores. A maioria entremeava o choro com as mesmas palavras: — Estou tão mal com tudo isso. Não e justo. Ela tinha a minha idade.

Hayley, Taylor e Beth não exprimiam as mesmas preocupações das demais garotas. Elas estavam realmente mal com o que acontecera e sentiam que possuíam uma conexão verdadeira com a menina morta. Sua amizade com Katelyn podia ter se extinguido desde o primário, mas a dor da perda era terrível.

— Havia muita coisa nela que eu não gostava — disse Beth no pátio.

— Ela não tinha estilo. Não era exatamente divertida. Ainda assim, sei lá, poderia ter se transformado em uma pessoa legal se não tivesse morrido.

— Havia algo de triste nela — disse Hayley. — Eu acho que nós meio que a abandonamos no momento errado.

Taylor concordou com a irmã.

— Pois eu tenho certeza.

Beth fez uma careta e começou a revirar sua bolsa a procura do gloss. Já fazia cinco minutos que ela não retocava a maquiagem.

— Vocês são boazinhas demais. Ela não queria ser nossa amiga. Estava muito envolvida no papel de Katelyn no Show de Starla & Katelyn. Mas acho que esse programa só teve uma temporada, não é?

— Acho que teve umas quinze, na verdade — disse Taylor sem qualquer ironia.

Uma caloura que as três mal conheciam se aproximou.

— Sinto muito pela amiga de vocês.

Já como gloss retocado, Beth respondeu: — Nós estamos arrasadas. Não conseguimos nem conversar sobre isso.

— Cuidem-se — disse a menina. — Sinto muito.

Beth olhou para Hayley e Taylor.

— Eu pareci arrasada? — perguntou ela. — Só um pouquinho?

— Um pouquinho— respondeu Taylor, e as três seguiram para a sala de aula.

Mais tarde, naquela mesma manhã, a Treasure Trove pendurou um cartaz pedindo doações a família de Katelyn. A diretora da escola, uma mulher baixinha que usava um perigoso salto agulha, disse gentilmente ao pessoal do café que aquela não era uma boa ideia.

— Mas queremos ajudar de alguma forma — respondeu o menino que fazia espuma de leite.

— É... — concordou a menina que tirava o expresso. — Ela era totalmente orgânica, só bebia leite de soja. Isso merece respeito.

— Sim, mas a forma como ela morreu... — disse a diretora, escolhendo as palavras com cuidado. —A morte de Katelyn se deu porque... por conta de uma ... — ela falou enquanto olhava para a grande cafeteira italiana.

— Ah... — disse o garoto. — Entendi.

Mas a menina do expresso não.

— O quê?

— A morte de Katelyn foi causada por uma máquina de expresso —disse a diretora. — Ela foi eletrocutada na banheira.

Finalmente, uma expressão de entendimento tomou conta do rosto da aluna. Uma luz se acendeu. A garota entendeu.

— Sim... — disse ela, rapidamente arrancando o cartaz. — Você tem razão, nós não devemos coletar dinheiro.

A diretora acenou para os dois e se afastou no corredor reluzente em direção a sua sala, que ficava na parte frontal da escola. Um pequeno

grupo de meninas, algumas das quais nem conheciam Katelyn, mas se sentiam tocadas pelo drama da menina morta, se formou.

Taylor Ryan era uma delas e queria conversar com um orientador. Ela compreendia que a morte de Katelyn era uma tragédia e que nada a traria de volta, mas a dor que sentia era pungente, como se uma faca estivesse fincada em seu coração.

Queria contar a alguém que era capaz de sentir a forte presença de Katelyn ao seu redor. Ela sentia que o que quer que havia acontecido naquela banheira, de alguma forma, tinha o dedo de outra pessoa.

Mas não queria que sua irmã ou Beth a vissem ali.

Naquela tarde, Hayley e Taylor diminuíram o passo ao chegarem perto do armário de Katelyn. Algumas líderes de torcida estavam reunidas por ali e conversavam sobre o que tinham feito nas férias. Tiffany, uma garota mais velha, estava bronzeada e se gabava de sua viagem ao Havaí e do lindo biquíni que comprara em Maui. Quando as gêmeas se aproximaram, ela sorriu.

— Ela era amiga de vocês duas. Sinto muito.

— Sim, era nossa amiga. Nós já não éramos tão próximas, mas obrigada —disse Hayley.

O grupo das líderes de torcida se afastou, e um memorial improvisado se revelou. Flores murchas de supermercado se espalhavam pelo piso cinza. Alguém imprimira a foto do perfil de Katelyn no Facebook e escrevera descanse em paz, Katie! ao lado.

O fato de haver um ponto de exclamação era estranho, mas provavelmente não significava que o autor desejava um descanso animado a Katelyn: a maior parte dos alunos da escola não sabia como usar corretamente os sinais de pontuação. Hayley ainda pensou que poderia ser pior:

LEGAL! KATIE FICARÁ PARA SEMPRE DE FÉRIAS! DIVIRTA-SE NO CÉU! VAI, GAROTA (MORTA)!

Seus pensamentos foram interrompidos quando o zum–zum–zum das outras meninas cessou de repente. Starla Larsen, que vestia jeans preto e suéter da mesma cor, uniu-se ao grupo em frente ao armário de Katelyn.

— Sinto muito — disse Taylor, resistindo ao ímpeto de abraçar Starla, o que não parecia ser uma atitude apropriada naquele momento.

— Nós duas sentimos muito— falou Hayley, que também não abraçou a garotas.

Pela primeira vez em muito tempo, Starla tinha uma aparência terrível. Mas o terrível dela era o muito bom de várias meninas. Mesmo assim, ela chamava bastante atenção. Sua pele estava pálida — na verdade, muito pálida, especialmente em contraste com a superbronzeada Tiff.

— Foi um grande choque —disse Starla, fungando, ainda que não parecesse precisar de um lenço de papel; apesar de seus olhos estarem envoltos por olheiras, era evidente que ela não tinha chorado muito. —Já não éramos tão unidas, mas eu a amava. Muito.

Tiff Bronzeada passou os braços ao redor dos ombros de Starla.

— Vamos a um lugar onde possamos conversar e chorar. Quero mostrar as fotos da minha viagem a Baby Girl.

— Obrigada, Hayley, Taylor — disse Starla antes de desaparecer no corredor.

Hayley olhou para a irmã.

— Eu estou louca, por acaso? Starla abandonou Katie. Não falava com ela há meses e agora diz que a amava?

— Culpa, talvez? — sugeriu Taylor.

Hayley refletiu por um momento.

— Ela parecia cansada. Mas triste? Não muito.

— Ela não parecia nada triste —falou Hayley. — Não parecia nem mesmo chateada. E que história e essa de "Baby Girl"?

— Coisa de líder de torcida — respondeu Taylor, fingindo colocar o dedo na garganta, sinal universal para vomito. —Muito pior do que as coisas de gêmeas que nós inventávamos quando éramos pequenas.

Hayley sorriu, e as duas se juntaram a massa de meninos encharcados de Axe e de meninas carregadas de maquiagem que se movia como um organismo vivo em direção as salas de aula.

— Por favor, me lembre de nunca mais participar das reuniões das líderes de torcida — disse Hayley.

— Pode deixar — falou Taylor, entrando na aula de ciências enquanto a irmã seguia para a de inglês As duas pensavam a mesma coisa: o que estava acontecendo com Starla? O céu já estava escuro, e Taylor descia a escada atrás da irmã. Hayley passara correndo em casa para buscar um livro.

— Vai sair com Colton de novo? — perguntou Taylor.

Seu tom era inconfundível. A inflexão da última palavra transformava a pergunta em um afiado julgamento.

Hayley olhou para a irmã. Ela não estava sorrindo. N a verdade, não conseguia esconder sua raiva. No primeiro dia de aula, Hayley Passara todos os minutos entre uma aula e outra com o namorado. E Taylor aproveitara todas as oportunidades que teve para reclamar. Suas perguntas incessantes sobre Colton já haviam se tornado mais do que irritantes. Eram piores do que uma picada de pernilongo que não para de coçar.

— O que deu em você, Taylor?

Finalmente, mais uma chance de ser direta, e Taylor a aproveitou.

— Talvez o fato de você não fazer outra coisa além de sair com ele. E Katelyn? E a mensagem que nós vimos? Nós ainda nem sabemos o que ela queria dizer. E outra, o que vocês fazem o tempo todo?

Hayley claramente não gostou do que ouviu.

— O que isso quer dizer? Se você está me acusando de alguma coisa, prefiro que fale na minha cara.

— Você sabe — disse Taylor.

— Eu e Colton estamos saindo, só isso.

— Sou sua irmã gêmea. Não minta para mim. Guarde suas mentiras para quem não tá nem ai.

Taylor estava tentando esconder o ciúme. Hayley percebeu.

— Olhe, há muita coisa por trás dessa história que nós não sabemos. Nós duas devemos ficar juntas para entender tudo. Enquanto isso, eu gostaria que você deixasse esse papo de Colton pra lá.

Dito isso, ela girou a maçaneta da porta e foi embora.

CAPÍTULO 12

Ciúme, irritação, qualquer sentimento reverberava com violência entre Hayley e Taylor. Talvez porque dividiram o mesmo óvulo, ou mesmo por terem passado tanto tempo juntas desde a barriga da mãe. Fato é que as meninas compartilhavam e viviam emoções intensas ao mesmo tempo. Era uma espécie de sentido gemelar; uma telegrafava a energia da outra através do ar, como vibrações sonoras.

Será que todo mundo sente isso? Será que todo mundo compreende essa transferência de emoções? Claro que não.

A habilidade de Hayley de capturar sentimentos e imagens se dava de maneira diferente da irmã. Menos de um minuto mais velha, Taylor era capaz de imergir em água e infundir suas ondas cerebrais nos pensamentos passados de outras pessoas. Já Hayley era mais tátil. Normalmente, as transmissões se davam através de seus dedos. Era como se ela fosse capaz de tocar um objeto ou uma pessoa— morta ou viva— e capturar um instante do mundo real.

Ela encostara no laptop de Katelyn, e uma troca ocorrera.

Dois dias depois do início das aulas, Hayley se sentou à mesa da cozinha; os pais haviam saído, e a irmã lia a última edição da US Weekly no andar de cima. Tomou um copo de água, pois a água sempre a ajudava no processo. Depois, fechou os olhos e tentou reviver as imagens que passaram rapidamente pela sua cabeça no quarto de Katelyn. Precisava vê-las em câmera lenta para compreende-las. Esperou. Fez o que ela e a irmã chamavam de

"esperar e focar".

Pouco depois, as imagens surgiram. Havia um computador. Hayley viu que alguém digitava e enviava mensagens para o laptop prateado de Katelyn. Ela observou os dedos deslizarem pelo teclado fluidamente. Eles praticamente não hesitavam — o autor das mensagens sabia exatamente o que dizer.

Cullant: Ñ sou um psicopata, + tenho obs vc, Katelyn.

Hayley assistiu a conversa.

Katiebug: Assim vc parece 1 pervertido.

Cullant: Ñ! Ñ msm! Mas parece coisa de tarado mesmo observar 1 pessoa. lol. Se vc ñ fosse tão gata, eu t convidaria p/ sair.

Katiebug: Vc e louco ou o q?

Hayley pegou mais água na torneira e deixou que um gole descesse pela garganta.

Cullant: Ñ. Sou apenas 1 cara que ñ quer levar fora da garota + linda da cidade. E essa garota e VC, Katelyn. vc e a garota mais linda, juro.

Hayley sentiu que Katelyn sabia que devia interromper aquela conversa e denunciar o cara a alguém. Mas ela não sabia quem mandava na internet. E tampouco parecia haver uma policia digital. Todos os dias sua caixa de entrada ficava lotada de anúncios de Viagra (nojento!), de cremes para aumentar os seios (não!) e ofertas de nigerianos interessados em dividir suas fortunas (o que era tentador, mas não, obrigada). Hayley ficou

irritada com aquela digressão, mas concordou com os pensamentos de Katelyn. Ela esperou e focou aquilo que buscava, e aquilo que ela buscava apareceu.

Em vez de chamar alguém ou cortar para sempre o papo com o cara, Katelyn, que se sentia mais sozinha do que nunca, respondeu a ele.

Katiebug: Obrigada, eu acho. Mas n sei nada d vc. Vc n e 1 espécie de Fantasma da Opera, né?

Cullant: Ñ gosto de opera. É um saco.

Katelyn balançou a cabeça.

Katiebug: lol. To falando do musical sobre 1 louco c/ a cara queimada q se apaixona por 1 mulher mas n permite q ela veja a sua terrível cara de bunda.

Cullant: Dizem q eu tenho uma (_(_) bonita

Katelyn sorriu. O menino que estava dando em cima dela era engraçado. Um pouco ignorante, talvez, mas engraçado. Os garotos de Kensington eram de dois tipos:ou completes vagabundos ou idiotas que mediam seus músculos no reflexo do armário de troféus. Nenhum deles entendia que conversar com uma menina era mais atraente do que uma garrafa de vodca, um cobertor e uma rapidinha na praia.

Muito, muito mais atraente.

Cullant: quero t encontrar.

Katiebug: N sei se estou pronta. Encontrar vc pessoalmente talvez seja d+ p/ mim.

Demais para ela? Ela podia aguentar muita coisa. Bem, se alguém lhe desse algo para morder ou segurar. Seja lá o que for.

No exato memento em que Katelyn começou a digitar, sua mãe entrou no quarto. Sandra Berkeley estava bebendo desde as cinco da tarde, e os efeitos do álcool já eram evidentes. Ela passara a beber vodca no começo daquele ano porque, supôs, que a bebida não tem cheiro. Claro que não tem o mesmo cheiro doce que sai da boca de alguém que bebe uísque, mas carrega aquele odor que a Katelyn lembrava Listerine. Sem o frescor da menta, claro.

— O que você quer? —perguntou Katelyn, lançando um olhar recriminador à intrometida, bêbada e sempre tão previsível mãe.

— Isso não e maneira de falar com sua mãe, Katelyn.

— Desde os meus sete anos que você não age como minha mãe — respondeu Katelyn de trás de seu laptop, virando-o para que a mãe não

pudesse enxergar a tela.

Sandra afastou o cabelo escuro da testa com um gesto dramático que pretendia demonstrar impaciência e tolerância ao mesmo tempo.

— Você sempre precisa agir assim? — perguntou, sentando-se ao pé da cama.

Katelyn fechou a janela do bate-papo — a visão da mãe poderia ser menos embaçada do que ela imaginava.

— Acho que sim. Acho que preciso. Cadê o papai? Você não deveria estar lá embaixo brigando com ele? Sandra passou os braços ao redor dos próprios ombros, em uma tentativa de mostrar que estava com frio ou um pouco vulnerável.

Mas Katelyn sabia que, na verdade, a mãe estava apenas tentando se manter em pé: ela exagerara na bebida. Como sempre.

— O que você está fazendo na internet? — perguntou Sandra, aproximando a mão do laptop, que Katelyn afastou.

— Trabalho do colégio. O que você acha? — Não seja respondona.

Katelyn suspirou alto. Era uma reação exagerada, mas, com a mãe bebendo tanto, as emoções as vezes precisavam ser desenhadas com traços muito, muito grosseiros. Era a única forma de fazer que alguma coisa, qualquer coisa, atingisse Sandra em seu estado de torpor causado pelo álcool.

— Não estou sendo respondona — disse Katelyn. — Só estou cansada, mãe. Cansada de você não confiar em mim.

A imagem perdeu força, e Hayley lutou para continuar "vendo" aquela cena.

De repente, Sandra reapareceu. Desta vez, vestia jeans e suéter, e estava com o cabelo preso. Ela estava nervosa e se levantou para ir embora.

— Eu nunca mais confiarei em você depois do que fez no outono passado.

Ela se virou, encarou a filha e saiu do quarto.

Katelyn ficou sentada, rangendo os dentes de raiva.

Outono passado... Ela sempre jogaria aquilo na cara da filha.

Taylor entrou na cozinha para pegar um lanche pós-passeio-com-Beth.

Um pedaço de pizza havaiana fria seria perfeito. E, como era a única na casa que comia pizza amanhecida, sempre havia sobras para ela. Olhou para a irmã e para o copo de água vazio.

— Esperar e focar? — perguntou em um tom mais baixo do que o necessário, afinal estavam sozinhas em casa. — E ai, viu alguma coisa?

Hayley ergueu os olhos e fez que sim com a cabeça.

— Sim, mas não sei muito bem o que significa, nem se tem a ver com a morte de Katelyn.

Taylor pegou uma fatia de pizza na geladeira e um pedaço grande de papel toalha e se sentou de frente para a irmã.

— O que você viu?

Hayley respirou fundo e soltou o ar. Estava devastada depois de "presenciar" a troca de mensagens de Katelyn.

— Ela conheceu um cara na internet — disse Hayley. —Você sabia?

Taylor mordeu um pedaço de abacaxi e negou com a cabeça.

— Quem?

— Não tenho a menor ideia. Mas me pareceu algo meio intenso, pessoal.

— Pessoal?

— Katelyn parecia muito interessada nele. Ela estava feliz de verdade. Era como se aquele menino fosse a única coisa que alegrava seu coração. Mas não consegui ver tudo. A mãe dela interrompeu a conversa.

Taylor concordou. — A mãe dela é a pior.

— A mãe da mãe é que é — disse Hayley após se lembrar da visita à casa da família de Katelyn.

Hayley fechou os olhos e tentou se lembrar da última parte da cena.

Taylor se impacientou, algo que ela fazia muito bem.

— Espera! — falou Hayley.

Taylor notou que os olhos da irmã se moviam de um lado para o outro debaixo das pálpebras. Terminou de comer a pizza e se perguntou quando Hayley tinha começado a usar aquela horrorosa sombra cinza, mas não disse nada. Esperou.

Hayley abriu os olhos.

— Aconteceu alguma coisa no outono passado. Não sei o que, mas foi algo importante. A mãe de Katelyn disse que não confiava mais nela.

— O quê? O que ela fez?

— Não sei. Ela não disse. Só essa coisa do outono passado.

— Outono passado?

— É. Ela disse algo sobre o outono passado— repetiu Hayley.

— O que aconteceu? Onde ela esteve no outono passado?

— Não consigo pensar em nada. Nós não a víamos muito. Ela e Starla estavam sempre ensaiando as coreografias da torcida, lembra?

Taylor concordou. —Eu odiava aquilo. Odiava muito. A gente podia ouvir as duas pulando e gritando no jardim.

— Eu me lembro.

—Será que tem a ver com isso?

— Duvido, mas existe uma pessoa que talvez saiba.

Taylor lançou um olhar de cumplicidade à irmã.

Hayley estava falando de Starla Larsen — a garota de Port Gamble. Valeria a pena visitá-la. Teria que ser na sua casa, e não na escola.

Desde que assumira o pompom, Starla havia se tornado legal demais para conversar com suas velhas amigas das Girl Scout Daisies.

As gêmeas estavam em um patamar muito mais baixo na escala de popularidade.

À noite, o celular de Taylor vibrou. Era uma mensagem de Beth.

Beth: Vi o esquisito perto da casa de K.

Port Gamble não era uma cidade grande, mas estava cheia de pessoas esquisitas.

Taylor: Q esquisito?

Beth: O cara do segway.

Taylor: O q ele estava fazndo?

Beth: Sei lá. Andando d segway, como sempre. Ele me da arrepios.

Taylor: Meu pai já checou. E inofensivo.

Beth: Pervertido.

Taylor: N e pervertido.

Beth: E pq fica dando voltas por lá?

Taylor: Tvz imaginasse ser namorado da K.

Beth: Q nojo! Ele tem uns 50.

Estava mais para quarenta, mas Taylor deixou para lá. Uma das principais habilidades de Beth era exagerar o que quer que fosse. Taylor também achava o cara do Segway um pouco assustador. Sério, ficar dando voltas em um Segway naquela idade?

CAPÍTULO 13

Taylor Ryan encheu demais a velha banheira vitoriana, quase lançando uma onda de água por cima das bordas. Desde a infância, ela sempre quis que a água fosse tão funda quanto possível— funda o bastante para mergulhar e segurar a respiração. Um, dois, três. Seu tempo máximo debaixo d'água era de cento e setenta e sete segundos. O da irmã era parecido. Ela tinha quinze anos agora e não pretendia estabelecer um novo recorde. Hayley havia tentado saber mais sobre a morte de Katelyn, e Taylor queria mergulhar na mesma investigação. Literalmente.

O ar era frio. O vapor que saía da banheira colidia com o espelho. Taylor notou as marcas circulares que deixara na superfície de vidro da última vez que fora obrigada a limpar o banheiro. Tirou a roupa, dobrou seu jeans MEK favorito, a camiseta rosa clara e o suéter de lã cor de creme e empilhou-os sobre a tampa do vaso. Lentamente, colocou o pé na água quente da banheira. Seu cabelo, já não tão loiro quanto no verão, estava preso em um rabo de cavalo. Ao deslizar para afundar o corpo, sentiu a água massagear suas vértebras como se fossem dedos quentes.

O líquido bloqueou todos os seus sentidos. Nenhum som. Não havia ar em contato com seu rosto. Nenhuma visão. Somente a tranquilidade de um cobertor de água quente. Taylor se deixou levar. Passara o dia pensando em Katelyn, e, com a descoberta da irmã, elas estavam mais perto de saber o que havia acontecido. Naquela tarde, a água, a privação dos sentidos, a concentração forçada aguardavam resposta à pergunta que ela e Hayley se faziam repetidamente desde sua visita à casa dos Berkley.

O que aconteceu com Kateryn?



Assim como o fluxo de imagens que às vezes surgia para Hayley pelo tato, o que acontecia com Taylor sob a água não podia ser explicado — pelo menos não de maneira satisfatória. Não que as gêmeas tenham tentado achar as razões desse fenômeno ou como descobriram que podiam fazer isso. Elas não faziam ideia de sua origem. Simplesmente acontecia — da mesma forma aleatória que as coisas acontecem na natureza.

Por vontade própria.

Elas conversavam sobre isso pelo "interfone" do quarto, mas apenas ocasionalmente, e sempre com grande respeito — respeito que vinha do medo do que aquilo significava, do que estava acontecendo com ambas,

seja lá o que fosse.

Ou medo de onde aquilo vinha.

Algumas vezes, Taylor praticava imersões, mas com discrição, em segredo. Um dia, Valerie entrou no banheiro e se deparou com Taylor flutuando sob a superfície da banheira.

— Você está bem? O que está fazendo? — gritou.

As palavras atingiram a garota como um tiro certeiro de pânico; Taylor ficou tão assustada que quase sentiu vergonha por estar nua. Agora, ela se encontrava deitada, completamente imóvel, a tona da água. Deixou o corpo se afundar. Quieta. Focada. Ondas de sentimentos que, de alguma forma, se traduziam em imagens emergiram. Essas imagens nunca pertenciam as suas próprias lembranças. Eram memórias de outras pessoas. Às vezes, vinham em um fluxo constante. Moviam-se rapidamente. Tão rapidamente que ela sentia uma dor na nuca. Seu pescoço movia-se de um lado para o outro enquanto ela tentava entender o que eram aquelas imagens.

Outras vezes, eram estáticas, menos urgentes.

Cinco segundos de imersão.

Com os olhos fechados, Taylor sentiu lagrimas embaixo de suas pálpebras. À sua frente, viu uma caixa horizontal de luz branca. Do lado esquerdo, havia pequenas fileiras de preto.

Formigas em um envelope? Isso não fazia nenhum sentido.

Vinte segundos.

Ela girou a cabeça dentro da água e imaginou estar com os olhos abertos, encarando o bloco branco a sua frente. As formigas se mexeram Na verdade, elas se moviam sobre o campo branco, entrando e saindo de foco.

O que era aquilo?

Quarenta e cinco segundos.

Seus pulmões estavam começando a se cansar. Já fazia muito tempo que ela não segurava tanto a respiração.

"Não posso parar agora", pensou ela. "O que essas malditas formigas estão fazendo?" Em um ato reflexo, suas mãos flutuaram em direção a superfície para se agarrarem a borda da banheira.

Um minuto e quinze segundos.

Não eram formigas, mas letras.

"Certo", pensou ela. "O que elas querem dizer?" Seis palavras se formaram, e Taylor se agarrou a elas. As primeiras quatro eram fáceis, mas

ela não conseguia visualizar as duas últimas.

MURO FAVO RAÇA NUM

Três minutos sob a água.

Os pulmões de Taylor estavam a ponto de explodir. Ela se retesou mais do que nunca.

"Não vou desistir", pensou enquanto lutava contra o impulso de se levantar e respirar. "Katelyn está morta. Sua família esta arrasada. Ela não precisava morrer. Preciso entender a última parte da mensagem. Ela quer que eu saiba quais são as palavras! Me diga, Katelyn!".

As duas últimas romperam à sua frente.

AMOR FADO

Taylor voltou à superfície da água, os olhos arregalados com aquela expressão de medo que os salva–vidas conhecem tão bem. Ela não estava se afogando. Ainda assim, mais de três minutos sem respirar debaixo d'água era algo aterrorizador. Arfando, buscando por ar, Taylor se recostou na borda da banheira.

O que Katelyn estava querendo lhe dizer?

CAPÍTULO 14

Era possível decifrar as mensagens que Katelyn havia deixado. Presumindo-se, claro, que as palavras transmitidas por baixo d'água fossem realmente dela. Taylor sabia que aquelas seis palavras significavam outra coisa. Eram apenas uma pista para o caminho certo. Entendê-las era a parte difícil.

Desde que Hayley e Taylor receberam suas primeiras mensagens, passaram a utilizar cartões. Mesmo com uma caneta Sharpie seca, a caligrafia de Taylor era melhor, por isso ela se encarregava de escrever as palavras. Sempre que decifravam o verdadeiro significado de uma mensagem, as gêmeas destruíam os cartões, jogando-os na privada e dando descarga — sem ligar para a histórica regra do distrito que condenava o descarte de qualquer outro objeto além de papel higiênico e de "dejetos pessoais" no vaso.

— Isso é um dejeto pessoal, não é? — perguntou Taylor enquanto olhava para os cartões picados.

Hayley concordou com a cabeça.

— Claro, é pessoal... Embora a gente não saiba quem é a pessoa que nos transmitiu isso. E é dejeto, mas acho que poderíamos fazer algo mais ecológico.

— Oculto lógico, você quer dizer.

Hayley lançou um olhar irritado à irmã.

— Não tem nada a ver com oculto.

— Estou brincando — disse Taylor.

— Odeio quando você faz essas brincadeiras. Faz parecer que estamos lidando com algo horrendo.

— Talvez estejamos.

— Não, não estamos. A mensagem vem de algum lugar bom. Eu sinto isso. E você também deveria sentir.

— Não sou igual a você, Hayley.

O comentário foi engraçado, e as duas meninas riram.

Depois da conversa, elas usaram o tabuleiro de Scrabble, uma relíquia da infância da mãe, para mover e rearranjar as letras. Kevin e Valerie compartilhavam um amor profundo pelas palavras. Sempre que viam as meninas deitadas sobre o grosso tapete oriental da sala brincando de Scrabble, abriam um sorriso. Eles percebiam que as filhas jogavam uma versão diferente do jogo, mas, em uma época de videogames, de internet, não ousavam falar nada.

As chamas crepitavam na lareira, e o cheiro da gemada dos pais tomava conta da casa. Aquele era o último suspiro de alegria em um feriado de tristezas.

Hedda, a cadela da família, estava deitada entre as meninas e a lareira.

— Querem companhia, meninas? — perguntou Kevin, entrando na sala com uma caneca na mão.

— Não precisa, pai — respondeu Taylor. — Só estamos passando o tempo.

Kevin pareceu um pouco desapontado. Ele tinha de trabalhar em seu novo livro, e uma distração, ao que parecia, estava fora de cogitação.

— Tudo bem, vou reescrever a descoberta da cena do crime.

— Essa é sempre minha parte favorita dos seus livros, pai — disse Hayley.

Ele sorriu. Aquelas meninas viviam uma vida de crimes: desde que elas se entendiam por gente, as conversas à mesa do jantar giravam em

torno de análises de manchas de sangue, resíduos de pólvora ou cadeias de provas.

Valerie Ryan sempre tentou introduzir assuntos relacionados a pôneis, bonecas ou coisas bonitinhas, especialmente quando as meninas eram mais novas. E o fazia como mãe preocupada em proteger as filhas de coisas que machucavam, que apontavam para o lado mais sombrio da humanidade. Era fácil entender por que ela tentava fazer isso e por que não conseguia.

Valerie foi criada na ilha McNeil, sede da mais antiga penitenciária do estado de Washington. Seu pai, Chester Fitzpatrick, era o diretor da cadeia (embora mais tarde o governador tenha alterado seu título para "superintendente", na tentativa de dar um caráter mais clinico e institucional à prisão). Ela cresceu em um lugar que qualquer forasteiro consideraria solitário e desolado demais para uma criança. Para Valerie, era uma cidade, e os guardas, os funcionários e os prisioneiros, seus cidadãos. Ainda pequena, ela observava com os olhos arregalados a chegada dos prisioneiros na sexta–feira à tarde — presos uns aos outros, os homens desciam do barco–prisão e entravam no edifício branco que seu pai, sua mãe e sua irmã chamavam de lar. Valerie, o cabelo quase alvo de tão loiro — idêntico ao cabelo das filhas que um dia teria –, ficava completamente hipnotizada diante daquele rio de homens de rostos carrancudos, raivosos ou resignados e imaginava o que eles teriam feito e como.

Alguns a encaravam. Um ou outro olhar em sua direção fazia que ela virasse o rosto. Outros chegavam a fazê-la chorar. Não de medo, como imaginavam os seus pais. Era outra coisa. Que ela só descobriu muitos, muitos anos depois.

Valerie também enxergava belezas naquela instituição.

O arame farpado retorcido sabre as gigantes cercas se transformavam em tranças de enfeites no Natal. As barras das janelas que davam para o profundo azul do mar de Punget eram uma versão de aço da cama de gato. A jovem Valerie acreditava que nada poderia ser comparado ao esplendor do corredor que ia do enorme escritório do pai até a ala das celas. O brilhante linóleo cor de ouro tingido pelo tempo era a estrada de tijolos amarelos de Dorothy.

Um dia, ela sabia, aquela estrada a conduziria para longe dali.



— Vou subir para ler — disse Valerie, dando uma espiada no tabuleiro de Scrabble que Taylor e Hayley haviam montado na frente da lareira.

— O que você está lendo? — perguntou Hayley.

Valerie sorriu e mostrou o livro que estava levando para a cama.

— É sobre um misterioso assassinato. Existe outra coisa?

— Ultimamente, não — disse Taylor enquanto a mãe desaparecia no corredor.

Nada foi dito sobre o fato de as meninas terem preferido o Scrabble ao novo Xbox Kinect que haviam ganhado de presente de Natal. Não era preciso.

Valerie entendia as filhas de uma maneira que a maioria das mães não é capaz. Houve uma época em que ela foi exatamente igual a elas. Mesmo adulta, ainda conseguia acessar os sentimentos que carregava quando jovem. Não era apenas sua compaixão que fazia dela uma enfermeira psiquiátrica e uma mãe tão boa, embora sempre brincasse dizendo que as habilidades necessárias às duas funções eram intercambiáveis.

As gêmeas pegaram os pequeninos e lisos quadrados de madeira.

— Vamos espalhá-los— disse Taylor.

Hayley, que estava colando todas as peças com a face voltada para cima, concordou.

— Pronto. Por que você não lê em voz alta? — "Amor num muro" — disse Taylor. — Parece meio indecente.

Hayley gargalhou.

Taylor pegou as letras correspondentes e colocou-as à sua frente, examinando cada uma delas.

Separou o R.

— Você é a nova Vanna White — disse Hayley.

— Hein?

— Você sabe, a ajudante do Jeopardy.

— Você quer dizer Wheel of Fortune? — perguntou Taylor, movendo o O, o M, o A, O N e o O.

"Romano" — disse Hayley. –— Talvez Katelyn tenha antepassados

italianos. Há muitos imigrantes nos Estados Unidos.

Taylor olhou para a irmã e balançou a cabeça.

— Acho que não.

As próximas palavras, "fado" e "raça", chamaram a atenção das meninas.

Desta vez, foi Taylor quem as embaralhou. Logo surgiu um nome: Dara.

— Nunca ouvi falar dela... — disse Taylor.

— Eu também não conheço nenhuma Dara. Talvez seja uma veterana ou algo parecido. Se bem que eu acho que nós conhecemos todo mundo em Port Gamble e Kingston. Supostamente, essa é uma das vantagens de morar em uma cidade pequena.

Elas observaram as peças. Taylor moveu-as com cuidado e formou a palavra seguinte: "favo".

— Talvez tenha algo a ver com mel, com abelha...

— Você gosta quando as palavras não exigem muita interpretação, né?

— É mais fácil quando você não é obrigada a ler nas entrelinhas.

— Não. Essas palavras não estão na ordem certa — disse Taylor, rearranjando as peças. — Será que não eram essas as palavras?

— Talvez. Ou então isso não tem nada a ver com Katelyn.

— Não vou entrar na banheira de novo.

— Eu é que não vou. Não sou tão boa quanto você nisso.

Kevin desceu as escadas.

— Sobre o que vocês estão discutindo? Hayley, você conseguiu formar um termo esotérico ou científico que dá pontos triplos, é isso?

As meninas olharam para ele sem qualquer expressão no rosto, afinal nunca haviam jogado Scrabble segundo as regras convencionais.

— Mais ou menos, pai. Já vamos parar de jogar.

— Tudo bem. Talvez eu possa jogar da próxima vez. Vocês nunca me convidam.

Hayley sorriu enquanto guardava as peças na caixa.

— Claro, da próxima vez.

Elas apagaram as luzes, seguiram o pai pela escada crepitante e lhe deram boa–noite.

Pelo interfone particular, Taylor murmurou à irmã: — Há algo errado, Hayley.

— O que você quer dizer com "errado"? Estamos indo bem.

— Eu sinto que há algo errado.

— Bom, eu sinto cansaço. Vamos esperar e ver o que acontece.

Taylor sabia o que aquilo significava. Ambas sabiam. Esperariam até que algo surgisse para uma das duas. Algo que elas não podiam controlar, mas que reconheceriam sem a menor sombra de dúvida no momento em que aparecesse.

Era assim que as coisas funcionavam.

CAPÍTULO 15

Miranda Larsen, mais conhecida como Mindee, trabalhava como cabeleireira no salão Shear Elegance, que ficava no centro da cidade — ou o que mais se aproximava de um centro em Kingston –, a poucos quilômetros de Port Gamble.

Mindee foi a cabeleireira principal do salão por quatro anos, designação de poder e capacidade. E ela se culpava apenas em parte por ter sido relegada ao posto de segunda cabeleireira.

Finalmente caiu sua ficha de que a dona do salão, Nicola Cardamom, uma mulher de cabelos quase azuis de tão pretos, rancorosa e sem senso de humor, nunca a deixaria se tornar sócia do negócio, embora fosse o combinado. Quando Nicola a recrutou em um salão de Bremerton, promessas foram feitas.

— Uma mulher com seu talento deveria comandar um salão.

Mindee acreditou nela e pegou suas tesouras, suas máquinas e seus kits de coloração. A situação com o marido não era das melhores, e ela precisava de algo no qual pudesse se apegar.

Com o tempo, descobriu que promessas podem ser muito vazias. Foi posta de lado por muito tempo, e, se as coisas em casa não estivessem tão complicadas, teria pedido as contas. Cortar um cabelo após o outro, um dia depois do outro, para uma chefe mentirosa como Nicola era algo desesperador e desmoralizante. Ela se viu com raiva de todo mundo.

Mais de uma vez, Mindee propositalmente deixou que a ponta da sua afiada tesoura picasse a orelha de uma cliente.

— Você se mexeu! — dizia ela.

A cliente, cuja orelha sangrava, sabia que não havia se mexido e nunca mais voltaria.

No ano anterior, Mindee vira sua carteira de clientes diminuir. Foi então que Nicola a rebaixou para o posto de segunda cabeleireira, pegando o cargo principal para si.

Mindee se imaginou cravando a tesoura no abdômen lipoaspirado de Nicola, mas não o fez, claro. Em vez disso, continuou cortando e pitando cabelos e discretamente falando mal da patroa pelas suas costas.

— Não sei onde ela está— disse certa vez a uma antiga cliente, uma

carola de Poulsbo; era mentira, pois Mindee sabia que Nicola havia ido ao dentista. — Não me faça dizer o que eu acho que ela está fazendo...

Uma gota de veneno, apenas. Nada mais. Mindee nunca falava com todas as letras. Nem precisava. Ela conhecia o poder de uma sugestão, o impacto de uma insinuação bem colocada. A cliente frequentava Living Christ, uma mega igreja. Além disso, era uma fofoqueira incorrigível. Uma mulher com a língua maior do que a boca e com audiência fiel; uma verdadeira arma devastadora e muito útil.

A família Larsen — Mindee e seus dois filhos: Starla, de quinze anos, e Teagan, de treze — morava na casa número 21, vizinha dos Berkley. Os Larsen e os Berkley eram amigos há anos. Amigos íntimos e leais. Após o desaparecimento de Adam, seu marido, Mindee sempre contou com a ajuda de Harper Berkley nos trabalhos pesados. E, embora jamais tenha acontecido qualquer coisa entre os dois, havia boatos. Nas cidades pequenas, um simples murmúrio é o suficiente para gerar grandes desastres.

Starla e Katelyn sempre foram melhores amigas. As duas cresceram lado a lado, e ninguém tinha dúvida de que, quando uma delas se casasse, a outra seria sua madrinha.

Está aí algo que nunca aconteceria. Não mais.

Na manhã seguinte a inesperada morte de Katelyn, Starla se recusou a sair da cama. Estava tomada pela dor, pela culpa e até mesmo por um pouco de vergonha. Ela e Katelyn haviam tido uma discussão muitos meses antes, e tudo por causa do teste para líder de torcida da Kingston High School. As duas o fizeram quando calouras — Katelyn voltou a fazê-lo no ano seguinte — depois de ensaiarem as coreografias no quintal sem cerca dos fundos, que as duas famílias compartilhavam como se fosse seu parque particular.

A maioria dos habitantes de Port Gamble usava o jardim da frente. Se os Larsen e os Berkley também o fizessem, acabariam tendo de dar aos turistas intrometidos uma breve aula sobre a história da cidade, do moinho, da escola ou do que mais o interpelante quisesse saber. Embora não fosse uma Colonial Williamsburg da vida, com ferreiros de mentira, camareiras com velas de cera de abelha e os pedidos de "Digam xis!", era irritante morar em um museu vivo como Port Gamble. Os únicos habitantes que estavam livres do escrutínio incessante eram os cento e quinze moradores do cemitério Buena Vista. Eles estavam mortos, claro.

Starla era uma loira lindíssima. Não era uma beleza do tipo modelo,

estava mais para o tipo reality show. Quase todo mundo sabia que a mãe de Starla era cabeleireira e par isso deduzia que seu cabelo brilhante como ouro não era natural. Havia mais a ser cobiçado do que seu belo rosto. Na verdade, no mundo das adolescentes da Kingston High, um rosto bonito era tão importante quanto o par de seios que o acompanhava. É aí que os olhos dos garotos sempre pousam, e a maioria das garotas sabia disso.

Como uma mosca sobre uma torta de cereja.

Starla atingiu a puberdade mais cedo do que sua melhor amiga, e, quando elas entraram na Kingston High School, já estava claro que Katelyn nunca estaria à sua altura. Embora fosse bonita, não era mais do que uma sombra da beleza de Starla. Ninguém detinha o poder de Starla — um poder que ela exercia através do mero ato de respirar ou de ser. Quando não tinha tempo de ajustar uma calça jeans, por exemplo, simplesmente dobrava a bainha, e todas as meninas faziam o mesmo.

Quase todas. Katelyn resistia.

Quando Mindee cortou a franja da filha pela última vez — pela última vez mesmo —, as outras meninas a imitaram. Até as mais velhas consideravam Starla a garota. Ninguém sabia que carreira ela seguiria de Cantora? Atriz? America's Got Talent? Não era à toa que a chamavam de "Superstarla" — e ela permitia.

Todos acreditavam que ela seria a responsável por colocar Port Gamble no mapa.

Mais tarde, alguns achariam engraçado ter sido sua ex-melhor amiga, muito menos glamorosa, a pessoa a ter colocado a cidade em evidência. A forma como ela o fez não foi nada engraçada, no entanto.

Não muito longe de Port Gamble, Moira Windsor digitava a manchete de sua matéria no desgastado teclado do computador: A MORTE DE UMA SOBREVIVENTE

Era absolutamente perfeita. Sensível. Comovedora. Um pouco chocante. Tudo o que ela esperava que sua história fosse. Se conseguisse as entrevistas. Não estava pedindo muito. Precisava daquela matéria. Por que Kevin Ryan estava bancando o difícil? Moira leu a manchete mais uma vez. Adorava a ideia de tocar o coração do leitor — e oferecer–lhe uma matéria que só ela poderia escrever. Precisava conhecer a história daquelas meninas. A morte de Katelyn era apenas a porta de entrada para algo muito maior, um empurrão para uma narrativa tão fantástica que ela seria capaz de arrancar Ann Curry do sofá daquele programa com um dedo. Uma fonte lhe

disse algo que, se fosse confirmado, causaria uma reviravolta no caso de Katelyn. Apenas uma coisa a impedia de desvendar a verdade: aquelas malditas gêmeas. Mas o trabalho seria seu. Ela o merecia. Ela o queria. Muito. E Moira sempre conseguia o que queria. Sempre.

Discou o número de Kevin Ryan. Ele atendeu o telefone no segundo toque.

— Olá, senhor Ryan — disse ela. — Quem fala é Moira Windsor.

Seguiu-se um silêncio. Então, Kevin disse friamente: — Moira, achei que eu tivesse sido claro.

Moira tamborilou as unhas sabre a mesa da cozinha de sua tia, onde montara seu escritório. A tia estava fora da cidade.

— E foi, mas eu pensei que você talvez tivesse mudado de ideia. Eu realmente quero fazer um bom trabalho. O senhor já foi jovem. Sabe da importância de uma boa história. Sabe que uma boa história pode te alavancar.

Kevin hesitou; ele estava tentando formular uma resposta que a tirasse de seu encalço de uma vez por todas.

— Não quero que você escreva sobre algo tão pessoal e trágico — disse ele finalmente.

Resposta errada.

— Olha quem fala — respondeu Moira. — O senhor fez uma boa grana escrevendo sobre vítimas de crimes e seus parentes. E sempre com detalhes pessoais.

— Você quer me ganhar assim? Pois sugiro que você repense sua técnica, Moira.

— E sua esposa? Talvez eu possa conversar com ela.

— Talvez você possa sumir.

— Suas filhas? Elas têm quinze anos, são quase adultas. Já podem decidir se querem ou não falar — disse Moira.

— Fique longe delas — avisou Kevin em um tom mais alto do que o necessário. — Fique longe da minha família.

Moira revidou: — Isso me parece uma ameaça.

— Não é uma ameaça, apenas um pedido.

Kevin desligou. Pensou em quantas vezes fizera alguém se sentir exatamente como ele se sentia naquele momento: na defensiva, nervoso e preocupado.

CAPÍTULO 16

No outono passado, quando Starla foi chamada à diretoria durante a aula sobre a história do estado de Washington, não fazia ideia de que Katelyn Berkley, em vias de se tornar sua ex-melhor amiga, era a responsável pela bomba que cairia sobre sua cabeça.

Após ser confrontada pela diretora, o namorado de Starla, Cameron Corelli, levou-a de carro para casa. Assim que ele estacionou no meio–fio, Starla deu um tapa em sua cara e saiu do veículo. Passou correndo por Katelyn, que esperava pela amiga no jardim. Katelyn tinha muitas coisas para lhe dizer, mas não conseguiu.

Sinto muito.

Eu não tive a intenção.

Ou... Você merece, sua vaca.

Starla nem sequer retribuiu o olhar de Katelyn. Se o tivesse feito, teria notado a tristeza, o remorso. Katelyn parecia ser feita de vidro: Starla olhou através dela.

Katelyn era nada.

Quando passou como um furacão ao lado da amiga, Starla não fazia ideia que Katelyn se trancaria em seu quarto. Que queria chorar, mas as lágrimas não caíam. Que ela sabia que sua traição era tão grande, que Starla nunca a perdoaria. Que Katelyn a amava e a odiava ao mesmo tempo.

Starla nunca saberia que Katelyn mantinha um blog–diário no qual admitiu ter mostrado à diretora a foto incriminadora por rancor. E que fizera isso porque queria ser como Starla, mas não podia— e a estava perdendo.

Starla nunca saberia nada disso porque, em poucas semanas, Katelyn estaria morta.



Ela fez o quê? Mindee Larsen havia acabado de chegar do trabalho. Ela cheirava a produtos para cabelo, químicas tóxicas e cigarro de menta, seu vício diário. Atirou a bolsa enorme na mesa da cozinha e olhou bem nos olhos de Starla.

— Você ouviu, mãe. Ela me entregou para a diretora. Foi uma

merda, e a culpa e toda da Katie.

— Sim, eu ouvi. Mas preciso ouvir novamente, porque meu cérebro não consegue processar a informação. Por que ela faria isso?

Você é a melhor amiga dela. Comece do começo.

Starla quis dizer algo sobre a bota de cano alto e o top brilhante nada apropriados que a mãe estava usando, mas pensou duas vezes.

— Que começo? O início da nossa amizade? — Hoje. O que aconteceu hoje? Mindee foi até a geladeira e pegou a caixa de sangria que ocupava a maior parte da última prateleira.

— Tá, não precisa ser tão mandona — disse Starla, sentando-se em uma cadeira enquanto a mãe se sentava à sua frente.

— Eu sou sua mãe — respondeu Mindee sem uma pitada de sarcasmo na voz. — Meu trabalho é ser mandona.

— Posso tomar um gole? — perguntou Starla para provocá-la.

Ela odiava qualquer vinho que manchasse seus dentes, e a sangria ficava logo ao lado do rosé nesse quesito.

Mindee balançou a cabeça.

— Não, não pode. Agora me fale o que aconteceu.

— Certo — disse Starla. — Desde o começo...

Era uma e meia da tarde de um dia de outono, uma semana antes do baile, bem no meio da aula de história do estado, matéria obrigatória que levava qualquer aluno à beira do abismo do tédio. A professora Rdta Cox gostava de "celebrar" a vida das pessoas que deixaram sua marca em Washington, mas a verdade era que os alunos sentados à sua frente não ligavam a mínima para os exploradores, nativos ou pioneiros que ocuparam a região quando ela ainda se chamava Território Oregon. Talvez eles prestassem mais atenção se a aula girasse em torno da luxuosa casa que Bill Gates construiu próximo a Bellevue, da quantidade de maconha que Jimi Hendrix fumava em um dia normal ou do início da Starbucks, quando ainda era um café cool, e não essa coisa que vende bebidas e doces superfaturados.

Esqueça o resto da história.

Um garoto que trabalhava no gabinete da diretora — o qual sem dúvida implorou para ser o portador da mensagem, já que ela se dirigia a Starla Larsen — entrou na sala, falou com a professora e então entregou um papel a garota, que o leu, balançou a cabeça e se levantou. Starla sabia como dominar a sala. Ela usava um top com estampa de leopardo, uma

calça capri preta e uma gargantilha de ouro que parecia ser muito, muito cara. Carregava uma Michael Kors preta, que suas seguidoras sabiam ser sua bolsa curinga. As roupas de Starla faziam dela a menina mais bem–vestida do colégio. Varreu a sala com os olhos enquanto suas longas pernas se moviam em direção à porta. Seus olhos pousaram por um segundo em uma pessoa.

Katelyn Berkley! Então, ela cumpriu o que prometeu.

Ao chegar à diretoria, seu medo se confirmou. Sentada ao lado de Andrea Sandusky, diretora do colégio, estava a treinadora das líderes de torcida, Lucy Muller, uma jovem de longos cabelos escuros, dentuça, dona de um corpo flexível, herança do tempo em que sonhava se tornar uma ginasta olímpica. Como diretora da escola, Andrea Sandusky nunca sorria — seu rosto não dava nenhum indício do que estava por vir.

— Starla, eu pedi à professora Lucy Muller que viesse aqui porque surgiu uma situação que talvez impeça sua participação na equipe das líderes de torcida.

— O que foi? — perguntou Starla, lutando para não sucumbir.

Embora estivesse de certo modo preparada, não sabia se seria capaz de manter a compostura. Não havia nada que ela quisesse mais do que ser a mais jovem capitã da história das líderes de torcida. Foi a única caloura que entrou no time e estava se saindo muito bem. Essa honra seria dela. Ela a merecia.

"Nem todo mundo merece apenas coisas boas, mas eu mereço isso. O posto é meu!"

— Os padrões da Kingston são elevados — disse a diretora, que havia acabado de comer uma salada de espinafre, como denunciava o pedaço verde em seu dente. — Temos orgulho de nossos alunos e os consideramos embaixadores da escola na comunidade.

— Sim, senhora Sandusky — disse Starla, tentando não olhar para o verde, sem sucesso. — Eu sei. Sou a melhor embaixadora do colégio.

Andrea Sandusky passou a língua pelos dentes e engoliu.

Finalmente.

— Eu também pensava assim. Mas recebemos algo que nos deixou preocupadas com você.

Ela fez uma pausa e pegou um envelope pardo. Com um floreio que deixaria qualquer advogado impressionado, retirou uma foto oito por dez. Depois, como se estivesse envenenada, pousou-a virada para cima sobre a

mesa escrupulosamente organizada. A foto mostrava Starla com uma garrafa de cerveja em uma mão e um cigarro na outra.

Starla se inquietou.

— Eu posso explicar.

— Claro que pode, mas explicações não têm muito valor diante de uma prova conclusiva — disse a diretora, tamborilando as unhas sem esmalte sobre a foto que, vista de perto, parecia ter sido impressa em uma impressora caseira.

Lucy Muller, que até então se mantivera calada, finalmente falou, chiando através dos dentes proeminentes. Ela estava agitada, na defensiva. Starla, como seu nome já dizia, seria a próxima estrela das líderes de torcida.

— Eu quero fazer um registro — disse ela.

— Nós não estamos em um tribunal — falou a diretora.

— Certo — disse a treinadora, que percebeu ter exagerado a fala. — Eu quero registrar que esse comportamento ofensivo, embora grave, não nos obriga a afastar Starla do time.

A diretora não pareceu muito convencida.

— Jura? Beber e fumar?

Starla sabia que o melhor a fazer era manter a boca fechada. Não foi fácil para ela se segurar, mas dessa vez a razão falou mais alto.

Lucy Miller pegou a fotografia.

— É uma infração, mas veja a data no canto da fotografia. As regras dizem que uma transgressão só pode ser punida se a pessoa violar as regras depois de receber o uniforme das Buccaneers.

A diretora examinou a data: um ano e meio atrás.

— Você é menor de idade — disse ela, claramente irritada. — Esse tipo de comportamento é inaceitável, e nossa tolerância é zero aqui na Kingston High. Quantos anos você tinha na época da foto? Quatorze?

Starla não disse nada. Nem sequer moveu o lábio.

Mas a treinadora disse, ou melhor, assobiou: — Eu fui criada em Mobile Manor, perto de Louisville. Acho que devemos considerar perdoá-la.

O rosto da diretora ficou vermelho. Não escarlate, mas quase. A última vez que Starla havia visto aquela cor fora em um par de sapatos Christian Louboutin. Era sua cor preferida, a garota pensou naquele momento inapropriado.

— Vou deixá-la de sobreaviso — disse a diretora, olhando primeiro para a treinadora, depois para Starla. — Espero que isso não volte a acontecer.

Starla concordou com a cabeça. Odiava aquela mulher, mas ainda assim se esforçou para sorrir e mostrar que havia entendido a mensagem e que ainda era uma pessoa muito agradável.

— Prometo. Obrigada, senhora Sandusky.



Mindee terminou a primeira taça de sangria e abriu novamente a geladeira. Nesse momento, Teagan entrou na cozinha perguntando pelo jantar. Sua camiseta estava cheia de restos de comida — qualquer desavisado pensaria que o garoto já havia jantado ou que usava uma estampa maneira.

— O jantar desta noite será miojo com atum. Atum do bom. Com migalhas de batata frita por cima — disse Mindee, empurrando o filho para fora do aposento.

Starla se perguntou como algo com migalhas de batata frita poderia ser considerado "bom". A mãe era uma péssima cozinheira. Mas ela não ligava muito para isso. Para manter a forma, forçava o vômito duas vezes por semana — apenas duas, pois assim não poderia ser considerada bulimia, pelo menos de acordo com o que estava escrito na Wikipédia.

— Em primeiro lugar — disse Mindee –, você só pode beber e fumar dentro de casa. Se essa foto tiver sido tirada na rua, você vai levar uma surra.

— Foi aqui— respondeu Starla. — Juro.

Mindee não questionou a palavra da filha. Isso geraria mais drama do que ela poderia suportar com apenas uma taça e meia de sangria.

— Em segundo lugar — continuou ela –, estou muito brava com Katelyn. Eu seria capaz de matá-la! — Não é? Eu também. Mas, mãe, sério, eu meio que sinto pena dela.

— Pena? — Ela não é nada. Não conseguiu entrar na equipe das líderes de torcida, não teve a menor chance. Ela é uma morena desengonçada. Nem namorado tem. Nunca teve. Nunca.

Mindee pegou uma panela, um abridor e uma lata de sopa de cogumelo.

— Ela te magoou, querida. Tentou tomar seu lugar. Pegue o atum para mim. Duas latas.

Starla se levantou e foi até a despensa.

A treinadora nunca a colocaria na equipe. Ela ria de Katelyn, assim como as outras meninas. Eu ria.

Mindee encarou a filha.

Se Katelyn está com tanto ciúme do que você conseguiu, vamos dar a ela sarna pra se coçar.

Starla pareceu confusa.

— Não entendi.

Mindee despejou o miojo na água fervendo.

— Vamos arrumar um namorado para ela — disse.

Mais uma vez, uma expressão de confusão tomou conta do belo rosto de Starla.

— Ainda não entendi.

Mindee apontou para a taça vazia. E daí que fosse a terceira? Havia lido em algum lugar que três taças de vinho por noite não eram um problema sério.

— Você não precisa entender. Tudo o que precisa fazer é pegar o saco de batata que está aberto e amassar algumas. Teagan fica de mau humor quando está com fome. E eu não estou a fim de lidar com um pré-adolescente mal–humorado e seus dramas. Depois do jantar, cuidaremos dessa Pequena Miss Barraqueira.

Mindee Larsen não imaginava o drama que ela estava a ponto de desencadear. Tampouco Starla. Nem em seu pior dia, Teagan Larsen seria capaz de ser tão malvado. Claro, ele tentava. Vivendo com duas mulheres briguentas e Jake Damon, o namorado da mãe, o garoto era obrigado a tentar.

CAPÍTULO 17

Taylor Ryan não conseguiu dormir. Talvez fosse a agitação causada pelo retorno à escola depois de um longo período de férias. Todos estavam se gabando ou reclamando dos presentes que haviam ganhado no Natal ou das viagens que fizeram. Algumas reclamações não eram pertinentes. Ao redor de Port Gamble, incontáveis trailers se encontravam estacionados em

acampamentos ou atrás dos abetos e bordos de folhas grandes. Alguns se mantinham escondidos por uma boa razão. Os pobres do condado de Kitsap, também conhecido como Kitsappalachia, constituíam um único grupo: pessoas com problemas de bebida ou de droga, doenças mentais ou algo que os forçava a viver em circunstancias distantes das ideais. E também havia os outros, os criminosos — a "turma violenta", como Valerie Ryan os chamava — que decidiram se esconder no interior para produzir anfetaminas, cultivar maconha ou fazer qualquer outra coisa do gênero.

— Problemas sempre geram problemas — disse Valerie às meninas em mais de uma ocasião. — Quando vocês se depararem com uma confusão, não corram para ela como uma mariposa se lança a uma fogueira.Lembrem-se, as mariposas morrem queimadas.

No entanto, Taylor e Hayley faziam exatamente o contrário. E Valerie sabia, claro; sua advertência era mais um lembrete para que as meninas sempre tomassem muito, muito cuidado.

— Sempre cutuquem o mal com uma vara, nunca com os dedos — dizia ela.

As gêmeas nunca se esqueciam desses conselhos arrepiantes.

Naquela noite, Taylor desceu a escada com cuidado. Mas ela não precisava ser tão silenciosa; podia ouvir o pai roncando e sabia que a mãe estava com protetores de ouvido e a cabeça debaixo de um travesseiro.

Dedais, talvez.

Foi até a cozinha e abriu a geladeira, mas não estava com fome. Encheu um copo com água da torneira e caminhou até a janela de vidro; as originais de 1859, ano em que a casa foi construída.

A baia era um grande vazio negro; havia apenas o brilho débil das ondas batendo nas pedras. Um pássaro gritou repentinamente em algum lugar da escuridão. O motivo de seu grito assustou a adolescente. O grito de um animal na escuridão normalmente significa sua morte.

Taylor pensou em Katelyn. Indagou-se se sua alma havia atravessado, se elevado àquele lugar onde não existe dor. Ela e a irmã eram abençoadas de diversas maneiras, mas nunca conseguiram entender plenamente a profunda empatia que tinham pelos mortos.

— Katelyn— murmurou ela, formando uma névoa no vidro –, o que aconteceu com você?

Seus dedos tocaram a janela por um segundo, tempo suficiente para deixar alguns pontos na superfície embaçada e irregular. Taylor resistiu ao

impulso de desenhar um coração. Sentia algo estranho naquele momento, algo forte e confuso.

— Me avise quando estiver pronta. Me avise, se puder — disse ela de maneira hesitante.

Taylor e a irmã sabiam que as pessoas achariam que seu dom era uma farsa, como o de tarólogas de parques de diversão ou médiuns da televisão.

— Uau, ele descobriu que alguém da plateia tem um membro da família cujo nome começa com a letra J — disse Beth Lee, nem um pouco impressionada, enquanto assistia à televisão na casa dos Ryan certa vez.

— Isso é uma bobagem mesmo — comentou Taylor.

— Adoro quando eles dizem que os mortos têm assuntos pendentes — disse Beth. — Como se você precisasse terminar o que estava fazendo no momento em que bateu as botas.

Os olhos de Hayley encontraram os da irmã. Beth era muitas coisas vegetariana, gótica, vítima da moda, mas não entendia que havia alguma verdade no que aqueles programas mostravam.

Você realmente acha que, quando morremos, não há mais nada? perguntou Hayley.

Beth revirou os olhos.

— Ah, não venha com esse papo religioso para cima de mim.

— Não tem nada a ver com religião — disse Hayley. — Tem a ver com espírito. Eu acredito na existência de algo mais.

— Não estou dizendo que não exista — respondeu Beth. — Mas nunca tive nenhuma prova disso.

— Tenha um pouco de fé — disse Taylor.

Beth olhou para a televisão.

— Vai começar o programa do Dr. Phil. Eu tenho fé que ele seguirá sendo gordo, apesar de todos os seus livros sabre exercícios e saúde.

O programa começou, e o apresentador careca e bigodudo apareceu na tela.

— Viram? perguntou Beth. — Eu tinha razão. Acho que sou médium.

Hayley e Taylor riram. No fundo, sabiam que, por mais que tentassem e por mais que as pessoas próximas quisessem acreditar nelas, algumas coisas não poderiam ser explicadas.

Talvez, algumas coisas não deveriam ser explicadas.

As gêmeas se entreolharam. Ambas sabiam que essa era a verdade — absoluta e inquestionável.

CAPÍTULO 18

No outono seguinte à publicação do resultado do concurso das líderes de torcida, Katelyn e Starla estavam sentadas na velha cadeira de balanço preta da varanda da casa de Katelyn e observavam Teagan, que tentava manter a atenção das duas no balanço de corda que seu pai, Adam Larsen, construirá no ano em que desapareceu. Na verdade, o balanço substituía outro mais antigo, o qual estragara, e, sendo assim, não houve necessidade de passar pelo incomodo processo de implorar seu aval à empresa que mantinha Port Gamble com aquela cara artificial.

Starla ofereceu a Katelyn um cigarro do maço de Vogue Superslims Menthol que roubara da mãe e escondera sob a almofada da cadeira de balanço da varanda.

— Eu não sabia que líderes de torcida podiam fumar — disse Katelyn.

— E não podem. Mas também não podem engordar, e fumar ajuda a manter a forma. Eu não quero ter que me debruçar sobre uma privada por ter comido algo que não deveria. O melhor e não comer nada. E fumar e muito, muito útil para isso.

Katelyn acendeu seu cigarro no de Starla e cravou os olhos em Teagan.

— Ele não vai contar nada, né?

Teagan era um menino durão e destemido que parecia se deliciar com a atenção das meninas mais velhas. Ele viu o cigarro.

— Vocês estão olhando? Katelyn? — gritou ele enquanto se balançava na corda.

— Não, ele não vai contar nada — disse Starla antes de gritar ao irritante irmão: — Estamos olhando, seu fedelho.

— Como não olhar? –— perguntou Katelyn, dando uma longa tragada, ela ficou orgulhosa por não tossir, mas não disse isso. — Ele e tipo a versão maluca do Tarzan.

— Tarzan era um idiota — falou Starla. — Seu melhor amigo era uma macaca.

Katelyn sorriu. Ela resistiu à tentação de ensinar a amiga que macacos e chimpanzés não são da mesma espécie. São tão próximos um do outro quanto o homem do macaco. Em vez disso, mudou de assunto.

— Gosto muito do seu cabelo — disse ela.

Starla passou a mão livre pela cabeleira.

— Eu o odeio. É minha mãe que o corta, e ela não e uma cabeleireira muito boa.

Katelyn queria tocar o cabelo de Starla, tão dourado e bonito, mas não o fez.

— Sei lá — disse ela. — Eu acho ele o máximo.

— Até parece. Quer dizer — disse Starla, lançando um olhar indiferente a Katelyn, você não precisa se esforçar tanto quanto eu para manter tudo no lugar.

Foi um comentário desdenhoso e sarcástico. De longe, soava como um elogio, mas no fundo ambas sabiam que não era.

— Nada e fácil, Starla — disse Katelyn.

— Eu sei. Sinto muito — respondeu ela, soltando um falso pedido de desculpa.

Katelyn se inclinou para fazer carinho em Bobby, um gato bastante cruel, e, ao fazer isso, seu braço ficou exposto.

— Meu Deus, Katie, o que aconteceu com seu braço?

Katelyn se endireitou e o escondeu.

— Nada.

Starla se aproximou.

— Deixe-me ver — disse ela, puxando o braço da amiga pelo pulso.

Katelyn não relutou. Não de verdade. Deixou o braço solto enquanto Starla arregaçava a manga de sua blusa, revelando três pequenos cortes paralelos logo abaixo do cotovelo. A vermelhidão das cicatrizes recentes se destacou na parte mais pálida de sua pele.

Eu bem que me perguntei por que você está usando blusa de manga comprida em um dia como o de hoje. Você não voltou a fazer isso, voltou?

Seu gato me arranhou — respondeu Katelyn em um tom desafiante e suplicante ao mesmo tempo, implorando para que Starla percebesse que aquela loucura recomeçara.

Starla balançou a cabeça com uma expressão de preocupação nos olhos.

— Meu gato não se chama Katelyn.

Ela virou o rosto para o outro lado e soltou o braço da amiga.

— Você está se cortando novamente, não está?

Katelyn fixou os olhos em Teagan, que continuava sua performance de Tarzan na corda.

— Não, não estou.

— Não minta. Nós somas praticamente irmãs.

Algumas semanas antes, esse comentário teria soado minimamente sincero, mas não agora.

— É por que você não conseguiu entrar para as líderes de torcida de novo? — perguntou Starla.

— Um pouco, eu acho — admitiu Katelyn.

Starla atirou o cigarro no chão e o amassou como salta da sandália Candie's que pegara no armário da mãe.

— Pensei que você tivesse parado com isso.

— Acho que não parei — respondeu Katelyn, encarando a amiga.

— Poderíamos não falar sobre isso, por favor?

— Isso não e normal, e você sabe.

Katelyn soltou uma risada forçada na direção de Starla, aquela beleza etérea, a garota que todos queriam ser.

— Normal? O que você sabe sabre ser normal?

— Você tem que procurar um psicólogo — disse Starla.

— E você tem que parar de se intrometer.

Starla balançou a cabeça.

— Sério, você precisa de ajuda. Sua mãe sabe disso?

Katelyn se irritou e se levantou da cadeira.

— Se contar para ela, eu nunca mais falo com você — disse ela.

— Eu nunca faria isso— falou Starla, levantando-se. — Nós somos irmãs, lembra?

Starla sabia que isso não era verdade. Ela já não tinha tempo para, Katelyn. Agora, viam-se apenas pela janela do quarto ou nas raras ocasiões em que se encontravam na rua ao voltar da escola, como naquela tarde que passaram sentadas na varanda.

Katelyn se eriçou com tal mentira. Starla já não era uma amiga. Não era nada. Era a inimiga e, ate onde Katelyn sabia, não podia ser parada. Se Starla enxergava em Katelyn uma dançarina coadjuvante de seu show pirotécnico, estava enganada.

Muito enganada.

CAPÍTULO 19

Hayley e Taylor encontraram o pai em seu pequeno escritório, decorado com capas de livros tão hediondas que nunca poderiam se passar por arte, embora estivessem muito bem emolduradas. Kevin Ryan estava debruçado sobre o computador. Próximo da meia-idade, ele mantinha uma boa aparência e ainda era bem legal— pelo menos na escala dos pais, que qualquer adolescente sabe não ser muito exigente. Já não usava aquele corte almofadinha dos anos noventa — agora, cortava o cabelo curto. E não ostentava mais o bigode de ator pornô que adornou seu rosto durante boa parte da infância das filhas.

Ele ergueu os olhos cinzentos da tela e sorriu para as garotas. Gostava de intromissões.

— Você conversou com a polícia hoje? — perguntou Taylor.

Kevin afastou as mãos do teclado e girou a cadeira de couro preto.

— Eu converso com a polícia quase todos os dias. É meio que meu trabalho — respondeu ele com outro sorriso.

Taylor puxou uma cadeira e se sentou perto da mesa do pai. Hayley encontrou um espaço ao lado de Hedda, que estava deitada de costas, parecendo morta, no assento abaixo da janela.

— A gente sabe disso, pai— disse Hayley. — Você descobriu alguma novidade sabre Katelyn?

Kevin não respondeu a filha imediatamente. Clicou no ícone "Salvar" e tirou os óculos — os quais ele dizia precisar apenas quando usava o computador, embora as meninas soubessem que não era bem assim. A seu lado, estava a cópia de um relatório de investigação da delegada de Kitsap.

O nome de Katelyn e a data — doze dias após sua morte — estavam escritos no topo.

— Vejam— disse ele –, quero que vocês entendam que o que contarei agora não e o tipo de informação que todo mundo precisa saber. Já contei coisas importantes a vocês antes, não é?

Kevin podia estar se referindo a muitas coisas, mas provavelmente estava falando do caso de Donita Montero, uma mulher de Minnesota que abusou dos filhos antes de assassinar um deles colocando-o dentro uma máquina de lavar roupa. Seu livro *Saída limpa* não mencionou o abuso

cometido contra a filha sobrevivente. Outro autor teria incluído essa informação para chocar, mas Kevin Ryan a manteve em segredo e não a contou nem mesmo a seu editor. Confiar coisa a um editor é abrir uma fresta. E não é preciso mais do que uma fresta para arruinar a vida de uma pessoa.

— Pai— disse Taylor–, nós éramos amigas de Katie. Queremos saber o que aconteceu com ela. O que aconteceu de verdade.

Kevin refletiu sobre o pedido da filha por um instante.

— Em um primeiro momento, eles pensaram se tratar de um acidente. Mas é possível, até mesmo provável, que ela tenha se matado.

— Se matado? — perguntou Taylor, balançando negativamente a cabeça. — Não faz sentido, pai. Ela não faria isso.

— Katelyn recebeu más notícias na noite em que morreu — ele falou.

— Que más notícias? — perguntou Hayley.

— A avó, que havia prometido pagar as despesas da faculdade, contou que gastou o dinheiro.

Hayley se levantou, e Hedda, incrivelmente ágil aos dezessete anos, pulou para o chão.

— Duvido que ela se matasse por isso. Faltam muitos anos até a faculdade. Muita coisa poderia acontecer nesse tempo. Ela poderia conseguir uma bolsa, ganhar na loteria. Poderia até pedir um empréstimo.

Kevin concordou com a filha. Hayley tinha razão.

— Foi o que a delegada Garnett me disse. Mas o caso não será levado adiante. Será considerado acidente, um bastante esquisito. É melhor do que fazer Sandra e Harper passarem o resto de suas vidas pensando que poderiam ter feito algo para salvar a filha.

Não havia como contestar isso. As gêmeas ouviram cada palavra com o respeito e a solenidade que, sabiam, o pai, especialista em tragédias, esperava delas. Não havia dúvida de que ele e a delegada Garnett acreditavam que remexer a tragédia de Katelyn só traria descobertas dolorosas.

As gêmeas entendiam por que eles agiam assim.

Os outros não podiam ver o que elas viam e sentiam.

Os outros não recebiam as mensagens que elas recebiam. De certa forma, os outros tinham sorte.

Ao ar livre, tentando se proteger do frio cortante, Moira Windsor se

encontrava de pé sob a caixa d'água verde que ficava na entrada do bairro mais comercial da histórica Port Gamble. Ela sacara um cigarro para fazer pose de repórter seria e até estava curtindo o efeito da nicotina. A substância a acalmou. Tranquilizou-a naquele momento em que precisou ser tranquilizada. Mais cedo, Moira havia abordado Sandra Berkley quando esta saía do Timberline. Sandra praticamente não lhe dirigiu a palavra, mas o que disse não deixou dúvida sobre o que pensava de uma entrevista.

— Sua cadela sanguessuga, deixe a minha bebe em paz!

— Que grosseria! Eu sinto muito por sua filha, mas tenho um prazo a cumprir.

Sandra teria sido capaz de matar a repórter naquele instante, mas não o fez.

Já havia morrido gente o suficiente em Port Gamble.

Par alguns segundos, Moira ficou um pouco constrangida, mas logo se refez ao perceber que ninguém assistira à cena.

Ela havia deixado mais recados para os Ryan, mas não houve retorno.

"O que devo fazer para conseguir a atenção dessa gente?", perguntou-se antes de atirar o cigarro no chão, ignorando a placa que pedia que o lixo fosse jogado no recipiente apropriado.

Quanto mais a afastassem, mais ela insistiria.

Ouviu o ganido de um cachorro em algum lugar ao longe. E sorriu.

CAPÍTULO 20

Ao contrário dos esquimós, que supostamente tem várias palavras para descrever a neve, os adolescentes de Port Gamble tem apenas quatro para descrever a chuva: "quase o tempo todo".

Quem não conhece o lugar não e capaz de imaginar os incessantes aguaceiros que ocorrem durante o ano inteiro. Na primavera. No inverno. A qualquer hora. A chuva cai como uma cortina sobre a cidade. Da loja de conveniência até o cemitério Buena Vista, não se vê nada alem de um muro branco. É impossível divisar uma única arvore. Esqueça a vista cênica. Durante as chuvas mais fortes, a baía e o canal se misturam e formam uma grande e contínua nuvem. Estranhamente, apenas os nerds da cidade e os turistas usam guarda-chuva. Ninguém em Port Gamble gosta da chuva, mas seus habitantes vivem ali apesar dela. Eles não permitem que ela os impeça de fazer o que precisam fazer.

Nunca um evento escolar esportivo foi adiado por causa dela. Nunca uma noiva de junho planejou um casamento com vista para o oceano sem considerar os benefícios de uma tenda. Nenhum acampamento nas montanhas Olympic foi cancelado por causa do clima inclemente. Nenhum piquenique foi levado para dentro.

— Vocês não são feitas de açúcar. Não vão derreter se molharem, confiem em mim — Kevin Ryan sempre dizia às filhas.

Chovia, claro, enquanto Taylor e Hayley esperavam o ônibus escolar na frente de casa. Em poucos meses, fariam dezesseis, e, se realmente houvesse justiça no mundo, seu pai as ajudaria a comprar um carro.

Meninas que namoravam caras mais velhos, como Starla Larsen, conseguiam evitar o ciclo de abuso que era a viagem de ônibus até a Kingston High School. A motorista, a Sra. Hatcher, gostava de manter a ordem em "seu" ônibus. A mulher não queria fazer o papel de psicólogo de ninguém muito menos do garoto com síndrome de Asperger. Por isso, obrigava-o a se sentar logo atrás dela, em seu ponto cego, para nunca ter que interagir com ele nem como menino da casa número 27, que usava um rabo de texugo preso ao cinto da calça como afirmação de seu estilo.

As outras crianças se sentavam na ordem habitual. Na frente, os nerds, os chorões e aqueles que queriam sair dali assim que a porta se abrisse. Os casais e os drogadinhos se sentavam no fundão. No meio, ficava o resto.

Beth Lee se sentava no meio — foi uma das poucas que migraram para o centro do ônibus após o primário. Ela tinha tantas personalidades, que teria encontrado seu espaço em qualquer lugar. Hayley e Taylor se sentavam perto de Beth.

Quando o ônibus arrancou, as meninas desviaram o olhar para ocara do Segway, que morava na casa número 91 e que, por alguma razão bizarra, escolhera o meio de transporte mais constrangedor conhecido pelo homem.

— Que aberração— disse Beth. — Nem a chuva o impede de usar isso.

— A chuva não impede ninguém de nada aqui — falou Hayley sem qualquer expressão no rosto. — Nem mesmo o cara do Segway.

— Cadê o Colton? — perguntou Beth. — Está em casa, exausto?

— Exausto?

— De fazer com você — Beth falou alto, não o suficiente para vencer o barulho do acelerador que a Sra. Hatcher tinha mania de manter pressionado enquanto esperava sua vez de entrar na estrada, mas o bastante para aumentar as chances de alguém ouvi-la.

Naquele dia, o cabelo preto de Beth Lee estava tão cheio de gel que seria possível pendurar um casaco nele e, sem duvida, alguém tentaria fazer isso na escola.

Hayley fez um gesto para que a amiga abaixasse o tom de voz.

Para sua informação, ele esteve fora da cidade durante todas as férias de inverno. E, caso você esteja se perguntando, sim, você é uma grossa.

Beth deixou escapar um sorriso malicioso e tocou a ponta do cabelo. Ela fez cara de dor — que poderia ser tanto por causa de seu cabelo aliado quanto por ter levado um fora de uma das meninas cujos nomes trocava de propósito.

— Só estou perguntando. Imagino que vocês já tenham feito. Provavelmente você contou para sua irmã, mas não para mim. Sou excluída de tudo.

Taylor se intrometeu.

— Ela não me contou nada. — Olhou para a irmã— Vocês não

fizeram, né? Quer dizer, eu saberia se tivessem feito.

Hayley fez uma careta.

— Não e da conta de vocês, mas não, nós não fizemos; e não, não vou lhes contar quando fizermos.

Beth passou um gloss com forte cheiro de morango nos lábios.

— Então vocês vão fazer?

Hayley balançou a cabeça, o rosto um pouco mais corado do que ela poderia atribuir ao dia frio.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu quis dizer: se nós fizermos. Ao contrário de algumas meninas aqui, eu não tenho pressa.

Beth ignorou o último comentário mudando de assunto. Era típico dela. Taylor chegou a imaginar que os ancestrais de Beth eram os inventores dos fogos de artifício, porque ela adorava acender pavios e se afastar para ver o circo pegar fogo.

— Tenho novidades — disse Beth, e o ônibus finalmente começou a descer a estrada em direção a Kingston.

— E vamos ter que arrancá-las de você? — perguntou Taylor.

— Ah, é, porque ela e um túmulo mesmo— disse Hayley, tentando dar o troco, mas sem sucesso.

Beth guardou o gloss na bolsa e começou a rolar suas mensagens de texto.

— Minha mãe me contou que uma amiga dela, a Lu, que trabalha no Timberline, disse que Katelyn se envolveu em um problemão no outono passado. Algo que fez seus pais ficarem furiosos. Mas eu não consegui ouvir a história toda.

Hayley franziu a testa.

— Eu pensei que sua mãe tivesse te contado...

— Ta, admito. Eu estava escutando atrás da porta. E daí? A informação é boa.

— O que sua mãe disse, exatamente? — perguntou Taylor.

— Eu sou asiática, mas isso não faz de mim um gravador Sony.

— Tá— disse Taylor. — Mas o que ela disse?

Beth pensou por um momento, recordando cada palavra para fazer as amigas, que enchiam o saco por detalhes precisos.

— Ela disse: "Se eu fosse a mãe de Katelyn, teria feito a mesma coisa. O que as meninas não fazem hoje em dia pelos garotos!".

— De que garoto ela estava falando? — perguntou Hayley.

Beth suspirou.

— Não sei — respondeu, claramente entediada com o tema da imaginaria vida amorosa de Katelyn. — E não dou a mínima. Mas imaginei que vocês duas fossem dar.

Beth Lee ancorou a bota Doc Martens preta, sua marca registrada, no piso de linóleo, em frente aos armários da ala vermelha da Kingston High School, e deu uma olhada em suas mensagens de texto. A escola não permitia o uso de aparelhos eletrônicos durante as aulas, e os professores haviam se tornado especialistas em apanhar os alunos que tentavam posicionar estrategicamente os livros para bloquear a visão desde a frente da sala. A primeira violação recebia uma advertência; já a segunda, provocava o confisco do aparelho e exigia que um irritado pai fosse pessoalmente à sala da diretora para retirá-lo.

Naquele dia, o senso estético de Beth estava controlado. Ela vestia um colete risca de giz masculino que deixava os braços à mostra e uma calça jeans manchada de alvejante. Parecia saída dos anos oitenta, mas não estava nem ai.

Enquanto um mar de adolescentes se arrastava a seu lado, ela metodicamente repassava suas mensagens, ignorando as enviadas pela mãe, que sempre terminavam com "rs" — ela não tinha coragem de lhe dizer que aquilo significava "risos", e não algo carinhoso. O resultado costumava ser algo como:

Vou chegar tarde hoje. Prepare seu jantar. Rs. Mamãe.

Beth checava o Facebook quando Hayley se aproximou.

— Cadê sua outra metade? — perguntou Beth.

— Acho que Taylor foi ao banheiro, não sei— respondeu Hayley.

Beth ergueu o celular.

— Quem é Moira Windsor?

Hayley olhou o aparelho e balançou negativamente a cabeça.

— Não sei, nunca ouvi falar.

— Ela é sua amiga e quer ser minha amiga também.

Taylor se juntou as duas.

— Quem e Moira Windsor? — perguntou Beth.

Taylor também fez que não com a cabeça.

— Não tenho a menor ideia.

Beth olhou para as gêmeas.

— Vocês sempre dizem a mesma coisa?

Hayley riu, mas foi uma risada nervosa.

— Não — respondeu ela. — E não, nós não conhecemos nenhuma Moira Windsor.

Taylor já estava com seu Facebook aberto.

— Olha só— disse ela. — Essa tal Moira está dizendo que devemos aceitá-la porque você e amiga dela.

As três se entreolharam.

— Um perfil falso! — disseram em uníssono.

Beth guardou o telefone na bolsa.

— Olha que fofinho— disse ela –, dessa vez nós três dissemos a coisa. Alguém esta se passando por outra pessoa, e eu não sei se gosto disso.

Hayley e Taylor não falaram mais nada sobre Moira. Cada uma seguiu o caminho de sua sala. Taylor tinha aula de artes, Hayley, de ciências, e Beth estava feliz por se livrar da aula de educação física era dia de tênis de mesa, e ela achava que seria racismo fazê-la jogar. Beth odiava suar, e aquela desculpa parecia bastante plausível para não ter de vestir a roupa de ginástica.

"Me obrigar a participar só porque eu sou asiática e um absurdo!" ela se imaginou dizendo à professora, uma mulher simpática que nunca ofendeu ninguém.

Kim Lee ficaria horrorizada com a atitude da filha, e Beth fingiria ter ficado de mau humor após ouvir seu sermão. Talvez assim sua mãe prestasse atenção nela. Isso seria bom. Era tudo o que ela queria.

Hayley e Taylor já tinham ouvido o nome de Moira. Haviam escutado o pai falar com a mãe sobre uma repórter inconveniente, mas a conversa terminou abruptamente quando elas se aproximaram.

O que está acontecendo?

CAPÍTULO 21

A casa número 19 estava estranhamente calma. Pelo menos uma vez, não se ouvia o ronco britador do pai. Hayley e Taylor haviam conversado bastante pelo interfone particular sobre o que pensavam e sentiam. Como era de se esperar, Katelyn ocupava a mente das duas. Provavelmente, estava no pensamento de muitas pessoas de Port Gamble. Aquelas mais religiosas incluíam Katelyn e os Berkley em suas preces Todas se perguntavam como uma menina poderia ser morta em uma banheira por um eletrodoméstico.

Hayley e Taylor se deitaram com a esperança de que algo aparecesse para elas.

E apareceu.

O último pensamento de Taylor antes de adormecer foi um pedido para que o ser, a coisa ou o que quer que controlasse os sonhos deixasse Katelyn vir até ela.

Então, viu-se no canto do quarto da garota morta, observando, sentindo tudo o que acontecia.

A tela do laptop lançou um jato de luz fria sobre seu rosto enquanto Katelyn, sentada na cama, esperava que aquele garoto por quem estava se apaixonando aparecesse para conversar. Não se desapontou. Um segundo depois, ele surgiu on-line.

Cullant: Pq vc ñ quer me encontrar?

Ela esperou um segundo antes de responder. Responder rapidamente seria sinal de desespero.

Katiebug: Pq n sei quem vc eh.

Ele digitava lentamente, como se demorasse para encontrar as letras do teclado. Parava, corrigia.

Cullant: esse eh o objetivo do encontro.

Katelyn tinha quase dezesseis anos. Não era boba. Mas estava sentindo inegavelmente solitária.

Katiebug: Obrigada pelas coisas que disse. Mas, até onde sei, vc pode ser 1 velho de Port Orch q persegue adolescentes.

Cullant: lol. essa foi boa. Nunca nem estive em Port Orch.

Katiebug: Ok. Foi golpe baixo.

Cullant: Pervertido td bem. Mas Port Orch? Ai já eh sacanagem.

Katelyn gargalhou — de verdade. Ela gostava daquele garoto.

Quem que fosse ele. Precisava de alguém para gostar. Sentia-se tão

abandonada, tão perdida. Nada estava dando certo. Suas notas haviam caído muito de um ano para o outro. Era como se ela estivesse em queda livre e não houvesse rede de proteção embaixo. Por mais idiota que parecesse, sentia que sua única esperança era o cara do outro lado tela do computador.

Katiebug: Qd vai mandar 1 foto?

Cullant: Q tipo d foto vc quer?

Katiebug: Pervertido! Quero 1 foto q vc daria à sua mãe.

Após uma pausa rápida, ele voltou a digitar.

Cullant: Coincidentemente, eu tirei 1 foto hj. Aí vai.

Ela esperou a imagem carregar na janela do Messenger. Um pixel por vez. A espera era terrível, e Katelyn imaginou quanto tempo mais seus pais a obrigariam a viver sem banda larga.

No Timberline já havia, claro. E o lugar nem precisava.

Os olhos de Katelyn pousaram sobre a foto assim que ela ficou nítida. Era caseira, não fora retirada de um site de modelos masculinos. O garoto tinha cabelo preto, olhos azuis. Gato.

Katiebug: E vc?

Cullant: Claro. Gostou?

Katiebug: Se e VC mesmo, gostei.

Cullant: Sou eu.

Katelyn sabia que existem meninas idiotas que se apaixonam por caras que conhecem na internet, mas ela não era desse tipo. Mesmo se li fosse, mesmo se tivesse se permitido um pouco de fantasia, era porque precisava naquele momento. Queria a atenção de uma pessoa especial, pois ela mesma já não se sentia especial.

Katiebug: Conversamos amanha.

Cullant: Ok.

Katiebug: Tchau.

Cullant: Ate+.

Katelyn fechou a janela do Messenger. Foi até o banheiro e se olhou no espelho da mesma forma que um estranho o faria: crítica, maldosamente, querendo encontrar defeitos. Não era gorda. Tinha a pele boa. Seu cabelo era bonito. Fofo, pelo menos. Quando examinava a imagem que via no reflexo do espelho, sabia que deveria se sentir melhor sobre si mesma. Mas não conseguia. Podia culpar muitas coisas por isso — seus pais e aquele maldito restaurante, a vida em Port Gamble e, provavelmente, a pior de todas, o fato de não ter entrado na equipe das lideres de torcida.

E a culpa disso era toda de Starla. Ela era a culpada por tudo o que havia de errado em seu mundo. Katelyn nunca poderia ter imaginado ser traída por alguém que sempre fez parte de sua vida. Ainda assim aconteceu. De modo suave e irrevogável. Era como se a fria indiferença de Starla a tivesse excluído da vida que sonhara para si.

Katelyn tirou a roupa, peça por peça, até ficar praticamente nua vestia apenas calcinha e sutiã. Sentou-se na borda da banheira vitoriana e alcançou a lâmina que passara o dia chamando por ela. O frio punhal de metal parecia feito sob medida para seus dedos. Não foi fácil encontrar o lugar certo — um lugar que não pudesse ser visto por ninguém alem dela própria –, mas ela achou um ponto fresco na parte de cima da coxa direita. Katelyn respirou fundo, da mesma forma que fazia quando, ainda criança, tentava fumar cigarro com

Starla.

Quando ainda eram muito, muito próximas.

Com a mão firme e uma técnica apurada, Katelyn Berkley se cortou Lenta, deliberadamente. Golpes precisos. Um. Dois. Três.

Observou o sangue escorrer e fechou os olhos para saborear a sensação que vinha com o corte. A libertação era melhor do que a ideia que tinha de sexo. Ela imaginou quando faria sexo.

E se seria com o garoto que conheceu na internet.

A mensagem chegou a Hayley Ryan em um sonho, igual a muitas outras. Ela estava no meio da praça de alimentação do Kitsap Mall, em Silverdale. À sua volta, encontravam-se os habitantes de Port Gamble. Sua família. Seus vizinhos. Operários da madeireira de quem não sabia o nome porque moravam em Little Boston ou do outro lado da ponte do Canal Hood, mas cujos rostos lhe eram familiares. Beth. Colton. Starla. Até mesmo o cara do Segway. Eles não pareciam estar conversando entre si, mas o ruído de suas vozes duelava com os liquidificadores do Orange Julius. Viu a si mesma esperando o smoothie de Taylor: framboesa com banana. Todos à sua volta. O barulho. As pessoas que ela conhecia. A menina atrás do balcão lhe entregou o troco. Ela não se lembrava de ter pedido alguma coisa. Ia entregar o dinheiro à irmã, que estava enfiando um canudo na abertura da tampa plástica.

Quando estendeu a mão, notou algo estranho na amarrotada nota de um dólar.

Hayley olhou mais de perto. Em cima do rosto verde e nada atraente de George Washington, estava escrito:

A CAUSA DA MORTE DE KATELYN ESTÁ ENTRE VOCÊS

Por um segundo, o barulho cessou. Foi instantâneo. Hayley ergueu os olhos e examinou a multidão.

Todos os moradores de Port Gamble estavam lá. Hayley imaginou ter visto até mesmo o pai de Starla, Adam Larsen, que fora embora alguns anos atrás. Ele acenou para ela e então desapareceu. Todos desapareceram. Desfeitos, como a fumaça de uma vela de aniversário.

Na manhã seguinte, enquanto se maquiavam no banheiro, Hayley contou a irmã sobre o sonho.

— Estranho. Eu odeio banana, você sabe — disse Taylor, passando rímel marrom nos cílios claros.

Hayley sabia que a irmã estava brincando.

— Eu também achei isso muito estranho.

— Agora, sério — disse Hayley –, sonhei com algo parecido na noite passada. Não exatamente igual. Meu sonho não se passou no shopping, mas no quarto de Katelyn. A mesma ideia. O mesmo sentimento de que o responsável pela morte dela esta aqui, entre nós.

Hayley pensou por um momento enquanto observava sua imagem no espelho.

— Eu sei que você não vai contar nossos sonhos a ninguém, se é que são sonhos. Mas, se não conseguir se segurar, por favor, não mencione a parte em que eu estava na praça de alimentação. É patético demais.

Taylor guardou sua maquiagem em uma bolsinha rosa e preta.

— Até parece –falou ela, saindo para o corredor. -se as pessoas acharem que você é uma idiota, vão pensar o mesmo de mim. Metade dos habitantes deste lugar pensa que somos a mesma pessoa. No que depender de mim, o sonho do shopping nunca aconteceu.

Mas aconteceu.

CAPÍTULO 22

Era a manhã do dia do funeral de sua ex-melhor amiga. Starla Larsen estava diante do espelho e vestia seu uniforme de líder de torcida da Kingston High School. Era um vestido vermelho com detalhes dourados e um fino debrum branco. Uma combinação de cores que remanescia do tempo em que as líderes eram saudáveis e não importava a por de seus pompons— desde que os sacudissem com um vigor persuasivo quando o time aumentava o placar.

É claro que, naquela época, ninguém levava em consideração como o uniforme cairia em uma garota como Starla Larsen.

Starla sabia disso.

"Seria melhor se fosse preto e branco", pensou ela enquanto se olhava no espelho. "Preto e branco não competem, valorizam."

Ela tinha razão. Starla normalmente tinha razão. Ela era esse tipo de garota.

Por causa de seu estilo e de sua personalidade exageradamente sedutora, era alvo das invejosas. Quando uma fofoca chegava a seus ouvidos, ela simplesmente lançava um olhar sem expressão ao informante.

— Serio? Nossa, nunca prestei atenção nela. Por que será que ela se sente assim?

Não era fácil para a maior parte das garotas ficar tão atraente, e Starla quase sentia pena delas. Fora abençoada com a beleza da mãe e do pai, é verdade, mas era preciso algo mais do que a genética para fazer a diferença no mundo real.

Ela era boa em deixar as outras meninas sem graça, em mexer com os meninos e em piorar as coisas. Esses, além da sua inegável beleza provocadora, eram seus dons.

Os dentes de Starla eram brancos, seus olhos eram de um azul glacial e seu cabelo caia em ondas douradas. Essas são coisas fáceis de alterar. Os dentes podiam ser clareados, e ela o fazia com frequência. Seus olhos eram do tom perfeito de azul, ainda bem. Não eram azulados. Não eram cinzentos. Eram intensos, gélidos. Obviamente, sua mãe cabeleireira a ajudava com o cabelo. Isso se devia mais à conveniência do que ao fato de Starla confiar em seu trabalho. Starla lia revistas de moda e assistia ao Style TV o suficiente para saber que o corte é mais importante do que a cor.

Sua mãe quase nunca cortava seu cabelo.

Starla tinha tudo e ainda era uma secundarista. Isso devia ser

recorde bizarro.

O único porém da vida de Starla, além do irmãozinho hiperativo Teagan, e da mãe louca por holofote, era o namorado desta, Jake Damon. Mesmo com quase trinta anos, Jake era um colírio para os olhos. Tinha um bom tórax — um peitoral, não seios — e braços que pareciam musculosos, mas não em exagero, quando ele os flexionava propositalmente ao redor da casa enquanto fazia alguma tarefa que o pai de Starla teria feito sem tanta ostentação.

"É", pensou Starla, “Jake é o cara perfeito para minha mãe. Ela acha que ainda tem vinte e poucos anos, e ele é idiota o bastante para entrar nessa onda".

A mãe de Starla entrou no quarto e cravou seu scarpin no assoalho como se estivesse pregando algo para a eternidade. Ela era uma visão, como sempre. Seu cabelo estava tão viscoso por causa dos vários produtos, que Starla se perguntou se seu pescoço fino aguentaria tanto peso. Mindee usava um vestido simples e preto, e seu penteado assimétrico estava preso por um laço combinante— e de gosto duvidoso, mas Starla não disse nada.

Você vai usar isso no funeral? — perguntou Mindee, apontando para o uniforme.

Starla se virou para o espelho novamente e com calma retocou o gloss.

A equipe estará lá. Todas com uniforme.

Mindee balançou a cabeça em desaprovação.

— Não sei se é uma boa ideia, Starla.

— Não vamos fazer uma apresentação, mãe.

Mindee arrancou o solta do assoalho e se aproximou da filha, tocando seu ombro.

— Eu sei que não — disse ela. — Eu estava pensando, você sabe, em como Katelyn se sentia sabre você ser líder de torcida. Me parece inapropriado.

Starla se afastou. Queria dizer algo sabre o quanto o namorado da mãe, esse sim, era "inapropriado", mas se segurou. Afinal de contas, o dia não pertencia a ela, à sua mãe ou a Jake. Pertencia a Katelyn e a seu suicídio ou acidente.

Ou algo assim. Starla não se importava. Morto é morto, não importa como morre.

Teagan, um pré-adolescente como rosto prestes a ser invadido por

espinhas e com o cabelo ao estilo Justin Bieber, vestia uma calça jeans preta e um suéter. Ele estivera estranhamente calado durante a última semana. Starla tomou sua mão. Estava pegajosa, mas ela não ligou. Gostava de ter o irmão por perto para usá-lo como escudo humano entre a mãe e o namorado.

— Vamos. Vamos dizer adeus a Katie — disse ela.

— É... — disse Teagan, soltando a sua mão. — Não preciso que você me arraste.

Starla e Teagan começaram a descer a escada, a mãe logo atrás. No andar de baixo estava Jack. O homem era o faz-tudo de Port Gamble. Antes de Jack se unir a Mindee Larsen, a maioria das mulheres diria que ele era bem útil— com ou sem sua caixa de ferramentas.

Jake cheirava a cerveja— seu odor habitual. Ele olhou Starla de cima a baixo e ergueu uma das sobrancelhas da maneira nojenta que fazia quando estava bêbado e se achando muito sexy.

— Vamos, Buccaneers! — disse, balançando a cabeça como um daqueles cachorrinhos que ficam no painel do carro.

Starla tentou ignorá-lo, mas não conseguiu segurar a língua.

— Por que você não vai se catar?

Jake fechou os punhos. As veias de seus braços incharam contra sua pele. Starla pensou que ele era ainda mais idiota do que ela imaginava.

— Eu realmente ouvi isso? — perguntou ele, aproximando-se de Starla.

— Sim, ouviu — respondeu ela, provando que uma menina bonita também pode ser durona. — Eu disse "vai se catar"!

Mindee puxou a filha por uma das mãos.

— Starla! Que grosseria!

— Me solta — disse ela, esquivando-se. — Eu não disse nada demais.

Mindee olhou para Jake.

— Ela está triste. Deixe para lá.

— Ela é um pé no saco — disse Jake, baforando seu halito de Budweiser. — Mas eu deixo para lá.

Os quatro vestiram seus casacos e caminharam em direção à porta. A igreja ficava perto, e eles resolveram que, mesmo como tempo frio, iriam a pé. Não houve qualquer conversa — apenas passos apressados liderados por uma líder de torcida pê da vida.

Enquanto os amigos e parentes de Katelyn Berkley aguardavam pacientemente pela determinação da causa de sua morte — e pela volta de seus avós Nancy e Paul, que se recusaram a cancelar um cruzeiro de quatro dias –, o corpo da menina permaneceu congelado sob os cuidados de Birdy Waterman. Finalmente, duas semanas após sua morte, chegou o momento de enterrá-la. O caixão era rosa e marfim, uma combinação de cores mais apropriada a uma sorveteria do que ao lugar de descanso final de uma garota que preferia os tons opacos que usara nos últimos meses antes de morrer. Atrás do caixão, no altar da igreja, havia fotografias de Katelyn: bebê, criança, adolescente soturna. Todas as etapas de sua vida Estavam representadas, junto com algumas coisas que ela fizera: uma baleira esmaltada de preto e roxo, um quadro de uma triste lua sobre as águas escuras da baia de Port Gamble e um abridor de carta feito na aula de artes, o qual mais parecia uma antiga navalha de barbeiro.

Ninguém disse nada sobre os objetos. Como poderiam?

A igreja estava cheia, mas isso não se devia particularmente à popularidade de Katelyn na comunidade. Sim, ela era conhecida de todos devido à sua onipresença no restaurante da família, onde era vista limpando mesas, ajudando na cozinha ou lendo um livro sobre vampiros cuja capa estampava um garoto seminu. No entanto, a multidão presente no funeral tinha pouco a ver com a garota especificamente. As pessoas estavam ali por causa de sua juventude. Nada, e qualquer orador sabe disso, causa mais consternação do que a morte de uma criança. Katelyn podia estar a meio caminho da vida adulta, mas ainda uma garotinha.

Uma garotinha bem morta.

Hayley, Taylor e seus pais se sentaram na terceira fileira, duas atrás dos Berkley. Colton James se sentou atrás dos Ryan, e três fileiras mais para o fundo estavam Beth Lee e sua mãe, Kim. A ordem era a mesma da noite da morte de Katelyn: quanto maior a intimidade com a menina morta, maior a proximidade ao caixão.

Na mesma fileira em que se encontravam os Berkley, mas do outro lado do corredor, estavam Starla e sua família. Na sequência, o resto das lideres.

Taylor murmurou a Hayley:

— Olhe, é o pelotão dos pompons. Katelyn deve estar se revirando no túmulo.

— Ela ainda não está no túmulo — disse Hayley.

— Você entendeu. Ela odiou quando Starla a trocou pelas líderes.

— Odiou mais ainda quando não conseguiu entrar para a equipe.

Valerie pousou um dedo sobre os lábios pedindo silêncio.

Alguém apertou um botão, e uma versão reduzida do bombástico sucesso de Celine Dion "My Heart Will Go On", do Titanic, tocou no CD player.

Hayley manteve a boca fechada, mas não pode deixar de pensar que preferia estar morta a ter aquela música tocada no seu funeral nem morta deixaria que tocassem Celine, Mariah ou Whitney.

Valerie Ryan agarrou a mão do marido diante daquela que deveria ser a visão mais triste do mundo: o caixão rosa na frente da igreja de Port Gamble, lugar cuja denominação historicamente mudava de acordo com a maré e com a vontade da esposa do dono da madeireira. A igreja de St. Paul era uma congregação episcopal, mas já havia sido luterana, católica e ate mesmo batista. Não importava. Os fieis frequentavam-na assiduamente, independentemente da religião que a mulher decretava para a cidade. Taylor e Hayley choraram — não um rio de lágrimas, como amigas íntimas teriam derramado, mas lágrimas nascidas de um momento trágico. Algumas pessoas que ocupavam os velhos bancos de carvalho soluçavam porque amavam Katelyn. Outras choravam por causa da tristeza esmagadora provocada pela perda de uma vida tão jovem.

As lagrimas de Valerie vieram das lembranças do tempo em que as filhas eram pequenas, lembranças dos tempos mais sombrios de sua vida adulta.

Aquele acontecimento fora há muito tempo, mas os sentimentos de desesperança e fragilidade da vida logo tomaram a mãe enquanto o pastor falava sobre a breve trajetória de Katelyn. As próprias filhas de Valerie passaram trinta e um dias lado a lado no Hospital infantil de Seattle após o acidente, os olhos tremulando, revirando-se sob as pálpebras que os pais rezavam para que abrissem. O hospital não permitiu que se colocasse mais uma cama no quarto. Aparentemente, uma medida de segurança era mais importante do que o calor de um pai ou de uma mãe. Por isso, Valerie levou um colchão de casa e o colocou no espaço entre os leitos das meninas, e ela e Kevin se revezavam durante as noites.

— Por que elas não acordam? — perguntou Valerie uma entre tantas vezes.

— Nós realmente não sabemos— respondeu o médico, um homem

simpático que usava óculos e tinha os dedos manchados de nicotina. Não e nada fisiológico.

— Por que você sempre diz isso?

Valerie acariciou o rosto das filhas e gentilmente tocou a bochecha de cada uma para lembrá-las de que, onde quer que estivessem ... onde quer que suas mentes estivessem ... ela estava a seu lado e nunca as abandonaria.

— Sinto muito — disse o médico.

Valerie se posicionou entre as duas camas. Camas gêmeas. Envoltas por uma teia de tubos e fios.

— Eu só quero saber o que vocês vão fazer para que elas...

— Consigam sair dessa— disse Kevin, entrando no quarto com duas xícaras de café e uma barra de cereais para a esposa, que parara de comer.

A preocupação com suas três garotas estava estampada no rosto do homem — olhos abatidos, grandes olheiras. Mas, mesmo cansado como estava, ele sempre mostrava às pessoas que era grato pelo que tinha. Outros pais haviam perdido seus filhos.

Hayley e Taylor tinham sido poupadas.

Mas para quê? Que tipo de vida teriam caso elas nunca acordassem?

As preces dos Ryan foram atendidas, claro. As meninas se recuperaram, saíram do hospital e voltaram para casa. Tanto Valerie quanto Kevin sabiam que as filhas não eram mais as mesmas de antes do acidente de ônibus que quase as matou, mas nunca falaram sobre isso. Nunca falaram realmente. Era algo fácil de evitar, porque a mudança era invisível.

No banco da igreja, ao lado de sua família em luto, Valerie afastou tais pensamentos. Olhou para Sandra e Harper Berkley, sentados na primeira fileira. Harper estava com o rosto enterrado nas mãos Sandra com a cabeça apoiada desajeitadamente no ombro do marido. Valerie podia imaginar como ambos se sentiam, pensando em como a vida fora cruel com eles.

Katelyn sobrevivera ao acidente apenas para ser arrebatada pela morte ainda jovem. Havia algo muito, muito errado com o mundo.

Valerie só não sabia quão errado.

Com o lenço encharcado de lágrimas amassado na forma de uma esfera quase perfeita, Hayley assistia ao pastor falar sabre Katelyn. E sobre

o amor dela por orcas, beisebol, Claire's e doces quentes de canela do shopping de Silverdale. A lista a fez sorrir e chorar ao tempo. Ela e a irmã — ela e todo mundo — tinham desapontado Katelyn. O que não conseguiram enxergar? Como poderiam ter evitado o que aconteceu?

Ela olhou para Taylor, para a mãe, para o pai. Para a fileira das líderes de torcida. Notou que a avó de Katelyn, Nancy, parecia olhar fixamente para a frente, enquanto seu marido, Paul, deixava as lágrimas rolar por suas bochechas coradas.

Sem se virar muito, porque ser o centro das atenções no funeral de outra pessoa era a última coisa que Hayley Ryan queria, ela olhou para Beth e a mãe dela. Colton fez um leve aceno em sua direção.

O que todas aquelas pessoas não conseguiram enxergar?

Não foram apenas as palavras sabre uma amiga que havia se transformado em uma estranha que mexeram com as emoções de Hayley. Ela sentiu algo se aproximar. Em sua direção. Rápida e furiosamente. Era algo mais do que os sentimentos provocados pela ocasião ou a tristeza que vazava de todos os lados pela morte de uma adolescente como ela; esses sentimentos eram dor, angustia, um aperto no coração.

Em vez disso, Hayley estava sentindo medo.

Não da menina no caixão rosa— o que faria algum sentido, já que ela fora abandonada por todos –,mas de alguém presente na igreja. Havia alguém que não estava nem um pouco triste. Alguém que achava que Katelyn Berkley tivera o que merecia.

Hayley chegou bem perto da irmã e cochichou a seu ouvido:

Alguém está preocupado com tudo isso. Com a verdade sabre o que aconteceu.

Taylor, os olhos azuis cheios de lágrimas, concordou com a cabeça.

— Eu sei— sussurrou ela.

Ao fazê-lo, seus olhos se cruzaram com os de Sandra Berkley. Ela parecia tão triste, tão completamente devastada. Estava sozinha e perdida no meio de uma igreja abarrotada. Algo na mãe de Katelyn chamou a atenção de Taylor.

Era como se a estivesse procurando, suplicando-lhe algo.

Como uma revoada de corvos sob o céu cinzento, a procissão de guarda-chuvas pretos ziguezagueou pelo caminho que subia a colina até o cemitério Buena Vista. A neve se transformara em chuva, que caía sobre a família de Katelyn e um pequeno grupo formado par amigos de todas as

fases de sua vida. Estavam reunidos para assistir ao caixão deslizar silenciosamente para dentro da terra lamacenta da baia de Port Gamble. Harper, Sandra e ate mesmo a avó de Katelyn, agora dona de uma cozinha remodelada, soluçavam como se disputassem quem era o mais angustiado.

Sem dúvida, Sandra estava ganhando. Ela mantinha os finos dedos entrelaçados, trançados sabre o peito arfante.

Os Ryan faziam parte do grupo. Eles conheciam Katelyn desde sempre. Beth e sua mãe também estavam presentes, com o olhar perdido em uma fileira de túmulos não muito distante do local de descanso final de Katelyn. Ambas conheciam aquele lugar muito bem.

A família de Starla também compareceu. Estavam unidos por Jake, que Mindee segurava como se fosse um acessório — o que de fato era.

Como seu pai achava-se pescando em algum lugar distante e sua mãe não saia de casa, Colton chegara ao local com a família Ryan. Durante a breve e triste cerimônia, ele segurou a mão de Hayley com firmeza. Não a soltaria de jeito nenhum. Se Hayley pensou que havia chorado toda a sua mágoa, estava enganada. Katelyn talvez já não fosse sua melhor amiga, mas não merecia nada daquilo — e nunca mereceria.

As lagrimas de Taylor se misturaram as gotas de chuva enquanto ela olhava o caixão e ouvia o pastor dizer algumas palavras. Por dentro sentia-se nauseada. Não sabia se conseguiria segurar o que havia em seu estômago. O que sentia era maior do que simplesmente perda, dor ou tristeza. Taylor sentia a presença de algo sombrio e assustador. Estava profundamente perturbada desde a missa. Esse sentimento permaneceu no cemitério — e se intensificou.

Ela percebeu o terror de alguém que tinha medo de ser descoberto, uma pessoa próxima.

"Não pode ser."

Quem quer que tivesse feito aquilo com Katelyn, quem quer que a tivesse colocado em um caixão com cores estapafúrdias estava ali. Entre eles.

CAPÍTULO 23

A desculpa para visitar novamente os Berkley era o horroroso cachecol que Taylor esquecera de propósito na casa da família. Com a irmã Tendo ido a algum lugar com Colton, Taylor resolveu fazer ela mesma o que precisava ser feito. Primeiro, passou no Timberline, mas o dono do restaurante não estava lá. Viu a mãe de Katelyn no escritório, que ficava atrás da recepção; ela digitava rispidamente no teclado conectado ao velho monitor CRT, que ocupava metade da pequena mesa. Como Taylor não queria falar com Sandra Berkley, seguiu em silencio em direção à casa ao lado.

A chuva havia transformado os vestígios de neve da calçada em uma raspadinha cinzenta. A cada passo encharcado, Taylor desejou ter acatado a sugestão da mãe de besuntar com líquido impermeável sua bota Ugg cor de lavanda. Como Hayley. Sua irmã sempre fazia o pratico. Taylor sentiu a umidade fria atingir a ponta dos dedos e começar a subir pela perna até o resto do corpo.

Harper Berkley abriu a porta. Seu rosto estava pálido, e a barba denunciava que ele não a fazia há um ou dois dias. Taylor nunca vira olhos tão tristes. Katelyn sempre fora mais próxima do pai, como as adolescentes normalmente são. Não que os pais sejam maravilhosos, mas as mães sempre parecem pensar que, não importa o caminho tomado pelas filhas, teria sido muito mais fácil chegar aonde quer que tenham chegado se as tivessem escutado. É clara que nenhuma adolescente quer saber que a mãe viveu uma vida muito parecida com a sua própria — vinte ou trinta anos antes.

— Sinto muito par incomodá-lo, senhor Berkley — disse ela.

— Oi, Taylor.

Harper era um dos poucos em Port Gamble, fora os membros família, que sabia diferenciar as gêmeas de cara.

— Sim, sou eu — disse ela, sem saber muito bem o que dizer.

Estava triste pelo que acontecera com Katelyn. Sentia-se culpada por não ter estado ao lado dela. Sem palavras, ficara envergonhada após o velório; quando as pessoas se apresentaram para dizer coisas bonitas sobre a menina morta, ela não foi capaz de falar nada.

— O que você deseja?

Ela respirou fundo.

— Eu esqueci meu cachecol aqui no outro dia. Foi um presente da minha tia Jolene.

O pai de Katelyn abriu a porta e fez um sinal para que Taylor

entrasse,

— Está frio ai fora — disse ele. — Vamos procurá-lo. Não me lembro de tê-lo vista.

Ele fechou a porta.

— Você se lembraria caso o tivesse vista — disse Taylor, indicando sutilmente no tom de voz que aquele cachecol era inesquecível pelas razões erradas. — Minha tia e legal, mas as coisas que ela faz para nós...

Harper abriu um breve sorriso.

— Entendo.

Taylor olhou para alem da sala de estar. A árvore de Natal continuava montada, as luzes piscando e lançando um brilho cereja no cômodo mais triste de Port Gamble. Através da porta da cozinha, ela viu montanhas de louças por todos os lados. Nenhum sinal da desagradável avó de Katelyn, o que era bom. Harper a guiou até o corredor, alcançou o cabideiro e pegou o cachecol, que estava atrás de uma capa de chuva preta e cinza. Taylor a reconheceu imediatamente. Não a via há muito tempo. Era uma imitação de Burberry que Katelyn comprara no eBay. A amiga ostentava a aquisição em seu armário da Kingston High. Ela estava radiante, mas não excessivamente. Afinal, tratava-se de uma imitação, mas de ótima qualidade.

— Ah, Katie — disse Starla ao passar por aquela exibição. — Mais uma aquisição de leilão? Ela e linda. E cai muito bem em você.

— Obrigada, Starla — disse Katelyn, claramente sem notar que a amiga acabara de zombar dela.

Com um sorriso brilhante estampado no rosto, claro.

Taylor se lembrou do que sentiu quando viu a cena. Starla fora cruel sem nenhuma necessidade, e Katelyn ficou ali, parada, sem fazer nada. Por que não mandou a amiga ira merda ou algo parecido? Katelyn não aceitava desaforo. Mas aceitou naquele momento. Era como se Katelyn fosse uma criança negligenciada em busca da aprovação de um pai ou de uma mãe que nunca a amou — nunca conseguia essa aprovação, mas nunca parava de tentar obtê-la.

A lembrança desapareceu, e Taylor notou um pedaço de papel que se projetava para fora do bolso do Burberry falso.

Ela olhou para o pai de Katelyn e apontou para a própria garganta.

— Senhor Berkley, tem algo na minha garganta. O senhor poderia me dar um copo d'água, por favor?

— Claro — respondeu ele, virando-se na direção da desordenada cozinha.

Taylor esperou meio segundo antes de pegar o papel. Ele havia sido amassado, depois alisado e cuidadosamente dobrado. Ela não sabia por que, mas seu coração começo a bater mais forte enquanto o desdobrava.

Seus olhos se arregalaram.

Em letras maiúsculas, datilografadas, ele dizia:

ESTOU DE OLHO EM VOCÊ E GOSTO DO QUE VEJO. NAO ME DESAPONTE.

— Você não vem? — perguntou Harper da cozinha.

Sem hesitar, Taylor enfiou o papel no bolso do casaco e fechou o zíper.

— Não precisa— disse ela, fazendo que não com a cabeça. — Já estou melhor. Obrigada pelo cachecol. Cuide-se, senhor Berkley.

Taylor não esperou pela resposta. Queria sair dali imediatamente. Girou a maçaneta e correu em direção a tarde lamacenta, a mão tocando o bolso que guardava o papel. Algumas crianças brincavam de atirar bolas de neve no campo próximo ao que antigamente fora um estábulo — antes de os cavalos serem substituídos por carros em Port Gamble. As risadas das crianças contrastavam completamente com o que Taylor sentia.

Medo.

O papel parecia pulsar dentro de seu bolso, apressando-a a voltar para casa. Sua descoberta era importantíssima. Mostrava a Taylor que quem quer que estivesse se comunicando com Katelyn pela internet estava perto o bastante para lhe entregar uma mensagem escrita, real.

Não era um longo caminho até a casa número 19, mas Taylor o percorreu em tempo recorde. Cumprimentou o pai, que digitava no computador do escritório, e subiu a escada correndo ate o quarto da irmã. Hayley mal ergueu os olhos. Estava imersa no livro de medicina legal que ganhara no Natal.

— Taylor — disse Hayley, os olhos pregados no conteúdo da página –, você sabia que a medicina legal foi utilizada pela primeira vez para resolver um crime ocorrido no ano quarenta e quatro antes de Cristo?

Taylor sabia bem como cortar a irmã. Hayley gostava de compartilhar fatos triviais como aquele. E não havia qualquer sinal de

Colton, o que era um alívio. Apesar da bomba em seu bolso, havia alguma calmaria.

— Tem certeza de que não foi na primeira temporada de CSI? — perguntou ela, certa de que a irmã não a escutaria.

— Quando César foi apunhalado até a morte por senadores romanos, um médico chamado Antistius olhou para o corpo e determinou quem eram os culpados. Ninguém sabe como, mas ele fez isso.

— Fascinante — disse Taylor, retirando o pedaço de papel do bolso.

— É daí que vem o nome da ciência forense. O médico, examinador, seja lá o que fosse, apresentou sua descoberta ao fórum romano. "Forense" significa "relativo ao fórum".

Satisfeita por transmitir uma informação tão incrível, Hayley finalmente tirou os olhos do livro.

— Entendi. Vou anotar isso para quando precisar— disse Taylor.

— Mas agora vamos falar sobre algo mais atual.

Entregou o papel à irmã.

— O que e isso?

— Leia.

Hayley desdobrou o papel. À medida que o lia, sua expressão se fechava e se acendia ao mesmo tempo.

— Onde você encontrou isto?

— Na capa de chuva de Katelyn.

— Eu gostava daquela capa. Ficava linda nela.

— Ficava incrível. Enfim, você sabe o que isso significa, não e? Ou pelo menos o que eu penso que significa...

Hayley anuiu com a cabeça.

— Sim. Significa que a pessoa que estava mexendo com Katelyn estava por perto. Perto o suficiente para entregar este bilhete a ela.

— Ele poderia ter sido enviado por correio — disse Taylor.

Hayley se levantou e segurou o papel contra a janela.

— Não — ela falou, indicando uma marca retangular de cola. — Foi colado em algum lugar.

— Na porta da casa dela?

Hayley não concordou com essa hipótese.

— Não, qualquer um o teria visto.

— Tipo a mãe ou o pai dela — completou Taylor.

Hayley devolveu o papel à irmã.

— É. Talvez tenha sido grudado no seu armário da escola?

— Você está sentindo alguma coisa? — perguntou Taylor.

— Não. E você?

Taylor balançou a cabeça, dobrando cuidadosamente o papel em conformidade com os vincos originais.

— Devo dormir em cima dele?

Era o que as gêmeas fariam. Uma delas colocaria o papel sob o travesseiro e tentaria sincronizar seus sonhos com o documento, o remetente ou o destinatário. Taylor era melhor do que Hayley nisso — descobrira essa habilidade aos sete, quando a fada dos dentes lhe deixou um bilhete.

Ela não sonhou com a fada dos dentes, claro. Em vez disso, sentiu que os pais estavam por trás da nota de um dólar trocada pelo dente do bilhete escrito em letras bem pequenininhas. Ela viu a mãe espremendo os olhos enquanto escrevia uma letra minúscula após a outra. Para Taylor, foi incrível descobrir que o que ela pensou ser uma mensagem vinda de algum lugar muito distante na verdade fora escrito por sua mãe na cozinha logo abaixo.

Obrigada pelo lindo dente. Será o pingente de um colar que usarei com muito orgulho para sempre.

Fada dos Dentes.

Por muito tempo, Taylor pensou que o que vira e sentira tinha sido um sonho divertido. Isso mudou certa manhã, quando ela tinha nove anos e a mãe, que estava vestida para o lançamento de um livro, lhe pediu que pegasse um par de brincos em sua caixa de joias. Ao abri-la, encontrou uma caixinha de pílulas feita de metal. Dentro, havia pequenos dentes brancos.

Alem de confirmar a absoluta inexistência da fada dos dentes, aquilo provava duas coisas: havia mágica no amor de sua mãe e, até onde as meninas sabiam, Valerie Ryan lhes abrira as portas para um conhecimento que não pertencia a este mundo.



Se havia mesmo algo de "extraordinário" naquela família, só uma

vez tentou-se compreendê-lo. Logo após seu aniversário de um ano, Hayley e Taylor foram examinadas por linguistas da Universidade de Washington que estudavam falantes precoces. As gêmeas começaram a formar frases completas aos dez meses de idade, e Kevin, que nunca perdia a chance de estabelecer contato com alguém que lhe poderia ser útil no futuro, respondeu a um anuncio e fez um vídeo das meninas. Ao contrário de outras tentativas suas, essa funcionou. Algumas semanas mais tarde, uma assistente da pesquisa, Savannah Osteen, foi enviada a Port Gamble para gravar as irmãs durante quatro horas.

Naturalmente, Kevin estava muito orgulhoso da habilidade verbal fora do comum de suas filhas. Enquanto a maior parte das crianças, mesmo aquelas que eram meses mais velhas, simplesmente apontava e dizia uma única palavra para se referir ao que queria, Hayley e Taylor formavam frases de forma muito coerente. Nunca diziam apenas "gatinho"; em vez disso, diziam: "Quero brincar com o gatinho!".

Outras vezes, diziam sentenças que não faziam sentido para ninguém, a não ser para elas mesmas.

Aos dez meses de idade.

E, embora isso não surpreendesse ninguém que já houvesse estudado gêmeos, as meninas de fato desenvolveram uma linguagem única, própria, a qual Savannah chamou de "idioglossia". Valerie e Kevin não entendiam, por exemplo, o que "clique racha coco" significava, mas sem dúvida era algo muito importante, pois Hayley e Taylor repetiam aquela frase inúmeras vezes. Observadores, entre eles Savannah, achavam se tratar da descrição de uma função física, sendo "cocô" a palavra central. No entanto, a frase parecia dirigida a certas pessoas, e não ao conteúdo de uma fralda.

Durante o período de análise, Savannah capturou a ação das meninas com uma filmadora que montou em um tripé, discretamente colocado em um canto da sala de estar, ao lado de uma flor-de-maio que uma vez ocupou o centro do escritório do pai de Valerie, na prisão.

O relatório enviado por Savannah ao departamento de linguística da Universidade de Washington se concentrava na singular habilidade linguística das meninas, claro, mas também considerava aspectos do seu complexo relacionamento.

MEMORANDO

DE: Savannah Osteen

PARA: Departamento de Linguística da Universidade de Washington

A "Gêmea A" parece ligeiramente mais dominante do que a irmã, "Gêmea B": Em pelo menos duas ocasiões, a Gêmea A interrompeu a Gêmea B enquanto esta falava na linguagem que desenvolveram.

Além disso, a Gêmea A demonstrou-se um pouco agressiva com a avaliadora. Uma segunda sessão levará tal fato em consideração e mitigará qualquer potencial conflito por meio da separação das irmãs durante a avaliação. Mantê-las separadas é o procedimento ideal neste caso em particular.

Valerie e Kevin nunca souberam exatamente como as filhas se saíram em relação às demais crianças analisadas. Uma terceira sessão foi marcada para cerca de três semanas após a segunda. Dessa vez, a avaliadora observaria as meninas durante o jantar; por isso, Valerie preparou seu famoso salmão com vinagre balsâmico e cebolinha. Chegou até a comprar um vinho melhor — um Chardonnay californiano — do que aquele que compraria se fosse jantar sozinha com o marido.

Entretanto, Savannah Osteen nunca apareceu. Nem sequer ligou para avisar que não compareceria a sessão daquela noite. Muitas vezes, Port Gamble parecia um fim de mundo tanto para os visitantes quanto para seus habitantes, mas todos sabiam que o serviço telefônico funcionava perfeitamente no local.

Kevin ligou para a universidade no dia seguinte para saber se estava tudo bem com Savannah, e o orientador dela, irritado, contou que a mulher não trabalhava mais lá.

— Ela abandonou o programa de uma hora para outra. Sem qualquer aviso prévio. Talvez possamos remarcar o encontro?

Kevin, autor de livros sabre crimes, ficou desconfiado. Ele era bom nisso. Fazia parte das suas atribuições.

— Espero que ela esteja bem.

O orientador suspirou. — Ela está bem. Só não é de confiança.

— Sério? Ela parecia gostar do trabalho — falou Kevin. — Disse ser muito recompensador. Também afirmou acreditar que nossas filhas

poderiam ser muito úteis ao estudo.

— Acho que ela mudou de ideia, então. Os jovens de hoje não se comprometem com nada.

Kevin agradeceu ao homem e desligou. Era um telefone de parede branco, o qual permaneceria naquele mesmo lugar por mais cinco anos, ate que o comitê de padronização de Port Gamble decidisse não se tratar de um objeto histórico e permitisse sua remoção — os Ryan passaram a utilizar celulares.

O pai das gêmeas achou aquela história da pesquisadora um tanto bizarra e descabida, mas não deu muita bola. Teve de repetir o salmão.

Ele odiava comida do dia anterior. A única exceção era o salmão da esposa. Quente, frio, não importava: era a melhor coisa que já tinha comido.

Ele ainda saboreava o prato quando retirou o lixo, que lhe pareceu mais pesado do que o habitual. Quando o saco preto bateu no fundo da lata de metal, o som de vidro contra vidro ecoou na noite.

Curioso, Kevin o abriu e espiou dentro dele. Estava cheio de potes de comida para bebê, todos do mesmo sabor.

Macarrão de letrinhas com molho de tomate orgânico.

CAPÍTULO 24

Teagan Larsen estava sentado à frente do computador. Ao lado do teclado, havia uma tigela de macarrão instantâneo com queijo laranja fluorescente preparado no micro-ondas — era a única coisa que sua mãe permitia que ele cozinhasse, pois tinha medo de que o filho colocasse fogo na casa. O computador ficava sobre uma pequena mesa adjacente ao sofá da sala de estar. Mindee Larsen temia que adolescentes fossem vítimas de predadores on-line; ela tinha certeza de que Starla era precavida, mas sabia que Teagan não o era. Desde que seu pai se fora, ele parecia mais vulnerável do que nunca.

Embora tivesse pegado um garfo para atacar a tigela, o garoto usava os dedos para pescar um fio de macarrão por vez. Depois, lambia-os ruidosa e despreocupadamente.

— Teagan, você é nojento — disse Starla, sentada no sofá.

— Seu rosto é nojento— retrucou ele.

Starla nem sequer olhou para o irmão.

— Nossa, que original — disse ela, mapeando os canais até parar no *America's Most Wanted*. Não era seu programa favorito, mas a ideia de ver gente comum correndo atrás da escória do planeta lhe pareceu divertida.

— Espero que estampem a foto de Jake qualquer dia desses — disse ela, lançando um rápido olhar ao irmão mais novo, que passara a usar o garfo.

— Eu também odeio o Jake — ele falou.

Starla abaixou o volume da televisão. Aquela era uma conversa interessante com Teagan. Ela gostou do que acabara de ouvir.

— Pensei que você gostasse dele — disse Starla.

Teagan balançou a cabeça.

— Eu finjo gostar, porque se não "tratá-lo com respeito" ele acaba com a minha raça.

— Ai dele se fizer isso — disse ela, desta vez sendo completamente sincera.

Desde que entrara na equipe de líderes de torcida, Starla parou de bancar a boazinha com todo mundo. Não precisava mais. Já estava no topo, em uma posição de muito, muito poder.

— Você sabia que ele já foi preso? — perguntou Teagan.

Ela não sabia. Se aquilo fosse verdade, por que nunca lhe havia contado? O namorado delinquente da mãe lhes fora apresentado "um amigo querido" antes que ela e o irmão notassem que ele passava as noites no quarto dos pais.

— Como você sabe disso? — perguntou Starla, não mais interessada no psicopata apresentado na televisão: um cara gordo que matou a mãe com um pé de cabra e depois roubou o carro dela.

Eles já tinham um psicopata bem ali, dentro de casa.

— Escutei-o contar para a mamãe. Jake disse algo sobre terem roubado sua liberdade uma vez e prometeu que nunca permitiria que isso acontecesse novamente.

— O que ele fez? Molestou alguém?

Teagan digitou alguma coisa.

— Não sei. Talvez. Eles não disseram.

Starla parou por um instante e pensou em outras possibilidades

antes de se decidir pela hipótese do molestador.

— Não gosto da maneira como ele me olha— disse ela, mergulhando a cabeça na almofada do sofá e mexendo os dedos dos pés. O esmalte vermelho das unhas já estava desgastado. Resolveria isso naquela mesma tarde.

Teagan tinha apenas treze anos, mas quase gargalhou diante da colocação da irmã. Starla não levantava um dedo, não dizia uma palavra, não respirava sem que alguém a estivesse observando. Ela vivia para uma plateia— fosse essa plateia assustadora ou não.

Teagan odiava e admirava a irmã por isso.

Valerie Ryan sentiu um sopro de ar frio vindo da cozinha e logo soube que a porta dos fundos se abrira. Kevin não era bom em consertar coisas, e nem passou pela cabeça dela gritar pelo marido. Em vez disso, abriu a gaveta de quinquilharias ao lado do fogão e pegou a chave de fenda. Não era culpa de ninguém. A maçaneta daquela porta vivia frouxa.

Ela viu os casacos e as bolsas das meninas sobre o banco ao lado da porta.

"Devem ter levado Hedda para um passeio", pensou ela. A cadela era preguiçosa, mas adorava dar uma volta.

— Oi, mãe.

As gêmeas estavam logo atrás.

— Oh — respondeu Valerie, um pouco assustada. — Pensei que tivessem levado Hedda para passear.

Hayley e Taylor negaram com a cabeça.

— Não. Nem a vimos— disse Taylor, de repente se sentindo um pouco preocupada.

Todos amavam Hedda, mas sabiam que ela não era a mais inteligente das cadelas. Muita gente ria dos seus pelos longos, pretos e prateados, que a faziam parecer ainda mais velha do que realmente era.

— A gente pensou que você tivesse saído com ela — disse Hayley.

As três saíram naquele gelado dia de janeiro e gritaram por Hedda do alpendre. Hayley desceu a viela, e Taylor caminhou pela estrada que acompanhava a baia. Valerie ficou na varanda, chamando Hedda de volta a casa.

A cadela desapareceu.

No fundo, mãe e filhas sabiam que algo ruim havia acontecido, pois Hedda era caseira, não se afastava muito do lar. Além disso, aquela

gorducha nunca perdia uma refeição.

Nunca.

CAPÍTULO 25

Quando morreu, Katelyn Berkley já não era tão próxima de nenhuma das meninas de Port Gamble que conhecia desde a infância. E não porque elas quisessem que fosse assim. Algumas até tentaram se reaproximar. No entanto, quanto mais tentavam, mais Katelyn se afastava.

Nenhuma sabia por quê. Hayley e Taylor deduziram que era por causa da situação com seus pais. Quando Katelyn ainda estava no primário, a polícia local fez pelo menos duas visitas à casa dos Berkley para resolver o que os fofoqueiros chamavam de "distúrbios domésticos". As gêmeas Ryan sabiam, graças ao trabalho do pai, que "distúrbios domésticos" era o termo politicamente correto para "discussões com socos e ponta-pés" É possível que tenha havido outras situações em que a intervenção alheia se fez necessária, mas ninguém podia dizer com certeza.

Segundo a rede de fofoca juvenil, foi Katelyn quem ligou para a polícia, dizendo ter medo de que os pais terminassem machucando um ao outro.

Hayley se sentiu mal com o que aconteceu com a garota nos anos seguintes aquelas brigas físicas. Katelyn lhe disse uma vez que as coisas em casa estavam melhores.

— Minha mãe está procurando ajuda — disse ela.

— Que tipo de ajuda?

Katelyn fez o gesto de segurar um copo e levá-lo à boca.

— Ah... — balbuciou Hayley; aquele gesto exigia uma resposta, mas ela não sabia o que dizer.

Sandra Berkley era uma mulher triste e, assim como a filha, muito boa em construir muros a seu redor. O álcool funcionava como uma ótima barreira.

"Talvez não tenhamos tentado o bastante", pensou Hayley.

Ela tocou o bilhete que a irmã encontrou na capa de chuva de Katelyn.

Havia dormido com o papel sob o travesseiro na noite anterior como fizera Taylor uma noite antes, mas nada apareceu para nenhuma das

duas.

Em vez disso, Hayley notou que seus pensamentos recuavam à época anterior ao início dos problemas de Katelyn. Ela recordou uma conversa entre sua mãe e seu pai sobre o que estava acontecendo na casa número 23.

— Coisas assim acontecem em qualquer lugar — disse Valerie.

— Eu sei. Mas, honestamente, nunca suspeitei dos Berkley — disse Kevin.

— Com tudo o que conhece sobre crimes violentos, você deveria saber que eles ocorrem em qualquer lugar mesmo.

— Eu me sinto como o idiota que diz que seu vizinho serial killer parecia um cara legal, mas que, quando pensa melhor, se lembra do guincho de um gato e se pergunta se ele não o matou.

Valerie deu risada.

— Não é para tanto, Kevin.

— Não — disse ele. — Espero que não.

Hayley se lembrou de ver Katelyn no dia seguinte a uma das intervenções policiais e perguntar a ela se estava tudo bem.

— Eu estou bem— respondeu ela. — Por quê?

— Não sei — disse Hayley, sentindo que havia se intrometido em uma questão particular. — Se algum dia você precisar de alguém para conversar...

Katelyn encarou-a, só pesando aquela resposta um tanto enigmática.

— Eu não preciso da ajuda de ninguém — disse com firmeza.

Aí estava o muro, e ele era feito de tijolo, pedra, aço.

Hayley permaneceu imóvel par um instante. As palavras que saíram da boca de Katelyn contrastavam completamente com sua fisionomia.

Ela tinha umas feições extremamente triste, cansada e assustada. Você tem certeza? — insistiu Hayley. — Posso ajudar em alguma coisa? Katelyn se virou para responder a uma mensagem de texto.

Não há nenhum problema— disse sem erguer os olhos. — Só eu.

E então partiu em direção à sala, em direção ao café.

Para algum lugar longe de Hayley.

Hayley deixou para lá e se arrependeu anos depois. Não insistiu mais porque lhe pareceu algo muito pessoal. Mais tarde, quando soube que Katelyn estava se cortando, deduziu o que qualquer pessoa que assiste a programas da tarde sobre automutiladores e suas motivação deduziria. Eles

o fazem para controlar a dor, para expelir o sofrimento um pouquinho de cada vez.

Hayley não chegou a pensar em quais seriam as raízes dos problemas de Katelyn.

Pensou, sim, que a hierarquia escolar fazia que muitas crianças fossem relegadas à condição de perdedor, de intruso. Katelyn, a automutiladora, nunca foi vista por ninguém como perdedora. Poucos conheciam seu segredo. Ela era cativante. Era bonita. Ainda mantinha seu lado divertido, animado. E, mais importante, mantinha a companhia de sua melhor amiga, Starla.

A amizade com Starla, não importava o quão tênue fosse, era praticamente uma garantia de que Katelyn fosse viver algo melhor do que sua miserável rotina em casa ou no restaurante em que trabalhava.

Com esses pensamentos ainda em mente, Hayley olhou para a irmã, que acabara de entrar no quarto.

— O que foi? — perguntou Taylor, achando um espaço no canto da cama.

— Eu estava pensando em Katelyn — disse Hayley.

Taylor correu os dedos pelo velho lençol bordado, que, instantânea, tatilmente, lembrou-a da avô materna.

— Eu sei— disse Taylor. — Eu também.

Hayley examinou o papel dobrado que segurava entre os dedos. Os olhos de Taylor também pousaram no bilhete. Ela refletiu sobre o que estava escrito ali e pensou em voz alta:

— Você acha que poderíamos ter salvo Katelyn?

Hayley balançou negativamente a cabeça. Pensar que elas poderiam ter feito algo para evitar sua morte e não o fizeram era insuportável.

— Não sei. Mas talvez Starla pudesse.

Valerie olhou para os pratinhos de água e de comida de Hedda. Havia um resto de ração light na vasilha de cerâmica branca, mas já estava velho. Assim como a água. Tantas vezes ela reclamou que era a única pessoa da família que se lembrava de trocar a comida de Hedda. Foi um pensamento–relâmpago, do tipo que ia e vinha com a dolorosa percepção do sumiço da cadela.

Hedda fazia parte da família há quase dez anos. O dia em que ela chegou foi marcado por uma tragédia impensável. Valerie passara em casa

para trocar de roupa e retornar ao hospital, e então Kevin telefonou para lhe dizer que o ônibus havia sido encontrado. Ela dirigiu ao local do acidente, levada pela curiosidade e pela necessidade de estar ali. Estacionou ao lado da ponte e percorreu o longo caminho até o ponto de junção. O vento batia suavemente, e as escarpadas montanha Olympic sustentavam o céu. Era um lindo dia, mas ela quase não notou. Na verdade, Valerie estava em tal estado enquanto observava o resgate do pequeno ônibus que, quando um jovem policial lhe entregou Hedda, ela a pegou.

— É uma cachorrinha muito assustada — disse ele –, mas, agora que voltou a seu colo, olha como abana o rabo!

Valerie nem pensou em dizer que o cachorro não lhe pertencia.

A família amava Hedda, embora fossem os únicos, ao que parecia. Não sabiam sua idade exata, mas um veterinário de Kingston disse que ela tinha entre cinco e seis anos quando foi encontrada na ponte. Isso os deixou tristes, pois significava que Hedda ficaria com eles pouco tempo.

No entanto, a rechonchuda dachshund foi vivendo. Tinha por volta de dezessete anos e estava tão bem quanto um cão com a metade de sua idade. Seu pelo se acinzentara e a audição já não era tão boa, mas seus olhos continuavam brilhantes e alertas.

Valerie ergueu a tigela de água e lavou-a na pia. Lavou também a vasilha de comida. Em vez de guardá-las, reabasteceu-as com água e ração frescas e colocou-as em cima do tapete que as meninas haviam comprado na Petco, em Silverdale. No tapete, lia-se:

CÃO COMILÃO

Valerie sorriu pela primeira vez em muito tempo.

Hedda havia desaparecido, mas com certeza voltaria.

CAPÍTULO 26

Conversar com Starla na escola era algo impossível. Embora fosse apenas uma secundarista, estava sempre cercada par guardiões, imitadoras e parasitas. Hayley e Taylor sabiam que, para vê-la, teriam de ir à sua casa, ou seja, teriam de correr o risco de encontrar a pessoa mais sórdida de Port Gamble. Não Mindee Larsen— embora ela pudesse concorrer ao título –, mas Jake Damon, um homem que deixava pegadas lodosas por onde passava.

Pelo menos era isso que a maioria das adolescentes de Port Gamble expressava sempre que o nome dele surgia em uma conversa. Ate mesmo uma menina cega com um cão-guia era capaz de perceber os olhos de Jake percorrerem o corpo de uma mulher, como se ele estivesse fazendo um tour por um lugar que gostaria de tocar. Todas sabiam que, ao primeiro sinal de um tempo mais quente, ele se plantava na orla da baía para fumar e observar as garotas se bronzearem sob o céu nublado, à moda de Washington — que normalmente só resultava em queimaduras.

Ninguém podia dizer que ele não era bonito. Era. Tinha belos olhos e dentes mais alinhados do que a maioria dos trabalhadores braçais. Seu corpo era melhor do que o daqueles cujas barrigas pendiam sobre fivelas do tamanho de pratos. Jake nunca andava por ai com a calça caída no meio da bunda.

Taylor e Hayley, no entanto, não o achavam nem um pouco atraente. Na verdade, elas se referiam ao namorado da mãe de Starla como "Senhor Nojento".

Quando, alguns dias após o funeral de Katelyn, as gêmeas chegaram à casa dos Larsen, ficaram aliviadas ao verem que o carro de Mindee, um antigo Cabriolet vermelho cujo capo ela mesma consertara com fita isolante após ter sido deixada pelo marido, não estava lá. Tampouco o carro de Jake, um Toyota.

Starla abriu a porta. Ela vestia um top rosa claro e um jeans escuro e manchado. O top, como grande parte das roupas que usava em casa era da sua mãe. Mindee podia ser uma perua, mas tinha peças de qualidade entre as porcarias que comprava nas medíocres butiques do Kissap Mall. Starla usava qualquer coisa que pudesse surrupiar do armário da mãe, pois assim gastava menos suas próprias roupas.

— Vocês estão arrecadando dinheiro para alguma coisa? — perguntou Starla.

De alguma maneira, ela sempre tinha na ponta da língua as palavras

certas para acariciar o receptor — só que ao contrário.

Depois de fazer as vezes de cume em uma pirâmide formada por líderes de torcida no campo de futebol, esse era um de seus grandes talentos.

— Isso foi no ano passado — respondeu Hayley. -aliás, a gente nunca recebeu o dinheiro da campanha contra o câncer de mama. Mas não é por isso que estamos aqui.

Starla fez cara de entediada enquanto, com apenas uma mão, prendia o longo cabelo em um coque bagunçado.

Outra de suas habilidades.

— Querem entrar?

Taylor passou por Starla e disse: — Esta muito frio aqui fora. Obrigada por nos convidar.

A casa da família Larsen estava como sempre: uma zona. Mindee não era bem uma colecionadora; era uma acumuladora incorrigível do que Valerie Ryan chamava de "ímã de poeira". Na mesa ao lado porta de entrada havia uma coleção de cães terrier. Mindee parecia ser adepta do pensamento "se um é bom, cinquenta e maravilhoso".

A cozinha tinha mais galinhas e galos do que um KFC. A sala era menos abarrotada, a não ser pela mesa de centro com pesos de papel de vidro em forma de ovo.

Teagan estava jogando no computador. Ele se animou ao ver Hayley e Taylor.

— Azar em par! — disse ele, tentando ser engraçado.

— Uau, que sagaz. Espera que eu vou anotar isso — disse Hayley, fingindo um sorriso. — Você é tão engraçado.

Taylor sorriu, tentando ignorar a irritação da irmã com o menino de quem fora baby-sitter algumas vezes — para nunca mais querer sê-lo.

— Na verdade, nós somos a dupla batuta — disse ela.

— Problema de vocês — falou ele, voltando a bombardear Nova York com um entusiasmo preocupante. — O que vocês querem? — perguntou Starla.

— Eu quero um refrigerante diet, por favor — disse Hayley.

— E eu, água — disse Taylor.

Starla fez uma careta.

— Tudo bem, mas não foi isso que eu perguntei. Por que estão aqui? Não que não seja legal revê-las, mas nós não andamos mais juntas.

Não desde que eu virei líder de torcida.

"Ela precisava jogar isso na nossa cara como se tivesse ganhado o premio Pulitzer", pensou Hayley.

— Viemos até aqui para falar de Katelyn — disse Hayley. — Será que poderíamos conversar no seu quarto?

Starla lhe lançou um olhar desconfiado.

— Tudo bem, mas vocês querem mesmo o refrigerante e a água?

— Não — respondeu Taylor. — Não precisa.

Elas seguiram Starla até o andar de cima. Já fazia uns dois anos que não entravam em seu santuário. Na última vez que estiveram ali, havia pôsteres de estrelas pop e cortinas estilo hippie que ela comprara à custa de Spencer.

Agora, o lugar estava completamente diferente. Taylor quase engasgou quando Starla abriu a porta.

As paredes eram como espelhos. Para onde quer que olhassem, tudo o que as gêmeas viam eram fotos de ... Starla. Lá estava ela posando com seu uniforme de líder de torcida (com e sem pompom) ou com ridículos trajes de gala que lembravam a Hayley os concursos infantis que via na televisão. Também havia fotografias dela praticando as coreografias da equipe no jardim de casa.

— Motivação — explicou Starla, notando o olhar assustado das gêmeas. — Eu li em uma revista que, se você se cercar com o que tem de melhor, se tornará ainda melhor. Eu ainda tenho muito trabalho pela frente, mas vocês duas deveriam tentar.

"Você e inacreditável", pensou Taylor, felizmente conseguindo manter a boca fechada. Ela e a irmã estavam ali por um motivo — bastante importante, por sinal.

Hayley examinou a foto de Starla no jardim de casa. Afastada em um canto, estava Katelyn, os ombros caídos e uma expressão triste no rosto.

O motivo da visita.

— Nós queremos conversar sabre Katelyn — disse Hayley. — Você realmente acha que ela se matou?

Não sei. Acho que ela tinha muitas razões para viver — disse Starla sem entusiasmo e sem qualquer certeza de que aquilo era verdade. Ela se sentou em um grande pufe rosa, o único item da antiga decoração que remanescia. Certa vez, durante uma festa do pijama, Beth Lee vomitou nele depois de comer a batata frita com salmão empanado de Mindee

("Preparado com duas latas de salmão. Do bom"). A lembrança era nojenta, mas fez Taylor sorrir. A ideia de Beth vomitando sobre um pufe já era demais, mas o fato de o pufe ser de Starla Larsen tornava-a ainda melhor.
— Ouvi dizer que Hedda desapareceu. Ela já voltou para casa?

— Não — respondeu Taylor. — Você a viu?

Starla balançou a cabeça.

— Não! Que tipo de amiga eu seria se tivesse vista Hedda e não as avisasse?

"Seria uma péssima amiga", pensou Hayley.

"Uma amiga tipo Starla Larsen", pensou Taylor.

Como a maioria dos quartos do distrito histórico, o de Starla era pequeno, com poucos lugares para se sentar. Hayley se sentou no chão e se recostou no sofá-cama de ferro. O edredom tinha uma estampa cor de cereja e limão, e havia tantas almofadas que demoraria uma hora para tirá-las dali e abrir espaço para dormir. Taylor afastou a mesa de plástico preta e branca da IKEA para enxergar as meninas.

— Katie estava bem mal — disse Starla.

Hayley tentou achar uma posição mais confortável. O chão do quarto era muito duro.

— O suficiente para se matar? — perguntou Taylor.

— Tem muito suicídio de adolescente neste pais — respondeu Starla, arrumando o cabelo. — Eu fiz um trabalho sobre isso.

Hayley desistiu de ficar mais confortável.

— Katelyn era sua melhor amiga.

Starla negou com a cabeça. Ela o fez bem lentamente e sem encarar as gêmeas.

— Uma correção. Sei que isto soará duro, e eu não sou nada dura, mas ela definitivamente não era minha melhor amiga. Talvez eu fosse a melhor amiga dela, mas não o contrário.

— Certo — disse Taylor. — Ainda assim, você a conhecia melhor do que ninguém. Teria notado se ela estivesse se afundando, pensando em se matar. Não teria?

Starla afofou o pufe.

— Estive muito ocupada nos últimos tempos. Me sinto péssima pelo que aconteceu com Katelyn. Mas, se vocês estiverem procurando alguma coisa. não posso ajudar. Aliás, eu nem sei por que vocês ligam para isso.

— E quanto ao outono passado? Você pode nos contar o que aconteceu? — perguntou Hayley.

Starla evitou os olhos da garota.

— Não sei do que você esta falando.

— Algo aconteceu. A mãe de Katelyn estava furiosa — Taylor entrou na conversa.

— A mãe dela estava sempre furiosa — disse Starla desdenhosamente.

— Tá— disse Taylor. — Mas o que aconteceu?

Starla pensou por alguns instantes. Ou assim pareceu. Era difícil dizer — não que ela não fosse inteligente, pois era; mas também era muito, muito desconfiada.

— Eu não sei — respondeu ela com hesitação; estava claro que as gêmeas não iriam embora dali sem uma revelação.

— Conte, Starla. Katie gostaria que soubéssemos— disse Taylor, quando estremecendo ao som das próprias palavras: quem sabe o que outra pessoa quer, ainda mais uma pessoa morta?

Bem, talvez Taylor e a irmã soubessem.

— Pode ter a ver com o dinheiro que ela roubou do caixa do Timberline — disse Starla, levantando-se do enorme pufe rosa.

— Que dinheiro? Do que você esta falando? — perguntou Hayley.

— Ela pegou um dinheiro para fugir.

Taylor inclinou-se mais para perto.

— Fugir?

— Não exatamente fugir — disse Starla. — Ela pegou o dinheiro e embarcou na balsa para Seattle para se encontrar com o namorado.

— Namorado? — perguntou Taylor.

Starla olhou ao redor, evitando o olhar perfurante das duas irmãs.

— Um cara que ela conheceu na internet. É tudo o que sei.

Taylor insistiu:

— Ela nunca lhe disse o nome dele?

Starla se Levantou e caminhou em direção à porta, um claro sinal de que a conversa havia chegado ao fim.

— Cullen Anthony, acho — ela falou. — Mas eu nem sei se o cara era real ou não. Katelyn estava ficando cada vez mais estranha.

— Estranha? O que você quer dizer? — perguntou Hayley.

— Estranha, não sei. É chato dizer isso, mas ela parecia estar com

ciúme de mim.

Como se aquela fosse uma confissão que ela não quisesse fazer.

Starla se deleitava com o ciúme que a rodeava. A garota nem sempre era o centro das atenções, mas era ótima em conseguir um lugar destaque.

Taylor se ateve ao que Starla havia dito de mais importante.

— Como assim "mais estranha"?

— Acho que esse cara que ela queria encontrar nem era real.

— Não? — perguntou Hayley, interessada naquela revelação.

Starla continuou falando enquanto atravessava o corredor e descia a escada. Teagan estava na entrada da cozinha.

— Isso é tão triste — disse ela. — Acho que Katie perdeu a cabeça depois que foi rejeitada pela equipe de torcedoras pela segunda vez. Eu queria que ela entrasse... Fiz tudo o que pude. Como ela não conseguiu, tive de me distanciar um pouco dela. Por razões óbvias.

"Razões óbvias? Do tipo: se você fosse mais cadela do que é, teria que dormir em um canil? Esse tipo de razões óbvias?", pensou Hayley.

Antes que Starla abrisse a porta da rua e enxotasse as gêmeas, Hayley meteu a mão no bolso e retirou o bilhete.

— Eu não acho que ela tenha inventado um namorado — disse.

Starla pegou o papel e, ressabiada, olhou para as gêmeas, primeiro Hayley, depois Taylor.

— O que é isso?

— O que você acha que é? — perguntou Taylor, incapaz de esconder a raiva. — Sua melhor amiga... Ou melhor, a menina que considerava você como sua melhor amiga tinha alguém.

Starla tirou os olhos do papel e girou a maçaneta.

— Não sei nada sobre isso — disse, e uma rajada de ar frio invadiu a casa. — Sinto que a visita de vocês tenha de ser tão curta, mas preciso arrumar a casa antes que minha mãe e Jake voltem.

Taylor tossiu forçadamente, mas não disse nada.

Arrumar a casa? Desde quando Starla brincava de casinha? Desde quando ela fazia alguma coisa senão se admirar no espelho?

Após o jantar, Taylor colocou um segundo post de "cão perdido" em um classificado on-line, desta vez acompanhado de uma foto de Hedda tirada por Valerie no Natal. A cadela estava enrolada como uma linguiça na frente da lareira; parecia aconchegada e mais ou menos alerta — pelo menos para os padrões de Hedda.

Hayley fez um cartaz com a mesma foto, e, no final do dia, Beth Colton e as gêmeas o espalharam por toda Port Gamble.

Nenhum de seus amigos considerava Hedda particularmente bonita ou esperta, porque, de fato, ela não era. Beth sempre zoava Taylor e Hayley por causa da cachorra.

— Vi um cachorro igualzinho ao de vocês que usava um skate para se locomover porque não tinha patas — disse ela certa vez.

— Hedda tem patas, Beth — falou Taylor, na defensiva.

Em outra ocasião, Beth falou:

— Vai começar a nova edição do concurso "O cachorro mais feio dos Estados Unidos". Chegou a hora de destronar aquele maldito cão de crista chinês. Eu realmente acho que Hedda tem chances.

Ela não e feia!

— É só uma sugestão.

Enquanto distribuíam os cartazes nas lojas, Beth admitiu algo que surpreendeu a todos.

— Espero que Hedda apareça. Eu gosto muito, muito mesmo, daquela cachorrinha.

— Sempre achei que você à odiasse — disse Colton.

— Isso só prova que você não me conhece, Colton. Pois fique sabendo que eu sou muito mais do que aquilo que digo — retrucou Beth antes de se despedir, virar a esquina e caminhar em direção à sua casa.

Taylor caminhava um pouco à frente da irmã e de Colton, que sempre arrumava uma maneira de atrasar o passo e ficar sozinho com Hayley. Ela olhou para a janela do quarto de Katelyn enquanto os três passavam diante da casa dos Berkley e imaginou se Sandra os observava por trás da cortina. Depois, acenou para Jake, na casa ao lado, que, apesar do frio, grelhava algo que cheirava muito bem.

A garota se perguntou se algum dia eles descobririam o que realmente acontecera com Katelyn naquela terrível noite.

"Fale com a gente, Katie", pensou Taylor.

Durante o caminho até suas casas, coladas uma na outra, nenhum dos três chamou por Hedda. Não tinha por que. Ela estava quase surda. Além disso, havia uma razão inquietante. O ar era tão gelado que, se a cadela estivesse na rua, já estaria morta de frio. O vento agitava as águas. Era um vento duro, resoluto. Em uma noite de inverno, Port Gamble não era lugar para um cachorro de patas curtas, fosse ele feio ou não.

Mais tarde naquela noite, enterrada nas cobertas, Taylor tentava dormir, e Katelyn não saia de seu pensamento.

Katelyn e também outra pessoa. Alguém que ela não conseguia ver.

Dedos deslizavam pelo teclado, detendo-se e recomeçando à escrever como se cada letra fosse uma palavra inteira separada por ponto final. Detinham-se. Recomeçavam. De certa forma, lembrava o código Morse. O digitador, quem quer que fosse, batia em cada tecla como se atirasse sua raiva contra um alvo distante no ciberespaço.

Katelyn fixou os olhos no monitor, o coração batendo mais rápido. Ela sabia que estava se aproximando cada vez mais de algo perigoso. Mas o perigo era necessário. Sua vida havia se transformado em algo patético, em todos os aspectos. Sua mãe bebia cada vez mais. Seu pai estava cada vez mais distante. Starla, sua melhor amiga, já não lhe dirigia um sorriso sequer.

Não que ela merecesse, mas, mesmo assim, um sorriso teria sido bem-vindo.

Uma torrente de mensagens tomou conta da tela:

Cullant: Me encontre em Seattle. Perto daquele chafariz horrível. Vc sabe qual.

Katiebug: Estive lá em maio no festival folclórico. Mt calor.

Cullant: Q péssimo.

Katiebug: Eu sei. Meus pais adoram. Flauta. Dança folclórica. Enfim.

Finalmente a seguinte mensagem surgiu:

Cullant: Pior q isso só 1 feira medieval. Me encontre. Vamos fugir d td mundo. Especialmente dos pais. Vamos dar o fora daki.

Katelyn gostou do fato de ele ter usado a palavra "pais", pois parte dela ainda achava que ele poderia ser um louco que a estava fazendo de idiota. Ela assistia ao Dateline e sabia que os episódios de "To Catch a

Predator" sempre mostravam um psicopata bêbado com uma garrafa de vodca em uma mão e um saco de Rohypnol na outra.

Odiava admitir, mas essa era a realidade.

Katiegub: N tenho $$$.

Cullant: Arruma.

Ela hesitou por um breve momento.

Katiegub: Como?

E, então, as palavras que a motivariam a fazer algo impensável: Cullant: Se vira, gata.

CAPÍTULO 27

A pizzaria Wood-Fired, em Poulsbo, era um desses restaurantes estranhos cuja aparência não combina em nada com a cozinha — como um sushi bar em uma cabana. A pequena construção da Front Street era como os diversos edifícios temáticos do lugar, com sua fachada norueguesa e tijolos à vista. Os Ryan não ligavam para a cara do estabelecimento desde que a pizza fosse boa, o que normalmente era.

O passeio tinha como objetivo animar um pouco a família. Hedda ainda não voltara, e Valerie pensou que fazer algo diferente seria bom. No entanto, Hedda era apenas um item da crescente lista de preocupações das gêmeas.

No carro, Hayley enviou uma mensagem à irmã:

Hayley: Vc pergunta?

Taylor: Pq ñ vc?

Kevin, Valerie e Hayley escolheram a apimentada pizza de linguiça portuguesa, enquanto a vegetariana Taylor pediu a de cogumelo com cebola, individual. Enquanto esperavam que as pizzas assassem no forno a lenha, Kevin e Valerie conversavam sobre os acontecimentos do dia e

tomavam uma cerveja. Normalmente, as meninas não se importavam de escutar as novidades. Sua mãe era bastante discreta ao falar sobre os pacientes do hospital. Nunca dizia os nomes ou qualquer informação que permitisse identificar de quem estava falando. No entanto, propositalmente deixava escapar algumas palavras que aguçavam a curiosidade dos ouvintes.

— Hoje, um homem cortou uma estudante de enfermagem com uma faca de plástico — disse ela. — Tirando isso, foi à mesma loucura de sempre.

Kevin pousou a cerveja na mesa e examinou o tranquilo restaurante. Duas mesas adiante, um casal se sentava lado a lado — um arranjo que era para ser fofo, mas que sempre dava a impressão de que os enamorados haviam levado um bolo.

— Meu dia não foi muito melhor — disse ele. — Mas o louco da minha vida é o meu editor, que acha que o livro ficará pronto a tempo. Ainda não consegui que a suspeita me dê uma entrevista. Agora, ela quer que eu envie as perguntas com antecedência.

— Você vai convencê-la com seu charme — disse Valerie. — Sempre convence.

Enquanto a irmã estava absorta em uma troca de mensagens com Colton, Taylor aproveitou uma brecha no dialogo:

— Mãe, pai, precisamos conversar sobre algo.

Seu tom acabou saindo um tanto estranho, e por um Segundo Taylor ficou com medo de que os pais pensassem que ela soltaria uma bomba: que estivesse grávida, fosse lésbica, ou as duas coisas.

— O que foi? — perguntou Valerie, claramente ansiosa.

Kevin não disse nada. Aquele era território da esposa.

— Calma, não e comigo nem com Hayley.

Os dois desinflaram e relaxaram na cadeira.

— Claro que não — disse Kevin. — Esta rolando alguma coisa?

"Nossos pais são tão patéticos! Às vezes são legais, e verdade, mas patéticos!", pensou Taylor.

— Precisamos da ajuda de vocês. A gente acha que... — disse ela, notando que Hayley finalmente largara o telefone e pensando que os dedos da irmã precisavam ficar de molho após aquela ginástica. — A gente acha... É apenas uma hipótese...

Kevin franziu a testa e olhou bem para uma filha, depois para a

outra.

O que foi?

Passou pela cabeça de Taylor que elas poderiam simplesmente dizer que Katelyn era lésbica e estava grávida, e assim se livrariam de uma conversa que certamente não prosseguia como planejado.

Taylor continuou:

— Mãe, pai, a gente acha que alguém estava brincando com Katelyn. Manipulando-a. Um filho da p... — ela inteligentemente se deteve.

O garçom trouxe as pizzas, e a família ficou em silêncio por alguns instantes.

— Vou fingir que não escutei— disse Valerie.

Ela não estava brava, mas uma pequena reprimenda fazia parte da função de mãe de uma adolescente. No seu caso, de duas.

— Eu não disse a palavra inteira... — falou Taylor, limpando a mesa com um guardanapo.

— Seu vocabulário é melhor do que isso — disse Valerie.

Taylor concordou enfaticamente com a cabeça.

— Alguém a estava enganando, manipulando-a.

— Mas o que aconteceu com Katelyn, além do fato de ter morrido? — perguntou Kevin, cuja observação saiu mais leviana do que ele pretendia.

Valerie lançou um olhar ao marido, depois as meninas.

— Digam-nos. Estamos ouvindo.

Taylor lhes contou sobre o bilhete que encontrara na capa de chuva de Katelyn, a visita que ela e Hayley fizeram a Starla e o que a garota dissera sobre o suposto encontro de Katelyn com seu misterioso namorado em Seattle.

— E vocês não acreditam que ela tinha um namorado — disse Kevin.

— Não, não acreditamos — falou Taylor, mordendo a borda da pizza.

— Acho que ela imaginava ter um namorado — disse Hayley.

Taylor concordou energicamente.

— Alguém a estava enganando.

Kevin engoliu um grande pedaço de pizza. Ele estava atento à conversa, observando as filhas e a esposa enquanto elas revolviam o caso de Katelyn e pensando se havia alguma razão real por trás daquilo. Kevin era

um tanto cético.

— Certo, eu sei que essa história mexe bastante com nossos sentimentos, mas que provas vocês tem de que isso estava acontecendo?

— Nós não temos nenhuma prova— disse Hayley. — Quero dizer, nenhuma que fosse capaz de levar o caso a julgamento, se e isso que você está dizendo.

Havia um leve tom de ironia em sua fala, mas Kevin deixou para lá.

— Se vocês acham que alguém estava abusando dela, precisamos saber quem era. E precisamos de provas — disse ele.

— Nem tudo precisa terminar em um tribunal— disse Valerie, olhando para o marido; ela teria preferido uma abordagem mais positiva com as filhas.

— Quem brincaria de forma tão cruel? — perguntou Kevin.

As meninas não tinham uma resposta.

— Não tenho a menor ideia — disse Taylor.

— Mas queremos descobrir. Isso não esta certo, pai— falou Hayley.

Ele concordou com um gesto de cabeça.

Não, não estava.

— Mas vocês precisam de provas. Algo mais do que um pressentimento — disse ele.

As meninas não disseram nada, mas sabiam que a resposta ao desafio do pai se encontrava em Starla. Ela era próxima de Katelyn e deveria saber qual era seu estado de ânimo na época da sua morte. A garota também era a melhor chance das gêmeas de saber a origem daquela brincadeira; porém, se sabia de algo, ela não falaria. Afinal, enxotara-as de casa após o interrogatório do pufe rosa.

Quando a família estava indo embora, Kevin pediu licença para conversar com uma bela jovem de cabelos vermelhos que estava sentada em outra mesa tomando vinho.

Uma fã — disse ele, trocando olhares com Valerie. –— Volto já.

Valerie e as filhas seguiram para a porta. Enquanto elas caminhavam pelo estacionamento, Taylor entreviu o pai e a mulher através da janela do restaurante.

Kevin estava inquieto. Ele agitava os braços enquanto falava. Mesmo a distância, Taylor notou a veia que sempre saltava em sua testa quando ficava bravo. Parecia que estava dando uma dura na menina. E ela não parecia estar dando a menor bola ao que ele dizia.

Quando chegou ao carro, Kevin tinha uma expressão preocupada.

— O que foi, pai? — perguntou Taylor.

Kevin suspirou — um sinal claro de que estava bravo — e girou a ignição.

— Nada — respondeu ele.

— Você parece muito chateado — disse Taylor.

— As pessoas sempre esperam que a gente lhes dê um livro de graça e, quando não damos, ficam chateadas.

Valerie e o marido se olharam rapidamente. Então, ela ligou o rádio, um sinal pouco sutil de que a conversa estava acabada.

No banco de trás, Hayley se virou para Taylor, apontou para o seu celular e começou a digitar.

Hayley: Com quem ele estava falando?

Taylor: Ñ era uma fã. Muito nova pros livros dele. Pq sera q ficou tão chateado?

CAPÍTULO 28

As palavras jorravam em sua cabeça enquanto Taylor observava a escuridão de seu minúsculo quarto, deitada na cama. Aquilo que ela e a irmã esperavam encontrar nas letras que lhe surgiram sob a água ainda precisava ser revelado. As letras estavam certas. A ordem é que estava errada. Será que elas estavam complicando demais as coisas para encontrar um sentido nelas? Às vezes, a simplicidade é a melhor saída.

— Hayley — murmurou Taylor através do buraco na parede. — Você está acordada?

Não houve resposta.

— Está na cama?

Hayley murmurou algo sobre precisar descansar.

— Prova importante amanhã — balbuciou.

— Vou pegar o Scrabble.

— Por que você não usa um aplicativo logo?

Taylor sorriu. A irmã já deveria estar no quinto sono para dizer aquilo.

— Não é assim que funciona. Volte a dormir.

— Aham. Boa noite.

Taylor pegou o felpudo roupão amarelo, seu preferido, enfiou os pés no chinelo de feltro e atravessou o corredor. Ouviu o ronco do pai e o insuportável tique-taque do relógio. Passava da uma da manhã. Apesar de serem gêmeas, Taylor não necessitava de tantas horas de sono como a irmã. Era uma notívaga. A escuridão, o silêncio tranquilizante, a sensação de estar sozinha ressoavam em sua alma de uma forma que nem Hayley compreendia. Ao pé da escada, ela olhou para a baía através dos vidros da porta de entrada.

A água estava calma, opaca, triste.

Taylor evocou algumas memórias de Katelyn e da última vez que a viu. Estavam no ônibus, voltando para casa, na sexta-feira antes feriado. Katelyn se sentava na frente, a cabeça inclinada sobre o vidro embaçado. Em meio ao ruído das crianças que gritavam sobre seus planos para o Natal, Taylor tentou dizer oi a Katelyn, mas foi empurrada pelos colegas até seu assento. Elas trocaram um brevíssimo olhar, e Katelyn ainda lhe sorriu.

"Um sorriso triste", lembrou-se Taylor. Em seguida, indagou-se se sua memória não estava contaminada pelo acontecimento da noite de Natal. Seu pai lhe disse certa vez que nada transforma uma vítima em um santo mais rápido do que uma morte inesperada e precoce.

Ela pegou o velho tabuleiro de Scrabble na prateleira e se sentou chão. As chamas da lareira brilhavam assustadoramente, e o calor a reconfortou. Ela pescou as letras e espalhou-as sobre o tapete.

MURO FAVO RAÇA NUM AMOR FADO

Taylor fechou os olhos para se distrair das palavras que havia formado. Ela e a irmã não consideravam que podiam efetivamente falar com os mortos — ambas sentiam apenas que eram capazes de ler as impressões de um momento deixadas para trás par aqueles que haviam feito à travessia. Embora fosse mais difícil, algumas vezes elas conseguiam determinar os pensamentos e os sentimentos de pessoas que ainda estavam entre os vivos. Os vivos eram sempre mais complicados do que os mortos.

Taylor e Hayley não sabiam por quê, mas concordavam que eles tinham motivos para continuar mentindo e usar subterfúgios.Já os mortos, bem, eles não tinham nada a perder.

Quando Taylor abriu os olhos, viu-se formando a palavra "faça".

Era como se houvesse uma energia pulsante naquelas letras. Nas outras, nem tanto. Em seguida, juntou-as e misturou-as.

— Fale comigo, Katie — disse ela baixinho.

A palavra "favor" pulsou na bagunça de letras.

Taylor fechou os olhos novamente e, sem procurar compreender o que estava fazendo, bagunçou as peças.

Seus olhos se arregalaram, e a palavra "mundo" pareceu saltar em sua direção. Faça, favor, mundo.

Voltou a fechar os olhos e tentou mais uma vez, mas nada aconteceu.

"Por que é tão complicado?"

Cerrou os olhos de novo, sem notar que a irmã havia entrado na sala.

— Taylor? — disse Hayley.

Taylor abriu os olhos, assustada.

— Meu Deus, Hayley! Que susto!

— Você deveria ter me arrastado da cama.

— Você é gorda demais para ser arrastada — disse Taylor .

Hayley se sentou no chão, de frente para a irmã.

— Ou seja, você também é gorda. Temos o mesmo peso, sabia?

— Nem me fale— respondeu Taylor. — Eu me lembro disso toda vez que te vejo.

Hayley encerrou o assunto gordura. Examinou as peças que soletravam "faça", "favor" e "mundo".

— Isso foi tudo o que você conseguiu?

— Foi. Acho que e por isso que você está aqui. Tente você.

Hayley fechou os olhos e correu os dedos pelas peças. Ao abri-los, imediatamente viu a palavra "morra".

— Eu também sinto alguma coisa — falou Taylor, colocando a nova palavra ao lado das anteriores.

Sem dizer nada mais, ela ordenou as peças restantes, formando, "faça um favor ao mundo morra".

Olhou para Hayley. Mesmo sob a luz débil da sala, viu que a cor se

esvaíra do rosto da irmã.

— Você está pensando o que eu estou pensando? — perguntou Taylor com lágrimas nos olhos; ela odiava quando reagia assim, mas não podia evitar.

— Você sabe que sim — disse Hayley.

Taylor secou os olhos com a manga do roupão.

— Alguém queria que Katelyn se matasse — ela falou.

Hayley começou a reunir as peças do jogo, um jogo que nunca mais teria graça. Nunca.

— Quem desejaria uma coisa dessas? — indagou Taylor.

As irmãs começaram a subir a estreita escada, reduzindo a voz a um murmúrio.

— Alguém com ódio no coração, com certeza — disse Hayley.

Taylor anuiu.

— Alguém que descobriremos quem é.

— E que pagará pelo que fez — falou Hayley.

Não era tanto uma ameaça, era mais uma promessa. Todas as vidas têm um propósito. Taylor e Hayley sabiam que os dons que haviam recebido eram poderosos e elas pretendiam usá-los para o bem.

Para Katelyn.

CAPÍTULO 29

Na manhã seguinte, Hayley encontrou o pai no escritório. Ele estava escrevendo e tomando café, que, a julgar pelo anel preto no fundo da caneca, era o que tinha sobrado do dia anterior. Kevin estava no modo "não me perturbe, estou fazendo algo muito importante". Era o dia da Marmota, e tudo indicava que aquela cena se repetiria até que ele terminasse seu trabalho.

— Você tem um minuto? — perguntou ela.

Kevin girou a cadeira para ficar de frente para a filha.

Ele não se barbeava há dois dias e, na sua idade, uma barba por

fazer não ficava legal — fazia-o parecer um indigente, e não um coroa boa-pinta.

Não que Hayley jamais tivesse pensado no pai como um coroa boa-pinta.

— Qual a boa? — perguntou ele.

Hayley odiava quando ele falava assim, mas não era hora de lhe ensinar a diferença entre as gírias do momento e aquelas usadas apenas em comerciais de cerveja escritos por roteiristas completamente por fora.

— Pai — disse ela, preparando uma mentira pequena, mas necessária.

— Eu estava lendo sobre um caso, que ocorreu em Nebraska ou Nevada, de uma mulher que se suicidou porque o marido a chamou de gorda.

— Não conheço esse caso — respondeu ele, dando uma olhadela no teclado ocioso.

— Eu vi na internet— disse Hayley. — O marido não parava de xingá-la, deixava bilhetes horríveis na geladeira.

— Que idiota.

Você não sabe o quanto. Bem, eu estive pensando sobre ele. Quer dizer, ele pode ser considerado culpado pelo que aconteceu?

Acho que não — disse Kevin, deslizando os óculos até o meio do nariz. Mas ele terá de conviver com o fato de ser um idiota pelo resto da vida.

Isso não é o mesmo que gritar "fogo" em um teatro lotado e provocar a morte de alguém por pisoteamento?

— Não exatamente. Quer dizer, mesmo que ela fosse gorda de verdade e insegura, isso não significaria que ele é culpado. Afinal de contas essa mulher de Nebraska ou Nevada...

— Talvez de New Hampshire— disse Hayley, dando de ombros.

— Claro. Qualquer que seja o estado começado por N, não faz diferença. A mulher era adulta e responsável por seus atos.

— Mas o marido a impeliu a se matar.

Farejando uma historia de crime, Kevin se interessou.

— Como?

— Ele disse para ela fazer isso. Deixou bilhetes e falou que ela faria um favor ao mundo se tirasse a própria vida.

— Aí é diferente — disse ele. — Se ela era vulnerável, e ele

realmente disse isso a ela... E como ela se matou?

Hayley não havia pensado nesse detalhe. Se ela tivesse lido a história na internet — se o caso existisse –, teria que saber como a mulher se matou. Por um segundo, pensou em dizer algo estapafúrdio do tipo: ela morreu de tanto comer waffles. Mas recuou. Sabia que o pai procuraria o caso no Google.

Waffles + suicídio. Pesquisar.

— Ela pulou de um telhado.

— Nossa, isso é grave.

— É, ela se espatifou no chão como um melão — disse Hayley, adicionando um detalhe narrativo que seu pai certamente apreciaria.

— Ou uma melancia?

— Uma melancia— disse ela.

Boa, Hayley.

Ela abraçou o pai antes de deixá-lo com seu trabalho. Mentira para ele, mas também o fizera sorrir. Hayley sabia que o pai havia adorado a imagem da melancia. Talvez a usasse da próxima vez que escrevesse sobre um saltador.

O corpo bateu contra o asfalto, espatifando-se como um melão... como uma melancia.

CAPÍTULO 30

Todos em Port Gamble sabiam que a morte da filha dos Berkley tornaria quase impossível que Harper e Sandra continuassem juntos; muitos tinham conhecimento de que o casamento andava mal das pernas. Kim Lee disse à filha, Beth, que viu Harper almoçando sozinho em um restaurante de Kingston. Em um primeiro momento, Kim imaginou que ele estivesse analisando a concorrência, mas achou estranho que Harper fizesse isso tão pouco tempo depois da tragédia que assolara sua família. Quando o viu novamente, dessa vez sentado em um banco perto do atracadouro da barca que ia para Kingston, observando o mar, entendeu qual era sua intenção.

Harper estava se mantendo afastado de Sandra.

— Você sabe que eu não sou fofoqueira — disse Kim, algo que as pessoas costumam dizer quando fofocam –, mas vi Sandra na cidade algumas vezes, e ela está horrível. Odeio dizer isso, mas acho que ela está tomando todas.

Sentada no sofá ao lado da mãe, Beth passou a informação a Hayley e Taylor ao mesmo tempo que prometia guardar segredo.

— Eu também odeio fofoca, mãe — disse ela, os dedos ainda deslizando pelo celular.

Sandra bêbada. O marido a odeia.

É claro, Sandra Berkley sabia o que todos pensavam dela. Sua mãe, Nancy, deixara isso bastante claro na manhã do funeral de Katelyn.

Se você tivesse ficado longe do armário de bebidas, minha única neta poderia estar viva— disse ela.

Sandra aceitava parte da culpa, mas não toda ela. Poderia ter respondido que Katelyn também estaria viva se Nancy não tivesse gastado o dinheiro da faculdade da neta em uma nova cozinha.

Mas não disse nada. Sandra não disse uma palavra sequer. Ela simplesmente se fechou. Já não se importava se fosse viver ou morrer. Sim, ela tinha um problema com bebida, mas naquele momento o vício parecia estar ajudando. A sensação de entorpecimento era melhor do que a

lancinante dor da perda e a culpa.

Ela se sentou na cama de Katelyn, um drinque na mão e lágrimas nos olhos. À sua volta, estavam as lembranças da filha que perdera muito tempo antes da noite de Natal. Como era possível que as duas tenham sido tão próximas, e então... nada? Sandra amava sua garotinha.

Fora líder das Girl Scout Daisies apenas porque não suportava a ideia de outra mulher roubando o tempo que ela tinha para passar com a filha.

Levava Katelyn a todas as aulas, a todas as apresentações, aos passeios que exigiam permissão dos pais. Eram dois grãos de ervilha dentro da mesma vagem. Inseparáveis. Sentada naquele quarto, soluçando, era duro pensar no que havia provocado a fenda tectônica entre as duas. Poderia ter sido a bebida. Poderiam ter sido as brigas com Harper. O restaurante dava dinheiro, mas não o bastante para suprir os desejos que Sandra tinha para ela mesma.

Para ela mesma. Para sua família.

Sandra tomou um gole da bebida — rum, uísque, vodca, o que houvesse em casa. Já nem se importava em misturar as coisas. Enquanto tentava se equilibrar, seus olhos encontraram o laptop de Katelyn, pousado na mesa de cabeceira — adquirida em uma venda de garagem e transformada com meia dúzia de latas de spray em um móvel shabby chic.

Lembrou-se de que Hayley e Taylor estavam diante da mesa no dia em que trouxeram aqueles biscoitos tenebrosos. Sandra colocou a bebida de lado e puxou o laptop para perto. Passou o dedo trêmulo pelas teclas, mas, quando o computador ligou, surgiu uma janela solicitando uma senha.

"Senha? Qual será a senha de Katelyn?"

De repente, o coração de Sandra se acelerou. Ela dobrou as pernas sobre a cama e se ajeitou, tentando freneticamente descobrir a senha da filha morta. Não tinha a menor ideia. Seria "Katie bug", apelido que Harper dera à filha quando pequena? "Skatlyn", apelido dos tempos de primário, quando ela ia de patins para todos os cantos?

Nada.

Eles nunca tiveram bichos de estimação, portanto não havia nomes óbvios de animais para tentar.

Sandra empurrou o laptop, tomou um grande gole da bebida e começou a chorar. Muito. Um rio de lágrimas. Descansou o rosto inchado e vermelho nas mãos e soltou um grito gutural. Naquele momento, ela se deu

conta de que estava sozinha, agora e para sempre. Abaixou as mãos, que agarraram com força o colchão.

— Katie! Por que você fez isso? Por quê?

Não houve resposta, claro. Mesmo bêbada como estava, Sandra Berkley não esperava que houvesse. Ao pegar o copo para um último trago, algo chamou sua atenção. No chão, ao lado da cama. Por um segundo, ela pensou que fosse o cabo de uma escova de dente. "Não, talvez seja um termômetro digital."

Ela secou os olhos na manga da blusa e esticou o braço para pegar o objeto.

Seu coração se acelerou ainda mais.

"O que aquilo estava fazendo no quarto de Katelyn?"

Aproximou-o dos olhos embaçados para ter certeza de que estava enxergando corretamente.

Estava.

Era um teste de gravidez. Sandra não acreditou nos próprios olhos.

Talvez não tenha sido um acidente bizarro, então. Será que Katelyn se matou porque estava grávida? Sandra viu o quarto girar. Ela se perguntou por que a filha não a procurou, não lhe pediu ajuda. Agarrou o travesseiro como se fosse enforcá-lo com os dedos. Era tão irreal. Tão inesperado, Tão, tão chocante. Ela nem sequer sabia que Katelyn já tinha feito sexo. "Minha filha tinha apenas quinze anos! O que há de errado com os adolescentes de hoje? Eles não podem esperar até tirarem a carteira de motorista e poderem ir a algum canto? Assim como eu e Harper fizemos quando tínhamos dezesseis?"

CAPÍTULO 31

Hayley Ryan e Colton James estavam no quarto dele — com a porta aberta –, e o adolescente de densos cabelos negros demonstrava orgulhosamente o aplicativo que terminara de desenvolver na noite anterior. Embora tivesse passado a noite em claro, seu nível de energia estava

inalterado. O programa não era uma ideia de um milhão de dólares, mas era definitivamente viável. Colton tinha a esperança de ganhar o suficiente para comprar um carro novo. Talvez conseguisse convencer a mãe de que o carro que ela nunca usava pudesse ser envolvido na negociação. Colton pensava grande, e Hayley estava impressionada.

— É uma ideia simples — disse ele –, usar na rede as informações já existentes de escâneres policiais. Tive de me conectar a alguns caras com servidores no porão. Isso foi um pouco complicado, mas eu consegui.

Acho que eles pensam que sou bem mais velho.

Hayley se sentou em um banquinho, ao lado do gigantesco monitor de Colton. Ela se inclinou um pouco mais do que o necessário para ver a tela — e ficar perto dele. Seu cheiro era delicioso. Cheiro de Colton.

— Como isso funciona? — perguntou ela, afastando alguns fios loiros da testa enquanto se inclinava um pouco mais, roçando sua pele na dele.

É claro que estavam namorando, mas não rolava entre eles mais do que uma sessão semanal de amassos. Hayley queria ir além — não tão além quanto possível –, mas simplesmente não parecia que estavam prontos. Ela gostava de tudo que havia em Colton, mas não tinha certeza de que o amava.

Hayley não sabia identificar aquele tipo de amor. Tentou dissecar seu sentimento de forma analítica, como fazia com quase tudo. Tentou medir o que sentia por Colton em comparação ao amor que tinha pelos pais e pela irmã. Não se tratava do mesmo tipo de amor, obviamente e ela chegou à conclusão de que saberia quando chegasse o momento certo de realizar a experiência mais íntima que podia imaginar. Sonhara algumas vezes com isso, sobretudo após o primeiro beijo que trocaram, atrás das caixas d'água gêmeas, na saída do bairro comercial de Port Gamble. Ela ainda podia sentir os lábios de Colton nos seus. Todos outros beijos seriam comparados com aquele. Colton tinha sido o menino de seus sonhos até então, e Hayley estava feliz.

O garoto abriu um sorriso largo, branco.

— Os usuários escolhem o local que querem vigiar. O aplicativo permite escutar secretamente a comunicação da polícia, dos bombeiros e de outros serviços de emergência. Dá para ouvir tudo o que eles falam sobre as pessoas e seus problemas. E, acredite em mim, elas tem problemas.

Hayley pareceu interessada.

— De que tipo?

— Uma vez, um cara foi chutado para fora de casa pela esposa, namorada, não sei, carregando apenas o celular.

— Mas o que isso tem de mais? — perguntou ela.

— Eu disse apenas o celular — falou Colton entre risos. — O cara estava pelado.

Hayley também riu.

— Fato, isso é um problema.

Shania, a mãe de Colton, apareceu na porta. Ela era uma mulher bonita; tinha o cabelo escuro como o do filho e carregava a linhagem indígena dos S'Klallam. Apesar de raramente sair de casa, nunca deixava de se vestir bem, como se fosse ao escritório ou a um almoço com as amigas. Quase todas suas roupas tinham tons de terra. A única concessão ao brilho era o colar de fios prateados que rodeava seu pescoço.

Colton confidenciou a Hayley que o objeto escondia uma cicatriz, algo sobre o qual a mãe nunca falava — nunca mesmo.

Colton? — disse Shania, os olhos negros carregados de preocupação. A mãe de Katelyn está aqui. Ela quer conversar com você. A mente de Hayley deu um pequeno tilt diante do que acabara de ouvir. Sandra Berkley era a mãe de Katelyn, fato; no entanto, indagou-se a garota, se a filha estava morta, ela ainda era uma mãe?

Colton e Hayley seguiram Shania pelo corredor.

A mulher olhou para o filho e gesticulou com a boca:

— Ela andou bebendo.

Novidade.

Sandra estava acabada, desgrenhada, afundada no sofá da sala.

Seus cabelos precisavam de um pente, talvez até de uma lavagem. Ela vestia um jeans apertado e um suéter preto. Nos pés, chinelos, e não sapatos.

Mas foi o que ela carregava no colo, agarrado entre os dedos, que chamou a atenção de Hayley.

O laptop de Katelyn.

— Oi, senhora Berkley — disse Colton.

— Oi — disse Hayley.

Sandra olhou para os adolescentes, depois para o laptop. Por um breve instante, seus olhos se fixaram nos de Hayley. A garota se lembrou do acontecimento no quarto de Katelyn. Sentiu-se desconfortável.

— Hayley? — perguntou Sandra, que nunca sabia com qual gêmea estava falando, mas naquele momento pouco se importava com isso.

Colton. Sinto muito, Colton — disse ela com a voz suave e um pouco trêmula — sei que isso vai soar como algo estúpido.

A chaleira apitou na cozinha.

Shania olhou para Sandra com os olhos compassivos de alguém que já passou por muito sofrimento.

— Açúcar e leite, certo? — perguntou ela, virando-se para deixar o filho e a namorada sozinhos com o que restava daquela mulher.

— Sim — respondeu Sandra, abrindo algo próximo a um sorriso.

O fato de Shania se lembrar da maneira como Sandra gostava de seu chá era um lembrete do quanto haviam sido próximas em determinado momento da vida, quando seus filhos eram bebês, antes do acidente.

Shania saiu da sala, e Sandra ergueu o laptop.

— Colton, eu quero saber o que tem dentro desta coisa — disse ela.

— Como assim? — perguntou ele, embora soubesse a resposta:

sua filha estava morta, e Sandra queria conhecer melhor a menina que havia perdido. A maioria dos pais faria a mesma coisa.

— Não sei se posso. É algo muito íntimo...

— Eu não quero que você leia o que há neste computador. Isso, eu mesma quero fazer. Quero descobrir o máximo que puder, mas eu não...

Sua voz falhou, e ela lutou contra o choro.

Sua dor evidente deixou Colton desconcertado. Ele odiava ver qualquer pessoa chorando, especialmente a mãe de outro jovem.

— Você precisa da senha, certo?

— Isso — respondeu ela, balançando a cabeça.

— Você quer que eu a descubra? Me parece algo meio errado ...

— Errado e o fato de Katelyn estar morta — disse ela.

Shania voltou com uma bandeja. O cheiro do chá tomou conta da sala.

— Vocês querem alguma coisa? — ela perguntou a Colton e Hayley.

— Não, obrigada, senhora James — disse Hayley. — Já vou para casa.

Colton pegou o laptop e conduziu Hayley até a porta dos fundos. Ela vestiu o casaco, e os dois saíram. Apesar de estar descalço e vestir apenas uma calça jeans e uma camiseta do Green Day, o garoto não pareceu

se importar com o frio. Hayley fechou o zíper até o pescoço, abraçando-se para se proteger contra a investida do vento.

— Isso foi estranho — disse ele.

— É, ela está péssima.

— Eu não sou um hacker, você sabe disso, né? As pessoas acham que, porque eu passo a noite na frente do computador jogando, sou capaz de decifrar o Código Da Vinci.

— Você vai descobrir — disse ela.

— Eu posso tentar.

Uma revoada de patos canadenses que migravam de Port Gamble passou sabre à cabeça de ambos, grasnando. Hayley imaginou por um momento se Katelyn não estaria em algum lugar lá em cima, observando, esperando, querendo que alguém contasse sua história.

Ela olhou ao redor antes de plantar um beijo na bochecha de Colton.

— Confio em você — disse.

— Nada como um pouco de pressão.

Hayley acenou para ele e atravessou o jardim agora cheio de neve que separava as duas casas. Ela sabia a senha de Katelyn, mas seria difícil explicar isso ao garoto de quem tanto gostava.

Ninguém, muito menos um adolescente, é normal ou se sente normal.

Todo mundo veste uma espécie de máscara que esconde dos demais o que — ou quem — existe por baixo. Katelyn vestia. Starla também. Caminhando até a varanda de sua casa, Hayley Ryan pensou que ela e a irmã mantinham algumas coisas em segredo. Não sabiam exatamente o que eram ou o que eram capazes de fazer. E, se ambas não compreendiam, as pessoas que Hayley amava — a mãe, o pai, Colton James — tampouco poderiam.

CAPÍTULO 32

O quarto de Colton era um dos três que havia no numero 17, uma casa amarelo-clara de um só andar que poderia ter uma das melhores vistas

da baia de Port Gamble. Como não tinha, não era tão especial. Não era tão antiga, tendo sido transportada pela madeireira desde Port Ludlow nos anos 1920. Seus pais ocupavam o quarto maior, mais próximo do único banheiro completo. O terceiro quarto, usado pela mãe como escritório, estava repleto de prateleiras que iam do chão ao teto, cheias de catálogos que ela reunira por anos antes de a internet se tornar sua única comunicação com o mundo exterior. Shania James, como não era de surpreender, fazia a maior parte de suas compras por meio de catálogos. Os funcionários da UPS e da FedEx faziam tantas entregas na casa dos James, que já frequentavam as festas de aniversário de Colton, os churrascos da família e outros eventos.

Se uma pessoa não soubesse que Shania James permanecia em casa noventa e nove por cento do tempo, nunca diria haver algo de estranho com ela.

O quarto de Colton era um caos organizado. Seu pai, um pescador quase sempre ausente, instalara um painel de ferramentas sobre a mesa do filho. Ali havia fios enrolados em ganchos e jarros contendo minúsculas peças de computador. Colton já quase não usava mais aquelas coisas; eram sobras do tempo em que montava os próprios computadores.

Isso era passado. Agora, seu negócio era criar aplicativos. Como tinha certeza de que Steve Jobs o contrataria para trabalhar na Apple um dia a qualquer momento –, aos quinze anos já estava concentrado aprender códigos, design e noções de empreendedorismo.

Vê-lo debruçado sobre o computador à noite, com uma lata de Coca-Cola e um pacote de salgadinhos Nips à mão, era testemunhar a verdadeira energia de um jovem. Os códigos eram lindos aos olhos de Colton. Elegantes. Praticamente seres vivos, respirantes.

Ainda assim, Colton não era nerd. Tinha um corpo legal, era bonito e falava com os adultos de igual para igual, olhando nos olhos. Não havia essa de "você está falando comigo ou como chão?".

O fundo de tela de seu monitor era uma foto sua com Hayley, que Taylor tirara com seu celular durante um passeio que os três que fizeram no barco do pai de Colton, o Wanderlust. A qualidade não era das melhores, mas o brilho nos olhos de Hayley não tinha preço. Fora o olhar da garota que o fisgara.

Ele afastou o teclado e colocou o laptop de Katelyn sobre as pernas. Estava ligando-o à tomada quando seu telefone vibrou.

Hayley: Já decifrou o Código Da Vinci?

Colton: Comecei agora. Preciso d 10 s.

Hayley:

O laptop de Katelyn zumbiu, e Colton colocou uma música enquanto esperava que a tela de login aparecesse. Não gostava da ideia de descobrir a senha de Katelyn para que a mãe dela pudesse espiar sua vida. No entanto, havia visto as lágrimas nos olhos de Sandra, a saudade por alguém que nunca mais voltaria, e sabia que não tinha escolha. Descobrir uma senha não era tão fácil. Ele conhecia um garoto que usava um programa para descobrir a senha da mãe e desativar o humilhante software de controle dos pais.

— Eu não estou fazendo nada tão grave assim — disse o garoto a Colton certa vez. — Ver pornografia é normal. Não é como se eu usasse o cartão de crédito deles para isso. E grátis. Meus pais são nazistas da pornografia.

Colton pensou na última vez que viu Katelyn. foi na cafeteria do colégio. Ela estava sentada sozinha, olhando para a equipe das líderes de torcida e os jogadores reservas. Starla estava lá, no centro de tudo.

— Oi — disse Colton a Katelyn no caminho até a lixeira.

Ela acenou com a cabeça.

— Você já sabe o que vai fazer nas férias? — perguntou ele.

Relembrando a conversa, percebeu que tinha sido uma tentativa idiota de puxar papo com alguém que ele já não conhecia mais.

— Meus avós virão para cá. Nada de mais. E você?

— Vamos passar uns dias com a família do meu pai, em

Portland.

— Legal — disse ela. — Sua mãe também vai?

— Vai. Ela esta morrendo de medo, mas meu pai tem um plano.

Katelyn sorriu.

— Eu gosto da sua mãe.

Naquele momento, ele gostou mais ainda de Katelyn. Era capaz de perceber que algo a perturbava, mas, independente do que fosse, ela não deixava de ser gentil com as pessoas.

Uma nova mensagem chegou.

Hayley: Tenta Edward. Um palpite doido.

Colton: Tipo Crepúsculo?

Hayley: Rs. Minha senha era Jacob. Ñ conta pra ninguém!

Colton: Sobre o Edward?

Hayley: Sobre eu gostar d Crepúsculo. Isso foi há mt tempo.

Hayley tirou os olhos do celular e encarou a irmã.

— Não gosto de mentir para o Colton— disse ela. — Nem um pouco.

Taylor fez que sim com a cabeça.

— Eu sei.

As duas se sentaram no chão do quarto de Taylor, obcecadas em Katelyn e no que a mãe dela queria encontrar no laptop. Elas sabiam a senha. De alguma maneira, quando tocaram o computador, a senha gravou em sua mente.

Eu não queria que ele quebrasse demais a cabeça— disse Hayley. Ele gosta de desafios e pode fazer qualquer coisa com um computador mas nós podemos ajudar, então... Por que não?

Taylor se levantou para pegar um suéter na última gaveta. As paredes de seu quarto vazavam o ar gelado como uma rede de pesca vaza água, e ela estava morrendo de frio.

— Concordo — disse, retirando um enorme suéter cinza com as mangas esgarçadas e alguns botões a menos. O tricô fora do pai, e Taylor não se desfazia dele de jeito nenhum. — Plenamente.

— Seu suéter está cheio de fios soltos. Você poderia dar uma depilada nele — disse Hayley.

Taylor deu de ombros, depois abriu um sorriso malicioso, provocador.

— Eu estava pensando a mesma coisa das suas pernas.

Colton digitou uma senha sugerida par Hayley e ... nada. Ele pensou por alguns instantes e concluiu que, se a senha de Katelyn fosse "Edward", ela provavelmente teria usado uma sequência numérica para torná-la menos óbvia.

Isso seria fácil de adivinhar. Ele digitou "Edward23", o número da casa dos Berkley. Colton havia usado o número de sua própria casa ao final de incontáveis senhas ao longo dos anos. Era uma maneira de nunca esquecê-las.

O computador emitiu um ruído, e a tela inicial surgiu, junto com todos os segredos de Katelyn.

"Consegui", pensou Colton.

Ele não precisou usar nenhum software proibido, o que o fez se sentir um pouco melhor. Uma coisa era tentar descobrir a senha do

computador de um amigo morta; outra, completamente diferente, era lançar mão de uma ferramenta perversa para realizar a tarefa. De alguma forma, parecia mais justo fazê-lo por meio de tentativa e erro. Menos criminoso. Hayley havia feito mais da metade do trabalho, o que fez brotar um sorriso em seu rosto.

Colton: Consegui. E agora?

Hayley: Faça 1 cópia do hd. Td. Explico +tarde.

Colton:???

Hayley: Katelyn estava em perigo. Morreu por isso.

Colton: O q?

Hayley: Explico +tarde. Prometo.

CAPÍTULO 33

Birdy Waterman, legista do condado de Kitsap, queimara a língua tomando café; deixara-o no micro-ondas por tempo demais. Ela olhou através da janela da cozinha com piso de vinil verde, que ficava no andar principal de seu consultório. A velha casa, que fora convertida no necrotério local, provavelmente já tivera uma vista deslumbrante das montanhas Olympic, a oeste. Agora, algumas árvores e o fórum do condado ficavam no caminho. Birdy estava jogando água gelada na boca quando seu irritante assistente, Terry Morris, lhe disse que uma mulher queria falar com ela.

— Ela está mal — disse o rapaz, ajeitando o moicano. — Quer conversar.

A doutora Waterman engoliu a água e empurrou o copo descartável para dentro da lixeira de tampa basculante. Sem que Terry precisasse dizer mais nada, ela soube que se tratava da mãe de uma vítima. As mães nunca se desapegam. País são diferentes. Não todos, claro, mas a maioria aceita as descobertas cientificas pelo que são: fatos clínicos. Mas as mães não.

A legista não reconheceu a mulher.

Sou Birdy Waterman, em que posso ajudar?

Sandra Berkley se apresentava como na sala dos James: um desastre. O cabelo, desgrenhado. A maquiagem, borrada, aplicada sem qualquer cuidado. Seu rosto estava macilento nos pontos em que devia ser

carnuda. E o corpo estava inchado nos pontos em que devia ser rijo. Era o retrato de uma mãe que perderá o filho.

A doutora Waterman já tinha visto aquilo muitas vezes antes — vezes demais.

Posso ajudar? repetiu ela.

Espero que sim –— respondeu Sandra, procurando um lugar para se sentar. Seus joelhos tremiam.

Vamos à minha sala — sugeriu a médica, apoiando gentilmente a no ombro ossudo da mulher enquanto a guiava ao cômodo que já havia sido um quarto, mas que agora funcionava como escritório. Além da porta do closet na parede do fundo, a luminária do teto era o único remanescente do propósito original do lugar. Era uma luminária de vidro com imagens de caubóis e laços rodopiantes. O quarto pertencera a uma criança.

— Desculpe — disse a doutora Waterman, abrindo espaço em sua mesa –, acho que não ouvi seu nome.

— Sandra Berkley. Minha filha era Katelyn.

Claro. Embora só a tivesse visto na mesa de autópsia, a semelhança era evidente.

A doutora Waterman fez que sim com a cabeça.

Sinto muito por sua perda.

Sandra começou a chorar.

— Obrigada.

— O que posso fazer por você?

As palavras soaram protocolares, nada prestativas, e não era essa a intenção da médica. Fato é que nenhuma palavra soaria de outra forma. Ela não poderia fazer nada por aquela mulher. Ninguém poderia.

Finalmente, Sandra disse algo.

— Minha filha estava grávida?

Pega de surpresa pela pergunta, a legista balançou negativamente a cabeça.

— Não, eu teria notado. Constaria no meu relatório. Nossos exames são muito minuciosos.

Sandra estremeceu levemente, segurando as lágrimas enquanto pegava um lenço na caixa que havia sobre a mesa. Depois, remexeu a bolsa e tirou um Ziploc com um teste de gravidez.

— Eu encontrei isto no quarto dela. Pensei que... Talvez tivesse sido esse o motivo de ela ter se suicidado... Por não querer me

decepcionar...

Sua voz foi vencida pelos soluços.

A doutora Waterman gentilmente empurrou a caixa de lenços.

Senhora Berkley, não foi isso. Eu mesma examinei sua filha. Se me lembro bem, nada indicava que ela era sexualmente ativa. Ela provavelmente era virgem.

Sandra enxugou as lágrimas.

— Então por que ela teria isto? — perguntou ela, agitando o teste.

A medica, sem saber o que dizer, balançou a cabeça. Era uma pergunta muito, muito boa.

— Não tenho a menor ideia — disse ela. — Talvez sua filha e o namorado tenham feito alguma coisa e imaginaram que ela poderia estar grávida. Não sei. As crianças são engraçadas. Quando eu era jovem, quase acreditei que era possível engravidar com um beijo de língua.

— Se ela tinha um namorado, meu marido e eu nunca o conhecemos.

"Você não seria a primeira mãe a não ter a mínima ideia do que a filha faz quando esta sozinha", pensou a doutora Waterman.

— Eu sei que nada disso é fácil, e não há nada que eu possa fazer para que a senhora se sinta melhor — disse a médica.

Era tudo o que ela poderia dizer.

Sandra Berkley ficou de pé. Estava triste, ferida e brava ao mesmo tempo.

— Eu nunca mais me sentirei melhor— disse ela.

Entendo, senhora Berkley. Juro que entendo — disse Waterman, pegando uma caneta e um papel e anotando um número de telefone.

— Conheço uma ótima psicóloga em Poulsbo. Talvez a senhora queira conversar com ela... Talvez a ajude.

— Não quero conversar com ninguém — respondeu Sandra em um tom de voz mais alto do que o necessário. — Eu quero minha filha de volta. Quero vê-la se formar no colégio. Quero vê-la na faculdade. Quero vê-la se casar.

Birdy Waterman deixou que a mulher continuasse. Só uma AK–47 poderia deter a mãe de um adolescente morto.

CAPÍTULO 34

Talvez ela estivesse sendo movida pela vodca, ou talvez fosse apenas a enorme tristeza da sua perda, mas Sandra Berkley correu para pegar o celular de Katelyn assim que voltou do necrotério. "Como eu poderia não conhecer minha própria filha? Por que ela não me contou?"

A primeira da lista de contatos era Starla Larsen.

Nem sequer chamou; caiu direto na mensagem de voz.

Starla, aqui é Sandra, a mãe de Katelyn. Me ligue quando ouvir esta mensagem.

Poucos minutos mais tarde, ela tentou novamente, e nada. Passou pela cabeça de Sandra visitar a casa ao lado e confrontar Starla pessoalmente, mas pensou duas vezes. Não queria desmoronar na frente de Mindee e Jake. Ultimamente, eles evitavam-na com aquele olhar triste que alguns pais dirigem a outros cujos filhos carecem de cuidados especiais ou morreram — suicidando-se ou não.

Então, tentou ligar para Hayley Ryan.

"Ela e a irmã bisbilhotaram o quarto de Katelyn. Talvez soubessem de alguma coisa."

Hayley estava quase terminando de ler o livro de medicina legal quando notou que seu telefone vibrava. Seu rosto ficou branco. A garota parecia ter vista um fantasma. De certa maneira, com o nome de Katelyn piscando no visor do telefone, era um fantasma.

— Alô?

— Hayley, aqui e Sandra Berkley. Preciso conversar com você sobre uma coisa. Com a sua irmã também, acho. Tentei falar com Starla, mas ela deve estar ocupada dominando o mundo.

Havia um claro sarcasmo na voz de Sandra. Hayley gostou disso.

— O que foi?

— É um assunto particular. Vocês poderiam vir até aqui?

— — Claro. Ao restaurante ou à sua casa?

— Estou em casa.

— Certo, mas é sobre o quê?

— Falarei aqui. Traga sua irmã.

Traga sua irmã. Não parecia nada bom.

Hayley desligou e foi procurar Taylor. O que quer que fosse, era importante. Tinha de ser, pois da última vez que falaram com Sandra, ela

quis arrancar a cabeça das gêmeas e jogá-las pela janela do quarto da filha.

Dez minutos mais tarde, Hayley e Taylor estavam na porta da casa ao lado, encolhendo-se de frio e de medo do que a mãe de Katelyn queria lhes dizer.

Sandra abriu a porta e foi direto ao ponto. Não perguntou se elas queriam guardar o casaco, não lhes ofereceu uma bebida quente, nada disso. Sandra mal as convidara a entrar quando soltou a bomba.

— Com quem minha filha estava dormindo?

— O quê? — perguntou Taylor, olhando para a irmã.

Hayley ficou desnorteada.

Sandra parou na frente das gêmeas e não deu um passo atrás. Estava praticamente se debruçando sobre elas.

— Vocês sabem com quem Katie estava transando? — perguntou ela, os olhos intensos, coléricos.

As meninas nunca haviam visto aquele olhar em Sandra, que sempre pareceu muito frágil.

Hayley balançou negativamente a cabeça.

— Pelo que sei, ela não estava transando com ninguém. E, se estivesse, não era da nossa conta quando ela estava viva.

— Nem agora, que ela está, bem, que ela não está mais viva— disse Taylor.

Os olhos de Sandra pareciam pedras. Ela estava chateada. Congelada. Lívida.

— Morta, você quer dizer — falou Sandra.

Taylor sentiu seu rosto enrubescer.

— Isso. Morta. Nós não sabemos, de verdade.

Sandra estava em uma missão. Ela precisava saber.

— Katelyn tinha um namorado?

Desta vez, foi Hayley quem respondeu. Taylor estava agitada, perturbada.

— Talvez ela estivesse conversando com alguém pela internet.

— Não, não era apenas algo a distância — disse Sandra, virando-se e caminhando até o cabideiro; ela começou a revirar os bolsos de seu casaco.

— Droga! Não estou achando.

— Achando o quê? — perguntou Hayley.

— O teste de gravidez de Katelyn — respondeu Sandra, agora

vasculhando a bolsa, mas sem sucesso. — Devo ter deixado no carro.

Taylor olhou para a irmã. Não disse nada, mas pensou que ninguém fazia teste de gravidez por causa de sexo virtual. Se fizesse, as farmácias o venderiam de baciada.

— Veja bem, senhora Berkley — disse Taylor –, nós já não a conhecíamos tão bem quanto na infância. Mas eu tenho certeza de que Katelyn teria lhe contado se estivesse grávida.

As palavras de Taylor abrandaram a expressão de Sandra.

— Talvez — respondeu ela. — Espero que sim.

Abriu a porta, a deixa para as meninas irem embora. Quando ela se fechou, Hayley e Taylor se olharam.

— Foi muito legal de sua parte dizer isso — falou Hayley enquanto as duas desciam apressadamente os degraus da entrada da casa 23.

Taylor deu de ombros.

— Mas é verdade. A senhora Berkley e Katelyn eram próximas. Próximas o bastante para me fazer imaginar como seria se fôssemos só eu e mamãe.

— Em vez de eu, você e mamãe?

— É.

— Bacana. Obrigada pela parte que me toca.

— Deixa de bobeira, Hayley. Como se você nunca tivesse pensado como seria se fosse filha única.

Neste momento, elas notaram Teagan, que vadiava com sua arma de chumbinho e uma lata de café que usava como alvo. Ambas as meninas pensaram: "Quem ainda compra café em lata?".

— Starla está em casa? — perguntou Taylor.

— Sim — respondeu ele. — Aquela idiota esta lá em cima.

— Você está bravo com ela? — perguntou Hayley.

Teagan abaixou à arma.

— Não muito. Talvez sim. Ela sempre me diz o que fazer. Mesmo quando não estou bravo com ela, preciso estar preparado para ficar.

Ele chutou a lata.

— Essas armas não são ilegais? — perguntou Hayley.

— Você vai me denunciar?

— Não. Estou apenas perguntando.

Ele deu de ombros.

— Não sei e não quero saber. Ela é boa para atirar nas coisas. Uma

vez, derrubei um pássaro de uma árvore. Foi da hora.

— Isso não é nada da hora — disse Hayley.

— É? Vou entrar. Eu abro pra vocês.

CAPÍTULO 35

Teagan bateu na porta do quarto de Starla, abrindo-a antes que a irmã tivesse tempo de responder. Irmãos ao redor do mundo costumam bater na porta. Irmãs geralmente recebem esse tratamento especial. No entanto, nenhuma delas jamais bate na porta do quarto do irmão antes de entrar, isto é, se realmente estiverem dispostas a entrar no covil fedorento que se esconde por trás daquela barreira.

Starla estava sentada em seu tenebroso pufe, digitando no celular e escutando musica no iPod. O quarto cheirava a incenso de morango — quem quer que tenha pensado que queimar morangos era uma boa ideia não possuía um olfato dos melhores. Pior que isso, só mesmo incenso de chá de rosas, que, para Taylor, cheirava a uma avó em chamas. Starla tinha entrada na onda de queimar incenso para ficar em contato com o que ela chamava de "lado espiritual".

— Hayley e Taylor estão aqui— anunciou Teagan.

— Ah, oi— disse Starla, que não pareceu muito feliz em vê-las. Enfiou a mão em sua cascata de cabelos dourados e tirou os fones do ouvido. — O que foi? Vocês estão com uma aparência péssima.

Teagan desapareceu em seu quarto, no cômodo ao lado, e Hayley e Taylor entraram no quarto de Starla.

— O que foi é que há cinco minutos a senhora Berkley nos perguntou se sabíamos com quem Katelyn estava transando — disse Hayley.

Starla não se levantou, e as gêmeas não se sentaram.

— Ah, então deve ser por isso que ela está me ligando.

— Pode ir contando o que sabe — falou Taylor. — Com quem ela estava dormindo?

— Com quem ela estava dormindo?

— Com um travesseiro — disse Starla. — Provavelmente com um cobertor também.

Se queria ser irônica, Starla falhara.

— Você realmente não sabe? — perguntou Taylor.

O telefone de Starla vibrou com uma mensagem de texto. Ignorando as duas garotas, ela começou a digitar. Sem tirar os olhos do aparelho e disse: — Pelo que sei, ela conheceu um garoto pela internet, mas não pessoalmente. Ele deu um cano em Katelyn.

— Tá— disse Taylor–, então por que a mãe de Katelyn encontrou um teste de gravidez no quarto dela?

Starla ergueu os olhos e, em seguida, voltou a digitar.

— Sei lá. Talvez Katelyn estivesse se divertindo mais do que a gente imaginava. Ás vezes, as quietinhas são as piores, não e? — E, olhando para Hayley, perguntou: — E Colton, como está?

Hayley inteligentemente não mordeu a isca.

— A gente pensou que você gostasse de Katelyn. Que quisesse descobrir como ela morreu. Se ela realmente estava grávida, talvez tenha se visto sem saída.

— Sem saída a não ser o suicídio — disse Taylor.

Starla deu de ombros. — Me parece uma idiotice, mas pode ser.

— Ou talvez Katelyn não quisesse contar a ninguém porque o homem que a engravidou era mais velho, e ela queria protegê-lo— disse Hayley, orgulhosa por não ter respondido atravessado ao comentário de Starla sabre Colton.

— Eu não sei de nada— disse Starla. — Tenho um milhão de mensagens para responder.

Foi a forma encontrada por ela para se livrar das duas, e deu certo. Taylor e Hayley se viraram para partir. Teagan saiu de seu quarto enquanto elas caminhavam em direção ao andar de baixo.

— Você tinha razão, Teagan — disse Taylor. — Sua irmã é uma idiota.

— A maior idiota da história de Port Gamble— completou Hayley.

— Concordo plenamente — disse o garoto com um sorriso satisfeito. Eu ouvi vocês perguntando alguma coisa sabre Katelyn. O que aconteceu?

— O que aconteceu? — repetiu Taylor. — Ela está morta, e a gente não acredita que foi suicídio. O que você sabe sobre isso?

Teagan notou que Hayley parou diante da porta.

— Eu? Nada— respondeu o garoto. — Ela estava deprimida. Acho que esse é um motivo.

Taylor insistiu um pouco. Talvez aquele moleque fosse mais observador do que a irmã e soubesse de algo.

— Ela estava namorando alguém?

Ele fez que não com a cabeça.

— Acho que era por isso que andava deprimida.

Mais tarde naquele mesmo dia, Hayley e Colton olhavam para a tela do computador de Hayley. Eles abriram o pen drive e, com alguns cliques, chegaram mais fundo, nas propriedades dos arquivos. O que viam era inacreditável. O endereço IP de todas as mensagens enviadas a Katelyn vinha da casa dos Larsen. Todas.

Incluindo a "me encontre em Seattle".

— Jake! — disse Colton. — Aquele nojento estava perseguindo Katelyn.

— Jake — repetiu Hayley.

Ela evitou fazer qualquer comentário besta sobre sempre ter desconfiado de "algo estranho" em relação a Jake Damon. Mas sempre desconfiou. Sua irmã também. E Beth. Certa vez, no verão anterior, Beth reclamou que ele passou bem devagar com a caminhonete enquanto ela lavava o carro no quintal.

— Tirando o cara da Segway, ele é a pessoa mais nojenta de Port Gamble. Fico feliz que esteja pegando a mãe de Starla. Ela merece — disse Beth então.

— Isso é muita maldade, Beth. Mesmo vindo de você — disse Hayley.

— Assim sou eu, maldosa— falou ela sem hesitar.

Enquanto Colton destrinchava os códigos, Hayley pensou mais um pouco sobre Jake, e as peças começaram a se encaixar. Não se encaixavam perfeitamente, mas pediam averiguação. Sempre existiram fofocas sobre o passado sinistro de Jake Damon. Ninguém sabia exatamente qual era, então todos supunham as possibilidades mais nefastas — diziam que ele traficava drogas entre Seattle e Alasca, fazia parte de uma gangue de motociclistas (já que apareceu pela primeira vez em Port Gamble sobre uma BSA Chopper) e até mesmo que havia estado na prisão (uma de suas tatuagens tinha uma aparência bem amadora). O pai de Hayley acreditou nesta última versão, mas, após algumas pesquisas e alguns telefonemas, descobriu que a única atividade criminosa a que Jake estava ligado era o tráfico.

E não envolvia nenhuma gangue.

Jake era bonito, meio indolente e, aparentemente, nunca tivera um emprego de período integral. Quando se juntou a Mindee Larsen na época em que o marido dela foi embora, muita gente viu nele um oportunista.

— Mindee está afogando as mágoas no lugar errado— comentou Sandra Berkley com Valerie no outono passado, quando esta foi ao Mercado Central de Poulsbo com as gêmeas para fazer compras.

Valerie ficou em silêncio. Aquela imagem era muito triste.

Sandra deu fim ao assunto: — Conheço esse tipo de homem. Já percebi a maneira como ele olha para nossas filhas.

Claro, Sandra sabia algo sabre afogar as lágrimas. Seu carrinho estava repleto de garrafas de Yellowtail Shiraz — na compra de seis, o cliente ganhava dez por cento de desconto.

Sandra Berkley tinha muito o que esquecer. E não só a morte da filha. Na verdade, os arrependimentos de Sandra recuavam quase uma década — e não havia vinho vagabundo que a fizesse esquecer completamente o passado.

CAPÍTULO 36

Moira Windsor nunca contou a seus entrevistados que não era exatamente funcionária do *Herald*. Ela era repórter freelance. Mas o termo lhe soava como se ninguém jamais fosse contratá-la, por isso nunca mencionou esse detalhe às suas fontes.

Após conversar com Kevin Ryan, que para ela foi um verdadeiro idiota pela forma como tentou afastá-la, a bela jovem de vinte e três anos voltou à casa da tia, em Paradise Bay, do outro lado da ponte do Canal Hood. A tia, que estava em Tucson, no Arizona, fugindo do frio de Washington, deixou a casa aos seus cuidados.

A palavra "casa" era um exagero; na verdade, não passava de uma cabana com um fogão a lenha, sua única fonte de calor. No jardim cheio de neve, havia quatorze casinhas de pássaros, oito anões e, dependuradas no beiral, duas garrafas cortadas pela metade, as quais giravam quando o vento passava.

Moira tinha certeza de que Ann Curry nunca fora obrigada a viver daquele jeito.

Ela pegou duas garrafas de água com gás, ligou a televisão como som de fundo e se sentou à frente do computador a fim de procurar qualquer informação sobre o infame acidente de ônibus em Port Gamble. Moira crescera em Bremerton e tinha lembranças vagas do acontecimento. Na época, era apenas uma adolescente rechonchuda, e o fato não deve ter tornado mais do que dois minutos de sua atenção: "Nossa, que coisa horrível! Sinto muito por essas crianças e seus pais!" — e então retomou sua vida normal e o sonho de sair da cinzenta cidade naval, a maior do condado.

Ao som de um programa de culinária, ela abriu a ferramenta de busca e procurou as palavras: "Port Gamble + Daisies + Acidente".

A apresentadora estava falando sobre maneiras de cortar calorias da "deliciosa apimentada" culinária indiana. Porém, como ex-gorda, Moira gostava de fantasiar com a coisa verdadeira. Que venha a gordura! Ela tomou um gole da água com gás, e seu olhar se perdeu saudosamente em uma garrafa de vinho tinto.

ACIDENTE NA PONTE DO CANAL HOOD MATA CINCO

Um ônibus escolar de Port Gamble que levava um grupo do Scout Daisies para um piquenique em Indian Island caiu da ponte do Canal Hood ontem à tarde, matando a motorista, além de quatro crianças com idade entre 5 e 7 anos. Outras três crianças e um adulto foram levados de helicóptero a hospitais da região.

Os motoristas que presenciaram a cena disseram que a comporta de vazão da ponte flutuante estava aberta no momento em que o ônibus colidiu. A chuva e o vento eram muito fortes na hora do acidente Engenheiros locais dizem que a comporta é aberta para aliviar a pressão das ondas.

"Eles estavam na minha frente", disse Cindy Johnston, moradora de Bainbridge Island. "Eu os seguia bem de perto porque mal podia ver a estrada. A chuva era muito forte. Em um segundo, o ônibus desapareceu."

O Serviço Meteorológico Nacional observou ventos de mais de 80 km/h, com picos de 100 km/h, na região.

O Departamento de Transportes do Estado de Washington e a polícia local estão investigando o caso.

Moira sabia que o acidente havia matado algumas pessoas, mas ela pensava que fossem apenas duas. Porém, com a motorista, foram cinco... Era mais do que trágico. Ela tentou compreender o tamanho do abalo que uma perda como aquela causaria em uma cidade pequena como Port Gamble. O acidente deve ter tocado quase todos os habitantes.

A repórter passou ao próximo artigo, que relatava que duas crianças tinham sido resgatadas da água, e que outra criança e um adulto foram encontrados na ponte. Também dizia que o resgate do ônibus e dos corpos duraria dias, pois as águas tinham mais de trinta metros de profundidade.

Ela clicou em outro artigo, este do Daily Olympian.

FALHA ELÉTRICA GERA ACIDENTE FATAL NO CANAL HOOD

Hoje, um porta-voz do Departamento de Transportes do Estado de Washington disse que o acidente com o ônibus escolar que matou cinco pessoas foi uma "trágica combinação de mau tempo e falha elétrica que causou a abertura da comporta de vazão"

Ela não foi aberta por um funcionário da ponte, como reportado anteriormente.

Entre os mortos, estavam Christina Lee, 7; Sarah Benton, 6; Violet Caswell, 5; e Emma Perkins, 5. Também morreu o motorista do ônibus, Margie Jones, 29. De acordo com o gabinete de registros do Distrito Escolar de North Kitsap, Margie era uma excelente funcionária. Ela estava terminando seu mestrado em Educação e planejava dar aulas no próximo ano.

"Tudo o que ela queria era fazer algo pelas crianças" disse Barry Jones, com quem estava casada havia cinco anos.

Três dos sobreviventes permanecem hospitalizados. Outro, uma mulher de 30 anos de Port Gamble, recebeu alta.

Moira abriu mais alguns links. Algumas fotografias mostravam um enorme guindaste sendo transportado por uma barcaça até a área do acidente; outras, o ônibus sendo içado da água. Uma foto retratava de perto dois mergulhadores exaustos ao lado do gradil de segurança. Seus olhos assustados e expressão dura diziam mais do que uma repórter jamais poderia sonhar em descrever.

Outro artigo descrevia o funeral, que foi na igreja da cidade.

Ela reconheceu Kevin Ryan em uma das imagens.

"Até que enfim", pensou Moira enquanto seus olhos esquadrinhavam a tela do computador e o artigo seguinte. O nome dos sobreviventes.

LIBERADOS OS NOMES DAS VÍTIMAS, DUAS EM COMA

Os nomes dos sobreviventes do acidente de ônibus da ponte Canal Hood foram liberados esta tarde. Sandra Berkley, 30, e filha, Katelyn, 5, foram lançadas para fora do ônibus quando este caiu da ponte. A Sra. Berkley teve fraturas nas costelas e queimaduras. Ela e a filha receberam tratamento no Harrison Medical Center, em Bremerton, e foram liberadas.

Outras duas vítimas, as gêmeas Hayley e Taylor Ryan, de 5 anos, permanecem hospitalizadas. Ontem, seus pais lançaram um comunicado: "Nossas. filhas são fortes. Por favor; rezem por elas. Acreditamos em milagres".

Os pais disseram que as garotas continuam em coma.

Visivelmente abalado, Adam Larsen, 34, conversou com os repórteres reunidos na porta de sua casa, na histórica Port Gamble.

"Estamos tristes pelas famílias.que perderam suas crianças e também pela família da motorista. O acidente afetou a todos daqui. Acho que muitos de nós nunca nos recuperaremos."

A filha de Adam Larsen, Starla, também de 5 anos, era membro do grupo que fazia a excursão, mas não.embarcou no ônibus por conta de leves problemas de saúde.

O último site que Moira visitou se chamava Calamidades de Kitsap, um fórum dedicado — como indicava o banner da página principal — aos "acontecimentos padres de nosso deturpado quintal".

Não havia nada realmente novo no site. Na verdade, após uma rápida olhada, Moira comprovou que todo o conteúdo era copiado de outras páginas. Ela suspirou. Assim era o jornalismo atual. Para que se esforçar se você pode simplesmente copiar e colar? Mas não ela. Não Moira. Ela estava disposta a fazer qualquer coisa para conseguir algo original. Alga notável. Algo que a fizesse brilhar. E, se sua fonte estivesse certa, as gêmeas a alçariam ao posto de estrela.

O Calamidades de Kitsap, um blog hospedado no Word Press, fora criado por alguém chamado Maxi Taxi. Moira clicou no campo de comentários e leu as mensagens — basicamente só havia: "que merda!" ou "esse blog e Maxi Estúpido!". Algumas eram mais reflexivas.

E uma era muito, muito intrigante.

SWEET DATA FILE 31

Não me parece estranho que essas duas tenham sobrevivido. Eu as conheci ainda bebês. Havia algo de assustador nelas. Algo diferente.

"Assustador? Diferente? Bebês?" Moira olhou o nome do autor do comentário. Sweet Data File 31. Digitou-o no Google e descobriu que aquele usuário, quem quer que fosse, havia postado mensagens em mais de um blog. Encontrar uma pessoa na internet e como bater de porta em porta e coletar um fragmento de informação por vez. É como uma caminhada digital. Uma coisa sempre leva a outra.

Moira tomou o resto da água com gás e abriu a tampa da outra garrafa. Enquanto bebia, seus olhos analisavam o resultado da busca.

O Sweet Data File 31 também postara no Mais que palavras, site sobre gírias e a rápida evolução das palavras nos dias atuais.

Em outra vida, eu realizei pesquisas linguísticas para uma grande universidade. Acho que a transformação da linguagem é algo positivo. Os seres humanos estão sempre criando. Novas palavras são soluções para necessidade reais.

Os comentários estavam bloqueados no site, então Moira partiu para o próximo.

Enquanto a ampulheta se movia pela tela do computador, o qual procurava novos comentários de Sweet Data File 31, Moira foi tomada por pensamentos: "O que é tão assustador? Será que tem algo a ver com o que a minha fonte me disse?".

Um site sobre comida orgânica irrompeu na tela, e o artigo de capa — "Nosso vale é verde" — era local, da península de Kitsap.

SWEET DATA FILE 31

Todos os fins de semana passeávamos pelas fazendas familiares entre Bremerton e Belfair e me assusta que não existam mais locais como esses. Vamos lá, pessoal! Nosso futuro alimentar é local, sustentável e ecológico!

Moira refletiu por um instante e então postou um comentário na sequência.

ESTRELA DA MIDIA

Sweet Data, sou Moira Windsor; redatora e estou trabalhando em uma grande reportagem sobre a importância dos produtos orgânicos. Você gostaria de ser entrevistada para a matéria?

Ela informou seu e-mail e esperou. Imaginou que alguém tão

solitário ou cheio de opiniões próprias como Sweet Data responderia ao seu comentário. Pessoas assim sempre querem ver seu nome no jornal. Era apenas uma questão de tempo.

Olhou para a televisão e viu que a chef preparava tortas de maçã frita. Pareciam tão gostosas que o estômago de Moira tentou comer a si mesmo. Ela se levantou, foi até a geladeira, pegou duas caixas de Lean Cuisines (ravióli na manteiga e frango ao molho de cranberry) e caminhou até o gigantesco micro-ondas da tia.

Em seguida, pegou o número de Sandra Berkley. Já esperara demais para fazer aquela ligação. Enquanto o bipe do micro-ondas avisava que sua comida estava pronta, Moira deixou uma mensagem na caixa postal.

"Senhora Berkley, aqui é Moira Windsor, do Herald. Sou amiga de Kevin Ryan e estou escrevendo um artigo sobre os dez anos do acidente do Canal Hood e suas consequências. Sinto muito por sua recente perda. Eu gostaria de conversar com a senhora sobre a matéria que estou fazendo."

Satisfeita por ter soado amável, autêntica e profundamente preocupada, terminou a mensagem passando seu número.

"Eu fui feita para este trabalho", pensou ela, garfando um pedaço fumegante de frango. "Simplesmente nasci para isso."

CAPÍTULO 37

Sandra Berkley tomou seu último drinque. Já não havia mais razão para beber. Vasculhou toda a casa e recolheu as garrafas pela metade escondidas em diversos lugares. Uma garrafa de vodca, por exemplo, estava sob uma pilha de velhas toalhas que ficava no fundo da gaveta do seu armário. Outras duas— uma de rum e outra de uísque — se encontravam na despensa, atrás do arroz basmati que comprara aos montes e não sabia se jamais usaria.

Seis garrafas no total. Ela as levou até a pia e esvaziou o que restava em cada uma até que não houvesse mais nada.

Katelyn estava morta. Harper estava no restaurante. Ela se sentou e escreveu uma carta. Era algo que queria fazer há quase dez anos.

Quero que você saiba que eu sinto muito...

Por favor, me perdoe...

Lagrimas rolavam por sua face no momento em que assinou seu

nome. Ela dobrou o papel e o colocou em um envelope.

Já passava das seis e meia quando Kim Lee terminou seu trabalho no escritório da madeireira e iniciou seu ato preciso e ritualístico de arrumar a mesa. Ela era assim. Sempre a mesma, todos os dias. Kim mantinha quase todas as coisas em ordem. Sendo contadora, esse era o seu trabalho, basicamente. Fechou as gavetas, trancou-as e se levantou para ir embora. Ao fazê-lo, notou um pequeno envelope em sua caixa de correspondências. Era endereçado a ela, não a empresa. Para abri-lo, usou o abridor de cartas que Beth fizera no ensino media: um tubarão vermelho feito de Plexiglas com uma mandíbula ameaçadora que cortava papel como lamina.

Kim começou a ler a carta e, antes de terminá-la, já estava fora do escritório. Beth sempre reclamava que a mãe era uma tartaruga. Mas, se a tivesse vista naquele momento, nunca mais diria isso. O casaco de Kim ficou no vestiário dos empregados; porém, apesar do vento frio, ela nem notou que estava sem ele. Quatro minutos mais tarde, estava socando a porta de sua vizinha.

— Abra! — gritou. — Por favor!

Não houve resposta.

Kim deu a volta na casa, olhando através das janelas. As luzes estavam acesas, mas ela não viu ninguém. Ainda assim, tinha certeza de que Sandra estava em casa ou no restaurante, pois seu carro se encontrava estacionado nos fundos.

— Por favor! Precisamos conversar! — gritou Kim enquanto batia o punho contra a porta traseira.

"Passos! Ótimo." Sandra não cometera nenhuma loucura. Pelo menos até aquele momento.

Finalmente, a porta se abriu. Sandra Berkley surgiu, os olhos vermelhos e o rosto manchado. Suas mãos tremiam. Ela deixou que Kim entrasse. Não disse nada. De repente, começou a soluçar — incontrolavelmente.

— Sente-se, Sandra — disse Kim, que também começara a chorar.

— Sinto muito — disse Sandra. — Eu não podia continuar convivendo com isso. Nunca me esqueci dos gritos.

— Eu sei — disse Kim, os olhos cheios de lágrimas. — Todos nós sabemos.

— Ouvi Christina gritar meu nome quando o ônibus começou a afundar. Eu fiquei parada. Não soube o que fazer.

— Você estava em choque.

Sandra lutou para se recompor, mas era uma batalha perdida.

— Eu nem tentei. Eu...

— Ninguém culpa você pelo que aconteceu— disse Kim.

— Eu me culpo. Sei o que fiz e o que deixei de fazer. Eu sei como me senti depois.

Kim passou os braços ao redor dos ombros de Sandra em uma tentativa de consolá-la. Os soluços vinham em ondas. Sandra tentava falar entre um e outro.

— Eu fiquei feliz, Kim — disse ela. — Eu fiquei feliz par Katelyn ter sobrevivido. Fiquei lá, parada, ouvindo os gritos, sabendo que eu ainda tinha a minha filha e que ela estava ferida mas viva. Ela sobreviveria. E para que? Agora, ela também se foi...

— Você sofreu muito. Antes e agora.

Sandra conseguiu se controlar o suficiente para cravar os olhos chorosos em Kim.

— Me perdoe, Kim.

Kim Lee balançou a cabeça.

— Você não precisa pedir perdão. Fez tudo o que pôde.

— Fiz? Fiz mesmo, Kim?

— Tenho certeza que sim. Ninguém sabe como vai reagir em um momento como aquele. Ninguém. Você fez o melhor que pôde em uma situação de pânico.

— Eu não sei — disse Sandra, em busca de algo que Kim finalmente poderia lhe dar.

— Eu sei que fez— falou Kim.

As mulheres conversaram por mais algum tempo. Choraram, se abraçaram. Kim não disse a Sandra que sempre se indagara por que Katelyn tinha sobrevivido e Christina não. Mesmo assim, nunca duas mulheres ficaram tão próximas quanta elas naquele momento, naquela casa. Um laço profundo, nascido de uma tragédia.

A rede de fofoca de Port Gamble, apesar de ser considerada incrivelmente precisa por muitos, errou miseravelmente ao tratar do verdadeiro problema que reverberava na casa numero 23. Os bate-bocas dos Berkley não se deviam ao problema de Sandra com a bebida. Nem a dificuldades com o restaurante ou a problemas financeiros. O casamento estava em ruínas porque Sandra Berkley não conseguia enfrentar o que

realmente aconteceu na ponte do Canal Hood e a culpa e a vergonha que a acompanhavam desde então. A raiva era sua arma contra um marido que queria ajudá-la a trabalhar sua culpa.

Depois de se certificar que Sandra ficaria bem, Kim Lee voltou para casa, abalada e aliviada com o encontro. Antes de entrar, ela se recompôs. Beth estava vendo televisão, trocando mensagens de texto, tomando um Red Bull sem açúcar e lendo um livro.

—Você está um bagaço — disse Beth ao olhar a mãe de canto de olho.

— O que eles te obrigaram a fazer desta vez? Conferir todas as contas cinco minutos antes da troca de turno? Seu trabalho e uma droga.

Kim esperava que a curta caminhada tivesse diminuído o inchaço de seus olhos.

— Nada e como a gente quer— ela disse a caminho da cozinha. — Pedimos uma pizza hoje?

Beth olhou para seu celular.

— Tudo bem. Eu peço. Você sempre pede massa grossa porque acha que vale mais a pena. Eu prefiro massa fina.

— Tudo bem — disse Kim.

Ela se debruçou sobre a pia e respirou fundo. Desdobrou a carta e leu-a mais uma vez. Depois do encontro com Sandra, já não lhe parecia um bilhete suicida.

Quero que você saiba que eu sinto muito por não ter salvado sua filha nem as outras meninas. Algumas vezes, eu queria poder voltar no tempo e fazer tudo de novo. Eu faria as coisas de outro jeito. Por favor, me perdoe. Não sei por quanto tempo mais conseguirei conviver com o que fiz.

Sandra.

Kim amassou o bilhete e o jogou no lixo. Ligou a torneira e imaginou o que era pior: perder uma filha ou conviver com a culpa pela sua ter sobrevivido. Ficou feliz por nunca ter tido de enfrentar isso. A cruz de Sandra era muito pesada.

Mais tarde, após algumas fatias de pizza de massa fina e uma conversa distraída entre mãe e filha, Beth foi para seu quarto e escreveu a Hayley e Taylor.

Beth: Minha mãe esta + estranha q o normal. O chefe deve ter gritado c/ ela. Eu gostaria d ter os problemas dela. Sua vida e tão fácil.

Hayley: Nem me fale. Eles sempre dizem q nada é pior q o "mundo

real", mas não sabem o q e Kingston.

Taylor: O pior dos mundos.

Quando pousou a cabeça no travesseiro, Kim Lee foi transportada de volta àquele dia, quase dez anos antes; ela estava na ponte do Canal Hood, as sirenes tocavam, as mães choravam. Não foi o fato deter conversado com Sandra que lhe trouxe essa lembrança. Na verdade, aquela memória nunca a abandonou. Assim como as demais mães, Kim odiava a maldita ponte. Simplesmente a odiava.

CAPÍTULO 38

Algumas pontes, como a de Tacoma Narrows ou sua prima mais sexy, a Golden Gate, em São Francisco, são espantosas por sua beleza, arqueando-se sobre águas perigosas ou desafiando a gravidade ao conectarem dois pontos altos separados por um abismo.

A ponte do Canal Hood também e assombrosa, mas não por sua beleza. Ela literalmente flutua sobre as águas que lhe emprestam o nome e forma parte da Rota 104 do estado de Washington, ligam do às penínsulas de Olympic e Kitsap. Na época de sua construção, em 1961, profundidades acima de noventa metros impossibilitavam a construção de pontes suspensas. Então, ela flutua. Placas de concreto sustentam a estrada poucos metros acima do nível de água.

Quinze mil carros a atravessam diariamente. Os motoristas e passageiros não pensam em nada alem da beleza das montanhas Olympic, com as águias contornando os picos e um ocasional submarino atravessando o canal em direção a base naval de Bangor.

Poucas famílias se lembram dos dias mais sombrios de suas vidas ao cruzarem–na. A família Ryan e uma delas. Valerie Ryan, particularmente, não era capaz de dirigir sobre a ponte. Essa foi a principal razão para que ela voltasse à universidade e terminasse o curso de enfermagem psiquiátrica. Todas as vagas de emprego ficavam do lado de Seattle. Valerie não queria ser obrigada a atravessá-la pela simples razão de que seu trabalho ficava do outro lado.

As meninas sabiam do acidente, claro. A travessia da ponte, nas raras viagens a Port Townsend ou Port Angeles, sempre gerava perguntas sobre o que aconteceu naquele chuvoso e ventoso vinte e um de março de

dez anos antes. Por alguma razão, as gêmeas se interessavam especialmente por um detalhe: não queriam saber o que aconteceu, mas que trecho exatamente aconteceu.

Certa vez, Taylor precisou o ponto exato em que a ponte flutuante conectava a ponte principal.

— Foi aqui— disse ela aos sete anos, quando voltavam a casa após um passeio em Port Townsend.

— Foi por aqui, sim — disse Valerie.

— Não— falou Taylor—, foi exatamente aqui.

Hayley olhou para a água, que estava límpida naquele fim de tarde,

— Ela está certa, mãe. Bem ali, onde aqueles pássaros estão boiando, Foi ali que tudo aconteceu.

Valerie olhou na direção das gaivotas que bicavam a superfície da água quando o carro passou por elas em alta velocidade. Não gostava nem um pouco de pensar naquilo. Queria que todos se esquecessem que o acidente havia ocorrido.

— Eu não me lembro — ela mentiu. —Mas, sim, foi por aqui.

Os olhos de Kevin se encontraram com os das filhas no retrovisor.

— Vejam quanta neve nas montanhas — disse ele. — Deve ter caído uma tempestade ontem à noite.

As meninas se viraram para o outro lado da ponte. Era uma distração, e elas sabiam disso. Por dentro, ambas compreendiam que tanto a mãe quanta o pai haviam sido tão feridos pelo acontecimento quanto elas.

Tendo em vista as inúmeras pessoas que viveram e morreram em Port Gamble, o número de mortos enterrados no cemitério Buena Vista era extremamente pequeno. Entre os mais notáveis, estava Gustav Engelbrecht, primeiro membro da marinha norte-americana a morrer em ação no Pacifico. Sua morte foi menos heroica do que ridícula. Aconteceu durante um ataque indígena em Port Gamble, em 1856; Gustav subiu em um tronco para ter uma visão melhor da batalha e foi atingido por um jovem da tribo S'Klallam.

Existiam tumbas mais antigas também. Primeiros colonos, trabalhadores que morreram na madeireira, e daí por diante. Perdida entre tantas, havia uma modesta placa— tão pequena, gasta e apagada, que uma pessoa nunca seria capaz de decifrar sua inscrição se não conhecesse a lenda:

PETER O'MALLEY, 15, foi sepultado no mar no dia 22 de abril.

Ele está agora nas mãos de Deus. Que descanse em paz.

De acordo com a lenda, que existia há gerações, o pobre Peter morreu de cólera, e seu corpo foi posto em um caixote de bacalhau, que acabou sobre um banco de areia. No entanto, quando três jovens S'Klallam abriram a força o misterioso caixote, tudo o que havia dentro era um crucifixo de prata, um enxame de moscas e um cheiro acre, repulsivo. O cheiro da morte. Pouco tempo depois, as ostras desapareceram e as aves marinhas pararam de fazer ninhos ali. As pessoas começaram a dizer que o local era maldiçoado. Chamaram–no de "Memalucet", que significa "caixote vazio". As mentes mais sombrias o chamavam de "Caixão Vazio". Décadas mais tarde, Port Gamble foi fundada nesse lugar.

Em um dia que muitos consideraram igualmente amaldiçoado, o cemitério Buena Vista recebeu uma fileira de túmulos de garotinhas sob um bordo gigante, no pé da ribanceira que dava para a ponte flutuante. Christina Lee foi à primeira, seguida de Sarah Benton, Violet Caswell e Emma Perkins. Tirando a diferença óbvia nas datas de nascimento e nos nomes, todas as lapides eram idênticas. Gravados em relevo no granito preto e branco, havia um cordeiro adormecido e uma frase em letra cursiva:

Pouco Tempo aqui

Eternamente com Deus

Por anos, visitantes deixaram brinquedos e flores para as meninas. Certa vez, alguém deixou uma casa da Barbie completa e um boneco Ken. Outra pessoa deixou um pequeno conjunto de chá de porcelana. Todos esses objetos foram reunidos e guardados no arquivo do museu, e acordou-se que não seriam exibidos até que a mais jovem das sobreviventes fizesse vinte e um anos. A história está repleta de tragédias, mas, como disse o arquivista, estas não precisam ser esfregadas na cara dos vivos.

Embora o acidente nunca tenha sido apagado da memória dos habitantes de Port Gamble, de uma forma ou de outra, todos seguiram com suas vidas.

Os visitantes que iam ao cemitério Buena Vista para homenagear as mortas nunca souberam que uma das tumbas estava vazia. Kim e Park Lee se recusaram a enterrar a filha Christina naquele lugar. Era frio e ventoso demais, e sua localização, com aquela maldita ponte ao longe, era um lembrete eterno do acontecimento.

Em vez disso, cremaram Christina e mantiveram suas cinzas em uma uma, guardada na sala de estar de sua casa.

Park Lee estava entre aqueles que nunca se esqueceram da perda da sua primogênita. O supervisor da madeireira morreu enquanto pescava camarão nas águas agitadas do Canal Hood, um ano após a tragédia da ponte. A investigação policial concluiu que se tratou de um afogamento acidental. Mas Kim, sua esposa, estava certa de que não tinha sido bem assim. Quando as autoridades do condado devolveram os pertences de Park, Kim notou que faltava algo na carteira do marido: sua licença de pescador. Ela sabia que o esposo jamais sairia para pescar sem a licença. Park era muito rigoroso quanto a fazer as coisas do jeito certo, como manda a lei.

Aos trinta e quatro anos, Park Lee simplesmente não conseguiu enfrentar a própria dor.

Kim colocou fotos do marido e da filha em uma prateleira acima da televisão, na sala de estar. Em cada ponta da prateleira, pôs uma uma: uma turquesa, outra dourada. A primeira guardava as cinzas da filha, a segunda, as do marido.

Estavam há tanto tempo ali, que Beth já não mais implorava a mãe para espalhar as cinzas no mar, o que, para a garota, teria sido divertido e dramático.

Agora, passavam-se semanas até que ela notasse a existência das umas.

Eram ela e a mãe, apenas, e assim seria para sempre. Embora Kim fizesse de tudo para que a filha se sentisse especial, Beth nunca se sentiu dessa forma.

Certa vez, em um momento de grande introspecção e clarividência, Beth admitiu as gêmeas que nunca se apegava por muito tempo as coisas porque "nada parecia dar certo".

— O que você quer dizer? —perguntou Taylor enquanto as três atravessavam o campo próximo ao pavilhão de casamentos; era verão, e um grupo de noivos e padrinhos estava sendo fotografado no topo da ribanceira.

— Não estou culpando minha mãe — disse Beth. — Até entendo que o amor que ela sente por Christina e por meu pai seja maior porque eles estão mortos. Ela nunca terá outra chance com os dois. Só pode fantasiar e romancear.

—As pessoas fazem isso, claro— disse Hayley após as três se sentarem na grama, sem se importar de sujar a calça.

— Às vezes eu sinto vontade de dizer a ela: "Ei! Olhe para mim! Eu

ainda estou aqui".

Taylor tocou o ombro de Beth.

— Ela sabe disso, Beth.

Elas assistiram a luta entre uma águia e uma gaivota no céu.

De certa forma, eu entendo — disse Beth. —E duro quando metade da sua família está dentro de umas, sabem?

Os pais das meninas mortas e o marido da motorista do ônibus receberam ajuda financeira do governo, mas não pensariam duas vezes em trocar o dinheiro pela vida dos seus entes queridos. Após pagar os honorários dos advogados, a quantia não chegava nem perto das centenas de milhares de dólares alardeadas pela imprensa de Seattle.

Como a boa contadora que era, Kim Lee colocou o dinheiro em fundos de investimento e viu-o crescer. Poderia tê-lo sacado a qualquer momento e partido dali. Para qualquer lugar— até mesmo para as Ilhas Fiji. Mas ficou, porque Park e Christina consideravam Port Gamble o seu lar. Embora fossem portáteis, os dois não iriam a lugar algum.

Os Berkley usaram o dinheiro para financiar e reformar o Timberline, do qual nunca poderiam ser donos, já que nenhuma construção histórica de Port Gamble podia ser vendida para quem quer que fosse.

Quando Katelyn estava na sétima série, Sandra e Harper lhe confessaram que o fundo universitário que ela pensou que teria após sua dor e seu sofrimento fora gasto em um carro novo e no restaurante.

— Não se preocupe, querida — disse Sandra. — Seus avos vão pagar sua faculdade. Eles prometeram.

A solução gerou algum alivio. Katelyn tinha certeza de que Starla obteria uma bolsa espetacular em alguma faculdade de primeira linha, enquanto ela teria de pagar para sair dali.

— Eu confio em você, mamãe— disse Katelyn. — Sei que você nunca me decepcionaria. Nem você nem o papai.

CAPÍTULO 39

Na manhã seguinte à descoberta da senha de Katelyn Berkley, Colton tomou um copo de suco de laranja e comeu duas grossas torradas com canela preparadas pela mãe. Shania James enchia a torrada de manteiga e açúcar até o limite de calorias, mas era assim que seu filho gostava. Durante toda a manhã, ele não parou de pensar em Katelyn, em Sandra e no que ela tanto queria descobrir naquele computador. Enquanto comia, observou através da janela Taylor e Hayley surgirem na porta de

casa.

Ele deixou o computador de Katelyn e um post–it com a senha na mesa da cozinha. Sandra Berkley disse que o buscaria no fim da manhã.

— Então, você deu uma espiada? — perguntou Shania.

Ele balançou a cabeça.

— Não — disse Colton, sem mentir. — Me pareceu muito invasivo...

Com a cabeça, Shania apontou para as gêmeas, e Colton se levantou.

— É— disse ela. —É invasivo. Mas, se acontecesse algo com você, acho que eu faria o mesmo.

Ele fechou o casaco, pegou a mochila e caminhou em direção à porta.

— Acho que eu preciso deletar todas as coisas erradas que tenho no computador, então — disse ele em tom de brincadeira. — Assim você não terá que encarar toda aquela sujeira.

—Não precisa, eu instalei um programa secreto em seu computador. Já descobri toda a sua sujeira— provocou Shania.

Colton tinha quinze anos, muito velho para dar um abraço na mãe, mas quis fazê-lo naquele instante. Ele nunca teve dúvida de que ela sempre esteve ao seu lado.

— Tchau, mãe— disse ele.

O céu se abrira durante a noite, o que fez a temperatura cair ainda. Hayley, Taylor e Colton se encontraram do lado de fora. As meninas estavam completamente agasalhadas, preparadas para uma expedição ao Ártico. Para agradar a mãe, Taylor estava com o cachecol cor de vomito feito pela tia Jolene, que Colton logo reconheceu. Hayley usava um cachecol vermelho brilhante com uma franja de penas negras. O garoto estava junto quando Hayley o comprou sob o argumento de que era bonito e funcional.

— Isso e algo muito difícil de conseguir — disse ela na ocasião. Colton esticou a Mao com o pen drive.

—Tudo o que havia no computador de Katelyn está aqui. Emails, chats e arquivos de Word.

Hayley pegou o objeto e guardou-o no bolso.

— Vocês pretendem me dizer o que está acontecendo? — perguntou Colton.

Os três já estavam quase na parada do ônibus, onde outros adolescentes esperavam.

— Eu sinto que Katelyn jamais teria cometido suicídio — disse Hayley, tentando encontrar o jeito certo de dizer a Colton sabre sua suspeita.

— Nós duas sentimos— Taylor cortou a Irmã— A gente acha que foi um acidente...

— Ou um homicídio — completou Hayley.

— Vocês andam lendo muitos livros do seu pai — disse Colton.

— Talvez. Mas a desconfiança e algo bom — disse Taylor, a filha que nunca deixou de ler qualquer escrito do pai.

O ônibus surgiu no horizonte, e o espaço entre os adolescentes diminuiu quando todos passaram a se acotovelar para embarcar no veículo e escapar do frio.

— Como assim? — perguntou Colton, levantando a mochila sabre o ombro.

— Ela deixa as coisas interessantes. E precisamos de coisas interessantes em Port Gamble — disse ela.

Colton concordou com a cabeça, mas no fundo sabia que isso não era verdade. Port Gamble era, de fato, uma cidade pequena, e um forasteiro poderia imaginar tratar-se de um lugar apático. No entanto, cada uma daquelas famílias era vítima de algum sofrimento. O pai de Starla, Adam, tinha ido embora sem dizer uma palavra. O pai de Beth morrera afogado. Katelyn estava morta. E ainda tinha a história de Shania, sua própria mãe.

Que história era essa? Bem, nunca se falava sabre isso na casa dos James. Ele amava a mãe o bastante para jamais tocar no assunto. Nas ocasiões em que viu sua cicatriz, fingiu que ela não existia.

Mais tarde, na escola, entre uma aula de álgebra e outra de história, Colton topou com Starla— algo raro, pais passavam a maior parte do tempo em suas respectivas alas, ele na laranja, ela na azul. Mais raro ainda era o fato de Starla estar sozinha, longe do grupo formado por admiradoras e uma ou outra desgarrada que lutavam para se enturmar — ate que fossem enxotadas por Starla.

— Oi, Colt —disse ela.

— Oi, Starla.

Colton tentou se lembrar da última vez que ela se dirigira a ele sem que estivessem na presença de outros. Na sétima série, talvez? Quando

fingiu gostar dele só para que fizesse seu trabalho de informática? Como o maior idiota do mundo, ele o fez.

Starla se aproximou e o puxou para perto da sala dos professores, onde não havia tanta gente.

"O que ela quer desta vez?"

— Você está bem? — perguntou Starla.

— Estou— respondeu ele. — E você, como está? Tudo certo?

Ali estava Starla em toda a sua perfeição. Seu cheiro era bom. Seus olhos estavam pintados de forma que pareciam tão grandes quanto os de um personagem de manga.

— Tem sido duro — disse ela. — Minha mãe mencionou que Sandra deixou o computador de Katelyn com você, para que o hackeasse.

“Aí está. Starla está dez vezes melhor em ir direto ao ponto do que antes", pensou Colton.

— Sim, ela deixou o laptop comigo.

— E você conseguiu descobrir a senha? Você é ótimo nesse tipo de coisa

Colton sabia que Starla o estava usando novamente, mas ainda assim, corou um pouco. Por que ela tinha esse poder sobre ele?

— Obrigado. Eu acho. Sim, consegui.

— Mesmo?

— Sim. Mesmo.

Starla chegou ainda mais perto. Parecia preocupada, interessada. Ela era boa nisso. Talvez tivesse mesmo um futuro no cinema. Não. Na televisão.

— O que você descobriu? — perguntou. — Ela estava bem perturbada, não e?

Colton pensou um pouco antes de responder. Sempre havia um risco em revelar algo a Starla. Informação era sua moeda de troca. Fofocas. Verdades. Se ela podia usar, usava. Era uma parasita da informação — e Colton sabia.

— Perturbada? Pode ser — respondeu ele. — Mas não tanto quanta o efe-dê-pê que estava tirando uma com ela através de e-mails.

Colton quis revelar que o efe-dê-pê era o namorado da mãe de Starla, mas não o fez.

— Nossa — disse Starla, os olhos agora apertados, como se estivesse tentando ver através de Colton tudo o que ele sabia. — Isso é

assustador.

Colton passou ao lado dela.

— É.

O garoto não olhou para trás. Seguiu direto para a sala de aula, deixando Starla sem saber o que ele encontrara no computador de sua amiga morta.



Moira Windsor colocou na boca dois antiácidos sabor menta que encontrou no armário de remédios. Comera demais. E muito rápido. Ouviu o aviso de um novo e–mail e rapidamente voltou ao computador.

De: S. Osteen

Para: Moira Windsor

RE: Artigo sabre comida orgânica

Senhora Windsor, recebi seu e-mail sabre a matéria que está escrevendo a respeito de produtos orgânicos. Eu adoraria ajudá-la. Enxergo os produtos locais como fundamentais para o nosso futuro neste planeta. Par favor, sinta-se à vontade para me ligar ou enviar um e–mail caso queira marcar um encontro. Eu moro perto do aeroporto de Bremerton.

Moira pegou o telefone e discou o número que havia no final do e-mail. Após as apresentações e esclarecimentos sobre o que a jornalista queria, Savannah Osteen a convidou a sua casa.

— Quando? Estou próxima do meu deadline.

— Quando você quiser— respondeu Savannah. — Eu trabalho em casa.

— Que tal hoje?

Savannah fez uma pausa.

— Tudo bem— respondeu ela. — Pode ser.

— Que tal agora? Não estou fazendo nada. Eu chego ai em meia hora. Estava mesmo pensando que hoje e um belo dia para dirigir.

— Dias de sol como o de hoje são um tesouro nesta época do ano — comentou Savannah. — Claro, pode vir.

Moira anotou o endereço e as referências e um segundo depois já estava fora de casa.



Enquanto no colégio os alunos já estavam no segundo latte do dia, Terry Morris, assistente de patologista, passou na loja Albertson's, na Mile Hill Road, para comprar donuts, os quais adorava mais do que qualquer coisa. Era capaz de comer dois no caminho para o necrotério do condado de Kitsap. Ele não ligava para o fato de os dedos ficarem pegajosos ao volante; podia lambê-los quando chegasse ao estacionamento. E daí que alguém o visse? Não era muito dado a pessoas, par isso escolhera trabalhar no necrotério. Com os mortos.

A ida até a loja para comprar aquele donut doce e pegajoso demorou mais do que Terry planejara. Ele não era Born em planejar as coisas, ponto final. Também não era muito bom como assistente de legista, mas fora contratado e estava em período de experiência. E tinha a impressão de que a doutora Waterman não ia muito com a sua cara.

Jogou a embalagem do doce na lixeira que havia ao lado da porta dos fundos do necrotério e olhou através da janela.

"Ótimo, a doutora Waterman ainda não está às voltas com a primeira autopsia do dia."

Terry estava atrasado para o exame de uma vítima que morrera queimada no incêndio de uma casa, em Bremerton. "Mas não muito atrasado", pensou ele, "já que ela ainda não começou".

Ficou feliz par ter comprado os donuts. Ficar próximo de um cadáver fedorento poderia destruir seu apetite na hora do almoço.

Ele subiu até o andar de cima. A doutora Waterman e um funcionário do condado conversavam sobre alga na cozinha. Terry apressou o passo para guardar suas coisas, limpando as mãos na calça. Torceu para que ela não notasse seu atraso.

Mas ela notou.

— Fico feliz que você tenha vindo trabalhar hoje — disse a doutora Waterman.

— Tive um problema com o carro — ele mentiu.

—Eu deixei algumas coisas preparadas para serem enviadas ao laboratório de criminologia do estado — disse ela. —Par favor, despache-as

e me encontre na sala de autopsia. Esta tudo na minha mesa. Se tiver alguma dificuldade, me avise, está bem?

"Bruxa", pensou ele, mas não disse nada.

— Tudo bem, doutora — respondeu, pensando que um médico de verdade estaria ajudando pessoas vivas, e não cutucando miolos. Mas, espera ai, este também era seu trabalho.

Encontrou quatro bolsas etiquetadas com informações sabre Robin Ramstad, vítima de tiro encontrada em um bosque próximo a Port Orchard. O caso se dera antes de sua chegada, por isso Terry não sabia detalhes sabre ele — nem queria saber.

Começou a encaixotar as evidencias para enviá-las quando a doutora Waterman o chamou novamente.

— Estou descendo — disse ela. — Me encontre quando terminar.

Terry fez uma careta. Odiava o comportamento passivo-agressivo da legista. Ela estava sempre lhe dizendo o que fazer. Era muito mandona.

Nunca lhe ocorreu que ela agia assim porque era sua chefe.

— Já vou — disse ele, metendo uma quinta bolsa na caixa antes de fechá-la com fita adesiva e assinar a papelada de envio.

Então, desceu correndo, as mãos ainda pegajosas, ainda irritado.

Passou–lhe despercebido que o quinto item, um Ziploe com um teste de gravidez, não tinha nada a ver com Robin Ramstad.

CAPÍTULO 40

Não havia como escapar. Starla Larsen queria todo mundo fora do seu caminho. Acotovelou os alunos que estavam no corredor enquanto vasculhava sua bolsa em busca do celular. O olhar determinado e cheio de veneno da garota teria feito uma criança de dois anos berrar pela mãe. A reação dos adolescentes da Kingston High School? Não foi muito diferente. Starla tinha uma aparência aterrorizadora quando saiu correndo da escola rumo a cerca de sempre-vivas próxima à ponte que dava acesso ao edifício. Seus saltos se afundavam na lama, e isso a deixava mais brava.

— Olha aqui — ela disse ao telefone, os olhos nervosos esquadrinhando ao redor. — Isso foi longe demais, e eu estou com medo de que alguém ponha a culpa em mim.

Starla virou as costas para o pátio da escola, o qual se enchia de adolescentes que rumavam aos carros parados no estacionamento. Ela encarou a cerca e ouviu a pessoa do outro lado da linha. Seus lábios eram uma linha estreita, os olhos se comprimiam de raiva. Naquele momento, talvez pela primeira vez na sua vida, ninguém diria que Starla Larsen era bonita. Nem bonitinha.

Estava tão furiosa com o que a pessoa falava, que provavelmente não daria a mínima se alguém mencionasse algo sobre sua aparência naquele instante — outro fato inédito.

— Não me diga que não foi culpa nossa. Isso eu já sei. Eu nunca quis que isso acontecesse. Vou pôr a culpa em você!

Starla apertou o telefone contra o ouvido e cerrou a outra mão. Se um gato tivesse a má sorte de passar por ali naquele momento, a garota provavelmente o perfuraria com o salto. Sim, ela estava irada a este ponto.

Quem quer que estivesse conversando com ela não teve a chance de falar muito.

— O maior erro que eu cometi na vida foi confiar em você. Se isso continuar, e você que vai pagar. Não aceito desculpas! Tenho muito pela frente, e você não vai ferrar com a minha vida!

Starla desligou o telefone e se virou.

Taylor e Beth vinham em sua direção.

— Starla, você parece furiosa. Alguém roubou seu pompom? —

disse Beth, direta como sempre.

Starla mal olhou para as duas enquanto desenterrava o salto da grama, gerando um barulho engraçado que a deixou ainda mais colérica,

— Nem vem, sua emo-freak — disse ela, a voz tão controlada quanto possível.

Não disse mais nada nem olhou para trás.

— Nossa, ela está péssima — disse Taylor, constatando o óbvio.

— Eu quase sinto pena dela — falou Beth. — Está acontecendo alguma coisa. Talvez ela não tenha gostado das luzes novas que fez no cabelo.

Taylor cutucou Beth. Elas tinham que pegar o ônibus de volta a casa.

— Nem imagino o que seja.

Mentira.

Savannah Osteen morava em uma cabana de madeira, no meio de um bosque próximo ao aeroporto. Embora a localização fosse remota, podia-se ouvir o zum–zum–zum dos aviões particulares que se preparam para aterrissar. As aeronaves eram um lembrete auditivo de que, mesmo na floresta, há pessoas rondando, observando. A cabana não era velha, musgosa e fria; ao contrário, era moderna, com um telhado feito de toras perfeitamente esculpidas. Uma chaminé de seixos decorava-a no chão, erguendo-se em direção ao céu.

Moira Windsor embicou seu compacto carro cinza embaixo de alguns cedros que formavam um toldo, praticamente tapando o sol do final de tarde.

—Moira? — uma voz chamou. Moira se virou na direção dela.

—Savannah?

— Sim. Estou aqui atrás, no viveiro.

Moira seguiu o som até um espaçoso aviário de três metros de altura envolto por uma cerca. Dentro, estava uma mulher de trinta e tantos anos apoiada em um tronco de madeira. Acima do tronco, uma lâmpada de aquecimento lançava uma luz laranja sobre o local.

Savannah fez um sinal para que Moira entrasse no aviário.

— Foi uma péssima ideia criar faisões em pleno inverno —disse ela. — Não sei no que eu estava pensando.

Moira abriu o portão da cerca e entrou no viveiro. Ela se curvou um pouco e olhou para a dúzia de pássaros que se amontoavam em uma massa

nojenta e fingiu estar interessada.

—São uma graça— disse ela. — Tenho certeza de que vão ficar bem.

Falta pouco para chegar a primavera.

— E o que eu espero —respondeu Savannah, observando sua visita e sorrindo.

Era uma bela mulher com cabelos crespos mais cinzentos do que castanhos. Ela vestia um jeans ajustado, um casaco Carhartt bem pesado, botas, além de luvas de jardinagem que deixavam a ponta dos dedos a mostra.

—Vamos entrar e conversar sabre alimentos orgânicos. E eu lhe direi o que meus faisões tem a ver com isso— falou ela, diminuindo um pouco a intensidade da lâmpada. Os pássaros piaram alto e se esconderam da luz. —Eu não quero cozinhá-los. Pelo menos por enquanto.

— Claro, pelo menos por enquanto — disse Moira, agindo como se estivesse animada, embora não desse a mínima.

A repórter não queria conversar sobre aquelas aves asquerosas. E, depois, essa coisa de alimento orgânico não fazia o menor sentido para ela. Tudo o que comia vinha embalado em uma caixa ou em papel filme.

A casa era impecavelmente limpa, o que surpreendeu Moira. Ela imaginou que a residência de uma velha hippie — se e que Savannah era uma —fosse um amontoado de cestos de reciclagem e móveis ecologicamente corretos, como um balde transformado em abajur. Mas não aquela. Em vez disso, era limpa e clara, com mobília forrada em tons de creme e cinza.

Após tirar o casaco e as botas, Moira notou que Savannah era elegante, talvez não exatamente estilosa, mas tampouco uma desleixada com a casa virada do avesso. Um colar prateado de várias voltas rodeava seu pescoço. Dez pulseiras, também prateadas, subiam por seu pulso.

Savannah lhe ofereceu café, e não chá de ervas, o que também surpreendeu Moira. Não houve qualquer comentário sobre energia sustentável ou a situação calamitosa das florestas tropicais sul-americanas. Elas começaram uma conversa sabre coisas banais, e então Moira fez uma espécie de confissão.

— Eu menti para você no telefone — disse ela logo após se sentarem à mesa da cozinha.

— Você não é do jornal? — perguntou Savannah, o tom indicando

algum ceticismo e também certa compreensão.

— Não exatamente — respondeu Moira, afastando o olhar.

— Uma blogueira? Tudo bem, eu entendo.

— Não, na verdade, eu sou do jornal. Mas não estou escrevendo sobre alimentos orgânicos.

Savannah se animou um pouco. Não parecia alarmada, apenas interessada.

Moira imaginou se aquele café continha maconha. "Esta mulher é muito calma. Eu poderia ser do imposto de renda ou uma serial killer, e ela nem piscaria o olho."

— Moira é seu nome verdadeiro?

— Sim, sim! Eu sinto muito. Quer ver minha carteira de motorista?

Savannah negou com a cabeça.

— Não. Mas me diga exatamente por que está aqui.

Moira respirou fundo e começou a lhe falar sabre a morte de Katelyn; falou também que seu editor tinha lhe contado que a garota esteve no terrível acidente da ponte do Canal Hood.

— Você se lembra? Aquele acidente que matou a motorista e quatro garotinhas?

A expressão estampada no rosto de Savannah indicava claramente que ela se lembrava. Não era preciso dizer qualquer palavra, mas a ex-pesquisadora de linguística respondeu mesmo assim.

— Sim, eu me lembro muito bem.

Naquele instante, o ar ficou mais pesado. Moira Windsor sabia que suas próximas palavras determinariam o sucesso ou o fracasso da entrevista. Estava claro para ambas que elas estavam falando sabre algo muito maior do que as novidades de um acidente ou da vida dos sobreviventes.

— Eu li seu post no Calamidades de Kitsap —disse Moira.

Savannah tomou um gole do café. — Sim, eu sei.

— Foi um comentário interessante.

Savannah pousou a xícara sabre a mesa e olhou através da janela, em direção ao aviário.

— Eu sabia que não deveria ter postado aquilo. Cheguei a enviar um e-mail pedindo que retirassem o comentário do site.

— Bem, eles não retiraram.

Savannah concordou com a cabeça.

— Não, eles não retiraram. E é por isso que você está aqui.

— O que significa aquele post?

— Significa que eu estava cheia de ouzo — respondeu Savannah, um pouco envergonhada. —Naquele dia, fui a um jantar grego em Seattle. Não sei como voltei para casa, muito menos como consegui digitar. Não estou negando que escrevi aquilo, porque eu escrevi.

Moira não tirou os olhos de Savannah.

— Eu sei que escreveu.

Savannah voltou sua atenção para o café e tomou outro gole.

—O que você quis dizer com aquilo? — perguntou Moira.

Savannah respirou fundo e encarou a repórter. Ela tinha uma expressão fechada.

"Ela vai falar. Bom. Conte tudo."

— Eu era pesquisadora do laboratório de linguística da Universidade de Washington — disse ela, com os dedos agora afundados em um emaranhado de cabelos.

Moira abriu seu bloco de anotações.

Acho que não quero que você escreva sobre isso — disse

— Sobre o quê?

— Sobre o que vou lhe mostrar.

Por alguma razão, desconhecida para ela até então, o coração de Moira se acelerou. Ela não era mulher de sentir medo, mas sentiu um pouco naquele momento.

— Estamos de acordo?

— Sim — disse Moira, enganando-a.

Os olhos da anfitriã demonstravam confiança, e Moira sentiu pena dela. Sabia que Savannah iria lhe dar algo que consideraria realmente precioso. Também sabia que a mulher queria faze–ló. Não teria escrito aquele comentário na internet, bêbada ou não, se quisesse guardar seu segredo para sempre.

— Você dizia que... —falou Moira, estimulando-a.

— Sim. Eu dizia que estava participando de um estudo sobre falantes precoces. Eu era assistente de pesquisa de campo. Meu trabalho era gravar as crianças em seu ambiente doméstico.

— São crianças que começam a falar muito novas?

Savannah balançou a cabeça lentamente.

— Sim. Por volta dos seis meses de idade.

— Eu acho que só comecei a falar quando tinha quase dois anos

—disse Moira, sentindo-se um pouco estúpida com a confissão.

— Isso é normal. Mas, para entender como o celebro se desenvolve e quais são as forças externas que moldam a fala, fomos enviados para gravar crianças que apresentavam propensão a falar precocemente.

Moira queria tomar notas, mas aquela revelação seria inteiramente extraoficial.

Ela rezou para se lembrar de cada palavra de Savannah Osteen. — Então, as gêmeas faziam parte do estudo? Hayley e Taylor?

— Sim, Hayley e Taylor —disse Savannah. Ela fez uma pausa; deu a impressão de que ia chorar, mas de alguma forma sacudiu a cabeça e se recompôs. —Elas eram garotinhas lindas, muito doces. Inteligentes também. Muito inteligentes para sua idade, sem dúvida.

—Falando assim, parece que elas eram superdotadas— disse a repórter, pensando em sua irmã Maizey, que frequentou um programa para crianças superdotadas por seis anos e não era, até onde Moira podia dizer, mais inteligente do que ela própria.

—Mais do que superdotadas— disse Savannah, deixando as palavras soltas no ar.

— Você disse que havia algo de assustador nelas. Que não ficou surpresa ao saber que sobreviveram ao acidente.

Algo que lembrava um sorriso se desenhou nos lábios de Savannah, porem era mais uma reação nervosa do que o resultado de uma lembrança agradável.

— Eu disse isso, não é mesmo?

Moira se aproximou. Ela iria para o abate.

— Disse. Você disse.

Savannah brincou com suas pulseiras, movendo-as nervosamente para cima e para baixo. Ela não tinha pressa. Contaria tudo. Finalmente, ela falou.

— Já faz quatorze anos— disse ela, com a voz tranquila. — Eu nunca mostrei isso a ninguém.

Savannah se levantou e, com um gesto, pediu que Moira a seguisse até a televisão, escondida dentro de um armário na sala de estar. Retirou um velho videocassete Sony, coberto de poeira, de debaixo do console.

Mantenho essa relíquia apenas porque é a única maneira de ver — disse ela. — Não que eu a veja muitas vezes. Mas assisto a ela umas duas vezes por ano desde que saí da universidade.

O videocassete ligou, e Savannah colocou a fita no aparelho.

— Eu não sabia que havia fitas tão largas — Moira falou, pegando seu celular.

— Meia polegada. A melhor da época. Vai ligar para alguém?

Moira negou com a cabeça.

— Vou pôr no silencioso.

Savannah apertou o play.

O vídeo de fato havia se degradado ao longo dos anos. Não era tão ruim quanto os filmes antigos que passavam de madrugada, mas tinha falhas, arranhões, estalos. A câmera se moveu para a frente e para atrás antes de focar dois lindos bebês vestidos com roupas azuis combinadas; seus cabelos eram ralos, macios e louros. Era a hora do almoço, talvez do jantar.

— À direita, está Hayley. Taylor está à esquerda — disse a anfitriã tocando a tela para indicar qual garota estava sentada em qual cadeira.

Savannah também aparecia no vídeo; estava bonita, os cabelos negros, rosto sem rugas. — Veja o que elas estão fazendo.

Savannah tinha os olhos fixos em Moira.

— Comendo macarrão? — perguntou a repórter, aproximando-se da televisão, mas sem conseguir enxergar o que havia de tão extraordinário.

Savannah apontou a tela.

— Taylor está colocando a mão na tigela da irmã e olhando para a ela, você vê?

— Sim, vejo. Mas acho que, se tivesse uma irmã gêmea, estaria sempre competindo com ela por comida — disse Moira, surpresa com sua revelação, pois era a mais pura verdade.

— Espere. Para mim, foi fácil ver, já que eu estava na sala. Eu aproximei a imagem. Agora.

Alguém empurrou a câmera, que ficou embaçada par um instante, mas logo voltou a focar as meninas.

Elas estavam comendo macarrão de letrinhas com molho de tomate. Ambas olhavam para a câmera, que se aproximou da bandeja diante de Hayley.

Moira tirou os olhos arregalados da televisão.

— Isso só pode ser um truque.

Savannah pausou o videocassete e encarou Moira. Não havia qualquer expressão em seu rosto. Compartilhara alga que a acompanhava

em todos os lugares a que ia. Vira a fita inúmeras vezes. Era algo que ela considerava maravilhoso e assustador.

— Não é — disse ela, o olhar pousando acima da TV.

Moira ergueu os olhos até as várias fotos. Eram fotografias de Savannah quando jovem, talvez com a idade de Moira — vinte e poucos anos.

A garotinha ao seu lado era loura e tinha olhos azuis.

— Está é... ? — perguntou a repórter.

Os olhos de Savannah se encheram de lagrimas. A simples menção a irmã provocava nela uma dor aguda.

— Minha irmã, Serena. Sim, é ela.

— O que... O que aconteceu com ela?

Savannah balançou a cabeça. Não ia falar sabre aquilo. Não precisava.

—Você já sabe, não é Moira?

Moira ficou de pé. Ela sentiu o ar se rarefazer na casa de madeira.

Tudo pareceu acontecer rápido demais. De repente, pareceu-lhe que ia desmaiar. Mas não desmaiou. Não podia desmaiar.

— Alguém sabe disso? — perguntou ela.

Savannah apertou o play mais uma vez, e o velho aparelho entrou em ação.

— Você quer saber se mais alguém sabe?

Um segundo ou dois se passaram até que Valerie Ryan, dez anos mais nova, surgisse na gravação.

— Esta é a mãe delas — disse Savannah. — Valerie Ryan.

Moira já sabia. Vira-a na pizzaria, em Poulsbo, mas não mencionou isso.

— Sei...

Valerie ergueu as tigelas de plástico e parou. Seus olhos se encontram fugazmente com a câmera. Antes de voltar à cozinha, ela arrastou a tigela de Hayley pela bandeja, deixando um rastro vermelho e um amontoado de macarrão.

Moira já tinha visto o suficiente. Seu coração estava martelando.

Preparou-se para ir embora, tateando sua bolsa, a procura da chave do carro.

— Eu abandonei a universidade depois disso — disse Savannah.

Moira sabia que ela estava se referindo ao que aconteceu com

Serena, e não à mensagem da bandeja.

— Você não vai escrever sobre isso, vai?

— Você está falando sério? Se isso for verdade, tudo muda!

— Não sei o que você quer dizer com "tudo", mas, sim, é verdade. No entanto, você não pode escrever sobre isso.

Moira nem sequer respondeu a Savannah. Partiu em direção à porta.

Estava com medo e eufórica ao mesmo tempo. A informação era verdadeira. Ela não havia acreditado em sua fonte, mas Savannah Osteen a confirmou. Estava envolvida em algo grande — muito maior e mais perigoso do que sabia.

CAPÍTULO 41

Após o colégio, Hayley e Colton dividiam um sanduíche Portabello — o favorito dela — na loja de conveniência de Port Gamble. Haviam conversado sobre a falta que Hedda fazia e sobre o ciúme de Taylor do tempo que os dois passavam juntos. E especialmente sobre Starla, o que havia no computador de Katelyn e quem lhe enviara aquelas mensagens. Se ela não tivesse morrido, teriam falado sobre ir ao cinema em Silverdale, sobre o que estavam lendo ou sobre a última e péssima tendência musical.

Coisas importantes? Não. No entanto, aqueles tópicos abasteciam o tipo de conversa que lhes permitia serem críticos, até sarcásticos, sobre coisas que não eram importantes para ninguém.

Tudo mudou quando Katelyn Berkeley morreu na banheira.

O telefone de Hayley vibrou, e ela automaticamente o alcançou.

Era uma mensagem de texto. Seus olhos se arregalaram, e a garota virou o celular para que Colton pudesse lê-la.

Beth: Jake foi despedido do distrito escolar de Bellevue por algo q fez a uma adolescente. Perguntei sabre a família d Starla e acabei ouvindo isso d alguém q ouviu de alguém cujo pai trabalhava com ele.

— Caramba! — disse Colton.

— Caramba mesmo— ela falou.

Hayley se lembrou de que, certa vez, Starla disse que Jake fora zelador antes de se tornar o faz–tudo oficial da mãe.

— O que será que Jake fez com a aluna? — perguntou Colton.

— Não tenho a menor ideia.

— Algo repugnante, provavelmente. O cara é nojento.

— Vou descobrir o que ele fez — disse Hayley. — Procure no Google o telefone do Distrito Escolar de Bellevue.

Bellevue era um bairro que ficava na parte leste de Seattle, conhecido pelos seus enormes shopping centers e carros luxuosos. Era também o lar de Jake antes de ele aterrissar em Port Gamble.

— Pronto — disse Colton, exibindo o número no seu celular. — Mais eles não dirão nada sobre um empregado demitido.

Hayley discou o número e foi rapidamente transferida ao departamento de recursos humanos. Uma mulher com a voz alegre que se identificou como Karen atendeu a ligação.

— Meu nome e Brenda Monson — disse Hayley, afastando-se do barulho do restaurante e ficando de frente para a madeireira, do outro lado da janela. — Estou conferindo o histórico de um ex-empregado do distrito.

— Nome?

— Jake Damon. D, A, M, O, N.

— Um minuto — disse Karen, digitando o nome em seu computador.

— Sim, ele trabalhou aqui.

Até agora, perfeito.

— Você poderia me dizer as circunstancias de sua saída?

— Sinto muito, não podemos fazer isso. Para que empresa a Senhora disse que trabalha?

— Eu não disse — respondeu Hayley, olhando para a baia de PortGamble. — Trabalho na Wind over Water. Somos uma pequena empresa que oferece serviços educativos a crianças desfavorecidas em North Kitsap.

Colton sorriu. Crianças desfavorecidas, boa ideia.

— Belo trabalho — disse Karen, a voz falhando sutilmente.

—Alô? Você ainda está ai? —perguntou Hayley.

— Eu não deveria dizer nada, mas...

—Não vou contar para ninguém, Karen. Deve ser algo importante, pois você está hesitando.

Karen deixou escapar um suspiro.

— Eu posso perder meu emprego, mas estou cansada dessa polícia que protege o que existe de pior na nossa sociedade. — Ela fez uma pausa antes de continuar: — O arquivo dele diz algo sobre um relacionamento

inapropriado.

Era tudo o que Hayley queria ouvir. Ela agradeceu a atendente e desligou.

— Ele estava obcecado por Katelyn — disse Hayley.

Colton tinha uma expressão de preocupação.

—O suficiente para matá-la?

Hayley não tinha certeza.

— E o que vamos descobrir.

Ao chegar em casa mais tarde, Hayley correu até o quarto da irmã para lhe contar a informação sobre Jake que ela e Colton haviam recebido.

Taylor estava deitada e lia um livro.

—Você só pode estar brincando — disse ela, rapidamente retirando do ouvido o fone do iPod.

— Definitivamente, não estou.

— Como você foi capaz de fazer isso?

Hayley sabia que a irmã não estava se referindo ao fato de ela ter feito uma descoberta vital— que Jake havia sido enxotado de seu último trabalho —, mas sim ao fato de tê-la feito com Colton.

Taylor não conseguia esconder suas emoções.

— Por que vocês estão fazendo isso? Me deixando de fora?

Hayley se sentou na beira da cama.

— Não estou te deixando de fora de nada. Você está exagerando.

Taylor empurrou a irmã.

— Ah, bacana. Agora, você vai fazer que eu me sinta uma louca porque estou chateada com você. Ninguém pode ficar bravo com Hayley, a perfeita.

— Não fale assim — disse Hayley. —Você está sendo estúpida.

— Estúpida? Que ótimo. Obrigada par isso também.

— Você entendeu.

Taylor balançou a cabeça.

— Estou cansada de vocês dois, e só isso. Vai passar. Eu acho...

Ela cruzou os braços sabre o peito, guardando os sentimentos que à faziam se sentir magoada, nervosa, envergonhada.

— Sinto muito, Tay.

— Esqueça isso — disse ela. —Esqueça isso par enquanto. Vamos nos concentrar em Katelyn e no responsável por sua morte. Posso estar chateada com você e Colton, mas isso não e nada comparado ao que sinto

pelo idiota do Jake Damon.

Hayley e Taylor sabiam que precisavam fazer alga. Só não sabiam com certeza o que nem quando. Foram até o escritório do pai, que estava trabalhando no computador. Ele tirou os óculos e girou a cadeira para ficar de frente para as duas.

— Conheço esse olhar. Parece que vocês têm algo a dizer — ele falou.

Claro que conhecia. Era o olhar de qualquer adolescente (neste caso, duas adolescentes) que tinha algo importante para dizer. Naquele meio segundo antes que uma delas começasse a falar, Kevin Ryan torceu para que não fosse alga tão importante assim.

Sob o olhar de Hayley, Taylor disse: — Pai, a gente acha que Jake estava perseguindo Katelyn.

Kevin pareceu confuso.

— Jake? O Jake da Mindee?

— Esse mesmo —respondeu Hayley.

As meninas se sentaram lado a lado no banco abaixo da janela.

— Perseguindo? O que vocês querem dizer com "perseguindo"? — perguntou ele.

Hayley tomou as rédeas novamente.

— Ele estava enviando e-mails a ela.

— O que você quer dizer? — repetiu Kevin, fazendo uma pausa para processar o que acabara de ouvir. — E como vocês sabem disso?

Nenhuma das duas queria dizer ao pai por que tinham certeza daquilo. A ideia de que eram capazes de retirar informações de outras pessoas ou mesmo de objetos inanimados era demais para ele, um homem que só via preto ou branco, verdadeiro ou falso, real ou irreal.

— A senhora Berkeley nos pediu que entrássemos no computador de Katelyn — disse Taylor. — Estava desconfiada de que havia alga de errado. Não sabia o que. Ela teve um pressentimento, pai, você sabe... o tipo de pressentimento que os pais têm quando acham que os filhos estão em apuros.

Kevin também conhecia esse pressentimento. Uma vez, quando os Ryan viajaram a Londres durante as férias, as gêmeas se perderam na estação de King's Cross. Naquele momento, ele e Valerie sentiram um medo terrível de nunca mais verem as filhas. Claro, a família finalmente se encontrou, mas foram oito horas agonizantes. Ainda assim, ficou claro para

cada um dos Ryan que as emoções muitas vezes são mais poderosas do que a razão.

Kevin insistia que coisas ruins acontecem, mas são a exceção, não a regra.

As meninas ficaram aliviadas. O pai não fazia muitas perguntas. Parecia um Born momento para soltar a outra bomba.

— Pai, você sabia que Jake foi zelador de uma escola de Bellevue?

— Foi guardião, eu acho— disse ele. —E assim que eles gostam de ser chamados: guardiões. E sim, eu escutei alguma coisa sabre isso.

— E sabia que ele foi mandado embora? —perguntou Hayley. Kevin claramente não sabia.

— Por quê?

— Por causa de um relacionamento impróprio. Meu palpite é que tenha sido com uma aluna.

— Se isso for verdade, é doentio.

— É verdade.

— Como vocês sabem?

— Eu liguei para o distrito escolar, e eles me disseram que...

— Espere um momento. Ainda que ele tenha sido demitido por algo assim, por que eles te contariam?

— Ela mentiu, disse que queria contratá-lo — falou Taylor. — Hayley não teve escolha. Quem sabe o que Jake fará em seguida?

Kevin não gostou do fato de Hayley ter mentido. E não gostou de ver que Taylor estava preocupada com a possibilidade de Jake atacar outras meninas. Mas gostou do fato de Hayley ter se disfarçado — com sucesso— em sua pequena investigação. Quis abraçá-la ali mesmo, mas sabia que assim passaria a mensagem errada.

Conversaremos sobre você ter enganado a escola para conseguir uma informação confidencial mais tarde — disse ele. — Agora, temos de contar o que descobrimos a delegada Garnett.

Taylor exibiu uma pilha de documentos que haviam passado despercebido por Kevin ate então.

— Aqui estão alguns dos e–mails, pai —disse ela.

Ele pegou os papeis, seus olhos se detendo em cada palavra repugnante.

—Também temos alguns chats que ela salvou — disse Hayley.

— Estou vendo — disse ele, ainda imerso nas páginas. — Mas

como sabemos que foram enviados por Jake?

— Colton rastreou o IP. Todos os e–mails vieram da casa dos Larsen disse Hayley.

— Esse cara é um porco— comentou Taylor. — Pai, ele levou Katelyn ao suicídio. Disse que era bonita, inteligente... E então a abandonou, pensou que ela era estúpida e que faria um favor ao mundo se se matasse. Ele é culpado por alguma coisa, não e?

— Ele é culpado por ser um completo canalha, mas assédio pela internet, bullying, isso é coisa nova. Alguns estados já tem leis, mas não todos. A maioria não foi posta em pratica.

— O que você vai fazer? —perguntou Taylor.

A única coisa que podemos fazer: vamos levar tudo isso para Annie.

CAPÍTULO 42

Beth Lee enviou uma mensagem de texto a Hayley e Taylor ao mesmo tempo com a notícia de que Jake Damon fora preso pela polícia de Port Gamble. As gêmeas estavam assistindo a televisão no térreo, sem se falar. Taylor estava magoada pelo fato de Hayley e Colton terem levado a cabo a missão de achar os podres de Jake sem ela. Isso não fora legal. Não dava para dizer quando as duas se perdoariam. Certa vez, ficaram sem se falar durante cinco dias e isso por causa de um suéter que Hayley manchou com suco de cranberry.

"Foi sem querer. Juro!"

Beth: Nina, a amiga + chata da minha mãe, trabalha lá. disse q Jake foi preso.

Taylor: Porter matado K?

Beth: Ñ. Ainda ñ. Nina disse q Jake era procurado por persegui-la, mas ele negou.

Hayley: Q mentiroso!

Beth: + ele é bonitinho.

Taylor: Meu deus, vc acha esse cara bonitinho?

Beth: Ñ posso evitar. Eu ♥ um bad boy.

Hayley olhou para a irmã, e ambas explodiram em uma gargalhada.

— Você acredita nisso? — Perguntou ela.

— Não — respondeu Taylor, o sorriso desaparecendo. — E ainda estou meio brava com você.



Savannah Osteen se arrastou até o sofá, sabendo que havia cometido um grande erro. Ela cobriu o rosto com a colcha e começou a chorar.

Sempre que contava a alguém sobre a morte da irmã, era como se abrisse uma nova ferida — uma faca enferrujada no estômago. Ela transbordava dor. Culpa, vergonha e arrependimento também.

Savannah Osteen se arrastou até o sofá, sabendo que havia cometido um grande erro. Ela cobriu o rosto com a colcha e começou a chorar.

Sempre que contava a alguém sobre a morte da irmã, era como se abrisse uma nova ferida — uma faca enferrujada no estomago. Ela trasbordava dor. Culpa, vergonha e arrependimento também.

Savannah não conseguia se desligar da irmã e de seu amor por ela maior do que o que sentia por qualquer outra pessoa: mãe, pai ou irmãos mais velhos. Quando Serena chegou em casa do hospital, foi como ganhar uma boneca com vida. Ela era rosada. Perfeita. A mãe deixava

Savannah lhe dar mamadeira e banhá-la. Para ela, o bebê também era seu.

Por sua causa, seu bebê se fora para sempre.

Perder a irmã como Savannah perdeu e também a oportunidade de salvá-la foi um acontecimento trágico que moldava sua vida desde então. Ela largou a universidade, envolveu-se com drogas e namorou um cara atrás do outro. Só saiu das trevas um ano antes de postar o comentário no site Calamidades de Kitsap.

Enrolada na colcha, Savannah sabia que cometera um grave erro ao compartilhar a fita com a repórter, mas não pode evitar. Ela queria contar aquilo a alguém há muito tempo. Alguém que não a conhecesse não fosse julgá-la.

Ao fazê-lo, desencadeou algo que não poderia prever.

Então, tomou uma decisão. A autopiedade acabava ali. Livrou-se da colcha, secou as lágrimas e começou a digitar.

Esperava que não fosse tarde demais.

Havia uma mensagem do Laboratório Criminal do Estado de Washington a sua espera quando a doutora Waterman retornou da sala de autopsia. O bilhete não fazia o menor sentido. Ela ligou para o laboratório pediu para falar com um técnico.

— O teste de gravidez que você enviou com as coisas de Ramstad deu negativo, sem presença de hCG. Coletamos um vestígio de sangue, no entanto. Do tipo AB. Nada, além disso. — disse a técnica do laboratório, uma animada mulher chamada Paris que sempre fazia questão de dizer a todo mundo que seu nome era uma homenagem a capital francesa, e não ao gesso.

A legista deslizou os óculos até a metade do nariz enquanto procurava a pasta de Ramstad.

— Deve haver um erro — disse ela.

— Não. Está bem, claro. A vítima do tiro, Robin, não estava grávida.

— Assim espero — disse Birdy.

— Por quê? — perguntou Paris.

— Porque seria o primeiro homem a dar à luz um bebê.

— E aquele cara de Oregon? O que apareceu no Good Morning America? — retrucou Paris.

Birdy sabia a quem Paris se referia, mas ignorou o impulso de dizer algo mais. Em vez disso, agradeceu à mulher e desligou o telefone. De repente, teve uma revelação. Passou as mãos pela mesa a procura do teste de gravidez que a Sra. Berkley lhe dera.

Não estava em lugar nenhum.

"Terry! Ele deve ter mandado o teste para o laboratório por engano!"

Ela não sabia se deveria despedi-lo ou abraçá-lo. Seu erro forneceu a resposta às preces de uma mãe atormentada.

"O sangue de Katelyn não era tipo AB, era tipo O. O teste de gravidez não era dela."

A doutora Waterman sentiu um grande alívio. Em seu trabalho, ela transmitia apenas as piores notícias a parentes e amigos ("dez costelas quebradas", "sessenta e uma estocadas no peito" ou "estrangulada com um cordão"); desta vez, no entanto, diria algo que traria conforto, e não dor. Sandra Berkley ficaria consolada ao saber que a filha não a excluira de

todas as coisas importantes de sua vida. Imediatamente telefonou para a mulher e lhe explicou que o erro de seu assistente havia fornecido, sem querer, uma informação que a aliviaria. Pelo menos um pouco.

— Você tem certeza? — perguntou Sandra, claramente feliz pelo fato de sua filha não ter lhe escondido uma gravidez.

— Certeza absoluta.

— Eu tenho apenas uma pergunta...

— Sei qual é sua pergunta, mas eu não tenho a resposta. Quem quer que ela tenha pensado que estava grávida era do tipo AB. Isso é o que sei.

Era começo de noite. A mesa de jantar dos Ryan estava limpa, e as meninas no andar de cima faziam o dever de casa, embora Hayley houvesse dito que não tinha nenhum.

— Mas eu vou ser solidária com você, Tay — disse ela, tentando cair nas graças da irmã novamente.

Taylor agradeceu a contragosto. Precisava escrever um texto para a aula de artes.

— Você não pode fazer um desenho ou algo parecido? — perguntou Hayley.

— Bem que eu gostaria. Achei que a aula de artes fosse fácil. A professora está nos fazendo escrever textos sobre técnicas de pintura. O meu será sobre *chiaroscuro*.

— Hum, eu adoro churros — brincou Hayley.

No andar de baixo, as coisas estavam calmas. Valerie saíra para abastecer o carro e, assim, não ter de fazê-lo na manhã seguinte; Kevin checava seu e-mail no escritório.

Ficou feliz ao ver duas mensagens de fãs na caixa de entrada. A primeira era de uma mulher do Alabama que dizia nunca ter escrito a um autor "de verdade" em sua vida inteira, mas que, após ler *Belo como o diabo*, sobre Dylan Walker, um serial killer que perseguia mulheres e garotas, sentiu-se compelida a fazê-lo.

A segunda mensagem era de S. Osteen. Seu tom era muito familiar para uma fã, e Kevin logo notou se tratar de outra coisa.

De: S. Osteen

Para: Kevin Ryan RE: AVISO!

Sr. Ryan, espero que se lembre de mim. Observei suas filhas durante um projeto de linguística da universidade. Meu nome e Savannah Osteen. Fiz algo terrível e queria lhe avisar. Sinto muito e honestamente

espero que isso não cause problemas ao senhor ou a sua família. Mostrei a uma repórter chamada Moira Windsor um vídeo que fiz das suas filhas quando estive na sua casa. Talvez o senhor saiba o que há no vídeo. Talvez não. Eu sei que a Sra. Ryan sabe. Por favor, me perdoe.

Kevin pôde sentir seu coração afundar. Ele apertou o botão "Imprimir" e tateou suas coisas atrás de uma aspirina, para o caso de ter um infarto. O suor se acumulava em cima de suas sobrancelhas e empapava sua camisa, sob suas axilas.

"Val, venha já para casa. Você precisa ver isso."

No andar de cima, Taylor relia seu texto. Ele deveria ter no mínimo duas páginas, o que ela conseguiu usando uma fonte tamanho quatorze. Estava certa de que a professora chamaria sua atenção por isso, mas tinha feito seu melhor. Sabia que os outros alunos basicamente copiariam o trabalho inteiro da Wikipédia; ela, pelo menos, havia usado outros sites como referência, inclusive o do Metropolitan Museum of Art. O museu nova-iorquino estava apresentando uma exposição itinerante chamada "Chiaroscuro: o nosso mundo em luz e escuridão".

A galera que optava pela Wikipédia era muito preguiçosa. Usar a ferramenta de busca para achar algo além do óbvio dava o mesmo trabalho.

A cabeça de Taylor apareceu na porta do quarto da irmã. Ela avisou a Hayley que podia parar o "trabalho solidário".

— Ótimo — disse Hayley –, porque estou no Facebook já faz uma hora.

— Obrigada pelo apoio — disse Taylor, descendo a escada em direção ao escritório do pai, onde ficava a impressora, que ocupava uma pequena mesa ao lado da porta.

Notou que a porta do banheiro estava fechada e pensou se o jantar que ela preparara — uma espécie de estrogonofe de carne sem carne — tinha provocado mal-estar no pai.

Taylor pegou a redação e voltou ao quarto para revisá-la. Na tela do computador, ela nunca via os erros de digitação que o corretor automático deixava escapar.

Alcançou um marcador amarelo para assinalar tudo que precisava ser corrigido.

Primeira página: perfeita. Nem um erro sequer: gramatical, temático ou de qualquer tipo. Segunda página: nem tanto. Trocou o nome e o sobrenome de um artista italiano. Não foi tão dura consigo mesma. Poderia

acontecer com qualquer um.

Embaixo, havia uma terceira — e devastadora — página.

Era um e–mail destinado ao seu pai. Ela quase não deu bola para a mensagem, mas então o assunto lhe chamou a atenção:

"Aviso!".

Antes mesmo de terminar de lê-lo, já o estava mostrando a irmã.

— Meu Deus! — disse Hayley. — Do que essa mulher está falando?

Taylor balançou a cabeça.

— Não sei, vamos perguntar ao papai.

Enquanto desciam as escadas, escutaram o som abafado dos pais conversando na cozinha. Valerie acabara de voltar do posto de gasolina. Ainda nem havia tirado o casaco. Seu rosto estava pálido, a testa franzida de preocupação. Kevin, de costas para as filhas, percebeu os olhos de Valerie seguindo as gêmeas, que entraram no aposento.

— Oi, meninas — disse ele, virando-se para elas. Kevin não era um ator muito Bom, mas se esforçou valentemente naquele momento; esboçou um sorriso e disse: — O jantar de hoje foi ótimo. Eu e sua mãe estávamos dizendo agora mesmo que vocês vão encará-la de igual para igual quando o Top Chef vier à cidade.

Taylor ergueu o e–mail.

— Não era sobre isso que vocês estavam conversando, pai?

Ele olhou para o papel. — Onde você encontrou isso? — perguntou Kevin.

— Ela pegou na impressora por engano — disse Hayley.

Taylor se manifestou: — Mãe, pai, sobre o que essa mulher... — Ela conferiu a folha. — Sobre o que Savannah Osteen está falando?

Kevin tomou o papel e fingiu lê-lo rapidamente. Mas o conteúdo já estava marcado a ferro e fogo em sua memória. Se o locutor de um programa de rádio ligasse naquele instante e lhe pedisse para reproduzir palavra por palavra a "pior carta que já recebera na vida" valendo dez mil dólares, o prêmio já seria seu.

No entanto, ele mentiu. — Não sei — começou, lutando para reunir forças. — Nada. Ela é louca. Eu recebo cartas como essa diariamente de pessoas que querem se casar comigo ou me matar.

Valerie observou atentamente as filhas. Estava claro que a tentativa de Kevin de culpar uma fã maluca havia falhado.

— Meninas, acho que precisamos conversar — disse ela.

Taylor mirou o pai, que continuava murmurando algo sobre seus fãs.

— Concordo, mãe. Vamos conversar.

Hayley também encarou o pai, que agora parecia sem graça e um tanto irritado.

Valerie os guiou até a velha mesa de madeira da cozinha, tirando finalmente o casaco e deixando-o sobre uma cadeira vazia, junto com a bolsa e a chave do carro.

— Eu começo — disse ela.

Kevin, após dobrar discretamente o papel pela metade, se afundou em uma cadeira ao lado da esposa. Tudo estava acontecendo tão rápido, que ele não sabia com certeza o que Valerie diria.

Ela relembrou às filhas o curto período em que ambas foram objeto de estudo em pesquisa da Universidade de Washington.

— Nós já contamos isso, lembram?

As meninas fizeram que sim. — Nós éramos excepcionais, certo? — perguntou Taylor.

— Claro que sim. Em todos os sentidos. Igualzinho a mim! — Kevin, sendo sincero, mas também tentando aliviar o clima na cozinha. — E a sua mãe, não nos esqueçamos dela.

Normalmente, ele não ligava para a tensão, pois a considerava um grande motivador — menos quando se tratava de sua família. Sua tentativa de abrandar as coisas foi por água abaixo.

Valerie continuou falando sobre o protocolo da pesquisa, sobre o quanto ela e o marido estavam animados com o fato de a universidade estudar suas filhas para saber mais sobre o desenvolvimento da linguagem.

Hayley sorriu ligeiramente.

— A gente falava umas coisas bem loucas, não falava?

Taylor a interrompeu: — E, lembra de "dique racha coco"?

A expressão de Hayley se iluminou.

— Eu tinha me esquecido disso! Era uma das nossas frases clássicas.

— E o que tem essa tal Savannah? — perguntou Taylor, reconduzindo a conversa de volta ao e-mail que ela acidentalmente encontrará na impressora.

— Eu ainda não tinha esse conhecimento na época — disse Valerie,

mas, olhando para trás, posso dizer com certeza que ela tinha sérios problemas emocionais.

— Era uma pessoa muito instável — disse Kevin. — Ela meio que desmoronou. Deveria retornar para realizar outras sessões de acompanhamento e simplesmente desapareceu. Abandonou o estudo. A universidade. Nunca mais ouvimos falar dela.

— Nem a universidade, se me lembro bem — disse Valerie. — Você ligou várias vezes para lá, certo?

Kevin fez que sim. — O que aconteceu com ela? — perguntou Taylor.

— Não sei. Por causa do tipo de trabalho que eu e sua mãe fazemos, sabemos melhor do que ninguém que o mundo está cheio de almas desajustadas, torturadas, completamente desequilibradas — disse Kevin.

— Por que ela conversou com Moira Windsor? — perguntou Hayley, já sabendo a resposta.

Kevin desviou o olhar.

— Moira está escrevendo um artigo e quer informações sobre vocês duas.

— E o que isso tem a ver com Savannah? — perguntou Taylor.

Kevin olhou para a esposa. Ela não iria responder, então ele o fez.

— Vocês sabem que o aniversário de dez anos está chegando. Já conversamos sobre isso.

Não era preciso dizer o que faria dez anos. Na casa dos Ryan, aquilo era... aquilo. "Tenho uma conferência em Port Townsend na quinta e na sexta–feira... Atravessar aquela ponte sempre me faz pensar naquilo." "Conte-nos como você e a mamãe ficaram ao nosso lado no hospital quando aquilo aconteceu." "Embora eu não me lembre daquilo, sempre que vejo um ônibus penso naquilo." "Aquilo quase acabou com as nossas vidas."

— Alguém do *Herald* deve ter avisado a Moira sobre o aniversário de dez anos e a trágica morte de Katelyn e ligado as duas coisas, embora elas não tenham nenhuma relação — disse Kevin.

— Onde já se viu querer ganhar dinheiro com a desgraça alheia... — disse Taylor, lançando um olhar brincalhão para o pai, apesar da seriedade do momento.

— Obrigado pela parte que me toca, Taylor — ele falou.

— De que vídeo essa Savannah está falando?

Ela filmou vocês duas — respondeu Kevin. — Vocês sabem disso.

Eu pedi uma cópia à universidade depois que ela desapareceu, mas nunca obtive resposta.

Valerie sorriu. Uma lembrança alegre cruzou sua mente.

— Nós queríamos uma cópia porque não tínhamos dinheiro para comprar uma filmadora na época. Seria legal ter esse registro. Vocês eram tão pequenininhas.

Kevin se lembrou da torta de maçã — era uma ótima distração daquela conversa que não chegaria a lugar algum. Hayley se levantou para pegar os pratos.

Taylor olhou discretamente para a mãe, sem dizer nada. Queria tentar ler seus olhos. Valerie se virou.

Mais tarde naquela noite, Hayley e Taylor conversaram através do espelho da tomada.

— Odeio quando eles mentem para nós — disse Hayley em um murmúrio.

Taylor se aproximou do "interfone". — Nem me fale!

— Temos que procurar essa tal Atlanta Osteen — Hayley falou, trocando o primeiro nome da mulher de propósito.

— Savannah — disse Taylor.

— Que seja. Odeio quando os pais nomeiam os filhos em homenagem ao estado no qual a mãe engravidou.

— Savannah é uma cidade...

— Tá — disse Hayley. — Odeio quando os pais nomeiam os filhos em homenagem a cidades também. Nomes geográficos são bregas demais.

— Lembra que havia quatro Dakotas na quinta série?

— Boa noite, Taylor.

Embora estivessem brincando, ambas se sentiam incomodadas com o que ocorrera naquele fim de tarde — o e-mail, a conversa com seus pais. Existiam detalhes de suas próprias vidas que lhes eram estranhos. Inegavelmente, havia alguma ironia nisso. Mais de uma vez, Colton e Beth comentaram que seus pais tinham a cabeça aberta. No entanto, Hayley e Taylor sabiam que ali existia uma parede invisível.

Algumas coisas se escondiam atrás de uma cortina. Porém, não mais. Não se elas pudessem fazer alga a respeito.

Quando os moradores de Port Gamble ficaram sabendo (obrigado, Beth!) que Jake Damon fora preso e associaram isso a morte de Katelyn Berkley, as línguas não pararam de bater, como sempre acontece em cidades

pequenas, onde todos têm uma opinião sobe os negócios de outrem. Jake não tinha muitos fãs, para começo de conversa. A maioria dos habitantes tinha certeza de que ele era um sanguessuga, embora não houvesse muito o que sugar de Mindee Larsen. A mulher nunca contou isto a ninguém, mas seu ex-marido, Adam, não levou apenas os vestígios de um casamento esgarçado quando desapareceu; também pegou mais de cem mil dólares, os quais Mindee havia recebido de herança de uma tia distante e muito, muito rica.

Sandra Berkley foi até a cama de Katelyn, na qual passara as três últimas noites, e ligou para o marido a fim de lhe informar que Jake fora preso.

Harper estava hospedado em um hotel, em Kingston. Alegou que precisava de um tempo para pensar.

— Eles disseram que Jake matou nossa filha? — perguntou Harper.

— Não. Não dizem o porquê, apenas que ele foi preso.

— Você acha que devemos ir até lá?

— Não, a polícia falou para não irmos. Disseram que estão trabalhando no caso e que a fofoca que tomou conta da cidade saiu de controle.

— Eu odiava aquele cara.

— Eu sei.

— Sinto sua falta — disse ele.

— Eu sinto falta da nossa filha.

Sandra desligou o telefone e pensou na descoberta da doutora Waterman. Tipo AB? Não era o mais comum. Ela conhecia uma pessoa que possuía esse tipo sanguíneo.

Starla Larsen.

Lembrou-se da vez em que Katelyn comentou sobre isso após ela e Starla fazerem um teste na aula de biologia. Mãe e filha limpavam grelhas do restaurante, e Katelyn começou falar da amiga. — Ninguém mais da nossa turma tem sangue AB, mãe. Só ela. Não é engraçado?

Sandra não entendeu aonde a filha queria chegar.

— Como assim? — ela perguntou.

— Ela é tão especial, mãe. Tudo nela é especial.

CAPÍTULO 43

Jake Damon, o cabelo penteado para trás com gel, se sentou na cama dobrável de uma das duas celas que ficavam no fundo da delegacia de Port Gamble. Para um homem suspeito de perseguir uma adolescente, ele estava muito calmo.

— Você precisa de algo? — perguntou a delegada Annie Garnett, da tribo S'Klallam.

— Apenas de um pedido de desculpas — respondeu ele.

— Eu estava pensando em uma barrinha de cereal ou algo assim — disse ela.

— Eu não fiz nada de errado, você verá.

— Você tem um histórico, e nós temos o endereço IP que liga você aos e-mails e chats trocados com Katelyn.

— Endereço IP? Eu não sei nada sobre isso. Que histórico?

— Bellevue — respondeu Annie. — Estamos reunindo a papelada da sua demissão.

Jake explodiu, as veias invadindo seu pescoço como raízes no asfalto.

— Isso? Você acha que foi alguma coisa grave que causou minha demissão?

— Envolveu um relacionamento inapropriado com uma aluna, Jake.

Ele se recompôs e balançou a cabeça. — Você vai quebrar a cara.

Annie já ouvira isso antes. Mas, até então, isso nunca ocorrera.

— Veremos — disse ela.

Jake se levantou e se aproximou das grades da cela.

— Vai quebrar a cara, sim. Sabe qual foi o tal relacionamento inapropriado que causou a minha demissão? Eu dei dinheiro à garota e à mãe dela. A casa em que moravam pegou fogo. Ficaram sem nada. Eu dei a elas alguns cheques. Só que isso desrespeitava as normas do distrito escolar. Então me mandaram embora.

— Terei de verificar isso — disse Annie, afastando-se.

— É bom mesmo — gritou ele.

A delegada parou e fez cara de dúvida.

— Certo, mas, se não foi você, então quem atormentou aquela garota?

Jake olhou nos olhos dela e balançou a cabeça.

— Não faço ideia — disse ele. — Você não tem nada.

Embora usasse uma minissaia prata e um salto alto com tiras, não

foi a beleza de Mindee Larsen que atraiu os olhares quando ela chegou à delegacia de Port Gamble. Esqueça que era inverno e que aquele traje era muito, muito inapropriado. A verdade é que não teve nada a ver com o fato de ela ser gostosa, estar bem-arrumada ou algo parecido. Eles assistiram a cada um de seus passos porque ela era a namorada do homem que estava preso, um ciberperseguidor que levou Katelyn Berkley, de quinze anos, à beira do abismo e, então, a empurrou friamente.

Garnett conduziu Mindee até sua sala. Era um espaço confortável para um gabinete de delegado. As paredes eram decoradas com citações e arte tribal dos S'Klallam. Atrás de Mindee, havia uma estante cheia de arquivos de casos — perfeitamente ordenados e completos. Os delitos cometidos em Port Gamble eram, na sua maioria, crimes contra propriedade, geralmente solucionados rapidamente.

Annie conhecia Mindee Larsen muito bem, pelo menos profissionalmente. Era Mindee quem fazia o cabelo da delegada — corte e pintura. Desde o início, Annie gostou dela. Gostava do seu estilo extravagante. Se ela tivesse corpo para usar uma minissaia prata, também faria suas compras na Forever 21, e não na Lane Bryant.

— Annie, Jake nunca faria algo assim — disse Mindee, plantando-se na cadeira de visitante, em frente à delegada.

Annie lhe ofereceu café, mas Mindee recusou.

— Acabei de clarear os dentes, e eles ainda estão um pouco porosos.

— Sei que você gosta de Jake — disse Annie.

Se qualquer outro policial tivesse dito aquelas palavras, elas teriam soado condescendentes. Mas não Annie Garnett. Depois de tudo o que havia passado para chegar aonde chegou, Annie nunca se esqueceu de como era estar do lado triste das coisas.

Mindee fez que sim com a cabeça e vasculhou sua bolsa atrás de um lenço.

Caso precisasse.

— Sim, eu amo o Jake — disse ela. — Quando Adam me deixou... Eu não sei o que teria feito se ele não tivesse aparecido na minha vida.

— Entendo — disse Annie, a voz profunda passando uma espécie de calma necessária naquele momento. Às vezes, Mindee se transformava em um trem desgovernado, e era preciso tratá-la com cuidado. — Você sabe por que ele foi preso. E, já que está aqui, eu gostaria de lhe perguntar

algumas coisas, tudo bem?

— Ele não fez nada — retrucou Mindee rápida e decididamente.

Um agente passou em frente à porta aberta. Quando o surpreendeu olhando para sua coxa exposta, Mindee se iluminou. Finalmente alguém notara o quanta ela era sexy. O que mais precisava fazer para chamar a atenção em Port Gamble?

Como é o relacionamento dele com seus filhos?

— Bom. Eles se dão bem. Talvez tenham alguns problemas, mas nada fora do normal.

— Que tipo de problema? — perguntou Annie, o tom de voz suave mas inequivocamente autoritário.

Mindee cruzou as pernas e empurrou o lenço amassado até a borda da mesa da delegada. Uma sinalização de que aquela conversa não duraria muito tempo.

— Problemas normais — respondeu ela. — Você sabe... do tipo que qualquer adolescente tem quando a mãe encontra um novo homem. Ele nunca tentou ser Adam. Mas Starla e Teagan o enxergam como um substituto. O que ele não é.

— Tudo bem. Você já viu Jake fazendo alguma coisa inapropriada?

A palavra "inapropriada" pairou no ar. Era a forma protocolar usada no lugar da mais... bem, da mais apropriada: "sórdida".

— Comigo, você quer dizer? — perguntou Mindee.

— Sim, mas também com seus filhos, com Katelyn.

Mindee balançou a cabeça com veemência.

— Nunca!

A próxima pergunta era mais direta. Do tipo que ninguém gostaria de fazer a um amigo — nem mesmo a sua cabeleireira.

Alguma vez Jake tocou as crianças? — perguntou Annie, os olhos fixos em Mindee.

Aquelas palavras doeram, e isso ficou clara na expressão da cabeleireira. Foi como se ela parasse de respirar por um instante. — Você esta me ofendendo, Annie. Eu não gosto do seu tom nem do que você está querendo insinuar.

Annie sabia.

— Desculpe — disse ela. — Tenho de perguntar. Faz parte do meu trabalho.

Mindee alcançou sua bolsa e suas chaves.

— Não — ela respondeu com convicção. — Ele nunca fez isso!

— Mindee, nós temos uma evidência que sugere que Jake estava assediando Katelyn.

Mindee Larsen se virou para ir embora, mas pensou melhor.

— Que evidência?

A delegada Garnett se levantou e a encarou, sopesando cada movimento.

— E–mails.

A cabeleireira não gostou de ser posta contra a parede, mas nem sequer piscou.

— Que e-mails? — ela perguntou.

— E-mails enviados a Katelyn. — disse Annie, o rosto sem qualquer expressão.

Por que você está sendo tão vaga? Eu corto seu cabelo há anos.

— Certo. E-mails que foram enviados da sua casa. Mesmo sob a pesada e meticulosamente aplicada camada de base Minerals, foi fácil ver o sangue se esvaindo do rosto de Mindee.

— Eu não sei do que você está falando, mas estou indo embora. Meu advogado tirará Jake daqui. Ele é um homem bom. Não é um tarado!

Com isso, Mindee girou sobre o salto alto de tiras e deixou a delegacia. Ainda bem que isso aconteceu depois do trabalho. Se fosse no meio do dia, a cliente sentada na segunda cadeira do Shear Elegance teria uma tesoura enfiada em seu tímpano.

Mindee Larsen estava furiosa.

CAPÍTULO 44

Do lado de fora de sua casa, Mindee apoiou a cabeça no volante do carro. Seu mundo estava se desfazendo. Ela se lembrou de como aquela história com Katelyn começou e desejou, ou melhor, rezou para que pudesse voltar no tempo e desfazer as coisas.

Bebera naquela tarde. Sabia que não havia desculpa, mas essa era a única que tinha.

Aquele dia. Aquele momento. Se ao menos...

Starla estava olhando por sobre o ombro da mãe quando ela apertou o botão "Enviar".

Um pouco tonta, Mindee se inclinou para trás e tomou um gole de vinho, a taça quase vazia.

— Quem vai se encontrar com ela em Seattle? — perguntou Starla.

Mindee olhou para a filha, a imagem do que ela pretendia ser quando era uma jovem no modesto bairro de South Seattle — antes de engravidar e ser forçada a abandonar a escola. Mindee nem sempre sonhou em cortar cabelos. Na verdade, acordada ou dormindo, sempre sonhou com outras mulheres bajulando-a.

Como bajulavam e sempre bajulariam Starla...

— Ninguém — respondeu Mindee, balançando a taça para que a filha a reabastecesse. — Isso seria muito arriscado.

Starla balançou a cabeça e pegou a taça. — E o que acabamos de fazer não foi arriscado?

— Nós queríamos dar uma lição nela, não queríamos?

— Sim, mas que tipo de lição ela aprenderá viajando até Seattle para descobrir que não existe namorado nenhum?

— A melhor das lições, Starla. Uma que ela nunca esquecerá.

Depois que aquela lembrança passou em sua mente, Mindee respirou fundo e se recompôs. Saiu do carro e entrou em casa.

Aquele era, ela tinha certeza, o pior dia da sua vida.

Ela só não sabia que era muito pior do que imaginava.

Starla cercou a mãe na cozinha. Colocou-se entre ela e a geladeira, impedindo-a de pegar o vinho. Mindee não gostou daquilo, mas Starla não se importou. Elas estavam em maus lençóis, e a situação piorava a cada minuto. Mindee acabara de voltar da delegacia, chateada e trêmula.

— Mãe, estamos diante de um problema colossal, e eu quero saber como você vai resolver as coisas.

Mindee tentou afastar a filha.

— Eu? Como eu vou resolver as coisas? A culpa de tudo isso é sua. Você queria que Katelyn pagasse pelo que fez.

Os olhos azuis de Starla eram frios mesmo quando ela estava irritada. Agora, pareciam soltar nitrogênio líquido.

— Você só pode estar brincando, mãe — disse ela, fincando o pé no chão. — Você sabe muito bem que a ideia estúpida de inventar um namorado foi sua. E foi você quem escreveu aquele bilhete assustador: "estou de olho em você".

Mindee deu mais um passo, mas quase não havia espaço para fazê-lo. Os ímãs da geladeira caíram no chão desbotado.

— Não fale dessa maneira — disse ela.

Starla não iria recuar. Sentia-se como se alguém tivesse substituído seus pompons por outros de pior qualidade e tentasse enganá-la.

— Mesmo? Depois de tudo o que você fez, vai me repreender por causa da maneira como eu falo? Eu estaria rindo se não estivesse tão brava com você!

Mindee conseguiu se esquivar.

— E como exatamente você quer que eu conserte isso?

Era uma pergunta justa. O que ela poderia fazer? Jake estava preso por um crime que não cometera. Katelyn havia sido extremamente frágil. E era verdade que ela talvez estivesse morta por causa daqueles malditos e-mails que as duas lhe enviaram em vingança ao fato de Katelyn ter entregado a foto da cerveja e do cigarro a diretora. O que parecia ser apenas uma picada de agulha se transformou em um corte profundo.

— Sabe, mãe — disse Starla, procurando por palavras que ferissem e reverberassem –, eu costumava pensar que você era linda e burra. Agora, acho que e só burra.

A expressão de Mindee não se alterou. Sua filha não estava totalmente errada.

— Eu preciso contar a verdade. Toda a verdade — Mindee finalmente falou, partindo em direção a porta.

Starla deteve a mãe.

— Toda a verdade? Espera ai! Não, toda não.

Mindee sabia aonde a filha queria chegar. Não havia dúvida, Starla era sua cria, a garota que ela sempre quis ser. A garota que as outras meninas sonhavam ser. Ela havia apostado todas as suas fichas em Starla e não iria acabar com suas ambições.

— Não se preocupe. Eu vou assumir a culpa. Vou te deixar fora disso.

— Mesmo que tenha de ir para a prisão?

Não foi uma simples pergunta. Starla estava propondo uma espécie de pacto entre as duas. Já vira a mãe roubar dinheiro de Nicola, sua chefe, uma vez ou outra. Testemunhou quando ela disse a Jake que ia visitar uma irmã em Tacoma, sendo que não tinha nenhuma irmã na cidade — mas sim uma velha paixão que tentou reavivar.

Teagan apareceu na porta. Ele estava visivelmente chateado com a conversa que vinha da cozinha, a mais recente entre as muitas das quais era excluído.

— Eu ouvi o que vocês estavam dizendo.

— Ótimo — disse Starla. — Assim, você já sabe o que não deve comentar. Nós vamos à polícia. Mamãe estragou tudo e agora vai fazer o que é certo. Para variar.

Mindee pegou sua bolsa. Ela parecia fraca, prestes a desabar.

— Sim, sua irmã tem razão — disse ela. Teagan a segurou.

— Não é justo que você assuma toda a culpa.

— Deixe a mamãe resolver isso — disse Starla, tentando separar os dois. — Você pode vir com a gente ou ficar aqui. A escolha é sua.

Teagan vestiu o casaco, as luvas e o gorro.

A mesma roupa que usara naquela noite.

Teagan desprezava sua família, mas fazer a coisa certa era como dar um passo em direção a algo melhor do que o caminho que eles trilhavam desde o desaparecimento do pai. Ele não conseguia dormir, prestar atenção nas aulas ou fazer qualquer coisa. Precisava dizer a verdade. Precisava salvar a si mesmo.

Já que não podia salvar Katelyn.

O garoto encarou a mãe, os olhos cheios de lágrimas e os músculos a garganta tão tensos que mal podia falar.

— Mãe — disse Teagan –, você precisa saber de uma coisa.

Só Deus sabia onde estava Hayley; entretanto, Taylor não tinha a menor dúvida sobre com quem ela estava. Colton, claro. Sempre Colton. A mãe se encontrava no quarto fazendo aquilo que menos gostava no mundo: pagando contas. O pai estava no escritório conversando por skype com uma ruiva de nariz de tucano que insistia em dizer que era filha de Richard Ramirez, o Perseguidor da Noite.

Como se isso fosse algo digno de contar ao mundo! As pessoas fazem cada coisa pela fama.

Taylor pegou um capo d'água e se sentou na mesa da cozinha. Um relógio digital feito para soar como se fosse analógico tiquetaqueava os segundos enquanto ela pensava na prisão de Jake, na morte de Katelyn e na repórter do North Kitsap Herald, que parecia rondar Port Gamble como uma tiete de crimes.

Enviou uma mensagem de texto a irmã e esperou pela resposta.

Nada. Notou um exemplar da revista do pai chamada Justiça; ela estava aberta em uma matéria sobre armas.

Taylor tomou um gole da água, os olhos passeando pelas páginas brilhosas. Estava a ponto de largar a revista — a Vogue era muito mais interessante – quando uma estranha manchete lhe chamou a atenção: "A culpa é do Eleno".

Qualquer pensamento sobre alta costura se desfez, e um sentimento sombrio tomou conta da garota. Ela sentiu os pelos de sua nuca se eriçarem. Havia algo de errado naquelas palavras. As letras pareciam pulsar na página.

Taylor se ajeitou na cadeira. Os batimentos do coração se aceleraram. Ela podia sentir que algo estava acontecendo; seus olhos foram conduzidos de volta ao artigo, para examiná-lo melhor.

Bebeu toda a água e alcançou uma caneta e o bloco de notas em forma de cubo.

A culpa é do Eleno

As letras se deslocavam através do pedaço de papel. Taylor já tivera tal experiência antes, mas nunca naquela velocidade. Os movimentos eram tão rápidos que ela quase ficou enjoada. Eram tão velozes quanta um carrossel, quanto uma garrafa no *Verdade ou Desafio*, ou quanto as rodas ainda girando de um carro capotado.

Aquele deslocamento frenético era provavelmente necessário. Havia tanto em jogo.

As palavras que se formaram eram inequívocas, e, de repente, Taylor soube o que aconteceu com Katelyn.

Simplesmente soube.

Ele não é culpado.

Saltando da cadeira, Taylor ergueu os olhos e se deparou com mãe, que aparecera enquanto tudo aquilo acontecia no pedaço de papel.

— Pensei que você fosse achar esse artigo interessante — disse Valerie. — Deixei-o aí para você.

Taylor se afastou da mesa e seguiu em direção à porta.

— Obrigada, mãe — disse ela em um arquejo.

Valerie tentou segurar o ombro da filha, mas não o alcançou.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Lugar nenhum — disse Taylor, os olhos encontrando os da mãe por um breve segundo. — Não tenho tempo para conversar. Preciso fazer

uma coisa.

Ela correu o mais rápido que pode. Golfadas de fumaça saiam de sua boca como se ela fosse uma máquina de vapor. Taylor Ryan não sabia o que iria dizer nem o que a esperava. Mas tinha de ir até os Larsen.

O carro de Mindee desapareceu na esquina no exato momento em que Taylor chegou a casa número 21.

— O que aconteceu aqui? — perguntou uma voz atrás dela.

Taylor se virou. Eram Hayley e Colton.

— Onde você estava? — perguntou Taylor. — Eu lhe enviei quatro mensagens hoje!

— Estudando — respondeu Hayley.

— Sei — disse Taylor. — Enfim, os Larsen foram para a delegacia. Acabei de vê-los saindo.

Colton se afastou ligeiramente de Hayley. Era como se o garoto estivesse tentando mostrar que, o que quer que houvesse entre os dois, não eram um daqueles casais inseparáveis, grudados como panfletos em um poste.

— Jake vai se dar mal. Muito mal — disse Colton.

— Eu não tenho tanta certeza — falou Taylor.

Hayley examinou a irmã. Ela telegrafou algo, e, se Taylor quisesse, teria captado aquele sentimento. No entanto, começou a andar.

— Eu sei que Jake é nojento, mas não acho que ele tenha feito isso — disse Taylor.

— Feito o que, exatamente? — perguntou Colton.

Ele parou, e as meninas fizeram o mesmo.

Na calçada em frente ao Timberline, os três se aproximaram, percebendo que haviam acabado de passar pela casa de Katelyn. — Matado Katelyn — respondeu Taylor quase em um murmúrio. — Ele não fez isso.

Aquilo instigou Colton. Ele inclinou a cabeça, e seus olhos negros tremeluziram.

— E como você sabe disso?

Hayley olhava para a irmã, mas se manteve em silêncio.

— Eu apenas sei. Não posso dizer como — respondeu Taylor, fazendo uma pausa para achar as melhores palavras. Ela sabia que, quaisquer que fossem suas razões, qualquer que fosse a fonte de sua descoberta, Colton nunca seria capaz de entendê-la. Ninguém seria. — Eu simplesmente acho que não foi ele.

Taylor poderia ter dito que tinha certeza, mas lhe pareceu idiota compartilhar uma certeza que vinha das páginas de uma revista — ainda mais uma tão besta quanta a Justiça. Além de seu pai, quem mais lia aquela porcaria?

CAPÍTULO 45

Sob o olhar atento de Annie Garnett e os rostos petrificados de sua mãe e de sua irmã, Teagan Larsen desabou em uma cadeira, de frente para a delegada de Port Gamble. O menino que desejava apenas ser o homem da casa após o abandono do pai se desfez em lágrimas.

— Sinto muito — disse ele. — Sinto muito, muito mesmo.

Mindee também chorava. Ela dera início a tudo aquilo, e o desenlace foi devastador para todos os envolvidos.

— Querido, a culpa é minha — ela falou.

Starla não disse uma palavra. Assistira a seriados policiais o bastante para saber que qualquer coisa que dissesse poderia ser usada contra ela. A garota não pretendia afundar naquele barco. Ela, mais do que ninguém, tinha algo maior a perder.

"Meu irmão é um inútil. Minha mãe, uma maldita cabeleireira. E, o pior, a segunda do salão!"

A delegada Garnett afagou o ombro de Teagan, não tanto para confortá-lo quanto para mantê-lo focado no que tinha a dizer.

— Teagan — disse ela –, preciso que você me conte o que aconteceu.

Teagan ergueu os olhos marejados.

— Foi um acidente. Juro que foi.

— Precisamos de um advogado? — perguntou Mindee.

Foi o primeiro indício de que ela sabia que o que quer que tivesse se passado no quarto de Katelyn provavelmente seria objeto de investigação pela polícia. Aparentemente, lhe passara despercebido o fato de que já se encontrava sentada no gabinete da delegada.

Você é quem sabe - respondeu Annie, um pouco fria. Chegaremos a verdade de um jeito ou de outro. Teagan, o que você quer fazer?

— Quero falar — respondeu ele. — Quero dizer ao senhor e a senhora que sinto muito, muito mesmo. O que aconteceu foi culpa minha, mas foi um acidente.

Sua escolha de palavras foi interessante: um acidente, mas culpa sua.

Annie esperou que Teagan a encarasse. Não parecia haver

fingimento em seus olhos úmidos. O que ele estava a ponto de dizer seria a dolorosa verdade.

Com todos os seus detalhes sórdidos.

— Então, você precisa nos contar o que aconteceu, tudo bem? — pediu Annie.

Mindee se pronunciou novamente. Seus olhos estavam inchados chorar. Sua voz falhou com a emoção do momento. Ela tinha muito o que explicar, mas agora era a vez de seu filho, e Mindee estava preocupada.

Mindee se virou para Teagan, que até aquele momento quase não olhara para a mãe ou para a irmã. Quando o fez, não deixou qualquer dúvida sobre o que sentia por ambas. Ele se sentia sozinho na casa número 21. Starla estava absorta no mundo de fantasia que era sua vida, e Mindee havia levado Jake Damon para a sua cama. Todos estavam muito ocupados fazendo suas coisas, pensando na própria felicidade. Teagan estava abandonado.

Ele sempre gostou de Katelyn. Muito.

O garoto olhou para a delegada.

— Eu costumava pensar que, talvez, se tivéssemos a mesma idade, poderíamos ficar juntos. Namorar. — Ele respirou fundo. — Fiquei enfurecido quando vi os bilhetes que Jake estava escrevendo para ela... Quer dizer, eu pensei que fossem de Jake. Ele já tinha a minha mãe e ainda roubar Katelyn de mim? Sem chance.

— Roubar Katelyn? — perguntou Mindee, tocando o ombro do filho. — Ela não estava interessada em você, Teagan.

Teagan lançou um olhar gelado à mãe e removeu sua mão.

— Mãe, você não sabe nada sobre Katelyn, sobre mim, sobre ninguém. Nem mesmo sobre sua querida Starla.

— Não me envolva nisso — disse a garota; não foi de surpreender que suas primeiras palavras tenham sido para se proteger.

— Foi sua gravidez que provocou tudo isso — ele falou.

Mindee se engasgou.

Starla balançou a cabeça.

— Eu não estou grávida.

Teagan deu de ombros — um gesto de desprezo que trouxe um sorriso ao seu rosto.

— Talvez não esteja grávida agora — disse ele. — Mas pensou que estava. Starla fitou a mãe antes de fulminar Teagan como olhar.

— Para o seu próprio bem, eu espero que não esteja grávida — Mindee finalmente falou.

— Ah, cala a boca, mãe — disse Starla. — Eu não estava grávida. E não estou.

Annie conduziu a conversa para longe da pequena contenda familiar. — O que tem a gravidez, Teagan? O que ela tem a ver com tudo isso?

Ele sorriu ainda mais. Naquele momento, o pior da sua vida, encontrou algo que o fez sorrir.

— Achei um teste de gravidez no lixo. Minha mãe me obriga a tirar o lixo porque eu sou um garoto, e o lixo é nojento demais para uma princesa como Starla. Como se ela erguesse um dedo para fazer alguma coisa em casa. E Jake? Nunca faz nada, sempre está no quarto com minha mãe. Acho que ele fica exausto demais para fazer algo.

— Não fale assim de Jake — disse Mindee.

— Mãe, você já se ouviu alguma vez? Você sempre coloca Jake, Starla, qualquer um na minha frente.

Mindee achou melhor parar de falar.

Annie colocou uma lata de refrigerante na frente do garoto, que tomou um gole.

— Isso é interessante, Teagan, mas e quanto ao teste? — perguntou Annie. — O que Katelyn tem a ver com isso? Você encontrou no lixo de Starla.

— Foi — respondeu ele. — Eu achei engraçado. Pensei que, se o levasse para Katelyn, eu e ela poderíamos, sei lá, ficar mais próximos, dividiríamos um segredo sujo de Starla. Acessei a rede de casa e li os mails e chats que Jake... quer dizer, que a minha mãe enviou. Aliás mãe, você deve ser muito problemática para ter feito aquilo.

O rosto de Mindee ficou escarlate. Era algo duro de ouvir.

— Eu sei — disse ela, com a voz trêmula. — Estava louca naquela noite Ela não queria dizer que estava bêbada quando começou com e–mails. Isso a faria parecer mais patética do que já era.

— Continue, Teagan — pediu Annie.

Teagan tomou o que restava do refrigerante e pediu outro. Sua mãe nunca permitia que ele tomasse dois seguidos em casa, mas aqui era a delegacia, e ela não estava no comando...

— Minha mãe gastou todo o dinheiro do Natal com Jake e Starla, e

fiquei pê da vida.

Mindee abriu a boca: — Isso não é verdade! Você ganhou várias coisas legais.

Aparentemente, era difícil para ela manter-se calada.

— Por favor, Mindee — disse Annie, cortando-a. — Não estamos aqui para julgar se você é justa ou não com seus filhos. No entanto, suspeito que se fosse justa na atenção que dá a eles, nós não estaríamos sentados aqui.

— É isso mesmo, mãe — disse Teagan, claramente gostando daquela conversa sobre a falta de capacidade de Mindee para criar os filhos.

— O que aconteceu depois, Teagan?

— Eu fingi ser Cullen Anthony e enviei uma mensagem a Katelyn dizendo que queria encontrá-la. Prometi que apareceria e falei que tinha um presente de Natal para ela.

— O teste de gravidez? — perguntou Annie.

— É. Eu não disse nada para não estragar a surpresa. Ela falou que seus avós iriam embora cedo e que eu deveria chegar por volta das nove. Deixou a janela destrancada e me disse como fazer para subir a treliça, o que eu já sabia, porque já tinha subido antes. Mas ela não sabia disso. Assim parece que eu sou um tarado, mas nunca a espiei. Eu só olhava através da janela quando ela não estava. Para saber o que ela estava lendo ou alguma outra coisa. Para ser um namorado melhor.

— Um namorado secreto — disse Annie.

— É, até que ela percebesse que eu gostava dela de verdade.

— Então, naquela noite, você foi até lá...

CAPÍTULO 46

Teagan Larsen vestiu o casaco, as luvas e o gorro. Guardou o teste de gravidez na bolsa — com um pouco de nojo, já que sua irmã fizera xixi naquilo — e se despediu da mãe. Aparentemente fascinada por Jake, que mexia na lareira, ela não se preocupou com o fato de o filho sair sozinho àquela hora na noite de Natal.

Teagan se convenceu de que Katelyn se refestelaria com a ideia de que Starla estava grávida — ou assim pensava —, e estava certo de que, quando fingisse ser o autor das mensagens, ela o perdoaria. Passaria a

enxergá-lo como algo mais que o garoto que morava ao lado. Passaria a enxergá-lo como um amigo de verdade e, talvez, como alga mais.

Os únicos carros estacionados na viela eram os de Harper e Sandra; os avós de Katelyn haviam ido embora. Um cão ladrou na floresta, e Teagan ouviu um dos vizinhos do outro lado da rua chamando seu gato.

— Vem, gatinho! Gatinho! — disse a voz feminina, que se alastrou pela noite fria de Port Gamble.

"Talvez um coiote tenha encontrado o seu gato idiota", pensou Teagan.

Ele ficou feliz por estar vestindo luvas quando subiu a treliça e rezou para que a velha estrutura de madeira aguentasse seu peso. Não tinha medo de altura, e sim de cair, fazer um estardalhaço e ficar com cara de idiota.

Equilibrou-se no topo e se aproximou da janela de Katelyn, a única das várias do segundo andar que emitia luz. Estava entreaberta.

Empurrou-a e entrou.

O quarto dela. O lindo, quase mágico quarto de Katelyn. Nunca estivera lá dentro antes — a não ser em pensamento, quando a imaginava respondendo às suas mensagens. Mas aquilo era fantasia. Aquilo era um sonho. Isto era muito, muito real. O lugar tinha o cheiro de Katelyn — gostoso, suave, doce. Nada a ver como quarto de sua irmã, que sempre cheirava a incenso.

"Lado espiritual", pensou ele. "Que palhaçada!"

Katelyn, não. Ela era espiritual. Como muitas pessoas que sofreram uma grande dor, ela nunca esqueceu como era senti-la. Era capaz de entender a dor dos outros como se fosse a sua própria. Era uma lutadora, só tinha tudo o que tinha porque conseguiu retornar à superfície Starla pensava estar em alta, mas Teagan tinha certeza de que a verdadeira estrela era Katelyn.

E ele estava no quarto dela. Naquele quarto maravilhoso, impressionante, sensacional.

Ouviu a água no banheiro e seguiu o som. A cada passo que dava, mais perto ficava. Teagan não sabia se estava pronto para vê-la nua, mas tinha certeza de que era o que Katelyn queria.

Por que outra razão o teria chamado a sua casa?

O barulho da torneira cessou, e o som do corpo dela afundando na água ecoou.

Antes de abrir a porta, Teagan respirou fundo. Katelyn cheirava a lis de jasmim e velas aromáticas. Era o cheiro de uma jovem mulher. Não como o de sua irmã. Não como o de sua mãe.

Uma doce e jovem mulher. Uma mulher que o queria ali. Que o convidara ao seu quarto.

Ele abriu a porta. E a fantasia imediatamente acabou.

— Teagan! — gritou Katelyn, imensuravelmente aturdida. — O que você está fazendo aqui?

Ela moveu os braços para tapar os seios e submergiu um pouco mais, tentando desesperadamente se cobrir. Seu longo cabelo, que estava preso para fora d'água, se soltou e se ensopou quando ela se mexeu.

Teagan começou a tremer.

— Você me pediu que viesse — disse ele. — A última mensagem foi minha.

Katelyn estava nervosa e envergonhada — e o imprestável do seu vizinho estava paralisado de medo.

— Não, eu não pedi! Teagan, saia agora do meu banheiro! Seu tarado!

— O quê?

Teagan não engolia o que ela estava dizendo. Não combinava com o que ele sentia por ela — nem, Teagan tinha certeza, com o que ela sentia por ele.

— Eu trouxe o teste de gravidez de Starla para você. Ela acha que Cameron a engravidou. Podemos entregá-la à diretora ou algo assim.

Ele segurou o teste para provar o que dizia.

Mas Katelyn pareceu não se importar.

— Você quer que eu grite? — ela perguntou. — Saia agora do meu banheiro!

Teagan ficou agitado. As coisas não estavam acontecendo como ele imaginara.

— Eu te amo, Katelyn.

Ela se virou na banheira, lançando um pouco de água no chão.

— Você tem sérios problemas, Teagan. Você precisa de ajuda. Eu já entendi. Agora saia do meu banheiro!

Teagan estava constrangido, confuso, envergonhado. Suas emoções eram um turbilhão. Deu um passo à frente, aproximando-se da banheira. Queria dizer que sentia muito. Não iria tocá-la.

— Saia daqui! — ela gritou, desta vez bem alto; não a ponto de despertar a vizinhança, mas o bastante para deixá-lo em apuros.

O garoto ficaria mesmo em apuros. Sua irmã iria ridicularizá-lo. Sua mãe gritaria com ele. Jake bateria nele de novo.

No entanto, Teagan ficou parado, incapaz de dar um só passo.

— Foi tudo tão rápido — disse Teagan à delegada Annie Garnett. — Tão, tão rápido, mas, ao mesmo tempo, em câmera lenta. Eu juro.

A sala da delegada era um silêncio absoluto. Seria possível escutar um alfinete caindo.

Annie olhou para Mindee e Starla, a expressão austera de ambas deixando transparecer a vergonha e a culpa que sentiam. Muito do que e o garoto dissera era verdade. De fato, tudo era verdade. Mas o que ele estava prestes a contar era a parte mais importante da história — a parte que o livraria do reformatório, em Port Orchard... Ou não.

Teagan voltou a chorar, o que, para Annie, era um bom sinal. O quer que tivesse acontecido no banheiro da casa ao lado lhe causava grande arrependimento e dor. Ele poderia ser um depravado em armação ou então estar desesperado para chegar ao ponto de subir escada treliça até o quarto de Katelyn, mas não era tão mau quanto a criança que põe fogo no cachorro da família ou que espione uma garota se trocando através da janela.

— Certo — disse ele. — Eu fiquei parado, sem saber o que fazer. Pensei que ela me quisesse por lá. Juro que pensei. Ela ficou muito brava comigo.

Katelyn estava fora de si.

— Saia daqui, Teagan!

— Mas eu pensei que... — ele tentou encontrar as palavras que melhorariam a situação.

— Pensou errado!

Ao perceber que ele não iria embora, Katelyn se esticou para pegar a toalha que estava na penteadeira ao lado da banheira. Agarrou-a e jogou-a em sua direção. Naquele terrível momento, a toalha enroscou perto da máquina de café. Em um segundo — que novamente transcorreu em câmera lenta –, a máquina caiu na banheira.

Katelyn percebeu, mas não teve tempo de gritar.

A água sibilou, e a garota se debateu como um peixe no anzol, lutando pela vida. E então as luzes se apagaram.

— Katie? — Teagan chamou.

Não houve resposta.

— Katie? — ele tentou novamente.

Ele se aproximou, sem graça par chegar tão perto da garota nua. Precisava saber como poderia ajudá-la. Os olhos de Katelyn estavam abertos, encarando-o.

— Katelyn tinha sabonete no rosto e nos olhos. Eu liguei a torneira para enxaguar, pensando... Sei lá... Pensando que ela fosse ficar bem. Mas eu meio que sabia que não ficaria...

— O que você fez depois? — perguntou Annie.

Teagan olhou para a mãe e a irmã, depois para a delegada novamente. Ele estava tremendo, já não queria ser o homem da casa, apenas uma criança que faria qualquer coisa para voltar no tempo. No entanto, com a morte de Katelyn Berkley, isso não era possível.

— Escutei a mãe dela subindo a escada e saí correndo. Juro que eu queria que nada disso tivesse acontecido. Eu só queria ter uma namorada.

— Estou muito orgulhosa de você, Teagan — disse Annie, absolutamente sincera. — Sei que foi difícil me contar tudo isso, mas você conseguiu. Fez um ótimo trabalho sendo verdadeiro. Isso é algo raro em Port Gamble nos dias de hoje.

Ela lançou um olhar a Mindee e Starla. Foi um olhar demorado, seco, e a mensagem foi facilmente entendida.

— Teagan não vai ser preso, vai? — perguntou Mindee.

— Se a história que ele contou for verdadeira, provavelmente não — respondeu Annie. — Mas talvez você seja.

Mindee ficou pasma. — Eu? Mas o que eu fiz?

— Você e sua brincadeira — Annie falou desdenhosamente — acenderam o pavio. Talvez não fosse sua intenção, mas sua perseguição online levou Katelyn à morte. Simples assim. Caberá ao promotor do condado decidir que tipo de culpa, se é que alguma, caberá a você, Mindee.

CAPÍTULO 47

Durante meia hora, as meninas murmuraram através do espelho da tomada sobre os Larsen, sobre o e-mail de Savannah e sobre pedir ou não ajuda a Colton. Taylor sabia que algo muito sério estava acontecendo, mas não queria incluí-lo na história. Elas poderiam resolver tudo sozinhas. Já

tinham feito isso antes.

— Nunca imaginei que você daria uma de donzela em apuros — disse Taylor, regozijando-se com sua provocaçãozinha.

— Eu não pensei em pedir ajuda por ele ser menino — retrucou Hayley.

— Seu príncipe encantado. Seu namorado. Que seja.

Hayley tentou mudar de assunto. — Nós podemos discutir isso, mas a verdade é que precisamos de ajuda. Colton tem carteira provisória, e nós não. Além disso, o carro da mãe dele está dando sopa. Você tem um plano melhor? Porque estamos precisando.

Taylor não tinha, então Hayley enviou uma mensagem de texto a Colton.

EMERGÊNCIA!

Um Colton sem fôlego desceu a escada correndo, atravessou o corredor e encontrou as garotas na porta dos fundos da casa. Ele vestia uma camiseta da Kingston High School bem gasta e calça de moletom — sua roupa de dormir, a qual teria preferido que Hayley não visse. Sua mãe dormia, e a casa estava quieta.

Taylor havia chorado. — O que foi? — ele perguntou, convidando-as a entrar.

— Não sabemos muito bem — respondeu Hayley–, mas algo está acontecendo.

Ele fechou a porta e as guiou até a sala de estar, fazendo um gesto para que falassem baixo.

— É sobre Hedda? — ele perguntou.

— Não — respondeu Hayley, olhando para a irmã.

— Jake? — Os olhos de Colton se inundaram de preocupação. — Ele continua preso.

— Não temos certeza, mas não é por isso que viemos. Aquela repórter, Moira, está causando vários problemas. Ela está escrevendo sobre o acidente... e sobre algumas coisas relacionadas a ele.

— Sobre nós— disse Taylor.

Aquilo estava indo rápido demais para Colton.

— Sobre vocês? Como assim?

As meninas haviam combinado que iriam confiar em Colton, mas havia algo muito grande, muito assustador para compartilhar. Há muito tempo, tinham decidido que seria melhor se ninguém soubesse. Jamais.

— Alguns dons devem ser compartilhados, mas nunca revelados — disse sua avó certa vez.

— Como dar um peru ou outra coisa a uma família pobre? — perguntou Taylor.

— Mais ou menos. Compartilhados, mas nunca revelados.

Enquanto os três adolescentes conversavam na sala, Shania desceu escadas usando um lindo roupão azul-claro.

— Já é tarde— disse ela em um tom mais confortador do que confrontador. — Está acontecendo alguma coisa?

Ela olhou para Hayley, depois para Taylor e finalmente para o filho. Ficou claro por sua expressão emocionada que seria Taylor a falar.

Suas lágrimas recomeçaram. — Senhora James, sinto muito. Sinto muito pela nossa visita.

— Vocês são parte da família. São bem-vindas aqui, sempre.

Shania puxou-as para perto do sofá e as sentou. Colton permaneceu de pé

— Tem a ver com o acidente — disse Taylor, falando o mais rápido que podia. — Uma repórter está escrevendo sobre ele e conversou com uma pessoa que se arrependeu do que disse.

Shania pediu a Taylor que se acalmasse.

— Respire fundo — disse ela, confusa com aquela conversa. — Conte-me mais.

Hayley assumiu e contou à mãe de Colton que a morte de Katelyn e os dez anos do acidente haviam motivado Moira Windsor a fazer uma espécie de atualização do caso.

Shania balançou a cabeça.

— Eu estive pensando no acidente. Sempre penso quando a primavera se aproxima.

— A minha mãe também — disse Taylor, voltando à conversa.

"Claro que sim", pensou Shania. "Ela quase perdeu vocês duas. Mais de uma vez, na verdade."

— Quando éramos pequenas, uma pesquisadora nos observou, e a repórter vai colocar isso na matéria. Dados médicos. Coisas particulares.

Hayley não mencionou que o estudo foi feito antes do acidente — e ficou aliviada com o fato de que Colton e Shania não perguntaram nada.

— O que seu pai diz sobre isso? E sua mãe?

— Eles querem que a gente esqueça o assunto. Mas eu sei que eles

também estão preocupados.

— Essa repórter vê a matéria como a grande chance de sua vida — disse Colton. — Ela não vai se pautar pela razão.

— Ela tentou falar conosco pelo Facebook — disse Hayley.

— Senhora James, nós precisamos sair daqui. Precisamos ir hoje mesmo à casa da pesquisadora que nos observou e descobrir do que ela está falando. Não queremos ler sobre nossa vida no jornal — Taylor falou.

— O pai de Colton chegará amanhã. Ele levará vocês até lá.

— Temos que ir agora — insistiu Hayley.

Shania olhou para o relógio sobre a lareira. Passava das onze.

Uma repórter desenterrando o passado não era nada bom. O que ela teria descoberto?

— Não podemos ir a lugar nenhum agora — disse ela.

— Por favor— pediu Hayley. — Por favor. Eu não posso explicar, mas é importante. Se alguma informação sobre nós vazar...

— Eu posso levá-las— disse Colton.

Shania não gostou nada da ideia.

— Você ainda nem tem a carteira provisória.

— Tenho, sim. Fui buscá-la com o papai. Não queríamos preocupar você. Além disso, mãe, você sempre me deixa manobrar o carro.

— Não. Vamos esperar até amanhã.

— Mãe, será que você não entende? Não podemos esperar. É a vida delas! Não estamos querendo ir até o shopping ou algo assim.

— Ele tem razão, senhora James— disse Taylor, surpresa por apreciar se sentir grata a ajuda de Colton; minutos atrás, estava odiando o envolvimento dele na história. — Tem mesmo. Por favor, deixe-o nos levar.

Shania James se levantou para pegar as chaves.

— Eu sabia que você entenderia — disse Hayley.

— Não — respondeu ela. — Colton não vai dirigir. Eu levo vocês. Seus pais me matariam se eu deixasse que Colton as levasse. Se eu as levar, eles no máximo virarão a cara para mim. Posso lidar com isso.

— Mas, mãe, você não dirige mais.

— Dirigir é como andar de bicicleta — disse Shania. — Eu vou pegar o carro de novo. Mas é bom vocês apertarem o cinto. Não posso prometer que será uma viagem suave.

Ela começou a subir a escada.

— Não vai nos levar? — perguntou Colton.

— Vou, mas há grandes chances de que me parem na estrada, e, se algo acontecer, não quero estar vestindo este roupão. Você também deveria se trocar.

Taylor se virou para Colton, os olhos arregalados.

— Qual foi à última vez que sua mãe ficou atrás de um volante?

— — Ela não dirige desde... Você sabe...

— E por que agora?

— Vocês não sabem?

As duas fizeram que não com a cabeça.

— Minha mãe sempre disse que vocês eram especiais. Especiais de uma maneira que muitas pessoas não seriam capazes de entender. Ela faria qualquer coisa por vocês.

Hayley pareceu intrigada.

— O que ela quis dizer com isso?

Colton deu de ombros e seguiu em direção à escada.

— Tenho o pressentimento de que descobriremos esta noite.

CAPÍTULO 48

Mesmo na escuridão da noite, Shania James não podia esconder sua ansiedade enquanto conduzia o trio até o velho Camry, estacionado na viela atrás da casa. Suas pernas eram como varas bambas, prestes a se partir a cada passo. Fora a viagem de Natal, a qual fizera com os olhos vendados e fortemente medicada, não saía de casa há anos.

A chave do carro, que ela pegara na gaveta de quinquilharias da cozinha, tremia como um pandeiro inquieto. Havia muito tempo que não a segurava; ela pendia de um coração vermelho de acrílico, o mesmo daquela tarde tantos anos atrás. Shania se lembrou de olhar para ele, que cintilava feliz, no pior momento da sua vida: quando se perguntou se seria capaz de reunir a coragem necessária para enfrentar os olhos de seu agressor.

Olhou nervosamente ao redor, e Colton pôs a mão em seu ombro.

— Mãe, você não precisa fazer isso.

— Eu posso e eu quero — ela falou. — Só preciso de um segundo. Sempre que saio, o mundo parece muito maior do que na minha lembrança.

Shania respirou fundo várias vezes e se endireitou antes de seguir em frente.

Abriu a porta do motorista e fitou o assento e o volante.

Os três imaginaram o que ela estava sentindo naquele momento. Será que pensava naquela tarde, quando Colton ainda era um bebê? Será que pensava no homem que a atacou? No que fez para salvar sua vida e a de Colton?

— Eu posso fazer isto — repetiu ela.

Colton ajudou a mãe a se ajeitar no banco do motorista. Taylor e Hayley se sentaram no banco de trás, e o garoto deu a volta no carro para ficar ao lado da mãe.

— Você manteve o carro tão limpo — disse Shania, tentando se distrair, pensar em outra coisa que não o que estava prestes a fazer ou o lugar onde se achava sentada.

— Como você me pediu, mãe.

Ela sorriu. Um sorriso forçado. O coração de acrílico chocalhou mais ainda quando girou a chave na ignição — primeiro para o lado errado, de, depois para o certo — e ligou o carro. Era tão estranho e, ao mesmo tempo, era bonito voltar a dirigir. Era como voltar a falar outra língua. Shania dirigiu lentamente — muito lentamente — enquanto saía do beco em direção à estrada. Agarrava o volante como se quisesse esganá-lo até a morte. Talvez quisesse mesmo.

— Aí está — disse ela, tentando bravamente se manter focada na estrada à frente, e não nas razões que a mantiveram longe daquele carro. — Estou dirigindo.

Colton olhou para Hayley e Taylor. Nenhuma delas disse uma palavra sequer.

Hayley não poderia ter falado então, mesmo se quisesse. O filme se passava em sua cabeça era um show de horror de perversidade inimaginável. Um homem seminu. Uma faca. Um grito. Um bebê com o rosto amassado de tanto chorar. O rosto de Colton! Uma luta. Outro grito. Em um flash, viu o rosto de Shania, mais jovem, bonita: ela sussurrou a palavra "Socorro".

— Você está bem? — perguntou Taylor.

Hayley assentiu com a cabeça.

— Acho que sim.

— Eu também senti. Só para você saber— disse Taylor.

— Eu sei que sentiu.

Colton lia as instruções do mapa impressa do MapQuest que Hayley

tirara do bolso, e Shania James fazia o que tinha de fazer. Ela tinha de proteger as meninas. Fora da segurança da sua casa, lembrou-se da promessa que fizera — uma promessa que ficara dormente até vir à tona naquela noite. Agorafóbica ou não, Shania não tinha escolha senão dirigir escuridão adentro. Mas para onde? Ela não sabia. Ninguém no carro sabia.

Os bosques do condado de Kitsap já eram sombrios o bastante durante o dia. Adicione um vento perverso e a escuridão da noite, e você tem a paisagem de um canto de fadas sombrio, o tipo de lugar no qual só um tolo perambularia. Shania conduziu o Camry sobre a estrada de pedra que levava à cabana de Savannah. A luz do alpendre resplandeceu, e a lâmpada do galinheiro jogou um brilho alaranjado sobre as samambaias espadadas da floresta. As longas sombras provocadas pelos faróis do carro transformavam cada arbusto e cada abeto em uma figura agachada, a qual se movia ao vento.

Um criminoso.

Um agressor.

Alguém que faria o mal.

Uma luz se acendeu na cozinha. Depois, na sala. Enquanto Hayley, Taylor e Colton desciam do carro, Savannah Osteen apareceu na porta.

— Quem está aí?

— Hayley e Taylor Ryan — gritou Taylor. — Precisamos conversar com você.

Colton foi até a porta da mãe e a abriu.

— Você não vem?

— Só um minuto — disse Shania, fazendo tudo o que podia para se manter firme. — Deixe-me recuperar o fôlego antes.

— Obrigado por nos trazer— disse Colton, abraçando-a.

— Não me agradeça, querido. Pelo menos por enquanto. Não sabemos exatamente no que isso vai dar.

A cabana estava quente, e sair da noite gelada para entrar nela lhes trouxe certo alívio. Shania deixara o ar-condicionado do carro ligado no máximo durante toda a viagem, pois não parava de suar e pensou que assim não desmaiaria.

Savannah olhou para as meninas, uma de cada vez. Várias vezes.

— Vocês não se lembram de mim, não é? — ela perguntou.

Elas não se lembravam.

— Sinto muito, mas não nos lembramos — disse Taylor.

— Vocês eram bebês. Claro que não se lembram. Bebês extraordinários.

Por um segundo, aquilo pareceu um reencontro. Do tipo em que uma professora revê seus alunos vários anos mais tarde para verificar os resultados das sementes que plantou. No entanto, não era bem assim.

— Qual é a grande informação que Moira Windsor pretende dar? — perguntou Hayley.

Savannah olhou intensamente para as gêmeas. Enquanto examinava o rosto de ambas, pensou em voz alta:

— Vocês não sabem? Ou não querem dizer?

A ex-pesquisadora colocou os dedos sabre os lábios. Não gostou da maneira como suas palavras saíram e se desculpou.

— Estou do lado de vocês. Me desculpem por isso. Me desculpem por ter mostrado a fita a Moira.

Hayley pensou ter ouvido errado.

— Fita? — ela perguntou.

— Sim, é por isso que vocês estão aqui... Taylor?

— Hayley — disse a garota, olhando para a irmã. — E estes são Colton e Shania James.

— Olá — disse Savannah, antes de voltar ao que interessava. — Sim, vocês estão aqui por causa da fita.

Ela lhes contou que as filmara para um estudo da Universidade de Washington.

— Eu deveria ter continuado — disse Savannah. — Algumas crianças seriam acompanhadas até a primeira série. E vocês provavelmente estariam entre elas.

— Nós éramos tão boas assim? — perguntou Hayley. –— Quero dizer, éramos mesmo tão proficientes?

— Vocês eram boas, muito boas. Mas havia várias outras crianças como vocês.

— Então o que essa fita tem demais? E por que você abandonou o projeto? Meu pai disse que você desapareceu.

Savannah pegou a fita e a inseriu no velho videocassete Sony. Ele estalou. A mulher então o ligou e apertou o play.

— Vejam vocês mesmas — disse ela.

Como havia feito com Moira, Savannah narrou o filme, descrevendo às garotas o que elas estavam vendo e como o estudo foi

conduzido. O filme começou, e imagens familiares da sua casa surgiram. O bordado feito pela avó quando as garotas retornaram do hospital podia ser visto em uma moldura, atrás das garotas e suas cadeiras de bebê.

ESPEREM UM MILAGRE

Ouviram a voz da mãe dizendo algo ao fundo.

— Elas sabem comer sozinhas.

Savannah olhou para a tela e então se virou para encarar a audiência de quatro pessoas sentada no sofá.

— Estão vendo o que Taylor está fazendo? — ela perguntou.

Shania se inclinou. — Sim, eu vejo — disse ela; até aquele momento, a mãe de Colton não havia falado quase nada.

— Eu não vejo nada — disse Colton, olhando para a imagem congelada dos dois bebês, o macarrão na bandeja. — O que tem demais?

Savannah apontou para a tela. Hayley, Taylor, Colton e Shania se levantaram do sofá e se aproximaram da televisão para ver o que estava escrito ali. Era impressionantemente claro. Dezenove letras sujas com molho de tomate formavam cinco palavras: *DIGA PARA SERENA NÃO IR*.

Savannah percorreu as palavras com os dedos.

— Estão vendo?

Todos viram, mas ninguém disse nada. Era incrível, estranho e assustador ao mesmo tempo. Poderia ser uma montagem, claro, mas nenhuma pessoa naquela cabana considerou essa hipótese.

Era real. Assustadoramente real.

— Quem é Serena? — perguntou Shania sem qualquer sinal de choque na voz.

— Minha irmã — Savannah falou, indicando o porta-retratos sobre a televisão.

Taylor e Hayley não disseram nada. Apenas olharam.

— Não ir para onde? — perguntou Colton. — Para onde ela não deveria ir?

Savannah se afastou da televisão e se afundou no sofá. Sozinha. Ela se encolheu um pouco, como se tentasse se proteger. Era isso mesmo o que estava fazendo; ficou claro para os quatro visitantes.

— Não ir para onde? — repetiu Colton.

Ainda em silêncio, Hayley e Taylor perceberam o rumo que a

conversa estava tomando — não em termos específicos, mas sua consequência. Fitaram Shania, que sorriu calorosa, confortadoramente.

Ela sabia.

— Ela tinha um encontro às cegas— disse Savannah. — Um cara que as amigas arranjaram. Ele frequentava nossa igreja.

Savannah parou de falar. Estava claramente a ponto de se lembrar algo muito doloroso, algo que revivera muitas e muitas vezes, mas do efeito não podia evitar.

— E? — incitou Colton.

Savannah deslocou seu olhar para o retrato da irmã ao falar, como se a estivesse vendo de verdade.

— Ele se chamava Larry Milton — disse ela, as palavras carregadas de emoção.

O nome trouxe um calafrio à sala. Foi como se o fogo se apagasse e as portas se abrissem, embora nada disso tenha acontecido. Não realmente.

Larry Milton.

Qualquer um na Costa Oeste dos Estados Unidos conhecia aquele nome. Tirando o sedutor e mortal Ted Bundy, Larry Milton era o mais famoso serial killer de um estado que, por alguma razão, tinha mais predadores desse tipo do que deveria. Ele assediou e matou várias jovens antes de ser condenado pelo assassinato de duas colegiais de Pullman.

Definitivamente, Larry Milton estava no hall da fama dos infames.

— Sua irmã foi assassinada por ele? — perguntou Hayley, descrente.

Savannah examinou a adolescente. Era loira e muito parecida com Serena. Alguns anos mais jovem do que ela quando morreu, é verdade.

Hayley e Taylor eram ambas um lembrete de sua terrível perda.

— Você sabe que sim— falou Savannah, os olhos pregados em Hayley. — Você e sua irmã me avisaram.

— Aquela mensagem foi uma coincidência — disse Colton, tentando acreditar nas próprias palavras.

Savannah fez que não. — Eu pensei a mesma coisa por algum tempo. Mas não foi — ela disse, virando-se para encarar as gêmeas. — Vocês estavam trabalhando juntas. Estavam tentando fazer com que eu a salvasse. E eu não percebi. — Savannah fez uma pausa quando uma lágrima escorreu por sua face. — Dois dias depois, ela estava morta, e eu poderia ter evitado.

Colton queria perguntar o que aconteceu com Serena, mas pensou melhor. A mulher de cabelo enrolado e expressão triste estava se desfazendo diante dos seus olhos.

— Estou feliz que vocês estejam aqui. E que estejam bem — disse ela, levantando-se, caminhando até o vídeo e retirando a fita. — Eu nunca deveria ter mostrado isso àquela repórter.

— Você não deu uma cópia a ela, deu? — perguntou Shania, em silêncio quase absoluto até então.

Savannah negou com a cabeça.

— Não, esta é a única cópia.

— Ótimo — disse Colton, arrancando-a da sua mão.

— Ei! — gritou Savannah, lançando-se contra o garoto.

Ele segurou a fita no alto.

— Você se preocupa com essas meninas — disse. — Você mesma falou isso.

— Devolva a fita — falou Savannah.

Colton a empurrou, e Savannah caiu no sofá. Não foi um empurrão violento, mas o fato de ele ter derrubado uma estranha fez sua mãe engolir em seco. Já o que fez em seguida chocou a todos na cabana.

— Não quero ver isso no Entertainment Tonight.

Sem dizer mais nada, Colton se virou, abriu a tampa do aquecedor a lenha e atirou a fita dentro.

— Não! — gritou Savannah.

Mas era tarde demais.

Savannah se recostou no sofá e enterrou o rosto nas mãos. Não havia mais nada que pudesse fazer. Porém, no fundo, estava feliz que a fita se fora. Era como um dedo que apontava para ela há quase quinze anos.

E ao vê-la derreter e depois queimar, uma sensação de alívio a tomou. E Hayley abraçou Colton. Taylor quis fazer o mesmo. Ambas entenderam as razões do garoto para destruir o objeto.

Fez aquilo por elas. Para protegê-las.

— Quem mais viu essa fita? — perguntou Shania.

— Ninguém — respondeu Savannah. — Só vocês três, eu e a repórter.

— Por que você não a mostrou à universidade? — indagou Taylor.

Lágrimas brotaram novamente nos tristes olhos de Savannah.

— Porque...

Shania se sentou e pousou a mão no joelho de Savannah.

— Por quê? — ela perguntou.

Embora as lágrimas escorressem, de alguma forma Savannah se recompôs e pinçou as palavras que precisava dizer.

— Porque eu me senti envergonhada — ela falou. — Culpada. Minha irmã estava morta, e qualquer outra pessoa teria escutado o aviso. Eu acreditava que a lógica governava todas as coisas, não a emoção. Fiz uma besteira. O que havia naquela fita era real. Não era um truque barato. De algum modo, vocês duas sentiram o que aconteceria com Serena. Fizeram isso outras vezes depois daquilo? Que pergunta, é claro que fizeram.

Hayley e Taylor não responderam. Poderiam tê-lo feito se Colton e Shania não estivessem ali.

— A morte da minha irmã é o meu martírio e assim será até o dia em que eu morrer — disse Savannah.

— Você não tinha como saber — falou Hayley.

Savannah balançou a cabeça.

— Mas vocês sabiam. Eram bebês e ainda assim sabiam.

— Nós éramos bebês— disse Taylor. — Não sabíamos de nada.

Savannah não pareceu se convencer. Mesmo em seu choque e no seu luto, foi capaz de processar o passado tal qual a pesquisadora que um dia havia sido.

— A idade de vocês não tem nada a ver com isso. Não teve na época e não tem agora.

— Não entendo o que você quer dizer — disse Taylor.

Savannah secou as lágrimas.

— Claro que entende. Todo mundo naquele ônibus afundou e morreu. Menos vocês duas.

— Não estou gostando do rumo dessa conversa — disse Colton.

— O que ocorreu quando éramos bebês nunca voltou a acontecer — disse Taylor.

Savannah continuou sem se convencer. — Mesmo? Isso me surpreende.

— Surpreenda-se, então— falou Taylor.

Enquanto eles conversavam, a fita se dissolvia nas brasas vermelhas do aquecedor.

— Mesmo — disse Hayley, olhando para Colton e esperando que ele não pensasse nela como uma espécie de doida, pois não era.

Ela e a irmã viam as coisas de uma forma diferente dos demais, mas sabiam que não eram as únicas. Claro, eram especiais, mas não mais do que as pessoas capazes de apreender as dores ocultas, as preocupações secretas e os planos sombrios dos outros.

Enquanto se reuniam em torno do aquecedor a lenha, os quatro concordaram que seu conteúdo não deveria ser revelado a ninguém. Mas ainda havia aquela repórter e sua busca por atenção e reconhecimento.

Como fariam para convencê-la a se esquecer daquilo?

CAPÍTULO 49

Passava das duas e quarenta e cinco da manhã quando Shania, Colton, Hayley e Taylor retornaram ao carro. De início, ninguém disse nada. Mesmo depois do que tinham visto no vídeo e escutado de Savannah Osteen com os próprios olhos e ouvidos, parecia não haver palavras para expressar o que pensavam. Hayley encontrou os olhos escuros de Colton no retrovisor. Ele havia protegido ela e sua irmã ao destruir a fita.

Mas o que pensaria dela agora?

— Como resolvemos o problema com Moira? — perguntou Taylor.

"Como acabar com uma repórter com as próprias mãos?", pensou Hayley.

— Vamos conversar com ela — disse Colton, olhando para a mãe antes de se virar para o banco de trás.

Shania não disse nada. Simplesmente retribuiu o olhar do filho e concordou. Seus olhos estavam focados, e não havia neles o choque dos três jovens.

— Quando? — indagou Taylor.

— Agora — ele disse.

— Agora? Estamos literalmente no meio da noite — Hayley falou, olhando para seu telefone, feliz por seus pais não terem notado seu desaparecimento.

Shania engatou a marcha — a marcha errada –, e o carro quase se lançou sobre os cedros.

— Desculpem — disse ela, deixando escapar uma risadinha, na verdade um suspiro terapêutico. — Um pouquinho mais complicado do que andar de bicicleta. Concordo com Colton, precisamos ir à casa da repórter.

— Mas não sabemos onde ela mora — disse Taylor.

Colton retirou outro mapa impresso do MapQuest.

— Sabemos sim! — disse ele. — Moira deve ter esquecido isso na casa de Savannah. Tudo o que temos de fazer e seguir para Paradise Bay.

— Temos que conversar com ela e pedir que se afaste — falou Taylor.

— Isso mesmo — disse Shania.

Os olhos de Valerie Ryan se abriram às três horas e vinte e um. Nenhum barulho repentino. Nenhuma luz acendida. Eles simplesmente se abriram suave e previsivelmente, como tantas vezes ao longo da última década.

Valerie permaneceu deitada, mirando os grandes e gordos números de seu relógio digital, na mesa de cabeceira.

Três e vinte e um. Vinte e um de março. O primeiro dia da primavera, o dia em que e suas filhas e filhas de outras pessoas caíram nas águas agitadas do Canal Hood.

Sem acordar Kevin, ela se levantou e vestiu seu roupão, presente que ganhara das filhas no Natal anterior. Naquela noite, sentiu a necessidade de conferir se elas estavam bem. Era como se estivesse sendo convocada a fazê-lo par uma voz silenciosa — como o apito inaudível que e só os cães escutam.

Valerie subiu as escadas e girou a maçaneta do quarto de Hayley. A luz da lua iluminou o aposento, e ficou clara que a cama estava vazia. Correu para o quarto de Taylor e comprovou que ela tampouco se encontrava lá.

Onde estariam?

Os olhos de Valerie se anuviaram, mas ela não chorou. E então sentou. Uma intuição materna. Tocou o travesseiro de Taylor, que ainda guardava a forma de sua cabeça. "Minhas meninas estão bem."



As luzes de uma casa distante reluziam nas águas escuras de Paradise Bay enquanto a maré se movia languidamente na quietude da noite. Shania desligou os faróis e entrou na propriedade. Nenhum dos quatro disse uma palavra sequer — em parte porque não concebiam o que haviam vista há pouco, em parte porque queriam surpreender Moira.

— Estou ligando para ela — disse Taylor, pressionando o celular contra o ouvido. — Está tocando. Moira Windsor? Sei que e tarde. Aqui é Taylor Ryan.

— Taylor Ryan? Sério?

— Sério. Você me ligou.

— Sim, liguei. Quero conversar com você.

Taylor se segurou para não dizer tudo o que queria.

— Você tem sido uma pessoa insuportável, quase uma psicopata. Onde já se viu nos perseguir no Facebook? Deixar incontáveis recados! Perturbar nossos amigos. Já estamos de saco cheio. Mas, sim, minha irmã e eu falaremos com você.

— Ótimo — disse Moira, indiferente as demais palavras. — Quando?

— Que tal agora?

— Certo. — Eu preferia conversar pessoalmente, mas tudo bem. Vou colocar no viva-voz para poder tomar nota.

Taylor sorriu. Mesmo nervosa e cansada, estava adorando cada segundo daquilo.

— Você não está entendendo— disse ela. — Nós estamos aqui. Na sua casa. Neste instante.

A cortina da janela da entrada se abriu. Moira espiou o caminho de cascalho até divisar o carro em marcha lenta.

— Estão mesmo — disse ela. — Esperem, vou abrir a porta.

Colton saiu do carro, mas sua mãe permaneceu nele. Um sopro de fumaça saiu do escapamento e atingiu o ar frio.

Moira, completamente vestida naquela hora da madrugada, abriu a porta e desceu a escada, apertando os olhos contra a luz dos faróis. Ela enxergou a silhueta das adolescentes. Era uma visão misteriosa e bonita.

Hayley a reconheceu imediatamente: era a jovem mulher que discutira com seu pai na pizzaria.

— Eu já te vi antes — disse ela. — Você gritou com meu pai.

— Na verdade, foi ele quem gritou — falou Moira.

Por que seu pai não disse nada sobre Moira? O que ela disse a ele naquela noite, já que não era uma fã nem queria um livro grátis?

— Quem é esse? — indagou Moira enquanto apontava para Colton.

— O namorado da minha irmã— disse Taylor, e pela primeira vez aquelas palavras lhe soaram de forma positiva, não lhe queimaram o

estômago. — A mãe dele também está aqui.

Moira olhou para o carro, ainda ligado. Shania baixou o vidro e acenou. Não foi um cumprimento — apenas um aviso de que havia mais alguém ali.

Não havia necessidade de gentilezas. Não mesmo.

— O que você quer com elas? — perguntou Colton, agora parado na frente das duas meninas, deixando claro de que lado estava.

— Isso é entre nós três — disse Moira, fitando as garotas e ignorando a encarada de Colton. — Elas sabem o que eu quero.

— Do que você está falando? — perguntou Colton, a respiração nervosa formando nuvens de vapor no ar.

— Isso não tem nada a ver com você — falou Moira. — Eu vi a fita.

— E daí? — perguntou Taylor. -a fita já era.

Moira pareceu intrigada.

— Já era? Como?

— Eu a queimei — disse Colton.

— Você é um inconveniente, não é mesmo? — Moira encarou o rapaz, irritada por ter de lidar com alguém além das gêmeas. Ela suspirou e pegou seu celular. — Talvez a fita de Savannah não exista mais... Quer dizer, isso se você foi tão estúpido a ponto queimá-la. Mas não importa. Eu fiz uma cópia. Não que a qualidade seja ótima, mas é o suficiente.

— Eu não acredito em você — disse Hayley. — Prove.

Moira olhou para o telefone e apertou um botão para dar início ao vídeo. A imagem era minúscula, mas era possível ver claramente a mensagem da bandeja.

— E, então, vamos conversar? — perguntou Moira.

— Já que você tem uma cópia do vídeo, acho que não temos escolha — disse Taylor.

Ela a estava enrolando, claro. Nunca conversaria com ela. Nunca.

Moira se iluminou. As coisas estavam indo como ela queria.

— Não, vocês não têm escolha. Aliás, querem saber o que estou pensando?

Hayley queria dizer a Moira que não havia qualquer sinapse fagulhando em sua cabeça oca, mas, na verdade, sabia o que a mulher estava pensando.

Taylor também. — Você precisa nos deixar em paz — disse Hayley.

Shania apertou a buzina, e os adolescentes se viraram para o carro. Moira também, mas as nuvens haviam bloqueado a lua, e estava difícil enxergar sob a luz débil.

Um cão começou a latir, ou melhor, a ganir. Era um latido-ganido muito familiar.

— Hedda!

Taylor perdeu o controle nesse momento. — Foi você quem pegou o nosso cachorro, sua desgraçada?!

Ela passou como um tufão por Moira, quase derrubando-a, e correu em direção ao alpendre. Seus olhos eram como dardos raivosos. Colton a seguiu.

Assustada por quase ter sido agredida, Moira se recompôs. — Não foi bem assim. Eu a encontrei. Ia levá-la de volta a sua casa amanhã.

— Sua mentirosa do inferno! — disse Hayley.

Moira começou a se enrolar. — Eu juro. Ia mesmo. Ia levá-la de volta. Vi no seu Facebook que ela estava perdida.

Taylor abriu a porta, ajoelhou-se e pegou Hedda no colo — a cadela mais feia, mais gorda e mais preguiçosa de todos os tempos estava em seus braços.

— Sua mentirosa! — repetiu Taylor. — Vamos embora daqui.

Hayley puxou a irmã.

— Espere! E quanto à gravação?

— Não estou nem aí — disse Taylor. — Eu não trato com pessoas assim.

— Eu tenho a história do ano — disse Moira. — Vou contar ao mundo sobre vocês. Sobre o que vocês são capazes de fazer.

— Cale a boca, sua psicopata, ladra de cachorro! — gritou Colton. — Cale a boca agora!

— Espere! Podemos chegar a um acordo — disse Moira de forma suplicante, desesperada. Ela não queria perder aquela oportunidade. Precisava conversar com as gêmeas. — Vocês podem ter certeza de que vou fazer um ótimo trabalho!

— Isso não tem nada a ver com uma reportagem, e você sabe muito bem disso! — falou Taylor.

Moira estava agitada, movendo-se de um lado para o outro, tendendo encontrar uma maneira de convencê-las a ficar. Seus olhos reduziram de medo. Tudo o que ela queria, precisava, necessitava estava

escorregando por entre os dedos.

— Não vão! Vocês vão se arrepender.

Eram palavras verdadeiras. Ela queria aquilo o suficiente para ameaçá-las.

— Vocês vão se arrepender.

Nesse instante, o farol alto do Camry foi acionado, e ele acelerou. Hayley, Colton e Taylor se viraram.

O carro partiu, ganhando velocidade sobre o caminho de cascalho.

Moira abriu a boca para gritar, mas não saiu nada. Foi rápido assim. Ela rolou por sabre o capô, caiu no chão e então desceu a pequena ribanceira até cair na água.

O que Shania havia feito? — Mãe! — Colton gritou, quase em estado de choque. — Mãe, o que você fez?

— Peguem o celular e o laptop dela. Não toquem em mais nada.

Colton olhou nos olhos da mãe e concordou.

Shania fizera o inimaginável, mas era evidente que, na verdade, havia pensado em tudo.

Em um segundo, Colton encontrou o laptop na mesa de jantar, entre duas garrafas vazias de água com gás e uma garrafa pela metade de vinho. Pegou-o, arrancando-o da tomada e correu para o carro. Enquanto Colton estava na casa, Hayley recuperou o telefone de Moira, que havia caído no cascalho da garagem. Guardou-o no bolso.

Seu instinto lhe disse para procurar Moira, mas, quando examinou a água de cima da ribanceira, nada encontrou. Apenas as marcas da maré. Moira estava morta, e Hayley, mesmo preocupada e assustada, sentiu certo alívio.

E isso a incomodou. Profundamente.

Tudo aconteceu tão rápido. Como gasolina derramada sobre uma fogueira. Menos de um minuto depois de Moira ter sido coberta pelas águas escuras de Paradise Bay, os adolescentes estavam no banco de trás do carro. Hedda, protegida no colo de Taylor, dormia, apesar daquele acontecimento terrível. Hayley encostou a cabeça no ombro de Colton e respirou pesadamente, assustada, insegura. Ele pegou a mão dela e agarrou-a com firmeza.

Shania olhou pelo retrovisor, seus olhos negros e tristes observando cada um dos três.

— Respirem fundo— disse ela. — Todos vocês. Isso tinha de ser

feito. — Sua voz estava carregada de emoção. — Eu não tive escolha. Protegi o que precisava ser protegido. Ela não podia saber a verdade sobre algumas coisas... Ou contá-las a alguém. Eu fiz uma promessa a Valerie há muito tempo.

Os adolescentes se entreolharam, incapazes de dizer alguma coisa. Todos sabiam o que os demais estavam sentindo por dentro.

A respiração carregada, os olhos arregalados em choque. Os três estavam assustados com o que haviam feito, mas, no fundo, também estavam contentes com o fim de Moira. Como Shania James disse, não houve escolha.

Isso tinha de ser feito.

Vida após a Morte

Depois que as incessantes atividades policiais que marcaram as semanas posteriores às férias de inverno diminuíram, Port Gamble começou a voltar a seu jeito mais tranquilo (ao menos na superfície), familiar. Para os forasteiros, parecia novamente a bela cidade à beira-mar com os rostos sorridentes de turistas e moradores, todos desfrutando a vista estonteante da baía depois que a primavera levou o gelo e a neve.

No entanto, a maior parte dos habitantes não podia dizer que a cidade era a mesma após a infeliz morte de Katelyn Berkley na banheira de sua casa. Para eles, as coisas estavam muito, muito diferentes.

Harper e Sandra Berkley sublocaram o Timberline e fizeram planos para começar de novo em um local no qual não houvesse tantas memórias. Não era dos pensamentos de sua amada filha que estavam fugindo, mas da lembrança constante de viver ao lado da dor e do ódio que causaram a morte dela. Sabiam que o ressentimento de Katelyn para com Starla fora a fagulha que acendeu a tragédia, mas era fácil culpar os moradores da casa número 21. O ódio que Sandra sentia contra Mindee, Starla e Teagan tinha um efeito estranho sobre ela. Esse sentimento substituiu aquele que marcara sua vida desde que ficara parada na ponte do Canal Hood e salvara somente a filha.

O ódio é melhor do que o arrependimento. Melhor do que a culpa ou a vergonha.

A casa dos Berkley foi alugada três dias após ser colocada para locação — bem rápido, especialmente tendo em vista o que ocorrera no banheiro do andar de cima. Uma nova menina, chamada Amanda O'Neal, mudou-se para o quarto de Katelyn e tentava fazer amigos na Kingston High.

Na casa vizinha, Jake Damon permaneceu ao lado de Mindee Larsen, a detonadora da tragédia, e foi o único da cidade a fazê-lo. Mindee fez de tudo para provar que havia se arrependido do resultado do jogo cruel que iniciara e agradeceu ao Gabinete da Procuradoria do Condado de Kitsap por conceder-lhe liberdade vigiada após sua perseguição implacável a uma adolescente. Ela nunca contou a ninguém sobre a participação de Starla. Teagan foi obrigado a frequentar sessões de aconselhamento por dois anos

para lidar com o que tinha feito. Foi um terrível acidente, é claro.

Starla usou a abominável conspiração da mãe e a paixão sem sentido do irmão em benefício próprio, fazendo com que mais garotas caíssem a seus pés em reverência. Com inveja.

— Minha família problemática é parte da minha história — dizia ela.

— Para ser uma estrela de verdade, e preciso ter um passado perturbado. Pergunte a qualquer um em Hollywood.

O corpo de Moira Windsor foi encontrado, e sua morte dada como acidental. O delegado do condado de Jefferson disse que, embora o nível de álcool em seu sangue não ultrapassasse os limites da lei, aparentemente era alto demais para que ela se mantivesse em pé. Eles concluíram que a bebida fora a culpada por ela rolar ribanceira abaixo até as águas de Paradise Bay.

Nem Colton nem a mãe jamais conversaram sobre o acontecimento daquela noite. Na verdade, uma semana após a morte de Moira, algumas pessoas notaram que o velho Camry já não estava mais no lugar. Shania o doou a uma instituição de caridade em Tacoma. Muitos pensaram que ela havia finalmente decidido se livrar das lembranças do acidente que envolvia o veículo.

Estavam quase certos: só erraram de incidente.

Quando Kevin Ryan ligou para o *North Kitsap Herald* para promover seu novo livro, mencionou o nome de Moira e ofereceu suas condolências à equipe editorial. Ninguém jamais tinha ouvido falar nela. Se estava de fato preparando uma matéria, não seria para aquele jornal.

Hayley e Taylor continuaram conversando pelo espelho de parede que ligava seus quartos. Elas sabiam que deveriam ficar caladas sobre Shania, mas tudo o que se passara naquela noite não saía de suas cabeças. Estavam aliviadas por seu segredo estar a salvo, mas será que os fins justificavam os meios?

Também continuaram recebendo as visões e os sentimentos que já faziam parte delas desde antes do acidente da ponte. Sempre que podiam, reviviam o que aconteceu quando tinham cinco anos de idade, a batalha por ar nas águas gélidas do Canal Hood.

Às vezes, conversavam sobre isso, refletiam, até faziam brincadeiras. Outras vezes, novos detalhes surgiam em sonhos, detalhes sobre Shania, sobre a mãe, sobre Moira, sobre uma outra pessoa, um ser sinistro que elas não conseguiam enxergar. Taylor teve um sonho que se

repetiu durante várias noites consecutivas à confissão de Teagan de que espiava o quarto de Katelyn.

Esse sonho de novo. Uma papelada com cara de oficial. Um arquivo. Uma única palavra: VINGANÇA

Ela esfregou os olhos e se inclinou para sussurrar à irmã através da parede.

— Vou pegar alguma coisa para beber. Você quer?

— Que horas são? — perguntou Hayley, ainda grogue de sono.

— Tarde. Muito tarde — murmurou Taylor.

— Você não vai se empanturrar de água para se lembrar de algo, vai? –perguntou Hayley.

— Não — respondeu Taylor. — Só estou com sede.

Hayley sorriu e se ajeitou na cama aconchegante que dividia com Hedda naquela noite.

— Ótimo— disse ela. — Já tivemos muito drama por aqui ultimamente.

Hayley estava certa, claro. Ainda assim, ao começar a descer a escada, Taylor soube que o frio profundo que viera com aquele terrível dezembro era o início de algo sombrio e perigoso.

Ela podia sentir.

Fim

Verdade na Ficção

Embora os personagens e a trama de *Inveja* sejam ficcionais, este livro toma emprestados dados do famoso caso de suicídio da adolescente Megan Meier, no Missouri, em 17 de outubro de 2006.

O caso envolveu Megan, de treze anos, que se desentendeu com a vizinha Sarah Drew. A mãe de Sarah, Lori Drew, criou uma conta falsa no MySpace e fingiu ser um menino chamado Josh Evans. Ela e outros usaram essa conta para assediar e atormentar Megan em retaliação à briga que ela teve com Sarah, o que pode ter levado ao suicídio.

Em 2008, Drew foi indiciada e condenada, mas sua condenação foi revertida com um recurso em 2009. O trágico caso de Megan lançou um grande alerta contra o bullying na internet — ou cyberbullying.

Embora o alerta tenha crescido, cresceu também o número de crimes do tipo. Casos em que adultos perpetram delitos na internet contra crianças tem sido amplamente reportados. Crimes cometidos por jovens que tentam difamar, infligir dor, humilhar e envergonhar outras pessoas também estão em franco crescimento.

Em 2010, duas adolescentes do condado de Lee, na Flórida, criaram uma página falsa no Facebook, acumularam 181 amigos e sistematicamente procuraram maneiras de humilhar uma colega de classe ao combinarem fotos da cabeça da vítima com outras de corpos nus, postando-as na internet. O caso levou a acusações contra as meninas de quinze e dezesseis anos por perseguição a menor. Infelizmente, crimes de cyberbullying envolvendo vítimas e perpetradores mais jovens também foram reportados. Em 2011, duas meninas do condado de King, em Washington, foram presas por invadir a conta do Facebook de uma colega e nela publicar conteúdo obsceno.

As meninas tinham onze e doze anos e foram acusadas de perseguição pela internet e invasão de computador em primeiro grau.

Tanto o caso da Flórida quanto o de Washington continuam sem solução.

Agradecimentos

Enquanto escrevo estas linhas, o sol faz uma rara aparição no sempre sombrio Noroeste Pacífico, e eu me sinto gratificado e feliz por todo o apoio recebido com a publicação de *Inveja*.

Nem preciso dizer que publicar um livro — e publicá-lo bem — é um trabalho de equipe. Sou um felizardo por ter a incrível e sempre alegre (mesmo quando conversamos sobre assassinatos) Cindy Loh no timão da Sterling's Splinter. Não há qualquer mistério nesse ponto. Ela é simplesmente a melhor editora (será que destacará essas palavras em negrito?). Não consigo pensar em uma designer melhor e mais criativa do que a incrível Katrina Damkoehler. A ela agradeço não apenas a capa maravilhosa, mas também o design das páginas. E agradeço a Judi Powers, a certeira diretora de comunicação da Sterling, e à sua colega Meaghan Finnerty por toda a dedicação na divulgação desta nova série.

Agradeço também aos suspeitos de sempre: a agente Susan Raihofer, da David Black Literary Agency, e aos primeiros leitores, Tina Marie Brewer, Maizey Nunn, Annette Anderson, Mary Anderson, Hannah Smith, Jessica Wolfe, Anjali Banerjee, Randall Platt, Shana Smith e Jim Thomsen. Também gostaria de agradecer a Sharlene Martin e Bree Ogden por terem me oferecido a ideia.

Gostaria de aproveitar este espaço para agradecer a M. William Phelps, meu verdadeiro guru dos livros policiais, que se transformou em mestre e cuja amizade ao longo da última década significou muito para mim. Obrigado, Matt, por todos os bons momentos que passamos juntos conversando sobre serial killers e editores. Quem é mais assustador?

No âmbito pessoal, não posso ignorar a contribuição da minha família. Nós nos embrenhamos em cenas de crimes, procuramos partes de corpos em bosques e tivemos conversas literalmente mortíferas com envolvidos nos dois lados de homicídios. Deixo registrado o meu amor por Claudia e por nossas filhas, Martha e Morgan, e o meu agradecimento por compartilharem a minha vida de crime.